

LUIZ CÉU DE
ALFREDO ORIGAMIS
GARCIA-ROZA



COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

LUIZ
ALFREDO
GARCIA-ROZA

CÉU DE
ORIGAMIS



CÉU DE ORIGAMIS

1

Sete da manhã. Desligou o despertador, cobriu o rosto com o travesseiro e ficou atenta à silenciosa movimentação do marido. Ele nunca se levantava ao acordar. Não de todo. Permanecia por dois ou três minutos sentado na cama, pés no chão, cotovelo apoiado na perna, mão em concha servindo de apoio à cabeça. Quem o visse naquela posição acreditaria que tinha voltado a dormir. Passado esse tempo, ela mais sentia do que ouvia a movimentação dos pés tateando o chão à procura dos chinelos para em seguida ele se levantar e se dirigir ao banheiro na semiescuridão do quarto. Ela continuava com o rosto coberto pelo travesseiro, reproduzindo de memória cada gesto que o marido fazia todas as manhãs. Percebeu-o saindo silenciosamente do quarto, fechando a porta com cuidado para que nenhum barulho externo viesse perturbá-la. Sabia ainda que no banheiro ele estaria urinando de modo que o jato de urina incidisse sobre a louça e não sobre a água, também para não incomodá-la. Depois de lavar o rosto e escovar os dentes ele prepararia o café da manhã, que tomaria enquanto lia o jornal para voltar a fazer uso da privada antes de tomar banho. A barba era a última coisa. Os sons abafados vindos do banheiro indicavam que o processo estava em sua fase final e que tudo aconteceria do modo e na sequência que ela previra. Como de hábito, ele tinha deixado de véspera no quarto de hóspedes a roupa que usaria naquele dia. Cuidados para não perturbar o sono da mulher àquela hora da manhã (embora ela própria considerasse que com o tempo despendido pelo marido com as abluções, o café, a leitura do jornal, o banho e a barba, já não seria mais tão cedo assim). Imaginou-o saindo de casa sem fazer barulho, aliviado por não precisar mais policiar cada gesto e cada movimento, sentindo-se alegre com o novo dia — tanto quanto lhe era possível sentir-se alegre.

Certamente não estaria triste, e nem havia motivo para tal, já que nada contrariava a perspectiva de uma série de dias iguais aos precedentes. Era o que ela imaginava, ainda na cama. Não tinha escutado o ruído da porta do apartamento se fechando, mas sabia que o marido saíra, o silêncio de sua ausência era qualitativamente diferente do silêncio de quando estava em casa.

Estava desperta havia quase uma hora quando decidiu se levantar. Na cozinha, escolheu algumas frutas, iogurte, cereais e preparou seu café da manhã enquanto passava os olhos pelo jornal que o marido deixara cuidadosamente dobrado. A primeira página ela achava parecida com noticiário de guerra; a parte dedicada à política e aos políticos causava-lhe repugnância; não se interessava por economia nem por esporte; restava o caderno cultural, com suas mirradas páginas. Ler o jornal pela manhã era algo que ela fazia mais por hábito do que por real interesse. Quase sempre deixava de lado a leitura antes de terminado o café. Continuou sentada à mesa da copa bebericando o pouco que restara na xícara, tentando adivinhar quanto de azul havia no céu, já que a única vista da janela era o pátio interno formado pelos fundos dos prédios vizinhos, e a ela interessava apenas saber se o dia estava nublado ou ensolarado. Não gostava de sol. Tinha a pele clara e sensível, preferia as esteiras da academia de ginástica às caminhadas pelo calçadão da praia de Copacabana. Ainda com a xícara na mão, foi até a janela da sala e abriu as persianas. Apesar de ter a praia próxima a ponto de ouvir à noite o barulho das ondas, não tinha vista para o mar. Para olhar o céu, precisava fazer uma torção de corpo. O apartamento, no terceiro andar de um prédio alto numa rua estreita toda ela de prédios do mesmo gabarito, exigia dela esse esforço. Não se queixava do bairro, gostava de morar no Leme, mas seu sonho era se mudar para um apartamento na avenida Atlântica de frente para o mar. Para isso, bastaria contornar a quadra. Sabia, no entanto, que essa pequena volta de algumas dezenas de passos levaria ainda algum tempo para ser feita. Voltou à copa e enquanto lavava a louça do café programava as atividades do dia. Academia de ginástica pela

manhã, cabeleireiro à tarde, jantar com amigos. Frivolidades, pensou. Frivolidades necessárias.

Conforme disse depois para o policial que a atendeu, passava das sete da noite quando ligou para o consultório do marido para lembrá-lo do jantar. Ninguém atendeu. Ligou para o celular. Uma gravação dizia que o aparelho estava desligado ou fora de área. Às oito imaginou algum problema com o carro, ou que o trânsito estivesse interrompido por conta de alguma obra. Às nove obteve a informação do serviço de trânsito de que não houvera nenhum acidente no trajeto indicado por ela. Às nove e quinze ligou para a portaria do consultório do marido e lhe disseram que ele tinha saído por volta das sete horas. Eram dez. Telefonou para os amigos se desculpando por não poder comparecer ao jantar e depois para o corpo de bombeiros indagando se haviam feito algum atendimento com ambulância no bairro de Copacabana. Em seguida, ligou para a emergência do Hospital Miguel Couto. A última chamada foi para a delegacia de polícia e para a PM informando a marca do carro, a cor e o número da placa. Pouco antes de uma da manhã, o interfone tocou. Era o porteiro dizendo que um policial fardado chegara num carro da polícia e queria falar com dona Adriana Rosalbo.

— Dona Adriana?

— Sim.

— Sou o tenente Ramos, do 19º BPM. Fui encarregado de fazer o registro da ocorrência.

— Encontraram o carro do meu marido?

— É isso que gostaríamos que a senhora confirmasse.

— O carro está acidentado? Meu marido está ferido?

— Não houve acidente, senhora.

— Como assim? Onde vocês encontraram o carro?

— Aqui embaixo, na garagem do seu prédio.

Adriana desceu e encontrou uma patrulha da PM estacionada em frente ao edifício e dois policiais conversando com o porteiro. Um deles se apresentou.

— Boa noite, dona Adriana, sou o tenente Ramos.

— E meu marido? Onde está?

— Pensei que estivesse em casa...

— Como, em casa? E que história é essa de o carro estar na garagem?

— Foi o que acabamos de constatar. Viemos colher alguns dados com a senhora e o porteiro nos disse que o carro do doutor Marcos estava na garagem. Fomos verificar e constatamos que está mesmo.

Desceram os três: o porteiro, Adriana e o tenente, que apontou para o carro estacionado.

— É aquele?

O carro estava na sua vaga, em perfeito estado, as portas fechadas, a chave na ignição e os documentos no porta-luvas. Ninguém vira o carro entrar e estacionar na vaga que lhe era reservada.

— Ele pode ter saído pela porta da garagem?

— Pode. Ela abre por dentro.

Adriana olhou para o porteiro e para o tenente, sem saber o que dizer. Apenas murmurou:

— E meu marido?

2

Passados dois dias, Adriana recebeu um telefonema do advogado Reginaldo Cristóvão Bravo, amigo e sócio do marido em alguns investimentos financeiros, oferecendo-se para ajudá-la nos contatos com a polícia. Como até aquele momento o desaparecimento de Marcos Rosalbo não fora noticiado pelos jornais, nenhum amigo ou parente se oferecera para ajudá-la — fato do qual ela não se queixava. Mesmo porque não tinha parentes (ou não sabia por onde andavam) e os amigos eram poucos e ocupados com os próprios problemas. Além do mais, o que poderiam fazer senão dar tapinhas nas suas costas e dizer frases melosas e deprimentes? Reginaldo Bravo, profissional sem vínculo de parentesco, cortejara-a durante algum tempo com insistência, mas ela o rejeitara habilmente. Era um antigo amigo de Marcos, cuidava de alguns negócios dele sem nunca ter se tornado amigo do casal. No telefonema o advogado dissera que teria prazer em ajudar e voltara a enfatizar a importância e conveniência de ter um advogado por perto quando a polícia está envolvida. Combinaram que ele passaria no dia seguinte à tarde no seu apartamento para orientá-la. “Não sou criminalista. O que importa neste momento são os limites da intervenção policial na sua vida privada.” No dia seguinte, às seis e quinze da tarde, o porteiro avisou que o doutor Reginaldo Bravo estava na portaria e perguntou se ele podia subir. Adriana esperou-o na porta.

— Boa tarde, Adriana. Bom vê-la novamente. Espero não ter chegado muito tarde.

— Boa tarde, Reginaldo. De fato eu esperava que você viesse um pouco mais cedo. São quase seis e meia, passei a tarde inteira com dois policiais aqui dentro de casa, agora gostaria de tomar um banho e recuperar minha privacidade. Se você não se incomodar,

poderíamos marcar para amanhã à hora que for mais conveniente para você, entre dez da manhã e cinco da tarde.

— Pode ser às duas da tarde.

— Ótimo. Então, eu te espero amanhã às duas da tarde.

Quando saiu do elevador e atravessou a portaria para ganhar a rua, Reginaldo Bravo falava sozinho. Mais resmungava do que falava. Percebeu que isso estava acontecendo desde o momento em que Adriana Rosalbo fechara a porta do apartamento e ele se vira só, no hall do elevador. Imaginara um final de tarde em que a conversa reconfortante, temperada de afeto, aliada à proximidade física, daria lugar a uma intimidade que tenderia a aumentar noite adentro. E isso com a mulher mais bela e atraente que ele já vira. E agora estava ali naquela calçada estúpida de um bairro que não era o seu e sem carro.

Saiu andando à procura de um táxi. “Depois de tanto tempo, resolveu bancar a durona... Foi logo estabelecendo as regras do encontro e os limites da relação... Pensando bem, se estava tão defensiva era porque se sentia vulnerável... Temia ser assediada e ceder ao assédio... Tinha bancado a durona para não amolecer que nem manteiga.” Continuou andando, pasta na mão, sem risco de perder a direção num bairro que só tem duas ruas paralelas à praia. “Estúpido, devia ter vindo de carro, podia ter estacionado na avenida Atlântica.” Pelo olhar das pessoas, percebeu que continuava a argumentar consigo mesmo em voz suficientemente alta para ser ouvido pelos demais passantes. “Amanhã mudo de tática. Claro que não foi só porque estava precisando de orientação legal que ela aceitou meu oferecimento. Por outro lado, ela está de fato sozinha e desamparada. Acho que ela mesma empregou a palavra ‘desamparada’, e quem se sente desamparado precisa de amparo, não de orientação legal. Ela quer ser amparada, acariciada, amada”, continuou o advogado no seu solilóquio.

Adriana regulou a temperatura da água para que o banho fosse relaxante. Enquanto sentia o corpo destensionar, pensava no oferecimento de Reginaldo Bravo para ajudá-la a superar as

dificuldades do momento. Não interessava se ele era um bom advogado: não era importante para a utilização que estava fazendo dele. Seu temor era quanto à intensidade da insistência dele. Às vezes ele parecia a imagem caricata do conquistador desajeitado, às vezes parecia uma figura ameaçadora. Ela achava que ele pretendia se aproveitar de um momento de suposta fragilidade dela para despontar como cavaleiro andante. No entanto, sem o cavalo, sem a armadura e sem a lança, ele ficava reduzido a uma figura risível, embora o traço ameaçador continuasse presente como pano de fundo. Era esperar para ver, não o considerava descartável no momento.

Passada a primeira semana, Adriana começou a expressar claramente a quem estivesse presente sua preocupação não apenas com o destino do marido, mas também com o dela própria. A polícia estava atenta para a possibilidade de movimentação da conta bancária e de uso dos cartões de crédito de Marcos Rosalbo. A conta-corrente conjunta possibilitava a ela fazer frente aos compromissos mais imediatos, mas não havia naquela agência nenhuma referência a uma conta poupança ou a aplicações financeiras em nome de Marcos Rosalbo. Esse fato naturalmente devia ser do conhecimento dos policiais encarregados do caso, e certamente já teria passado pela cabeça deles que Marcos podia ter retirado aos poucos todo o dinheiro, deixando apenas a quantia suficiente para as despesas mais imediatas. Essas preocupações e suspeitas ela deixara transparecer nos últimos dias ao conversar com dois policiais sobre o andamento das investigações.

— Andamento das investigações? — estranhara Adriana. — Faz uma semana que meu marido sumiu e a única coisa que os senhores têm a dizer é que a investigação está caminhando? Vão me desculpar, não tem nada caminhando. Os senhores, assim como eu, não têm a menor ideia do que aconteceu com ele. Podem não ter culpa de não saber, mas por favor não tentem me enganar.

— Ninguém está enganando a senhora, dona Adriana. Há uma semana que estamos seguindo cada indício, por menor que seja. Temos toda a trajetória dele naquela noite, sabemos com certeza

que ele saiu do consultório à mesma hora de sempre, pegou o carro na garagem do prédio em que trabalha e deixou-o estacionado aqui na garagem do seu prédio, para desaparecer em seguida. Não há sinal de violência nem no carro nem no consultório, assim como não há nada sugerindo seu paradeiro. Os dois computadores dele foram examinados pela polícia técnica. As agendas também, seu médico particular foi consultado e os vizinhos de consultório foram entrevistados por nossos agentes; verificamos as listas de passageiros dos voos nacionais e internacionais, das companhias de navegação, de táxis aéreos e locadoras de automóveis, dos ônibus interestaduais. Conversamos com a secretária do doutor Marcos, que relatou como foi o expediente no dia do desaparecimento; perguntamos se tinha havido alguma intercorrência durante algum dos atendimentos, se o doutor Marcos estava com alguma alteração de humor; verificamos as chamadas telefônicas, o controle de entrada e saída de veículos da garagem do consultório, se o doutor Marcos estava sozinho ou acompanhado quando saiu de carro. Estava sozinho. Tudo foi verificado. Além disso, se algum dos cartões de crédito dele for utilizado no país ou fora do país, seremos imediatamente informados. Não estamos parados, dona Adriana.

— Desculpe.

— Nós imaginamos como a senhora deve estar se sentindo. Se ele foi sequestrado, essa é uma das estratégias usadas por sequestradores profissionais: quebrar a resistência das pessoas envolvidas e obrigá-las a aceitar as condições impostas.

— Há algum sinal de que ele foi sequestrado?

— Não. Também não há sinal de nenhuma outra coisa. Vamos continuar investigando e vamos continuar informando a senhora sobre o andamento das investigações.

— Um conhecido sugeriu que eu procurasse um delegado chamado Espinosa.

— Duas delegacias especializadas já estão cuidando do caso, senhora.

— Estou cansada de ficar de um lado para outro, como uma barata tonta, sem entender nada.

— Conhecemos o delegado Espinosa. A notícia que temos dele é que está de licença médica, se recuperando de uma cirurgia. Foi esfaqueado por um louco e teve o pulmão perfurado. Talvez não esteja em condições de ajudá-la neste momento. Procure manter a calma e confie em nosso trabalho. Não estamos parados.

— Não pensei em substituir os senhores por esse delegado que nem conheço. O que eu queria era alguém a quem recorrer quando me sentisse desamparada.

— A senhora não tem parentes?

— Não... Sim... Tenho pai e mãe... Eles se separaram há muitos anos e não tenho a menor ideia de onde vivem.

— Amigos?

— Poucos, ocupados consigo mesmos.

— Lamentamos, dona Adriana.

— Esse delegado Espinosa... Os senhores sabem onde pode ser encontrado?

3

Apesar de ainda não se sentir inteiramente restabelecido da cirurgia, Espinosa concordou em se encontrar com Adriana Rosalbo. O dia estava suavemente nublado e a temperatura agradável; o restaurante que escolhera tinha um terraço dando para a praia de Copacabana. De Adriana Rosalbo conhecia apenas a voz suavemente grave e acolhedora. Portanto, um encontro como aquele só podia ser benéfico para ele, salvo pela proposta que trazia embutida. Não sabia dizer se concordara com o encontro movido pela voz docemente persuasiva ao telefone ou se pela necessidade de romper o longo período de repouso depois da alta hospitalar. O fato é que ali estava, na varanda de um restaurante da avenida Atlântica, no Leme, à espera de uma mulher de calça bege, camisa branca e que morava a apenas meia quadra de distância. Esperava que a sugestão feita por ele para o local do encontro — um restaurante à beira-mar — fosse suficiente para afastar toda conotação oficial da conversa. Estava ali atendendo ao apelo de uma mulher angustiada pelo desaparecimento do marido, mas deixara claro que o máximo que podia fazer era dar sua opinião sobre o caso e orientá-la sobre como proceder, nada mais que isso.

Eram quatro da tarde, hora de pouco movimento, a varanda do restaurante quase vazio era atravessada por uma leve brisa vinda do mar. Enquanto esperava, Espinosa refletia sobre o motivo que o levava a marcar aquela conversa sabendo de antemão que não aceitaria o convite para uma investigação. Talvez as palavras dela: “Entendo que o senhor não possa, no momento, assumir uma investigação. Não espero que o senhor descubra magicamente o que aconteceu com meu marido, quero apenas que me diga o que se passa quando uma pessoa desaparece.” Ela não estava pedindo muito. Aparentemente.

O que pouca gente sabe é que umas quinze pessoas desaparecem por dia na cidade do Rio de Janeiro; são mais de quatrocentas por mês, cinco mil por ano. Pessoas que saem de casa pela manhã para trabalhar, procurar emprego, fazer compras no supermercado, visitar um parente no hospital, ou simplesmente passear, e desaparecem. Dessas, uma parte considerável permanece desaparecida para sempre. O motivo de ele, Espinosa, estar ali naquele momento não era o desejo irresistível de procurar uma pessoa desaparecida. Para isso há delegacias especializadas. No caso dele, certamente, era o desejo de testar até quando suportaria ficar, ele próprio, desaparecido.

Espinosa viu Adriana Rosalbo dobrar a esquina. Não havia erro: calça bege e camisa branca. Viu a bela mulher caminhar sem hesitação na direção dele, o que o fez desconfiar que devia ter uma indisfarçável figura de delegado de polícia; mas preferiu achar que o endereçamento certo era devido ao fato de ser ele o único homem sentado sozinho na varanda do restaurante. Levantou-se e foi ao encontro dela.

— Delegado Espinosa, prazer em conhecê-lo, e obrigada por ter vindo.

— O prazer é meu, dona Adriana. Está bem para a senhora conversarmos aqui neste bar?

— Contanto que possamos tomar um chope...

— É claro que podemos.

— A impressão que tenho é a de não ter feito outra coisa durante esta semana a não ser ir ao IML reconhecer cadáver e falar com policiais. Preciso de um chope.

A mesa escolhida por Espinosa ficava afastada dos pedintes e dos vendedores de souvenir. O delegado pediu dois chopos.

— Antes de começarmos — disse Espinosa —, quero mais uma vez dizer que não estou aqui na qualidade de delegado de polícia. Estou de licença médica, afastado da delegacia. Daí o caráter não oficial deste nosso encontro.

— Entendo e agradeço mais uma vez. Isso não impede que eu o chame de delegado Espinosa, não é? É mais confortável.

— Fique à vontade. Agora, me conte o que houve. Sei apenas que seu marido desapareceu... O que é tudo... Mas muito pouco.

— É também a única coisa que eu sei. Posso fazer suposições, posso revolver o passado, imaginar fugas, tecer fantasias, embora na verdade não tenha nada de concreto a oferecer. Não faço a menor ideia do que aconteceu. Nem sequer imagino se ele desapareceu por conta própria ou se foi coagido... ou se foi um acidente.

— A senhora acredita na possibilidade de ele ter planejado uma fuga?

— Planejado?

— Admitindo-se uma fuga deliberada, ela só poderia ser realizada depois de um planejamento. É difícil desaparecer sem deixar pistas, a não ser depois de alguma preparação.

— Marcos é suficientemente obsessivo para elaborar um plano minucioso, mas não o acho suficientemente corajoso e ousado para empreender uma fuga deliberada.

— Por que a senhora diz isso?

— Ele é um homem que tem roupas específicas para cada dia da semana, com alternativa para o caso de sol ou de chuva, um homem que ritualizou cada comportamento do seu dia a dia e que não se desvia um milímetro dessa repetição cotidiana, como vai ousar mudar tudo?

— Talvez ele só consiga mudar mudando tudo.

— Tenho a impressão de que se ele fizesse isso, enlouquecia.

— Ou ele fez isso para não enlouquecer?

Adriana ficou olhando para Espinosa durante alguns segundos, como se estivesse processando o alcance da resposta.

— O senhor acha realmente que pode ter sido isso?

— Não conheço seu marido. Estou apenas seguindo a hipótese de fuga deliberada.

— Tem um detalhe — disse Adriana. — Não vejo como ele teria planejado tudo sem ninguém perceber.

— Quem é ninguém?

— Eu, Cecília, o gerente do banco... Enfim, pessoas que perceberiam um movimento desse tipo.

— Ou teriam que ser coniventes.

— O senhor acha...

— Não todas, é claro, algumas ou alguma. Quem é Cecília?

— A secretária dele. Não, essa possibilidade pode ser descartada.

— Qual delas, a da fuga sem ajuda, ou a da fuga com ajuda?

— A da fuga, eu acho. Fugir de quê? De mim? Não precisaria fugir, bastaria dizer "não quero mais".

— Poderia não ser uma fuga da senhora, mas da vida que ele leva, dessa repetição a que a senhora se referiu.

— Continuo achando que ele não seria capaz de levar a cabo uma decisão como essa. Acho que ele é capaz de fantasiar uma fuga... até mesmo de já tê-la desejado muitas vezes... não de realizá-la.

— Vamos agora falar do desaparecimento forçado ou por acidente — disse Espinosa.

— Ele pode ter sido morto. Só uma pessoa que foi morta pode desaparecer tão completamente.

— Engano. Nada é mais difícil do que se livrar de um cadáver sem ninguém saber. Além do mais, por que iriam matar seu marido? Latrocínio? Vingança? Punição? Queima de arquivo? Qualquer que seja o motivo, ficaria a pergunta: por que o assassino teria tomado o cuidado de devolver o carro à garagem, estacionando-o na vaga correspondente ao apartamento da vítima? E o que teria feito com o corpo? Podemos imaginar ainda que tivesse ocorrido o contrário: doutor Marcos estaciona o carro ao chegar em casa e é pego ao sair

pela porta da garagem. No entanto, por que sair pela porta da garagem, se o elevador vai até o subsolo? Para comprar cigarros? Já fui informado de que ele não fuma. A meu ver — continuou Espinosa — ele não foi morto. A outra possibilidade de morte violenta seria o suicídio. Contudo, sumir com o próprio corpo é tão ou mais difícil do que sumir com o corpo de outro.

— Isso me deixa menos aflita, apesar de objetivamente não alterar muito as coisas.

— Deixando de lado, por enquanto, hipóteses mais fantasiosas, restam sequestro e desaparecimento voluntário. A primeira delas é a que está sendo investigada pela delegacia especializada. Não é uma hipótese forte. Doutor Marcos não é rico, pelo menos não a ponto de se tornar alvo de alguma quadrilha. Além do mais, os sequestros em andamento são poucos e são do conhecimento da polícia. A possibilidade de sequestro-relâmpago esbarra com o fato de o carro ter sido guardado na garagem, além de já ter passado muito tempo para ser relâmpago. Acidentes e doenças acompanhadas de perda de memória já foram devidamente investigados.

— Então...

— Então, voltamos à hipótese de desaparecimento voluntário.

— Eu considero essa hipótese incompatível com a personalidade e com a história pessoal de meu marido.

— O que é um bom motivo para levarmos a hipótese em consideração.

— O senhor acha que ele sumiu para se vingar de mim?

— Ainda não estou pensando no motivo. Estou pensando na possibilidade lógica e operacional de um desaparecimento voluntário.

— E por que ele faria isso?

— O seu casamento está indo bem?

— Sim... Não... Não sei...

— São as três respostas possíveis — disse Espinosa.

— Desculpe, é exatamente o que sinto no momento.

— Então vamos mudar a pergunta: A senhora vê algum motivo para o seu marido desejar abandoná-la?

— Objetivamente, não. Mas ninguém pode saber o que se passa na cabeça do outro. Como todos os casamentos, o nosso passa por momentos bons e momentos não tão bons. Admito que o momento atual não é dos melhores. Acho que é uma crise passageira, nada de grave ou insuperável.

— Alguma coisa que um dos dois fez e atingiu o outro?

— Não, de modo nenhum. Não aconteceu nada de objetivo. São coisas que dizem respeito à interioridade de cada um... sentimentos íntimos... coisas delicadas que às vezes nem são percebidas pelo outro.

— E a senhora não vê motivo para o seu marido abandoná-la, apesar dessa crise.

— Realmente não vejo.

— A senhora pode me dar algum exemplo disso que está chamando de crise?

— São exigências que ele me faz e modos de proceder que me preocupam e me assustam, mas que ao mesmo tempo não combinam com o caráter dele... Sei que é um tanto vago, são coisas que se passam entre nós, não são visíveis ou acessíveis a terceiros... De alguns meses para cá, ele começou a dar pequenos sinais de ciúme. No começo eu me sentia gratificada, achando que aquilo podia também ser interpretado como sinal de que ele gostava mesmo de mim. Aconteceu, porém, de esse ciúme ir crescendo a ponto de ficar insuportável. Ele esperava eu sair de casa e me seguia pela rua, passou a me controlar pelo celular; chegou a ficar acordado à noite para ver se eu falava dormindo... E ultimamente vinha me fazendo ameaças... e ao mesmo tempo dizia que me amava... Pensei que ele estava ficando louco.

— Que tipo de ameaça ele fazia?

— Ameaças bobas... "Se você me trair, juro que te mato"...

— Isso não é ameaça boba.

— É boba porque eu sei que ele não é violento. Nunca me agrediu.

— Vocês se conhecem há quanto tempo?

— Desde que ele tratou dos meus dentes pela primeira vez, há cinco anos. Estamos casados há dois anos e meio.

— E como era a relação de vocês antes dessas manifestações de ciúme? Não estou interessado na intimidade do casamento e sim nas características gerais da relação de vocês dois.

Adriana atendeu de bom grado ao pedido de Espinosa, sem omitir os aspectos desfavoráveis a um ou a outro. Quando terminou o relato, chegavam ao local os primeiros clientes da noite. Espinosa evitara tomar notas para não quebrar a narrativa de Adriana. Ao mesmo tempo, controlava o número de chopes para manter a clareza de raciocínio e a capacidade mnemônica.

— Há quanto tempo a secretária do seu marido trabalha para ele?

— Dois anos. A propósito, ela me telefonou hoje de manhã perguntando se devia continuar indo ao consultório todos os dias. Respondi que podia continuar até o fim do mês, e que se até essa data meu marido não aparecesse a gente voltaria a conversar.

— E quanto aos amigos?

— Marcos não tem amigos. É uma pessoa muito pouco sociável.

— Mas no dia em que ele desapareceu vocês iam jantar na casa de amigos.

— Meus amigos, não dele. As poucas pessoas com quem saímos eram meus amigos antes de casarmos. Ele não trouxe nenhum amigo para o casamento.

— E o amigo que se ofereceu para ajudá-la?

— É verdade. Doutor Reginaldo. É amigo dele desde a época de colégio e continuou sendo amigo somente dele. Foi o advogado que tratou da compra do consultório novo. Nunca nos frequentamos. Não sei quase nada sobre ele.

— Quanto aos parentes do seu marido...

— A família dele é mínima. Os pais já faleceram. Acho que tem uma tia e um primo que moram em outros estados. Nem temos o endereço deles.

— Gostaria de ter os telefones do doutor Reginaldo e da Cecília.

— Isso significa que o senhor vai cuidar do caso?

— Significa que vou tentar saber em que pé estão as investigações oficiais, além do que já pude apurar. Neste momento a senhora não está recorrendo à delegacia, está recorrendo a mim, particularmente. Acontece que apesar de estar de licença ainda sou delegado, sou um funcionário público, não posso assumir uma investigação particular. Deixe-me ver como estão as coisas, depois voltamos a conversar.

Espinosa anotou nomes, telefones e endereços, e perguntou se a polícia tinha montado uma escuta no telefone do apartamento dela.

— Tenho dois telefones em casa. Os dois estão grampeados.

— Compre um celular pré-pago, desses bem simples. Não ligue nem dê o número para ninguém e nem diga que comprou. Me avise quando já estiver com ele. Outra coisa — continuou Espinosa —, quem mais sabe que seu marido desapareceu?

— Várias pessoas. Além das duas delegacias especializadas, tem Cecília, e o advogado, doutor Reginaldo. É possível que eles tenham comentado com outras pessoas.

— Como o advogado ficou sabendo?

— Não sei. Talvez pela própria polícia, durante as investigações. Foi ele quem me indicou seu nome na última vez que estive no meu apartamento. Estava me sentindo desamparada, percebi que ele não estava interessado que meu marido fosse encontrado nem em me orientar legalmente, e sim em multiplicar suas visitas, valendo-se dos pretextos mais tolos. A única coisa boa que ele fez foi sugerir que eu o procurasse.

— De onde ele me conhecia?

— Não disse que o conhecia pessoalmente. Só que tinha ouvido falar.

Estava escuro quando se despediram. Espinosa não via sentido em ir para casa comer lasanha congelada. Pediu filé de peixe grelhado e continuou no chope para não alterar o equilíbrio obtido. Enquanto esperava, registrava no seu bloco de notas os pontos principais da conversa, uma espécie de roteiro que seria desenvolvido ao passar para o computador. A própria elaboração do roteiro dava lugar a hipóteses que eram de antemão descartadas pelo fato de o carro ter sido guardado na garagem. Sequestro, roubo, latrocínio, acidente, mal súbito e outras hipóteses semelhantes estavam descartadas, a não ser que dissessem respeito ao período posterior ao momento em que doutor Marcos havia guardado o carro. A menos que não tivesse sido ele a guardar o carro na garagem, o que não seria fácil de explicar. Fuga e abandono do lar não estavam excluídos e eram pouco prováveis, pelo menos estavam fora dos padrões usuais: dentista bem-sucedido, jovem, bem casado, sai do consultório, pega o carro e se dirige para o prédio onde mora, distante apenas dez quadras, estaciona o carro na garagem, na vaga correta, e em vez de pegar o elevador para se encontrar com a jovem e bela esposa, sai pela porta da garagem e desaparece. Não fazia muito sentido. Embora o próprio fato de ele, Espinosa, estar ali naquele lugar, naquele momento, fazendo o que estava fazendo, também não fizesse muito sentido.

Passava um pouco das oito e meia quando Espinosa saiu do restaurante. Uma névoa fina escondia as estrelas, não havia sinal de chuva e a temperatura continuava agradável. Escolheu testar sua resistência e voltar a pé para casa. Também seria bom para queimar parte do álcool ingerido. Eram umas quinze quadras, distância que ele cobria sem esforço até pouco tempo antes, mas que talvez fosse excessiva para quem ainda estava sob observação médica. Escolheu a calçada do lado da praia, onde não precisaria atravessar nenhuma rua até a Figueiredo de Magalhães, quando então tomaria à direita em direção ao bairro Peixoto.

Caminhava a passo lento, prestando atenção no piso de pedras portuguesas, sem tomar conhecimento do mar à sua esquerda, que se confundia com o céu e com a noite em meio à bruma. Mantinha um ritmo regular, passos não muito largos, tomando cuidado para não tropeçar nas falhas do calçamento ou nas pessoas que corriam nos dois sentidos. Não estava em condições de levar tombos. A primeira parte do percurso consumiu quase meia hora e o deixou sem fôlego. Antes de iniciar a segunda etapa, sentou-se num banco da calçada e dedicou alguns minutos à tentativa de divisar a rebentação em meio à névoa. Recuperado, levantou-se para completar a caminhada, agora tendo que atravessar a avenida Atlântica em direção ao interior do bairro. Levou uma hora para completar as duas etapas, percurso que normalmente faria na metade do tempo. Ao chegar ao bairro Peixoto ainda precisou de mais uma pequena pausa antes de subir os três lances da escada do seu prédio. Os prédios do bairro Peixoto, construídos em sua maioria na década de cinquenta, tinham no máximo quatro pavimentos e nenhum tinha elevador. Não se sentia inteiramente recuperado. De qualquer forma, considerou ter passado no teste da caminhada. Com restrições, é claro.

Nada fora mudado no seu apartamento durante os meses de recolhimento forçado em que também fora proibido de pegar peso e arrastar móveis. Assim, seu sonho de arrumar a casa e realizar pequenos consertos quando houvesse tempo disponível teve que ser adiado. Por enquanto, seria preciso contar com o serviço de profissionais contratados. Não achava que houvesse desleixo ou desordem no apartamento. Havia, isso sim, uma ordem funcional e estética que ele considerava não ortodoxa. Apesar disso, achava que o aspecto geral era agradável.

Ligou o computador e abriu uma nova pasta com o nome *Rosalbo*. Passou a hora seguinte redigindo um resumo da conversa com Adriana. A todo instante interrompia o trabalho para ir até a janela da sala olhar a praça em frente ou ir à cozinha pegar água ou para procurar na sua estante um livro que nada tinha a ver com o que estava escrevendo. Concluído o registro da conversa, repetiu

várias vezes a sequência computador-janela-cozinha-estante, voltando a sentar-se ao final de cada sequência para reler e modificar alguns trechos. Tinha consciência de que aquilo que o mobilizava não era apenas o desaparecimento do dentista Marcos Rosalbo nem a conversa de pouco antes, mas o que fazer com o caso. Mais precisamente, o que fazer com ele próprio, que direção imprimir àquela nova etapa que lhe aparecia na forma de “caso Rosalbo”. O simples fato de pensar nele como *caso* já o configurava como tal. Mas caso para quem? Durante a licença pensara na possibilidade, cada vez mais ameaçadora, de ser obrigado a se aposentar por invalidez. A aposentadoria por tempo de serviço ainda não estava ao seu alcance, faltavam-lhe três ou quatro anos para poder requerê-la. A primeira era compulsória; a segunda dependia de sua escolha. E não havia motivo para escolhê-la, a menos que pretendesse se dedicar à investigação privada. Claro que não era uma decisão a ser tomada de imediato. Se havia alguma dúvida quanto à escolha, uma dúvida ainda maior recaía sobre a natureza da hipotética nova etapa. Não sabia se depois de três décadas pensando e agindo como policial seria capaz de pensar e agir diferentemente. Isso quanto ao seu modo de ser. Do ponto de vista funcional, como procederia esse suposto investigador particular (se fosse essa a escolha) sem o suporte do aparelho do Estado com sua extensa rede de delegados, inspetores, detetives, peritos criminais e, principalmente, da sua rede de informantes? Claro que poderia pedir ajuda aos antigos companheiros. Pelo menos gostaria de pensar que isso seria possível. Caso contrário, teria que contar apenas com sua experiência e com sua cabeça. Um indisfarçável sentimento de fragilidade parecia entrar pela janela da sala trazido pela brisa do mar, a mesma brisa que lhe infundira tanta confiança durante o encontro com Adriana Rosalbo. Confiança e fragilidade: uma ambivalência presente nos últimos meses em sua vida, o que era compreensível e razoável dadas as circunstâncias, e que naquele momento ganhava relevo pelo surgimento do “caso Rosalbo”. Tinha confiança no seu desempenho profissional. A confiança em si mesmo nunca desaparecera, sendo que naquele momento estava apenas à espera do seu retorno à delegacia; quanto à fragilidade, achava que

desapareceria assim que estivesse plenamente recuperado. Releu o que tinha escrito no relatório e modificou alguns trechos. Considerou o resultado satisfatório.

Sentado na sua cadeira de balanço, fechou os olhos e imaginou o dentista Marcos Rosalbo se desmaterializando sob o efeito do raio da poderosa arma do invasor extraterreno das histórias em quadrinhos de sua adolescência. Era a fantasia que também o assombrara nos últimos meses em relação ao delegado Espinosa. Passava de meia-noite quando foi até a mesa, desligou o computador e se preparou para dormir, o que só aconteceu por volta de uma e meia.

4

Na manhã seguinte foi recebido no consultório do dentista Marcos Rosalbo por uma moça magra, muito branca, algumas sardas no rosto, expressão inteligente e olhos azuis. Seu rosto era agradavelmente contraditório. O jaleco branco estava impecável, como se aquele fosse um dia normal de atendimento.

— Bom dia, dona Cecília. Meu nome é Espinosa, falamos há pouco pelo telefone.

— Bom dia. Entre, por favor.

— Estou investigando o desaparecimento do doutor Marcos, a pedido de dona Adriana Rosalbo. Peço desculpas por ter avisado tão em cima da hora. Imaginei que não estivesse muito ocupada.

— Estou há uma semana aqui dentro sem nada para fazer a não ser atender o telefone e repetir o mesmo recado.

— Então vamos quebrar essa monotonia. Podemos conversar aqui mesmo?

A sala de espera era pequena e decorada como inúmeras outras salas de espera de consultórios odontológicos, até mesmo no mau gosto dos quadros e na ausência de janela, o que talvez explicasse em parte a alvura da secretária.

— Só dispomos desta sala e da sala de atendimento. Melhor ficar aqui mesmo, as poltronas são mais confortáveis.

A sala pequena e silenciosa e a proximidade das poltronas criavam um clima confessional que Espinosa aproveitou para dar início à entrevista.

— Como é o doutor Marcos? — perguntou, sem nenhuma introdução.

— É um profissional competente e um homem um pouco tímido.

— Tímido com os clientes?

— Tímido com o mundo. Ele é um homem extremamente delicado, que parece sempre pedir desculpas por estar incomodando. E isso sem incomodar absolutamente ninguém. Dá a impressão de se sentir incomodando até quando está sozinho.

— E com a senhora?

— Impecável. Há dois anos trabalho com ele e não tenho nenhuma queixa. Sempre foi atencioso e gentil, nunca alterou a voz, nunca reclamou com mau humor de alguma coisa. Ele parece irreal.

— Parece estar representando um papel?

— Não, parece não estar fingindo... Irreal não é uma palavra boa... Virtual... Isso, ele parece virtual. Não sei se o senhor entende o que eu quero dizer.

— Acho que entendo. E durante esse tempo em que vocês trabalham juntos, não houve nenhum momento mais descontraído, de maior proximidade?

— Não é questão de ele ser contraído ou descontraído. Ele não é nem um pouco tenso. A presença dele é sempre leve. Quanto a proximidade, há momentos durante o atendimento a um cliente em que estamos fisicamente muito próximos, mas a impressão que tenho é que nunca estive a menos de um metro dele.

— Alguma vez ele comentou alguma coisa da vida particular? Da vida de casado, por exemplo?

— Não me lembro de ele ter comentado coisa alguma que não dissesse respeito ao consultório ou ao meu trabalho. Isso durante todo o tempo em que estou aqui.

— Desculpe, mas qual é a sua idade?

— Vinte e três anos.

— Você está na faculdade?

— Estou terminando o curso de letras.

— Será que não está construindo uma imagem idealizada do doutor Marcos?

— Senhor Espinosa, não estou inventando nem exagerando nada. acredite no que estou dizendo: doutor Marcos é uma pessoa quase etérea. Nos primeiros meses cheguei a ficar assustada com a leveza dele, mas com o tempo me acostumei. Achei natural quando os policiais disseram que ele tinha desaparecido.

— Natural como?

— Natural. Como se ele tivesse evaporado. Assim, puf.

— O que você acha que aconteceu?

— Quando eu soube que doutor Marcos tinha desaparecido, foi o que me veio à cabeça. Que ele tinha se evaporado. Seria o modo perfeito de ele desaparecer... É claro que isso é apenas uma imagem.

— Ele nunca tentou nada com você?

— Como assim?

— Nunca tentou se fazer mais íntimo?

— O senhor quer saber se ele tentou me seduzir?

— Isso mesmo.

— Tenho certeza de que sou para ele muito menos interessante sexualmente do que uma cárie ou um canal. Não, ele nunca tentou me obturar.

Espinosa não pôde conter o riso. Tampouco ela, com o próprio comentário.

— A esposa costuma vir aqui?

— Veio uma vez. Como cliente. Estava com dor de dente.

— O que você achou dela?

— Muito bonita.

— Só?

— Simpática.

— O que mais? Vocês conversaram?

— Não. Nem foi preciso marcar outra consulta. Doutor Marcos resolveu o problema num único atendimento.

— A impressão que você teve dela pode então ser resumida nessas duas palavras: “bonita” e “simpática”?

— Muito bonita — corrigiu ela.

— Mais nada?

— Não deu para perceber mais. Ela parecia uma cliente como outra qualquer. Aliás, não como outra qualquer. Ela é mais bonita que as outras clientes e tão simpática quanto algumas delas.

— Você é uma pessoa interessante, Cecília. Não sei o que está fazendo trancada aqui dentro.

— É por pouco tempo. Estou quase terminando o meu curso.

— Mais uma pergunta. Você acha que fora do consultório, em circunstâncias mundanas, não profissionais, doutor Marcos poderia agir com violência?

— Acho difícil... quase impossível. É claro que pessoas muito calmas podem ser imprevisíveis quando ameaçadas. Mas não consigo ver doutor Marcos agindo com violência, mesmo em situação extrema.

— Você se lembra de alguma coisa? Um comentário, um telefonema, ou mesmo um cliente que possa ter relação com o desaparecimento do doutor Marcos?

— Já pensei nisso. Não me lembro de nada. Acho muito estranho o que aconteceu com ele.

— Uma última pergunta: você tem carteira de motorista?

— Não. Pretendo tirar assim que tiver oportunidade... e dinheiro para a autoescola.

— Obrigado, Cecília. Talvez eu volte a te procurar.

— Que bom. Não aguento mais ficar aqui sem ninguém com quem conversar.

Enquanto o elevador descia, Espinosa pensava no dentista convivendo com duas mulheres tão díspares: em casa, a esposa bela

e sensual, porém sem mistério; no consultório, a secretária não tão bonita, mas interessante e com um incrível senso de humor. E ele, o feliz beneficiário dessa conjugação de diferenças, desaparecia sem deixar vestígio. Simplesmente, puf.

O prédio do consultório ficava a duas quadras do bairro Peixoto, onde Espinosa morava, e a apenas uma quadra da delegacia, onde, durante o afastamento médico, não tinha estado uma única vez, apesar de ser informado das novidades pelos seus auxiliares mais próximos. Sentiu-se tentado a passar por lá para ver como as coisas estavam caminhando, mas depois decidiu não ir.

A entrevista seguinte estava marcada para a tarde daquele mesmo dia, no escritório do advogado Reginaldo Bravo, no centro da cidade. Fora ele que indicara seu nome para Adriana Rosalbo, “apesar de conhecê-lo só de nome”. De ouvir falar, portanto. Sugestão estranha essa do advogado, indicar a uma mulher que estava vivendo um momento de grande aflição que recorresse a ele, Espinosa, para servir de mediador entre ela e a polícia. Precisamente ele, um delegado de polícia. Muito estranho esse advogado.

Enquanto caminhava pela rua da Quitanda em direção ao escritório de Reginaldo Bravo, ao passar em frente do bar Monteiro, lembrou-se do chope e do sanduíche de pernil que inúmeras vezes fora o seu almoço quando estava lotado na 1ª DP, na praça Mauá, ainda como inspetor. Bom sanduíche, pensou, bom chope, bons tempos. O prédio onde ficava o escritório do advogado era de construção recente, linhas modernas, amplo saguão de elevadores e balcão de recepção que parecia o de um hotel de luxo. A primeira constatação ao consultar o painel com os nomes dos ocupantes de cada andar foi de que o nome Reginaldo Cristóvão Bravo não aparecia no décimo segundo andar, onde estava instalado o escritório *Paiva Mendes e Correia Avelar Advogados*. A segunda constatação, ao chegar ao décimo segundo andar, foi que o advogado não tinha escritório próprio, que ocupava uma sala mobiliada corretamente, embora de proporções modestas, no amplo escritório *Paiva Mendes e Correia Avelar Advogados*, que abarcava todo aquele piso. A terceira constatação foi que o advogado

conquistador lembrava a figura do porquinho Prático das histórias infantis.

— Obrigado por me receber tão prontamente, doutor Reginaldo.

— Senhor Espinosa. Desculpe, o senhor não é o delegado Espinosa?

Espinosa havia marcado hora com a secretária, o advogado sabia perfeitamente quem ele era, tanto que ao chegar e dizer seu nome ela nem perguntara de onde ele era nem qual o assunto.

— Sou e não sou... Na verdade, estou de licença do cargo. Não estou aqui como delegado.

— Como queira, mas o senhor é um homem conhecido. Na verdade, fui eu quem o recomendou a dona Adriana, apesar de não conhecê-lo pessoalmente... Sente-se, por favor. Em que posso ajudá-lo?

— Essa recomendação a que o senhor se referiu, foi no sentido de dona Adriana me procurar na delegacia?

— Sim. Sem dúvida.

— O senhor deve saber que o caso já está sendo tratado por duas delegacias especializadas — disse Espinosa.

— É verdade, porém eles não estão dando a devida atenção a ela... a devida atenção... Não a informam do progresso da investigação...

— Talvez porque não haja progresso visível. Que tipo de atenção o senhor espera que eu possa dar a ela e que não está sendo dada pelos policiais das delegacias envolvidas?

— Me disseram que o senhor é diferente dos outros policiais... que é compreensivo, sensível...

— ...sou um policial, mesmo assim — completou Espinosa.

— É verdade, mas o senhor sabe que há policiais e policiais.

— Sim, eu sei. Faço parte do primeiro grupo.

— Eh... Boa essa... Eh, eh... Boa tirada... Boa tirada.

Espinosa esboçou um sorriso e continuou olhando para o advogado como se ele realmente fosse o porquinho Prático, com a diferença de que a casa sólida e bem construída não pertencia a ele.

— Voltando ao ponto. Como posso ajudá-lo, delegado?

— Dizendo o que o senhor sabe sobre o doutor Marcos Rosalbo. Qualquer coisa que possa me orientar nessa busca.

— Sim. O doutor Marcos. Coisa terrível. Coisa terrível. Como a esposa deve estar sofrendo. A dúvida... — E enquanto falava, o rosto do porquinho Prático expressava dramaticamente cada sentimento atribuído a Adriana Rosalbo. Espinosa estava tão fascinado com a expressividade do advogado que chegou a se confundir sobre a pergunta feita.

— Claro, dona Adriana deve estar sofrendo — concordou Espinosa. — E ele, o desaparecido, o senhor acha que está bem?

— Esperemos que sim. É que no caso dela há o sofrimento da dúvida... o sofrimento da dúvida.

— O senhor se refere à dúvida quanto ao marido estar vivo ou morto?

— É uma coisa angustiante, não é mesmo? Um casal jovem, começando uma vida em comum, ainda sem filhos, e de repente, sem mais nem menos, ele desaparece misteriosamente, deixando-a sozinha. — Espinosa captou um sabor oculto na elocução de *sozinha*, como se a palavra fosse suculenta.

— O senhor acha mesmo que foi de repente, assim sem mais nem menos?

— Me parece que sim. Embora possa estar enganado, é claro. Não conheço muito bem o casal, conheço melhor o doutor Marcos.

— Como o senhor o descreveria? — perguntou Espinosa.

— Não é fácil descrevê-lo... Não é fácil...

— O senhor não acabou de dizer que o conhece melhor do que conhece Adriana Rosalbo?

— De fato conheço, a dificuldade está em que o doutor Marcos Rosalbo não é sempre igual. Na verdade ele varia entre extremos: ora é tímido, silencioso, inacessível, ora é falante, agitado e tem projetos mirabolantes. Passado algum tempo volta ao estado anterior, e assim vai alternando de um extremo a outro.

— O senhor diria que ele sofre de algum transtorno psíquico?

— Não sei. Não entendo de medicina, sou advogado.

— Compreendo. No entanto o senhor descreveu com bastante clareza essa alternância de estados vivida por ele.

— Talvez eu tenha dado uma impressão de alternância, quando pode ser uma multiplicidade de estados... não dois que se alternam, mas vários diferentes... Como eu já disse, não sou médico.

— Claro, eu sei disso, se quisesse uma opinião médica teria procurado o médico particular dele. O que espero do senhor é sua impressão pessoal de Marcos Rosalbo, leiga porém não necessariamente desatenta... já que o senhor o conhece há muito tempo, se não me engano.

— Não há muito tempo, talvez alguns anos, o suficiente para ter percebido essa variação de estados psíquicos, apesar de eu também não ser psicólogo ou psiquiatra, apenas um advogado que o conhece há alguns anos.

— O senhor poderia precisar quantos são esses poucos anos? Dois, três, quatro?

— Isso. Mais ou menos isso.

— Dois, três ou quatro?

— Quatro... Talvez mais, não sei dizer exatamente quantos anos.

— Mas o senhor não tem dúvida quanto à instabilidade emocional do seu cliente e amigo.

— É... instabilidade... não sei se emocional ou de temperamento... não sei bem a diferença.

— E o senhor acha que ele, durante essas fases mais agitadas, seria capaz de cometer algum desatino?

— Não sei. Difícil dizer. Pode ser que sim. Dependendo de qual seja o desatino. Como já disse, não conheço o cotidiano de Marcos Rosalbo, nossa relação é mais profissional do que social, não sou amigo do casal, nunca nos frequentamos socialmente.

— Por que então o senhor procurou Adriana Rosalbo, já que se conheciam tão pouco?

— Porque quando soube pelos policiais que doutor Marcos tinha desaparecido, pensei imediatamente em como devia estar se sentindo dona Adriana... Sozinha... Acho que sem parentes... Desamparada... Essa foi a palavra que ela empregou quando nos falamos por telefone, desamparo, ela se viu perdida em meio à investigação policial e ao constrangimento a que estava sendo submetida com a escuta telefônica, a invasão de privacidade, depoimentos. Foi quando eu telefonei oferecendo ajuda, que ela aceitou imediatamente.

— Com isso, a relação entre vocês deve ter se tornado mais próxima, com mais trocas de informações, revelações pessoais...

— O contato com dona Adriana não me fez conhecer o casal mais do que já conhecia antes do episódio. Na verdade, não sei nada da vida deles. Não sei nem sequer se eles se dão bem ou não. Ela nunca falou nada a respeito.

— Estranho, não? — perguntou Espinosa.

— O que é estranho?

— Isso. O marido desaparece da face da terra sem deixar vestígio e a esposa nem sequer comenta com o advogado que a está ajudando se eles haviam brigado, se estavam insatisfeitos com o casamento, se um estava traindo o outro, enfim, essas coisas que acontecem entre os casais e que podem provocar afastamentos, em geral passageiros. Nessas horas todas as informações referentes à relação dos cônjuges são importantes. Delas pode depender a vida do desaparecido. Daí eu ter suposto alguma confiança que pudesse ter relação, mesmo que longínqua, com o desaparecimento.

— Sinto muito, não houve nenhum relato íntimo. Eles são pessoas muito discretas.

— Mas tenho certeza de que sua ajuda a dona Adriana foi muito importante, neste momento de incertezas e sofrimentos.

— Fiz o melhor que pude, delegado, o melhor que pude.

— E por que essa ajuda foi interrompida, já que não houve alteração no quadro?

— Talvez por isso a que o senhor fez referência. Eu tentei obter alguma informação, a título de confiança, é claro, que pudesse esclarecer o acontecido. Acho que ela entendeu que eu estava tentando me tornar mais íntimo.

— E não estava? No bom sentido, é claro.

— Sim. Evidentemente no bom sentido.

— Contudo ela entendeu diferente.

— Como eu disse, delegado, eles são pessoas muito discretas.

— Imagino que sim. Tão discretas que uma delas chegou a desaparecer — acrescentou Espinosa.

O advogado olhou para Espinosa tentando adivinhar se era outra tirada, porém a face do delegado era inexpressiva. Espinosa levantou-se, no que foi acompanhado pelo advogado.

— Obrigado, doutor Reginaldo. Caso se lembre de alguma coisa que possa nos ajudar a encontrar doutor Marcos, aqui está meu telefone. Boa tarde.

Na calçada, olhou para a direita na direção do metrô e para a esquerda na direção do bar Monteiro. A distância era praticamente a mesma. Tomou à esquerda. O bar sofrera algumas modificações, não necessariamente para melhor. Pelo menos o antigo painel com o frade franciscano tomando chope fora mantido. Enquanto saboreava o sanduíche de pernil, Espinosa pensava no doutor Reginaldo Cristóvão Bravo. Tinha percebido nele certo desconforto por ficar evidente sua condição de sublocatário da sala e dos serviços da firma *Paiva Mendes e Correia Avelar Advogados*. Provavelmente alimentava a esperança de ver um dia o nome Bravo acrescentado à elegante placa ao lado da porta de entrada do hall do 12º pavimento. Enquanto isso não acontecia, aproveitava as horas vagas

socorrendo jovens esposas desamparadas e procurava, por todos os meios e recursos histriônicos, escapar a perguntas incômodas de delegados incômodos como aquele que acabara de sair (e que, por infelicidade, fora indicado por ele próprio).

Espinosa não marcara a entrevista na esperança de colher informações preciosas e secretas sobre o dentista desaparecido. Se o advogado guardasse segredos do seu cliente e amigo, seria difícil que os traísse justamente para um delegado de polícia. Talvez fosse verdadeira a afirmação de Adriana Rosalbo, de que aceitara o oferecimento de ajuda porque era o único advogado com o qual ela e o marido haviam tido contato profissional. De toda forma, pelo que acabava de presenciar, a imagem que Reginaldo Bravo cultivava do cliente e amigo não era livre de ambiguidade: para ele o estado de espírito de Marcos Rosalbo oscilava da abulia à mania. Apesar de não ver motivo para suspeitar que Reginaldo Bravo estivesse escondendo alguma coisa além da tentativa desastrada de seduzir Adriana Rosalbo, não confiava no que ele lhe dissera sobre o dentista Marcos Rosalbo.

Não queria, em hipótese nenhuma, invadir a área de atuação das duas delegacias envolvidas no caso. Pretendia, quando muito, atuar como consultor informal de Adriana. Claro que essa consultoria trazia no bojo a proposta de uma investigação não oficial do paradeiro do marido. Caso se dispusesse a isso, pretendia restringir sua investigação à hipótese de o desaparecimento de Marcos Rosalbo ter sido voluntário. Hipótese que não parecia ser levada a sério nem pela esposa nem pelo advogado Reginaldo Bravo, tampouco parecia ser a hipótese principal das delegacias envolvidas — homicídios e antissequestro. Desaparecimento voluntário era portanto a hipótese que sobrava.

Pagou a conta e seguiu pela rua do Ouvidor em direção à estação Uruguaiana do metrô. Eram três e meia da tarde de uma quinta-feira do mês de maio, céu azul, temperatura agradavelmente civilizada. Assim que chegou em casa ligou o computador para registrar o essencial das duas entrevistas do dia. Havia uma mensagem de Julio, seu filho que morava em Washington, e que

desde o ataque sofrido por Espinosa vinha mantendo contato diário, acompanhando a recuperação do pai. Aquela mensagem, porém, trazia uma novidade. Anunciava que Julio vinha passar o mês com ele para ver pessoalmente como estava. Queria também avaliar as possibilidades de trabalho no Rio ou em São Paulo. Chegaria no domingo seguinte. Assim, repentinamente. Como uma chuva de verão em pleno outono. "Não precisa me esperar no aeroporto, sei que você vendeu o carro. Nos encontramos na sua casa."

Antes de registrar as entrevistas feitas com Cecília e com o advogado, Espinosa telefonou para Maria, a faxineira que havia quinze anos fazia a limpeza semanal do apartamento e cuidava da sua roupa. Apesar de ela ter vindo na véspera, comprometeu-se a voltar no dia seguinte para deixar o quarto em condições de receber seu ocupante original. O chamado "quarto de hóspedes" fora o quarto de Julio nos seus primeiros três anos de vida. Com o correr dos anos, passara de quarto de criança a quarto de adulto, sendo usado tanto por Julio nas férias como pelos raros hóspedes de Espinosa.

5

Havia o compromisso tácito entre Espinosa e Irene de um não procurar o outro nos respectivos locais de trabalho. A única vez que Irene esteve na 12ª DP foi acompanhando uma amiga que ia prestar depoimento como testemunha. Quem fazia a entrevista era o delegado Espinosa, para quem Irene voltava o olhar a todo o momento e sempre encontrava o dele. Passaram a se ver com frequência, não mais na delegacia. Haviam se passado dez anos sem que Espinosa tivesse ido uma única vez à agência onde Irene trabalhava. Naquele dia tinham combinado se encontrar no final da tarde em uma livraria onde haveria um debate sobre literatura com dois escritores e um jornalista. Espinosa conhecia um dos escritores e o jornalista. Quando chegou, Irene já estava sentada, a bolsa na cadeira ao lado marcando o lugar dele. Quase todas as cadeiras, dispostas em semicírculo em frente à mesa dos debatedores, estavam ocupadas. O jornalista fez a apresentação dos escritores e após breve introdução dirigiu a ambos a mesma pergunta: “Por que ler?”.

Foi uma hora de debate e mais uma hora para perguntas e respostas. Ambos gostaram do debate. Espinosa gostou especialmente da parte com perguntas do público. Terminado o debate, Espinosa e Irene cumprimentaram os debatedores e o mediador e em seguida foram andando da livraria até um bistrô que costumavam frequentar, distante apenas uma quadra.

— Como está se sentindo? — perguntou Irene, assim que se sentaram. — Estou achando você com cara de quem andou aprontando alguma coisa.

— Não houve aprontação nenhuma, apenas duas coisas que me tiraram do estado letárgico em que eu estava.

— E essas duas coisas são segredo?

— Não. A primeira delas é a história de um dentista que saiu do consultório depois de um dia de trabalho, pegou o carro e foi para casa jantar com a mulher e uns amigos e desapareceu por completo.

— Isso acontece... Não é comum, porém acontece — comentou Irene.

— Concordo, mas não depois de o desaparecido ter estacionado cuidadosamente o carro na garagem do prédio onde mora.

— E que mais?

— E a mulher quer que eu investigue o caso.

— E você está de licença.

— Foi o que eu disse a ela.

— Mas você não pode ver mulher chorando que sai pela porta e volta pela janela vestido de Super-Homem.

— Mais ou menos isso. Ela não chorou e eu não apareci vestido de Super-Homem. Fiquei de pensar no assunto.

— Sei. E a outra novidade?

— A outra é que Julio chega domingo.

— Essa é muito melhor do que a primeira. Faz muito tempo que não nos vemos.

— Ele vem passar um mês aqui.

— Ótimo, teremos tempo para matar as saudades e exercitar o inglês.

— Pelo tempo que estamos afastados um do outro, vamos precisar recuperar o português. Por falar nisso, eu ainda não disse que você está muito bonita.

— Hum...

— E também ainda não agradei pelo tanto e tão bem que cuidou de mim durante minha recuperação.

— Agradeceu, sim. Devo dizer que o mais difícil de tudo foi dormir durante um mês na mesma cama que você sem poder fazer

respiração boca a boca e outras técnicas pós-cirúrgicas. Além do mais, você terá bastante tempo ainda para agradecer. Está pensando em procurar o dentista desaparecido?

— Duas delegacias já estão se ocupando disso, Homicídios e Sequestro, embora não haja nenhuma indicação de ter ocorrido uma das duas coisas. Não acredito que tenha sido nem homicídio nem sequestro. É possível que o pessoal das duas delegacias também não acredite, mas cada equipe está fazendo o que lhe compete. Estou tentado unicamente a descobrir o que aconteceu... O homem sumiu sem deixar sinal...

— E você vai procurar algum possível sinal...

— Extraoficialmente, é claro.

— E...?

— E é isso... Não vou sair por aí como um perdigueiro cheirando o chão. Não vou procurar sinais materiais. Ele desapareceu no trajeto entre a garagem do prédio onde mora e o apartamento. Ou seja, desapareceu praticamente dentro da própria casa... Feito fumaça... Puf... Como disse Cecília.

— E quem é Cecília?

— A secretária do consultório. Uma mocinha de vinte e três anos que diz que o dentista é um ser quase abstrato, virtual.

— E essa mocinha de vinte e três anos não é nada abstrata nem virtual.

— Aí é que você se engana. Quem não é nada abstrata nem virtual é a mulher do dentista, que deve ter uns trinta anos. A mocinha é apenas interessante.

— E você vai investigar extraoficialmente uma mulher linda de trinta anos e uma mocinha interessante de vinte e três.

— A mulher é de fato linda, embora não interessante; a mocinha é interessante, porém não linda; e não vou investigar nem uma nem outra, e sim tentar saber por que ou como um sujeito que convive diariamente com essas duas mulheres desaparece feito fumaça.

— Puf..., como disse a mocinha não tão linda porém interessante
— completou Irene.

6

Na manhã do dia seguinte, sexta-feira, Espinosa ligou para o consultório do dentista. Cecília atendeu em seguida.

— Consultório do doutor Marcos Rosalbo, bom dia.

— Bom dia, Cecília.

— Espinosa! Que surpresa.

— Como percebeu que era eu?

— Ora, sua voz... Aliás, descobri que você é um delegado famoso... Todo mundo te conhece, só eu não conhecia.

— Agora já conhece. Posso passar aí para conversarmos?

— Claro. A qualquer hora.

— Então, daqui a meia hora.

Quinze minutos a pé, sem pressa e ainda com cuidado redobrado. Quando tocou a campainha do consultório, foi recebido com um sorriso jovial e cheio de simpatia. A diferença em relação à vez anterior era o fato de Cecília não estar vestindo jaleco branco de secretária, e sim jeans e blusa de malha. Havia também vários livros e cadernos em cima da pequena mesa.

— Então você é um delegado famoso e não me disse nada!

— Não sou famoso, sou conhecido no bairro.

— Me disseram que você já apareceu várias vezes na televisão.

— Contra a minha vontade, pode acreditar.

A mesma sala, os mesmos lugares, a mesma receptividade, o mesmo olhar atento e inteligente — pensou Espinosa.

— Depois da nossa conversa você deve ter refletido um pouco mais sobre o desaparecimento do doutor Marcos — começou

Espinosa. — O que acha que aconteceu com ele?

— Acho que ele foi embora.

— Foi embora? Para onde?

— Não é para onde, é de onde. Ele pode ter deixado a mulher. Não teve coragem de falar com ela — disse Cecília.

— Assim? — disse Espinosa estalando os dedos. — Sem nenhum aviso?

— Por que não? Vamos imaginar o seguinte: ele sai do consultório depois de um dia de trabalho, pega o carro na garagem e toma o caminho de casa. Sozinho, o trânsito lento, ele vai pensando na vida, no jantar com os amigos da mulher, na conversa chata sobre investimentos ou sobre as novidades eletrônicas, e no quanto aquele era o seu futuro que tinha chegado para ficar. Ele não se desespera, não se angustia, sente apenas um tédio infinito. Quando dá pela coisa, está acionando o controle eletrônico para entrar com o carro na garagem do seu prédio. Estaciona na sua vaga, sai pela porta da garagem... E vai embora.

— Você acredita que foi isso? — perguntou Espinosa.

— E você? — perguntou Cecília.

— Acho um pouco literário, mas isso pode ficar por conta da estudante de letras e literatura.

— E tirando o literário?

— Acho possível...

— Verdade?!

— ...principalmente por um detalhe.

— Qual detalhe?

— O tédio. Só uma pessoa que tivesse convivido com ele seria capaz de perceber esse tédio... que você disse ser infinito. E quando um homem chega a esse ponto, ou ele faz uma ruptura, ou adocece e morre.

— Então você acha mesmo possível o que eu disse?

— Acho.

— Você também pensou nessa possibilidade?

— Não de forma tão definida. O detalhe do tédio, você que conviveu com ele diariamente durante dois anos pode ter percebido, mas eu não teria como saber.

— E agora? — perguntou Cecília. — Qual é a próxima etapa do jogo?

— Preciso saber algumas coisas. Por exemplo, se ele deixou pagos os compromissos para os próximos meses. Os condomínios do prédio onde mora e daqui do consultório, por exemplo.

— Esses pagamentos é ele quem faz. Eu pago apenas as despesas de material do consultório e deposito os cheques dos clientes.

— Sei. A clientela dele é numerosa? Ele costuma ter os horários todos ocupados?

— Ele sempre tem os horários tomados. Quando surge uma emergência, temos que usar os intervalos.

— Outra coisa: você percebeu, nos últimos meses, algum interesse especial do doutor Marcos por alguma cliente?

— Não. E acho que teria percebido... A não ser que ele seja o rei da dissimulação.

— E não poderia ser?

— Não esse tipo de dissimulação, e não por tanto tempo. Claro que não passei estes dois anos controlando olhares, gestos e palavras do doutor Marcos, e também não estava presente em todos os atendimentos, só quando ele precisava de ajuda. Dependendo da natureza do atendimento, eu nem entrava na sala.

— E com cliente homem? Alguma vez você percebeu uma relação mais tensa, alguma fala em tom de ameaça?

— Não. Pelo menos nada que chamasse a atenção.

— Você sabe onde fica o escritório da administração deste prédio?

— Na sobreloja... Você já vai?

— Preciso falar com o administrador daqui. Além do mais, você estava estudando, não quero perturbar seus estudos.

— Tenho todo o tempo livre aqui para estudar. Verdade que não por muito tempo. No final do mês serei despedida. Motivo: desaparecimento de patrão.

— E você acha que ele desapareceu por vontade própria...

— Acho o mais provável — respondeu Cecília.

— Um profissional bem-sucedido, trinta e poucos anos de idade, boa aparência, casado com uma mulher jovem e bonita, morando num bairro agradável a dois passos da praia... E abandonou tudo isso, de livre e espontânea vontade, por tédio...

— Talvez — acrescentou Cecília. — A palavra "tédio" pode não ser a mais adequada. Pode haver tédio por excesso? Pode ser que Adriana Rosalbo seja excessiva para o tipo de homem que ele é. Ela é linda, sensual, simpática, inteligente... Ele não é especialmente bonito, não é sensual nem simpático. Em suma, é apenas um homem normal, enquanto ela é uma mulher excepcional. Será que isso não pode saturar uma pessoa?

— O modo como você ontem descreveu doutor Marcos me deu a impressão de que ele é, sim, um homem excepcional.

— Não segundo os mesmos critérios.

Espinosa ponderou o que aquela jovem de vinte e três anos acabara de dizer, depois desceu até a sobreloja e, passados quinze minutos, tornou a subir para falar com ela.

— Oi. Esqueceu alguma coisa? — perguntou ela, olhando para as poltronas onde, minutos antes, estavam conversando.

— Não. Nada. Só mais uma pergunta: Esta sala é alugada, ou é do doutor Marcos?

— É dele. Por quê?

— Só para saber. Obrigado.

Faltava ainda uma confirmação que seria obtida com Adriana Rosalbo. Eram onze e quinze da manhã. Ligou para o celular dela.

- Delegado Espinosa!
- Bom dia, dona Adriana.
- Bom dia... Alguma notícia?
- Ainda não. Estou telefonando porque preciso de uma confirmação: o consultório do doutor Marcos é próprio ou alugado?
- Próprio. Eu estava com ele quando o contrato foi assinado.
- Sei. E o advogado era o doutor Reginaldo Bravo.
- Isso mesmo.
- Obrigado, dona Adriana. Se aparecer algo de concreto, ligo para a senhora.

O fato é que Espinosa já tinha algo de concreto: a afirmação do administrador de que o dentista não era dono da sala. De que a sala era alugada, como a maioria das salas do prédio. Mas achava que ainda não estava na hora de dizer isso para a esposa do doutor Marcos Rosalbo, sobretudo depois de ela afirmar que presenciara a assinatura do contrato. Das duas uma: ou ela não sabia a diferença entre um contrato de aluguel e outro de compra e venda, ou fora enganada pelo marido e pelo advogado.

7

Da janela do apartamento, Espinosa viu Julio saltar do táxi, retirar a bagagem e pagar o motorista. Aos vinte e três anos, era um homem chegando de viagem numa manhã de domingo e não mais o menino que ele ia esperar no aeroporto toda vez que ele vinha passar as férias no Rio. Um menino que vez por outra soltava uma frase em inglês no meio da conversa — não por dificuldade em falar português, mas por achar que naquele momento aquela frase naquele idioma expressava melhor o que sentia. Tinha sido alfabetizado em inglês e português e morava desde os três anos de idade em Washington com a mãe e o padrasto. Com eles só falava português, no entanto no mundo circundante a língua falada era o inglês. Era bilíngue na fala, sendo que o espírito era uma mistura de duas culturas e duas histórias. Mais alto que o pai, pele clara, olhos castanhos, cabelos pretos e lisos, passaria por italiano, português ou espanhol. Naquela manhã de domingo chegava para resgatar a identidade brasileira. Espinosa esperou o filho no patamar da escada, ainda sem condições de ajudá-lo a subir a bagagem. Assim que chegou, Julio largou a mala no chão e abriu os braços para envolver o pai.

— Como está esse peito? — perguntou.

— Pode abraçar, ele ainda aguenta.

— Não sente mais dor?

— Só de saudade. Você parece que continuou a crescer, depois do ano passado. Está mais forte e mais bonito.

— E Irene? Como está? — perguntou Julio.

— Também com saudades suas. Ficou contente quando soube que você ia chegar. Amanhã jantamos os três.

— Mulher como Irene não dá em árvore, pai. Você já devia ter casado com ela há muito tempo.

— Ela é que não quer casar com homem velho e antipático como eu.

— Amanhã vou interceder a seu favor.

— Fiquei na dúvida se preparava para você um break--fast americano ou um café da manhã brasileiro. Optei pelos dois.

Julio largou a bagagem na sala, lavou-se rapidamente e os dois sentaram-se à mesa. Conversaram durante mais de duas horas. Julio falou de sua ideia de morar e trabalhar no Rio ou em São Paulo. Tinha se especializado em arquitetura de interiores. Inicialmente teria de trabalhar no escritório de um arquiteto renomado, até tornar-se ele próprio conhecido profissionalmente. O fato é que tinha de decidir entre o mercado de trabalho americano e o brasileiro, o que significava instalar-se nos Estados Unidos ou no Brasil.

— Como você está financeiramente? — perguntou o pai.

— Trabalhei durante estes dois últimos anos com o objetivo de juntar dinheiro para passar um tempo no Rio e em São Paulo avaliando as possibilidades de trabalho. Ficando aqui com você não preciso gastar dinheiro com hotel, e tenho o suficiente para minhas necessidades básicas durante um período bem longo. Além do mais, não pretendo ficar muito tempo sem trabalho.

— Seu quarto está arrumado, fique o tempo que precisar.

— Obrigado, pai. E você, vai reassumir a delegacia?

— Se me deixarem. Ainda tenho alguns anos antes de poder me aposentar. Tive alta cirúrgica e clínica, mas ainda me ressinto do tempo que fiquei em recuperação. Meus músculos ficaram atrofiados, minha capacidade pulmonar foi afetada, minha capacidade física como um todo ainda não voltou ao ponto em que estava. Estou fazendo exercícios programados. Acho que a recuperação completa é uma questão de tempo, pouco tempo. Ainda não chegou a hora de eu virar livreiro e abrir um sebo.

— O capital inicial em livros já estaria garantido — disse Julio, olhando em volta as paredes da sala. Acredito que ser policial no Brasil não seja a mesma coisa que ser policial nos Estados Unidos.

— É uma comparação desigual, o país mais rico do mundo e um país em desenvolvimento, mas, tirando o aspecto material, a diferença é menor do que parece. Pelo menos agora, passadas quase três décadas do fim da ditadura, o policial não é mais visto como um agente da repressão política. É verdade que ainda não se transformou plenamente em agente da investigação. Um dia ele chega lá. Mas a corrupção atingiu um nível insuportável, equiparável apenas à corrupção política.

— Você não se sente mal na companhia dessa gente?

— Os que trabalham comigo não são “dessa gente”.

— Estou me referindo aos outros.

— Esses eu mando embora da minha delegacia. Claro, o que eu posso ouvir e ver tem limites, não quero fazer o papel do Big Brother orwelliano. O que está ao meu alcance enquanto delegado titular é afastar os corruptos. Quanto ao meu retorno à ativa, vou me submeter a uma avaliação médica dentro de uma semana. Se me liberarem, reassumo a delegacia na semana seguinte. Mas fale sobre você. O que provocou essa decisão repentina de vir para o Brasil? Falta de perspectiva profissional lá fora? Alguma desilusão amorosa?

Julio sorriu, meio sem-graça, serviu-se de mais café, e não se escusou de responder.

— As duas coisas. De fato, terminei há dois meses uma relação amorosa que já durava dois anos e que de certa forma me prendia aos Estados Unidos. E também tenho sentido uma retração do mercado americano na minha área. Antes havia uma oferta de trabalho muito mais ampla. Arquitetura de interiores era uma atividade voltada para os grandes espaços comerciais e industriais; hoje o que mais aparece é reforma de portaria de hotel. Para ficar reduzido a isso, prefiro tentar algo maior aqui.

Espinosa achou as duas respostas um tanto vagas. Não que fossem falsas ou mentirosas, mas certamente ocultavam mais do

que revelavam. Só que não era o momento adequado para aprofundamentos. Tampouco ele próprio estava certo de ter respondido às perguntas feitas pelo filho.

Nenhum dos dois estava com disposição para almoçar, depois do café da manhã reforçado, reiniciado várias vezes. A tarde de Julio foi dedicada a desfazer a mala, arrumar o armário e a cômoda, tomar um banho reconfortante. Feito isso, pai e filho saíram a pé pela redondeza para Julio conhecer o que havia de novidade no bairro e comprar alguns artigos de higiene pessoal. Era domingo, o comércio do bairro estava fechado, mas o supermercado estava aberto. Espinosa lamentou ter vendido o carro, pois ele seria útil para Julio. O carro passava dias e dias estacionado em frente ao prédio sem ser movido do lugar. Mas Julio disse que preferia andar de metrô, ônibus e táxi: assim poderia visitar os locais de seu interesse sem se preocupar com o trânsito. Além do mais, sua carteira de habilitação era americana. Não tinha habilitação brasileira.

Jantaram na Trattoria — por sugestão de Julio, e não de Espinosa —, o que proporcionava, além da boa comida, uma pequena caminhada de ida para abrir o apetite e de volta para fazer a digestão. Recolheram-se antes das onze, cansados física e emocionalmente.

O celular de Espinosa tocou às três da madrugada.

— Delegado Espinosa, é Adriana Rosalbo. Marcos ligou. Ele está vivo!

— O que ele disse?

— Ele... ele não falou... ele parecia estar gemendo... como se estivesse com muita dor...

— Como você sabe que era ele?

— Eu sei!

Não sabia. E Espinosa sabia que ela não sabia. Alguém estava tentando aplicar o golpe do sequestro. O primeiro contato era aquele. O próximo seria para pedir dinheiro.

— Tente dormir. Passo na sua casa amanhã de manhã às dez.

— E se ele ligar de novo?

— Certifique-se de que é ele e ligue em seguida para mim. Não apague a chamada do celular.

Na manhã seguinte, a primeira coisa que Adriana Rosalbo disse foi que não conseguira dormir após o telefonema, embora sua aparência ao abrir a porta não acusasse abatimento físico. A fala estava um pouco acelerada e os gestos desencontrados. Nada excessivo, porém dava para perceber. Havia dois celulares em cima da mesa.

— Para qual dos dois foi feita a chamada?

— Para este aqui — respondeu Adriana, estendendo o aparelho.

Espinosa ligou para o número registrado. Não houve resposta. Pediu a Adriana que reproduzisse da melhor forma possível o telefonema que acreditava ser do marido.

— Ninguém falou nada — disse ela —, eram sons como os de alguém que está machucado... sofrendo muito...

— O que a levou a supor que fosse seu marido? Era voz de homem?

— Era a voz dele... gemendo... ele só gemia, não conseguia falar nada.

— Sinto muito, mas nessas condições não dá nem para saber se é um gemido de dor ou de outro tipo.

— Outro tipo?

— Por que não? Pode ser um trote. A ligação foi feita de outro celular, provavelmente roubado, o número está aqui registrado. Vou deixar para o pessoal da escuta verificar a quem pertence o aparelho.

— Você tem certeza de que não foi ele? — perguntou Adriana.

— Eu é que pergunto por que a senhora teve tanta certeza de que era ele.

— Não sei... Talvez a hora... Os gemidos, que logo pensei serem de dor...

— Excetuando-se os policiais envolvidos na investigação, pouca gente sabe que seu marido desapareceu. O fato não foi divulgado exatamente para não ser objeto de trotes e de exploração por parte de aproveitadores. É mais provável que tenha sido um trote.

— E se não foi?

— Se não foi, ele vai fazer outro contato. Provavelmente mais inteligível. Esse foi apenas um ruído... com toda a ambiguidade que envolve um ruído no meio da madrugada.

— O pior de tudo não é a incerteza, mas a possibilidade de ele estar morto.

— A polícia sabe dos sequestros em andamento. Não foi encontrado nenhum corpo que possa ser o dele. Para mim, seu marido está desaparecido.

— Gostaria de acreditar nisso, mas não consigo.

— Não tem ninguém fazendo companhia a você?

— Não. Eu ficaria louca com uma pessoa olhando para mim com olhos piedosos durante horas, sem tocar no assunto para não torná-lo presente ou então falando sobre coisas distantes e sem sentido.

— Você prefere não ter companhia?

— Prefiro. Basta a companhia dos meus fantasmas. Por falar nisso, desculpe te acordar no meio da madrugada.

— Tudo bem. Eu estava dormindo, mas meus fantasmas estavam todos acordados. Foi um deles que atendeu.

8

Durante os meses de licença, mesmo não indo à delegacia, Espinosa manteve contato permanente com o detetive Welber, seu assistente direto, e com o inspetor Ramiro, ambos companheiros de trabalho e amigos pessoais desde muito tempo. Naquela manhã, depois de sair do apartamento de Adriana Rosalbo, Espinosa decidiu fazer uma visita ao prédio da rua Hilário de Gouveia.

Subiu os degraus que levam à recepção e ao abrir a porta que franqueia a passagem à sala do delegado ouviu uma voz feminina atrás de si interpelando-o:

— Senhor, por favor, só é permitida a entrada de funcionários da delegacia. O que o senhor deseja?

Só então Espinosa se deu conta de nunca ter visto a moça que atendia ao balcão. Certamente uma funcionária transferida durante o período em que estivera afastado.

— Desculpe. Eu devia ter passado antes pela recepção. Sou o delegado Espinosa.

— O delegado Espinosa está de licença, senhor.

— Eu sou o delegado Espinosa, senhorita.

— Delegado! Desculpe... Eu só conhecia o senhor de nome...

— Não tem importância. Então, posso entrar?

— Claro, delegado. O senhor já está recuperado? Está de volta à delegacia?

— Sim para a primeira pergunta e não sei para a segunda. Acredito que mais uma semana e estarei de volta.

— Bem-vindo, delegado.

— Obrigado. Como é o seu nome?

— Jandira. Sou estagiária.

Eram onze horas e quase todos estavam na delegacia. Foi direto para sua sala, mas constatou que o delegado substituto tinha preferido continuar em sua própria sala em lugar de ocupar, ainda que provisoriamente, a dele. Assim que souberam da presença de Espinosa, todos vieram festejar o que supunham ser o seu retorno. Os primeiros a aparecer foram Welber e Ramiro.

— Delegado! Que bom ver o senhor aqui na delegacia. É pra valer ou é apenas um ensaio? — perguntou o inspetor Ramiro.

— Todo ensaio ou é pra valer ou não é ensaio — respondeu Espinosa rindo.

Welber acompanhava a conversa. Sabia, sem sombra de dúvida, que Espinosa reassumiria assim que terminasse sua licença médica.

O delegado substituto apareceu na porta da sala assim que soube da chegada do colega e foi saudado pelo titular:

— Delegado Josélio — brincou Espinosa —, do jeito que as coisas estão, sob o seu comando, posso ficar mais dois meses afastado que ninguém vai notar.

— Espinosa, meu caro, estamos todos torcendo pela sua volta.

Espinosa sabia que “todos” era força de expressão e desejo de alguns, não correspondia à vontade geral. Havia um grupo, não desprezível em tamanho e força, que gostaria de vê-lo afastado para sempre. Desejo que era recíproco.

Terminada a rápida recepção, Ramiro e Welber convidaram Espinosa para almoçar com eles. A caminhada até o restaurante foi pontuada de perguntas sobre sua recuperação. Na Trattoria, sentados à mesa que sabiam ser a preferida do chefe, as perguntas foram sobre seus projetos.

— Vou reassumir. Se o pessoal lá de cima concordar com minha volta, é claro, sobretudo com minha volta para o mesmo posto. O fato de cada um de nós ter sido elogiado em boletim depois do confronto em praça pública com aquele louco, embora esse confronto tenha resultado na morte do sujeito, é sinal de que

aprovaram nossa ação e de que não pretendem nos transferir para nenhuma delegacia perdida nos limites do município. O fato também de terem mantido o Josélio como delegado substituto na chefia da delegacia é bom sinal. Ele é um dos nossos, e é o delegado substituto; se quisessem aproveitar meu afastamento temporário para transformá-lo em afastamento definitivo, já teria surgido algum sinal claro disso.

— E quanto ao seu projeto profissional, alguma mudança?

— Não houve nenhuma mudança significativa. Vou continuar fazendo o que sempre fiz. O sonho de uma aposentadoria idílica sempre foi visto por mim como a alegoria religiosa de que ao morrermos vamos para o céu. Eu não quero ir para o céu. Nossa única data-limite predeterminada é a da aposentadoria compulsória, aos setenta anos.

— Como está se sentindo fisicamente? — quis saber o inspetor Ramiro.

— Bem. Tenho pequenas limitações, que espero superar com exercícios. Ainda não me sinto capaz de subir morro atrás de traficantes. Meu fôlego está reduzido, tanto para corridas longas como para subir muitos lances de escada. Também não me sinto em forma para levantar objetos pesados. São limitações que tendem a desaparecer. Não que eu vá me transformar em atleta olímpico: pretendo apenas readquirir minha forma anterior. No mais, acho que estou pronto.

Voltou para casa satisfeito com a recepção calorosa na delegacia. Até Jandira, a estagiária, fora acolhedora. A cada dia que passava sentia que andava com mais confiança pelas ruas movimentadas de Copacabana. Já não tinha medo de cair ou de ser derrubado, nem mesmo de se sentir tonto em meio à multidão. Seu caminhar, mesmo nos melhores tempos, nunca fora o de um atleta, assemelhando-se mais ao de um *flâneur*. Era lento, aparentemente distraído, apegava-se a pequenos detalhes arquitetônicos dos prédios, olhava as vitrines, os passantes e o modo de se vestirem, os objetos que carregavam, detalhes fisionômicos, se aparentavam

alegria ou tristeza, se estavam preocupados. Era capaz, depois de um passeio, de descrever a vitrine de uma loja ou a roupa de uma pessoa, assim como a atmosfera emocional de um ambiente. E fazia tudo isso sem o menor esforço, como uma segunda natureza e não como uma habilidade adquirida e fixada artificialmente.

Entrou em casa com a alegre constatação de que não estava bufando por ter subido os três andares. Julio estava sentado em sua cadeira de balanço. Não tinha nenhuma importância, estava sozinho em casa e aquela era uma cadeira convidativa, fácil de colocar junto à janela francesa para apoiar os pés na grade de ferro do pequeno balcão, como Julio fizera. O que mais o incomodou não foi o que Julio tinha feito ou estava fazendo, e sim o fato de ele, Espinosa, ter notado tudo isso assim que entrou na sala.

— Oi, pai. Já voltou a trabalhar?

— Ainda não. Só passei na delegacia para ver como estão as coisas.

— E como estão?

— Muito bem. Depois fui almoçar com dois de meus auxiliares.

Julio fez um breve silêncio, virou a cadeira para dentro da sala — o pai sentara-se no sofá — e perguntou:

— Você fez amigos na polícia?

— Poucos.

— São pessoas legais?

— No duplo sentido da palavra. Se não fossem, não seriam meus amigos.

— Sim, é claro. E como é a conversa de vocês?

— Como assim?

— Vocês, policiais, falam sobre o quê? Sobre mortes, roubos, assassinatos, tiroteios...?

— Não. Isso é o que imaginam as pessoas que passam as noites coladas na televisão assistindo filmes policiais.

Silêncio e imobilidade. Nenhum dos dois disse nada, nenhum dos dois se moveu. Passado um tempo aflitivamente longo, Julio retomou a palavra.

— Você tem razão, a pergunta foi irônica.

— Tudo bem. O que você quer saber? — perguntou Espinosa.

— Não sei ao certo. São dúvidas que surgiram com o tempo. Não propriamente sobre você. É sobre a imagem que eu tinha de você quando criança e adolescente e a imagem que nos últimos anos foi ocupando o lugar daquela. Quando eu era criança, você era o meu herói, embora eu mal soubesse como você era. Sabia que era da polícia, que andava armado, que enfrentava os bandidos. Na adolescência, depois de passar as férias com você, essa imagem ganhou um pouco mais de objetividade, apesar de continuar sendo colorida pelos filmes policiais que eu assistia na tevê americana. Ultimamente essas imagens criaram arestas, possivelmente por influência dos próprios filmes, que passaram a fornecer uma imagem mais crítica do policial americano. E de repente eu descobri que não sabia quem era o meu pai, ou qual dessas imagens correspondia a você. O fato é que ao longo dos anos a imagem que fui fazendo de você foi forjada mais pelos filmes policiais do que por você em pessoa. De você eu sabia apenas pelos relatos da minha mãe e de nossos encontros anuais nas férias. Os filmes policiais eu assistia quase todo dia na tevê e no cinema. Minha dúvida não é propriamente quem é você, meu pai, mas quem é o delegado Espinosa. Quem são seus amigos policiais? Sobre o que vocês conversam?

— Conversamos sobre as mesmas coisas sobre as quais conversam os arquitetos, os advogados, os professores, os médicos, os padres, os militares, os comerciantes, isto é, sobre morte, assassinato, sexo, roubo... e também sobre nossos cotidianos e sobre viagem, esporte, cinema, arte, música, literatura... e também sobre nossa profissão. Não somos personagens de ficção. Acredito que sua dúvida não é se eu sou um policial corrupto. Isso você sabe que eu não sou. A verdade é que operamos o tempo todo numa zona de fronteira entre o bem e o mal, o legal e o ilegal, o certo e o

errado. Essa fronteira não é uma linha que se possa traçar, delimitando claramente duas regiões: é uma fronteira larga o bastante para criar uma terceira região cujos limites não são nítidos nem rígidos. O mesmo acontece dentro de cada um de nós. Essa linha divisória é facilmente apagada, esses limites são facilmente ultrapassáveis — e são frequentemente ultrapassados. O policial trabalha nesse espaço que ele acha que é real e bem delimitado, quando na verdade é quase irreal, mais imaginário do que real, no interior do qual ele constrói, dia após dia, seus valores, tão frágeis quanto a linha que separa o bem do mal. Isso assusta não apenas você, meu filho, assusta também a mim.

O telefone trouxe de volta o ruído do mundo externo, que permanecera entre parênteses durante a conversa dos dois.

— Delegado Espinosa, é Cecília.

— Olá, Cecília. Alguma novidade?

— Você disse para eu lhe comunicar qualquer coisa estranha. Não sei se posso considerar isso uma coisa estranha...

— Isso o quê, Cecília?

— Duas vezes na sexta-feira e duas vezes hoje o telefone tocou, e quando eu atendi ninguém disse nada. Da primeira vez pensei que a ligação não tivesse se completado, e da segunda percebi a respiração da pessoa do outro lado da linha. Isso se repetiu hoje mais duas vezes.

— A polícia não grampeou esse aparelho?

— Não sei se ele ainda está grampeado, mas quem telefonou não parecia se importar com o fato.

— Você ouviu algum outro som? Ruído de rua, vozes?

— Nada. Absoluto silêncio. A única coisa que deu para ouvir foi a respiração da pessoa.

— Os dois telefonemas de sexta e os dois de hoje foram na mesma hora?

— Mais ou menos. Acho que foram. Pode não ter sido exatamente na mesma hora, talvez uma variação de meia hora, no

máximo. O que eu faço se acontecer de novo?

— Tente fazer a pessoa falar. Não entregue nada. Não diga seu nome nem o nome de ninguém nem forneça nenhum dado que possa ser utilizado por quem está telefonando. E ligue em seguida para mim.

— Estou um pouco assustada.

— Não se preocupe, não é nada com você.

— Como assim?

— O alvo não é você, é Adriana Rosalbo.

— Por que você diz isso?

— Porque foi o marido dela que desapareceu.

— Acontece que eu sou a secretária dele.

— É verdade, mas não acredito que se houver alguma ameaça ela se dirija a você. Você tem meus telefones. Pode ligar a qualquer hora.

Julio continuava no mesmo lugar, como se esperasse a continuação da conversa interrompida pelo telefonema.

— É o caso do dentista desaparecido?

— Era a secretária dele. Está recebendo telefonemas nos quais a pessoa fica em silêncio do outro lado da linha.

— Não dá para instalar um localizador de chamadas?

— Não adianta muito. Quem faz esse tipo de coisa, faz de um telefone público ou de um celular roubado.

— Por que ela?

— Não sei. Talvez apenas para verificar se continua como secretária.

— Você tem alguma ideia do que aconteceu com o cara?

— Várias... mas nenhum indício. Pelo menos, nenhum indício material. E os relatos das pessoas ligadas a ele são tão pobres quanto os sinais materiais.

— Você nem sabe se ele está vivo?

— Provavelmente está vivo.

— Baseado em que você diz isso?

— Baseado no fato de que nestas duas semanas todos os cadáveres que apareceram foram identificados. O que não garante que ele esteja vivo, claro.

Julio não estava particularmente interessado no caso do dentista. Sua pergunta fora mais no sentido de amenizar a intensidade da fala anterior do pai. A verdade é que o telefonema cortara o assunto que estava sendo discutido; talvez algum ponto dele fosse recuperado à noite, no jantar com Irene.

Irene conhecia Julio havia dez anos, tempo correspondente aos dez períodos de férias que ele passara com o pai no Rio. Apesar da intermitência, a relação resistira à travessia da adolescência de Julio e continuava muito amistosa no presente.

Pai e filho foram buscá-la em Ipanema. Irene e Julio se abraçaram longamente.

— Se vocês não se incomodam — disse Julio —, podemos liberar o táxi e ir a pé até o restaurante. Assim vou matando as saudades de Ipanema.

Enquanto andavam, Irene quis saber sobre o projeto de Julio de vir morar no Brasil. e se já havia uma proposta profissional. Sim, o projeto de vir para o Brasil era verdadeiro e, na opinião dele, urgente. Quanto à proposta profissional, havia apenas seu firme propósito de fazer arquitetura de interiores. Não estava inteiramente a par do que estavam fazendo no Rio e em São Paulo, mas não pretendia se afastar desse eixo, mesmo reconhecendo que a possibilidade de encontrar algo mais imediato em outros estados pudesse ser maior.

— E uma das primeiras pessoas que pensei em procurar foi você, que conhece o meio como ninguém — disse ele, voltando-se para Irene.

— Quando você quiser, querido. Posso apresentar você a vários arquitetos, todos muito bons, com obras realizadas aqui no Rio que

você pode ver ao vivo. Ou, se preferir, posso mostrar primeiro as obras já realizadas e depois te apresentar aos autores dos projetos. O mesmo podemos fazer em São Paulo.

A conversa durante o jantar girou em torno da volta definitiva de Julio e das implicações pessoais dessa mudança de país, de língua, de costumes, além do fato de ele estar abrindo mão de viver no país mais rico do mundo.

A conversa era quase exclusivamente entre Irene e Julio: Espinosa pouco se intrometia. Na sobremesa ele já combinara com Irene de passarem a noite no apartamento dela, em Ipanema, quando o celular tocou.

Adriana Rosalbo soluçava, as palavras saíam emboladas e ininteligíveis. O máximo que ela conseguiu dizer foi que estava em casa.

— Estou indo para aí — disse Espinosa.

9

Tocou a campainha e viu pela sombra debaixo da porta que havia alguém do lado de dentro olhando pelo olho mágico. Espinosa teve de esperar ainda alguns segundos até a pessoa se certificar de que era ele mesmo. A porta foi aberta só o suficiente para ele ver a metade de um rosto assustado e cabelos em desalinho. Em seguida o rosto desapareceu. Ele empurrou a porta delicadamente e entrou. Adriana estava encolhida como uma criança assustada num dos cantos do sofá.

Espinosa sentou-se na poltrona em frente e olhou em volta à procura de alguma alteração no ambiente, enquanto Adriana recomeçava a soluçar.

— O que aconteceu?

— Um homem... um homem...

— Um homem aqui dentro do apartamento?

Adriana balançou a cabeça concordando. Parou de soluçar e enxugou os olhos e o nariz. Aos poucos foi se acalmando com a presença de Espinosa.

— Conte como foi. Você estava dormindo e ele entrou?

— Eu estava acordada. Cheguei mais ou menos às sete horas. Estava muito cansada. Comi um sanduíche e tomei um copo de leite. Fui para o quarto, liguei a televisão e deitei na cama para assistir o telejornal. Devo ter dormido. Um som um pouco mais alto na televisão deve ter me acordado. Voltei o rosto na direção do corredor que dá para a sala. A luz do corredor estava apagada e vi um fecho de luz passando pela sala. Eu ainda estava sonolenta, mas tinha certeza de estar vendo o fecho de luz.

— Como se a luz da sala fosse acendida a apagada em seguida?

— Não. A luz não era *da* sala, era uma luz *na* sala.

Adriana fungava e esfregava o nariz com um lenço. Espinosa foi até a cozinha, pegou um copo de água e pôs na mão dela. Ela bebeu como quem toma remédio. Respirou fundo e voltou a falar.

— Era uma luz passeando pela sala e por um pedaço do corredor. Pensei que pudesse ser um curto-circuito. Tenho muito medo de curto-circuito. O resto do apartamento estava com as luzes apagadas. Fui descalça pelo corredor escuro até a sala, colada à parede, e quando cheguei vi a porta de entrada se abrir um pouco e o vulto sair e fechar a porta sem fazer barulho. Fiquei parada onde estava, apavorada com a possibilidade de ele voltar. Depois de um tempo fui correndo até a porta, tranquei à chave, voltei para o quarto, tranquei a porta do quarto e telefonei para você.

— Deu para ver quem era?

— Só consegui ver que era um homem... Pelo menos acho que era um homem... Era uma figura humana.

— Você não percebeu mais nada dessa figura? Se era alta ou baixa, gorda ou magra, branca ou preta...

— Não. A única luz acesa era a do abajur do quarto, que é fraca e fica longe da sala; o resto estava escuro. A coisa toda durou apenas alguns segundos, eu estava muito assustada, não posso nem garantir que tenha sido um homem, talvez fosse uma mulher.

— Você acha que foi uma mulher ou um homem?

— Acho que foi um homem. Não sou capaz de jurar.

— Vamos até o escritório para ver se ele levou alguma coisa.

Espinosa foi na frente, acendeu a luz e deixou Adriana entrar antes dele. O quarto parecia em ordem. A biblioteca ocupava toda a parede, repleta de livros. Deteve-se um pouco, passando os olhos pelos títulos. À primeira vista, não viu nenhum livro técnico, só romances, o que apontava mais para Adriana do que para Marcos, ele supunha. O escritório estava em ordem, as gavetas da escrivaninha estavam fechadas, as coisas sobre o tampo estavam

arrumadas, a estante de livros não parecia ter sido tocada e os móveis e objetos estavam no lugar, segundo Adriana.

— Você trancou a porta do apartamento quando chegou da rua?

— Tranquei à chave.

— Alguém mais tem a chave?

— Não. Quer dizer, Marcos também tem.

— Você tem faxineira?

— Tenho, mas ela não tem cópia. Eu abro a porta quando ela vem.

— Amanhã, com calma e com a luz do dia, faça uma vistoria minuciosa para ver se falta alguma coisa. Depois me telefone para dizer se percebeu alguma coisa estranha.

Voltaram para a sala. Era quase uma hora. Espinosa pediu a Adriana que esperasse alguns minutos enquanto ele descia para falar com o porteiro e com o garagista. O porteiro não tinha visto nada e nenhum estranho passara pela portaria. O intruso podia ter descido pela escada, eram apenas três andares, e saído pela porta de serviço. Naquela hora muitas domésticas estavam voltando para dormir; o garagista estava ocupado lavando os carros. Para entrar é preciso ter a chave, para sair a porta abre por dentro sem necessidade de chave. Espinosa voltou ao apartamento, tocou a campainha e Adriana abriu a porta depois de conferir pelo olho mágico. Em seguida voltou a se encolher no canto do sofá.

Apesar do tempo transcorrido, Adriana ainda olhava para as portas e janelas como se algum invasor dotado de poderes extraordinários pudesse entrar de repente.

— Alguém viu alguma coisa lá embaixo? — perguntou.

— Ninguém viu nada. Nem o porteiro nem o garagista perceberam nada de estranho no movimento de ontem à noite — respondeu Espinosa.

— E se foi alguém do próprio prédio?

— Acho que ninguém do prédio, sabendo que seu marido desapareceu e que seu apartamento está sob vigilância policial, se arriscaria a entrar aqui durante a noite.

— E se a pessoa era de fora e não saiu do prédio, se ficou escondida em algum andar?

— E por que ficaria?

— Não sei... Para voltar.

— Ninguém vai voltar — disse Espinosa. — Você toma algum remédio para dormir?

— Só às vezes, quando estou muito tensa.

— Acho que é o caso. Vá para o quarto, tome um comprimido e procure dormir. Vou ficar aqui no sofá durante a noite. Se sair antes de você acordar, bato a porta ao sair, já que a maçaneta não abre pelo lado de fora.

— Você vai ficar muito desconfortável.

— O sofá é ótimo. Não se preocupe comigo. Mais uma coisa: agora que sabe que alguém mais tem a chave, mude o segredo da fechadura e mande colocar uma tranca de segurança, para quando estiver em casa.

— Vou pegar um travesseiro para você.

— Não precisa, a almofada do sofá é suficiente.

Espinosa deixou apenas um pequeno abajur aceso, acomodou-se no sofá e ligou para Julio avisando que estava tudo bem e que demoraria para chegar. Na outra ponta do corredor via uma luz filtrar-se por debaixo da porta do quarto de Adriana. Não estava com sono e também não estava com vontade de ler nenhuma das revistas da mesa de centro. Se o intruso era um assaltante, por que não aproveitara o aparecimento de Adriana para obrigá-la a entregar o que tinha de valor? Seria alguém que ela conhecia? Espinosa entregou-se à elaboração de uma série de possibilidades envolvendo, cada uma delas, uma das pessoas citadas por Adriana.

Acordou no sofá com a primeira luz do dia. Como dormira com uma parte da janela aberta, dava para sentir o cheiro de maresia

trazido pelo vento que soprava do mar. Dormira praticamente sem mudar de posição, mesmo porque no sofá estreito não havia grande possibilidade de mudança. Mesmo assim sentia-se bem, o corpo não doía e a cabeça não se ressentia do vinho tomado na véspera. Sentou-se e olhou para o corredor, na direção do quarto. Mesmo com a claridade que se insinuava pela janela, era possível ver a luz que passava por baixo da porta, indicando que Adriana dormira com a luz acesa. Levantou-se, usou o lavabo ao lado da sala, escreveu um bilhete que deixou ao lado do telefone e saiu, depois de certificar-se de que a porta não abria pelo lado de fora.

Tomou café no bar da esquina enquanto repassava o acontecimento da véspera. Era café recém-feito e o pão ainda estava quente. A experiência de ser um dos primeiros a tomar o café da manhã no bar fez com que Espinosa esquecesse temporariamente o episódio da véspera e saboreasse o momento presente. Havia no bar gente que saía de casa para trabalhar e gente que largava o trabalho noturno e voltava para casa. Homens e mulheres, quase na mesma proporção. Repetiu o café e o pão com manteiga. Terminado o café, decidiu repetir a experiência da semana anterior e voltar a pé para casa. O sol ainda estava baixo no horizonte.

10

Cecília tinha mais uma semana e meia de trabalho no consultório, ainda que não considerasse aquilo trabalho. Havia um horário a cumprir, mas nada a fazer senão atender telefonema de cliente querendo marcar hora, e mesmo esses telefonemas eram cada dia mais escassos. Para ela, estava bem. Podia estudar, preparar seus trabalhos universitários, utilizar o computador do consultório para consultas à internet e para digitar seus próprios textos. Não era ruim. O desagradável era a sala exígua e a falta de janela, mas também a isso estava acostumada. Na conversa que tivera com Adriana Rosalbo quando do desaparecimento do doutor Marcos, Adriana se comprometera a dispensá-la com todos os direitos garantidos pelas leis trabalhistas se o marido não aparecesse até o final do mês. Cecília ainda não decidira o que fazer no caso de ser dispensada. Tinha casa e comida garantidas morando com os pais num apartamento de dois quartos no bairro da Glória. E era tudo. Os pais haviam tido o bom senso de não ter mais filhos. Ambos tinham salário e vida modestos. No Natal e no aniversário Cecília ganhava uma roupa ou um sapato de presente, criteriosamente escolhidos para atender ao gosto e à durabilidade. O material de estudo, a condução, o lanche no trabalho e as saídas nas noites de sábado para o chope e a pizza com os amigos eram pagos com o dinheiro ganho com seu próprio trabalho, do qual seria dispensada dentro de poucos dias. Na última semana reduzira um pouco seu horário no consultório: não fazia sentido ficar oito horas fechada na sala de espera sem doutor nem paciente. O curso na faculdade começava às cinco da tarde e terminava às dez da noite. Na verdade, raramente começava às cinco em ponto e frequentemente terminava antes das dez por motivo de segurança. Os alunos dos cursos noturnos evitavam fazer a pé o trajeto do campus à estação do metrô se não

estivessem em grupo. Cecília continuava saindo do consultório às quatro da tarde, como combinado com doutor Marcos, sendo que em vez de entrar às oito da manhã passara a chegar às dez. Quase ninguém telefonava antes dessa hora, a não ser em caso de emergência. E sem a presença do dentista não havia emergência dentária.

Ainda estava um pouco incomodada com o fato de Espinosa ter sugerido que ela estava fantasiando ou idealizando a figura do doutor Marcos só porque era estudante de letras. Devia ter dito que era estudante de química ou física. As pessoas não dão muita importância quando você diz que é estudante de letras, no entanto fazem cara de admiração se você diz que estuda física, química ou biologia. O objetivo principal de Cecília não era tornar-se professora de literatura, mas ser autônoma, responder pelo próprio sustento, ser senhora da sua própria vida, ter seu próprio carro, morar decentemente. Se o magistério tornasse isso possível, então poderia ser professora; caso contrário, tentaria outros caminhos. Perto das quatro, começou a se preparar para sair. A mesma coisa de sempre. Pegaria o metrô para a universidade na estação Siqueira Campos, faria baldeação para a linha 2 na estação Estácio e desceria na estação Maracanã, praticamente dentro do campus. Àquela hora o movimento no metrô já era grande. O tal do vagão exclusivo para mulheres era o maior engodo, vivia cheio de homem, ainda mais pintado de cor-de-rosa pelo lado de fora. Devia ser para indicar aos bolinadores e paqueradores onde estava a mulherada. Por essas e outras, sonhava com seu próprio carro. Mas isso também demoraria um pouco.

Verificou se as luzes do consultório estavam apagadas, se não esquecera a torneira do banheiro aberta, se o computador estava desligado. Pegou seus cadernos e livros, enfiou na mochila, deu uma última olhada no espelho para conferir o visual, e o telefone tocou. Faltavam cinco para as quatro. Deixou tocar três vezes e atendeu. Ninguém falou nada, apesar de ela ouvir a respiração do outro lado da linha. Era o segundo telefonema naquele dia, como vinha acontecendo todos os dias. Esperou mais um pouco para ver se a

pessoa voltaria a ligar, e saiu. A estação do metrô ficava a três quadras do prédio do consultório, três quadras pequenas muito movimentadas. Tinha por hábito andar rápido, sendo que naquela tarde se deu conta de estar andando mais rápido que o usual, embora não tivesse pressa. Como se estivesse fugindo. O corpo esguio e elástico passava ligeiro por entre a multidão, apesar do peso da mochila às costas.

Como previsto, o vagão feminino estava cheio, tal como os demais, e havia tanto homens como mulheres no seu interior. Procurou um lugar onde se encostar, tirou a mochila das costas, colocou-a no chão com a alça presa a uma das pernas, e começou a imaginar um futuro próximo, quando entraria em seu próprio apartamento, fecharia a porta e estaria num espaço só seu. Às vezes tinha vontade de anotar certas ideias que lhe ocorriam durante a viagem. Todavia, dentro de um vagão de metrô, no meio da tarde, isso só era possível nos raros dias em que conseguia sentar-se. Em pé, com o vagão lotado, o esforço de tirar da mochila o caderno, achar a caneta e encontrar uma posição para escrever era de tal ordem que quando tivesse êxito provavelmente não se lembraria mais do que queria anotar. Então preferia deixar a imaginação correr solta, mantendo atenta apenas uma parte da consciência, necessária ao registro do nome das estações que passavam pela janela. O pior não era a ida, cujo incômodo era a superlotação, e sim a volta para casa depois da aula, tarde da noite, quando descia na Glória e tinha de subir um longo trecho até o prédio onde morava, na rua Cândido Mendes, numa hora em que a frequência não era das melhores. Quando era assediada mais agressivamente, procurava a proteção e a cumplicidade das prostitutas, que já conhecia de vista. Mas não era sempre que isso acontecia. Com o tempo adquirira sabedoria e frieza para se safar das situações mais ameaçadoras. Desde menina, quando ia e voltava da escola, tinha de descer e subir a rua que levava ao prédio onde sempre morara. A única diferença era que naquele tempo isso acontecia durante o dia, quando o comércio estava todo aberto e as pessoas nas calçadas eram de outro tipo. Não que a fauna diurna fosse de melhor qualidade que a noturna.

Era só menos agressiva, embora nem por isso menos perigosa. Dentro de pouco tempo tudo aquilo ia mudar.

Na manhã do dia seguinte, Cecília chegou ao consultório às dez horas. Fazia duas semanas que o doutor Marcos estava desaparecido. Verificou a secretária eletrônica. Não havia recados. Retirou as coisas de dentro da mochila, guardou o recipiente plástico contendo o almoço na geladeira, abriu a janela da sala de atendimento para ventilar o conjunto e ligou o computador. Enquanto separava as apostilas e os livros que ia utilizar e se preparava para escrever a resenha do livro que terminara de ler na noite anterior, percebeu que algo não ia bem com o computador. Ele carregara os programas até certo ponto e, quando estava terminando de carregar, o aparelho apagou. Cecília desligou e religou o computador, porém nada aconteceu. Desligou da tomada e ligou em outra. Nada ainda. Nenhum programa funcionava. O computador só não estava completamente morto porque havia um sinal luminoso indicador de vida residual. Fez mais algumas tentativas na base do ensaio e erro, mas foi inútil. Pensou no trabalho de literatura que tinha de fazer, e pensou em como era aborrecido aquilo acontecer logo às vésperas de ela ir embora e perder o uso do computador. Ligou para Adriana Rosalbo explicando o ocorrido, disse que lamentava profundamente, que não sabia como podia ter acontecido, que apenas ligara o computador para começar a trabalhar, queria saber se podia chamar o técnico... Adriana tranquilizou-a e disse que podia acontecer com qualquer um e que ela estava autorizada a chamar o técnico — o que Cecília fez em seguida.

O técnico chegou ainda antes do almoço. Substituiu vários cabos, introduziu vários programas de prova, examinou o aparelho com o cuidado de um médico examinando um paciente, e fez o diagnóstico: "Apagou o disco rígido". Cecília ficou olhando para ele à espera de uma palavra salvadora, no entanto ela não veio. O rapaz continuou: "Está com toda a pinta de vírus, desses que atingem diretamente o disco rígido e o danificam fisicamente. Vou levar o disco para examinar na minha oficina, tenho certeza quase absoluta

de que ele está destruído”. “Há alguma coisa a ser feita?” perguntou Cecília. “Só substituindo o disco. Se você quiser, quando eu voltar posso trazer um novo.” Cecília tornou a ligar para Adriana pedindo autorização para a compra da peça, mas Adriana preferiu adiar a decisão. Caso houvesse algum trabalho importante a ser concluído, Cecília podia vir até a casa dela pegar o *notebook* do doutor Marcos. A distância do consultório até o Leme era pequena. Cecília dispensou o técnico, pegou um ônibus na avenida Copacabana e em poucos minutos tocava a campainha do apartamento de Adriana.

Voltou a contar o acontecido. Em seguida conversaram sobre medidas a tomar com relação ao consultório e aos paciente e foram até o escritório pegar o computador portátil. Antes de levá-lo para o consultório, Cecília fez questão de ligar o aparelho para conferir se estava tudo certo. Abriu o computador, conectou na tomada e apertou o botão para ligá-lo. Repetiu-se o acontecido com o computador do consultório: em segundos o computador apresentava apenas um sinal luminoso indefinido. Tentaram de tudo, sem resultado. Na opinião de Cecília, o computador fora vítima do mesmo vírus que destruíra o disco rígido do computador do consultório. Cecília ligou rapidamente para o celular do técnico e pediu que ele fosse até lá. O rapaz estava a caminho da oficina, mas ainda próximo do endereço de Adriana Rosalbo: não demoraria. Enquanto esperavam, Adriana falou sobre o desaparecimento do marido e o tempo transcorrido. Não conseguia entender o que acontecera com ele. A conversa não foi longa, o técnico chegou em quinze minutos e depois de examinar o *notebook* confirmou a suposição de Cecília: os dois computadores estavam com o disco rígido danificado, provavelmente por ação de um vírus transmitido pela internet. Cecília achou estranha a coincidência. O mesmo “ataque” aos dois computadores que nem sequer eram interligados. Perguntou a Adriana se ela havia ligado o computador recentemente. Ela respondeu que nunca tinha ligado computador nenhum. Não sabia mexer com o aparelho. Cecília pediu licença a Adriana para comunicar o fato ao delegado Espinosa. Passados quarenta minutos o porteiro avisou que o delegado Espinosa estava subindo. Cecília

fez novo relato, desta vez mais detalhado, do que acontecera pela manhã no consultório e, em seguida, no apartamento de Adriana.

— O computador estava em cima da mesa do escritório, não estava? — perguntou Espinosa.

— Estava — confirmou Adriana.

— A pessoa que você surpreendeu aqui dentro ontem à noite estava no mesmo aposento em que estava o computador?

— Não sei. Quando vi, o vulto já ia saindo porta afora.

Cecília fez menção de falar mas foi detida por um gesto de Espinosa.

— Ele carregava alguma coisa? Uma bolsa, uma sacola...

— Não deu para ver. Estava escuro, foi muito rápido.

Cecília não se conteve e interrompeu:

— Que pessoa é essa de quem vocês estão falando? Entrou alguém aqui ontem à noite?

— Entrou — disse Adriana. — Quando eu percebi, a pessoa já estava saindo do apartamento.

— Hoje de manhã, você verificou se estava tudo certo no escritório? — continuou Espinosa, não dando importância à interrupção de Cecília.

— Não. Eu tinha essa preocupação quando os policiais ainda estavam por aqui. Depois que eles se foram, não me preocupei mais com isso. Durante o dia, até o meio da tarde, a empregada está aqui. Ontem passei parte da tarde fora de casa. Quando cheguei, no início da noite, não me preocupei em vistoriar o apartamento.

— Então o intruso podia estar no escritório quando você chegou.

— Podia. Como podia ter entrado quando eu adormeci vendo tevê.

— Quanto tempo você acha que dormiu?

— Certamente todo o tempo do telejornal e mais alguma coisa. Pelo que estava passando na tevê quando acordei, devo ter dormido

umas duas horas ou mais. Por que você está me fazendo essas perguntas?

— Ele podia estar interessado no computador.

— Mas podia ter levado o computador e não levou.

— Ele não queria levar o computador — afirmou Espinosa. — Queria apagar o computador.

— Como apagou o do consultório — disse Cecília. — As duas máquinas podiam conter o *backup* uma da outra, por isso o intruso precisava apagar os dois discos rígidos.

— Como ele ia saber? — perguntou Adriana.

— Pelo doutor Marcos — respondeu Espinosa. — Evidentemente, quem fez isso não estava interessado na informação contida em algum arquivo. Essa informação ele possuía. O que não queria era que mais alguém tivesse acesso a ela, por isso apagou tudo.

— Que informação? — insistiu Adriana.

— Isso é o que não sabemos. Pode ser uma informação aparentemente inocente, mas capaz de comprometer alguém.

— Não faz sentido — disse Cecília. — Doutor Marcos é a pessoa mais pacífica do mundo; que tipo de segredo ele podia ter guardado no computador, para provocar essas invasões?

— O computador do consultório pode não ter sido vítima de um invasor físico, mas de um invasor vindo pelo correio eletrônico: um vírus.

— Então por que ele precisou invadir aqui e não lá?

— Porque lá ele sabia que você usaria o computador, enquanto aqui o computador poderia ficar sem ser usado durante dias ou semanas, e nesse caso o vírus não poderia se instalar.

— Que loucura. Isso está parecendo filme de espionagem, como se doutor Marcos fosse um agente secreto — disse Cecília.

Adriana Rosalbo escutava com expressão de absoluta perplexidade. Olhava para Espinosa e para Cecília sem saber o que dizer e sem entender o que estava se passando.

— Você acha que isso pode nos fornecer alguma pista do que aconteceu com Marcos? — perguntou, afinal, olhando fixo para Espinosa.

— Pode ser um começo... Se o objetivo foi única e exclusivamente apagar informações...

— Nesse caso doutor Marcos também sabia — disse Cecília.

— Pode ser que sim, pode ser que não. Ele podia estar de posse desses dados sem saber que estava, ou sem saber que eram importantes. Talvez o interessado tenha obtido a informação com o próprio doutor Marcos. Quem sabe é esse o motivo do desaparecimento dele. Vou informar o que aconteceu ao pessoal das delegacias envolvidas na investigação.

Cecília voltou para o consultório e por ordem de Espinosa vasculhou cada palmo daquelas duas salas e do banheiro em busca de algum sinal da presença do intruso da véspera. Não encontrou nada. Telefonou para Espinosa comunicando. Se alguém tinha entrado, disse, era uma pessoa muito cuidadosa e que possuía a chave da porta, porque não havia sinal de que a porta tivesse sido forçada.

* * *

Em casa, atualizando no computador a pasta "Rosalbo", Espinosa lembrou-se de que, ao ver o computador do pai, Julio mencionara a mensagem transmitida pela internet e pelos jornais, às vésperas de ele sair dos Estados Unidos, alertando para um vírus de computador particularmente agressivo, capaz de destruir o disco rígido. O próprio Espinosa recordava-se vagamente de ter lido algo a respeito nos jornais brasileiros. Agora, a lembrança voltava com um novo sentido. A destruição dos discos rígidos dos dois computadores do doutor Marcos podia ter sido provocada por um vírus daquele tipo, sem a necessidade de uma pessoa estar fisicamente presente para causar a destruição. Mais ainda, essa destruição podia ser um efeito aleatório da disseminação do vírus pela internet, sem ter como alvo específico os computadores do doutor Marcos. Ou seja, um *hacker* do outro lado do mundo podia ter criado e lançado aquele vírus na

rede sem ter a menor ideia da existência de Marcos Rosalbo e de sua bonita e assustada esposa. Isso levantava uma questão delicada. Se tal conjectura estivesse correta, quem, então, fora surpreendido por Adriana Rosalbo saindo do apartamento? Ou ainda: havia realmente alguém lá dentro? A própria Adriana contara ter chegado em casa e ter adormecido na cama durante o telejornal, acordando muito mais tarde, quando, ainda sonolenta, julgou ver um fecho de luz cruzando a sala e em seguida um vulto se esgueirando silenciosamente porta afora. Porém ela não correria para saber quem estava fugindo; simplesmente correria para trancar a porta e em seguida se refugiara no quarto, apavorada. Ora, uma mulher assustada com o desaparecimento do marido, desanimada com a ausência de progresso na investigação policial e depois de um dia cansativo, pode perfeitamente confundir a sombra provocada por uma luz proveniente da rua ou do prédio em frente com uma figura humana saindo furtivamente pela porta do apartamento. A imaginação transforma facilmente um jogo de luz e sombra na figura de um ladrão. Com isso, a hipótese de os computadores do dentista guardarem informações secretas esfumaçava-se, como se esfumaçara o próprio dentista.

11

Na manhã do décimo sexto dia do desaparecimento de Marcos Rosalbo, Espinosa recebeu um telefonema do delegado Josélio, seu substituto na 12ª DP, querendo saber até onde ia seu interesse pelo advogado Reginaldo Bravo.

— Fui visitá-lo há poucos dias na firma onde trabalha. Algum problema com ele?

— Morreu. Aparentemente suicídio. Ingeriu grande quantidade de barbitúricos. Estava havia dois dias sem ir ao escritório. Telefonaram para o apartamento dele várias vezes, ninguém atendeu; telefonaram para os pais dele que moram no mesmo bairro. Ontem à noite os pais entraram no apartamento com uma chave reserva. Encontraram o filho caído no banheiro, nu, perto do vaso sanitário. Em cima da bancada da pia da cozinha encontraram várias caixas de tranquilizantes, soníferos, barbitúricos, psicotrópicos. Os pais telefonaram para a polícia. A quantidade de soníferos encontrada era suficiente para adormecer uma família de elefantes. As bulas estavam ao lado e havia um prato com resíduos de comprimidos esmigalhados e cápsulas desfeitas. No quarto, em cima da mesa de cabeceira, havia ainda um copo com restos de uma mistura de leite e comprimidos. Há indícios de ele ter se arrastado do quarto até o banheiro. A distância é pequena. A cama estava desfeita e não havia sinais evidentes de que ele estivesse acompanhado. A perícia concluiu seu trabalho no local, o laudo do iml ainda depende de alguns exames de laboratório. Não há dúvida, porém, quanto a ele ter ingerido grande quantidade dos medicamentos.

— Quando isso aconteceu?

— Ontem. Quer dizer, ontem o pessoal da 19ª DP foi ao apartamento, ele já estava morto havia dois dias.

— Nenhum bilhete?

— Não. E também nenhum sinal de violência. Se você tiver algum interesse especial no caso, dê um pulo aqui na delegacia que eu repasso para você o que já foi apurado. O caso está com a 19ª DP, na Tijuca. O delegado é meu amigo.

— Passo por aí antes do almoço. Podemos almoçar juntos, se você quiser.

— Combinado.

A presença de Espinosa na delegacia fez com que pensassem mais uma vez que ele estava de volta. Muitos abraços de boas-vindas, conversas sobre como estava se sentindo, até ficar esclarecido que ainda não se tratava do retorno, apenas de uma visita do delegado titular ao delegado substituto. As informações sobre a morte do advogado Reginaldo Bravo foram obtidas apenas durante o almoço com o delegado Josélio.

— Um desaparecimento e um suicídio — disse Josélio, antes de trazerem os pratos.

— Ou um desaparecimento e um assassinato — disse Espinosa. — Reginaldo Bravo pode não ter preparado ele próprio o coquetel que você descreveu. Ou pode ter preparado, mas não para ele próprio ingerir. Se fosse suicídio, por que se arrastar até o banheiro? Arrependimento? E por que nu?

— Então um desaparecimento e um suicídio ou assassinato, de duas pessoas que se conheciam e que tinham ligações profissionais. Isso, num intervalo de duas semanas. Sei que você não gosta de coincidências — disse Josélio.

— Continuo achando que coincidência é o nome que damos a conexões cuja causa desconhecemos. Estive só uma vez com a vítima. O homem Reginaldo Bravo não me pareceu capaz de provocar ódios assassinos. Talvez o advogado Reginaldo Bravo guardasse segredos incômodos.

Faltavam poucos dias para Espinosa reassumir seu posto de delegado titular. Não podia continuar investigando de forma

amadorística um caso que estava se complicando e que agora já envolvia duas delegacias especializadas e uma delegacia legal. Ao reassumir o posto, para não ser obrigado a desfazer o trato com Adriana Rosalbo, teria de reivindicar para a 12ª DP parte da investigação. Seria a quarta delegacia a entrar no caso.

Miguel era o nome do delegado da 19ª DP na Tijuca, amigo de Josélio. Os dois deviam regular em idade e tinham sido colegas no Colégio Militar, sendo que Miguel conservara a brancura de quem mora na Zona Norte da cidade e não frequenta a praia.

— Delegado Espinosa, quanto prazer, fico feliz em poder ajudá-lo. Você tem algum interesse particular no caso ou quer se juntar a nós na investigação?

— Obrigado pela acolhida. Na verdade, meu interesse é pelas pessoas envolvidas. Conheci o doutor Reginaldo Bravo no escritório de advocacia em que trabalhava. Fui visitá-lo em função de outro caso que estou acompanhando extraoficialmente: o desaparecimento do dentista Marcos Rosalbo, que está sendo investigado por Sequestros e Homicídios. Não conheço o dentista, mas conheço a mulher dele, dona Adriana Rosalbo, que me pediu ajuda. Evidentemente essa ajuda só pode ser dada amigavelmente, já que eu estou licenciado para tratamento médico. É quase certo que eu venha a reassumir meu posto na semana que vem. Até lá, conto com a boa vontade dos colegas. É bastante provável que a morte do advogado e o desaparecimento do dentista estejam relacionados entre si.

— Pelo que o Josélio me falou, achei que você precisaria disto. — O delegado Miguel estendeu para Espinosa um envelope de papel pardo. — Aqui dentro você tem as chaves do apartamento do advogado Reginaldo Bravo e alguns dados referentes ao caso. O endereço está no envelope. A cópia dos documentos é sua. Quando terminar, basta me entregar as chaves. O carro dele está na garagem com tudo em ordem. Não saiu da garagem nos últimos cinco dias.

O prédio, uma construção da década de 60, ficava a umas seis ou sete quadras da 19ª DP. Tinha cinco pavimentos e uma cobertura, garagem e dois elevadores. O apartamento de Reginaldo ficava no quarto andar. Não havia porteiro, apenas um garagista também encarregado da limpeza. A porta de entrada do prédio era aberta a chave ou eletricamente por meio do interfone. Espinosa retirou do envelope duas chaves presas por uma pequena argola e abriu a porta. Um corredor amplo fazia as vezes de hall de entrada, com duas portas de cada lado para os apartamentos térreos e duas portas ao fundo para os dois elevadores. O interior do prédio era agradavelmente silencioso. Espinosa chegou ao quarto andar e ao apartamento de Reginaldo Bravo sem ver absolutamente ninguém e, acreditava, sem ser visto por ninguém. A porta do apartamento ainda estava lacrada. Espinosa removeu o lacre e utilizou a chave fornecida pelo delegado Miguel. A sala estava com janelas e persianas fechadas. Mesmo na semiescuridão, sem acender a luz, Espinosa teve a impressão de um ambiente desarrumado. Calçou as luvas cirúrgicas e enquanto atravessava a sala para abrir as janelas pensou que a desordem podia ser resultado do trabalho policial da véspera.

Assim que abriu as janelas e as cortinas, constatou que não havia desarrumação, os móveis e objetos estavam nos seus lugares. Talvez a desarrumação pressentida fosse não da sala, mas fruto da impressão que Espinosa tivera do próprio Reginaldo Bravo: gordo e suarento, com parte da fralda da camisa para fora da calça e um tanto esbaforido ao falar. O que havia naquela sala não era propriamente falta de ordem ou de apuro, era impessoalidade. Tampouco se tratava de mau gosto; era indiferença estética. A sala parecia um desses ambientes expostos em meio a dezenas de outros nas grandes lojas de móveis e que vemos repetidos em milhares de moradias.

Espinosa largou o envelope sobre a mesa e percorreu os outros cômodos. A impessoalidade do lugar facilitava a tarefa que sempre o incomodava: a intromissão na intimidade de uma residência à procura de sinais. Naquele lugar, porém, tinha a sensação de estar

procurando pistas numa unidade desocupada de hotel. A diferença era que aquele apartamento não estava desocupado. As roupas no armário, os objetos de uso pessoal no banheiro e os alimentos na geladeira não apenas indicavam um apartamento habitado como não apontavam para um morador prestes a cometer suicídio. Reginaldo Bravo não parecia ter tomado nenhum cuidado com sua privacidade, a começar pelo próprio corpo desnudo. Os objetos de uso pessoal cotidiano estavam nos seus lugares e as roupas nas gavetas e no armário. Apenas a cama de casal estava desarrumada e remexida. No banheiro junto ao quarto, o armário de remédios e todas as gavetas estavam abertos e remexidos, e no chão via-se a silhueta do corpo desenhada pelo perito. Espinosa procurou algum lugar reservado para a guarda de documentos e não encontrou, como não encontrou nenhum cofre escondido dentro do armário nem algum compartimento secreto, encontrou apenas a pasta do advogado com alguns documentos, a agenda e um bloco de notas. Nenhum dos documentos tinha a ver com Marcos ou Adriana Rosalbo. Não havia dinheiro dentro da pasta. Espinosa voltou a atenção para as caixas de remédio sobre a bancada da pia. Pensou na possibilidade de aquele conjunto de embalagens de remédio com as respectivas bulas e o prato contendo restos de comprimidos esmagados, com a colher ao lado, fazerem parte de uma encenação, embora apontassem diretamente para o mais provável, que era o suicídio. Voltou ao banheiro e tentou imaginar o gordo doutor Reginaldo esforçando-se para chegar até o vaso sanitário... Ou seu objetivo seria o chuveiro? Espinosa não sabia o que exatamente esperava daquela visita ao apartamento de Reginaldo Bravo. Talvez o óbvio. Talvez não. Quem sabe uma epifania. Antes de ir embora, desceu à garagem e fez um rápido exame no carro do advogado. Não parecia ter sido objeto de uma perícia rigorosa, o que foi confirmado posteriormente pelo delegado Miguel. Os policiais não haviam se preocupado em fazer um exame minucioso porque o garagista declarara que o carro não era usado havia quase uma semana, portanto, desde dois ou três dias antes da morte do proprietário. A tarde estava adiantada quando Espinosa deixou o prédio e andou em direção à 19ª DP para devolver as chaves ao delegado Miguel.

Apesar das dezenas de vezes que viera ao Rio passar as férias com o pai, Julio estava longe de conhecer a cidade. Tinha apenas uma visão parcial da geografia do Centro e da Zona Sul, porém lhe escapavam os códigos sutis que regem as trocas sociais e orientam o morador quanto às zonas de perigo, tanto as das guerras entre facções inimigas nas noites dos morros como os pequenos conflitos diurnos nas ruas dos bairros. Alguns lugares eram-lhe claramente ameaçadores, enquanto outros lhe pareciam inocentes e pacíficos, e esse era um dos enganos possíveis. Não se trata de conhecer a geografia fixa das favelas e dos bairros, e sim a geografia móvel que coloca os dois lados da batalha em contato imediato. Embora conhecesse muito bem os conflitos, as ameaças e a violência de cidades como Washington e Nova York e soubesse como evitá-los, Julio sentia-se desorientado quanto a pessoas e lugares do Rio de Janeiro. Esses códigos não constam dos manuais e folhetos distribuídos por hotéis e agências de turismo. São códigos absorvidos e sedimentados inconscientemente pelos habitantes da cidade e demandam tempo e experiência, e ele precisava aprendê-los, se realmente quisesse mudar de país.

Essas reflexões o acompanhavam em seu passeio por Ipanema e Leblon em busca dos interiores projetados pelos arquitetos indicados por Irene. Antes de visitar os *shopping centers*, Julio queria ver o que havia de novidade nos interiores das lojas de rua. Apesar de muita gente ter passado a fazer compras exclusivamente em *shopping centers*, espaço de segurança da classe média, o comércio de rua continuava florescente. Fazia uma agradável tarde de outono e ele caminhava pelas quadras próximas ao canal do Jardim de Alá, limite entre os bairros de Ipanema e Leblon — uma das regiões de comércio mais sofisticado da cidade, com frequentadores de alto

poder aquisitivo e que há muito deixaram de ostentar joias e relógios e optaram por uma estética despojada típica dos habitantes daqueles bairros. Julio prestava atenção às pessoas na calçada, procurando identificar na multidão o punguista, o pivete, o vapozeiro, o assaltante. De quem precisava se defender? Essa era a questão. E se deu conta de que a linha divisória tanto separava etnias como separava ricos e pobres. Entre as pessoas que caminhavam na mesma calçada, seu olhar procurava “os diferentes”, aqueles que apresentavam uma ameaça potencial, e esses eram sempre os moradores das comunidades pobres dos morros circundantes. O “outro” ameaçador era o despossuído, aquele que por isso mesmo se sentia no direito de apossar-se materialmente daquilo de que fora privado. E a rua era o espaço comum a ambos, a zona de conflito, o espaço que ao longo do tempo vinha sendo conquistado — primeiro timidamente, depois abertamente e agora arrogantemente por esses despossuídos. Daí o sucesso dos *shopping centers*, espaço exclusivo dos que podem. Durante a longa caminhada que empreendeu pelo bairro, não presenciou nenhum roubo nem foi pessoalmente ameaçado por ninguém, embora a certa altura do passeio tivesse tirado o relógio do pulso e guardado no bolso da calça. No táxi de volta para casa sentiu-se cansado e com a musculatura tensa. E não tinha acontecido nada.

Quando Espinosa chegou em casa, Julio tinha chegado menos de quinze minutos antes e estava sentado na cadeira de balanço que, sem que nunca ninguém tivesse dito, era a cadeira do pai. Espinosa disse olá para o filho e sentou-se no sofá — tão ou mais confortável que a cadeira —, onde ficou sem dizer nada. O silêncio que se instalou não se constituiu como sinal de desagrado para nenhum dos dois, sendo rompido pela palavra do filho.

— Se você estiver de acordo, posso dar um pulo até o árabe e o alemão para comprar alguma coisa para o nosso jantar.

— Ótimo — disse Espinosa. — Enquanto isso, tomo banho.

Quando Julio voltou com as compras, quarenta minutos depois, encontrou o pai de banho tomado e sentado na cadeira de balanço,

consultando satisfeito a lombada dos livros empilhados na mesinha ao lado.

— Quibe, esfirra, pão preto, presunto e queijo. Verifiquei o estoque de bebidas antes de sair e constatei que temos duas garrafas de vinho tinto e algumas garrafas de cerveja na geladeira — disse Julio.

— Voto pelo vinho — disse Espinosa.

— Perfeito. Agora, eu tomo banho enquanto você arruma a mesa.

Quando os dois se sentaram para comer, Julio olhou para a cadeira de balanço.

— Vejo que você usa a mesma técnica do meu analista americano.

— Técnica? — perguntou Espinosa.

— A de colocar um livro sobre o assento da cadeira para marcar o seu lugar — apontou Julio.

Espinosa sorriu e serviu o vinho.

— Como foi o seu dia? — perguntou Espinosa.

— Bom. Andei por Ipanema e Leblon e visitei as lojas indicadas por Irene. Ela entende de arquitetura de interiores, as dicas foram ótimas.

— Ela foi com você?

— Claro que não, ela trabalha o dia todo. E você?

— Eu, o quê?

— Como foi o seu dia?

— Não muito longe do usual. Além do desaparecido, temos agora um morto. O advogado.

— O advogado amigo do casal?

— Ele mesmo. O que ainda não sei é o papel dele nessa história. Se amigo, inimigo ou aquilo que nos combates é chamado de efeito colateral.

— Morreu como?

— Aparentemente suicídio, dada a quantidade de embalagens de barbitúrico que havia sobre a bancada da pia da cozinha.

— Por que você diz aparentemente suicídio?

— Porque parecia uma cena montada por um cenarista exagerado.

— E os tais barbitúricos?

— Claro que os barbitúricos são verdadeiros e tudo indica que ele morreu da ingestão de um poderoso coquetel de sedativos. O que põe em dúvida a hipótese de suicídio é o fato de ele ter tentado chegar até o banheiro, talvez numa tentativa de vomitar, por arrependimento ou por ter percebido que fora enganado.

— E você acha que apesar de ele ter morrido houve uma encenação?

— Acho que alguém montou uma cena de suicídio. Provavelmente o próprio assassino.

— Não pode ter sido ele próprio a montar a cena?

— E em seguida se matar? Suicidar-se dando a impressão de ter sido assassinado? Seria diabólico... Sobretudo em se tratando dele.

— Por quê?

— Porque ele se parecia com o porquinho Prático da história infantil. E tem um detalhe que considero significativo contra a hipótese de suicídio — continuou Espinosa. — A perícia não encontrou no prato, no copo e na colher nenhuma impressão digital. Nem dele nem de ninguém mais. E quem vai se matar não está preocupado em apagar as próprias impressões digitais. Junte-se a isso o caráter pastelão da cena montada, tudo tão ridiculamente ostensivo, desde os vidros e as embalagens dos remédios e bulas até a completa ausência de impressões digitais no prato e na colher, como se a cena tivesse sido montada por um fantasma: a dúvida surge naturalmente. Além do mais, ele estava completamente nu. É de supor que um suicida tenha um certo pudor em relação a seu

corpo, mesmo tendo tomado a decisão de se matar em seguida. Só ficou faltando um bilhete anunciando dramaticamente o suicídio.

— Você acha, então, que ele foi assassinado?

— Acho uma hipótese mais plausível que a do suicídio.

Concentraram a atenção nos quibes e esfirras do árabe depois de decidir que os frios do alemão podiam ficar para o dia seguinte. Olhando para a estante-sem-estante do pai, Julio comentou:

— Num cálculo aproximado, eu diria que você deve ter algo em torno de três mil livros empilhados junto a essa parede. Já ocupou toda a extensão da parede da sala e falta menos de um palmo para sua estante-só-livros atingir o teto. O que você vai fazer quando isso acontecer?

— Se você e minha faxineira permitirem, darei início a uma nova estante em outra parede — respondeu Espinosa.

— No que me diz respeito, permissão concedida. Se você quiser, desenho uma estante para você — disse Julio.

— Não sei como eu me sentiria com uma estante de verdade. Talvez como um índio que foi transportado de sua oca para um apartamento na cidade. Apesar do possível conforto, acho que perderia meus referenciais.

— Tudo bem. Quando quiser se mudar para a cidade é só avisar.

Durante a licença médica Espinosa reduziu notavelmente as pequenas pilhas de livro em torno da cadeira de balanço e em cima de alguns móveis próximos. Com a média de três livros por semana, chegara a mais de trinta livros lidos durante o período. Restara apenas uma única pilha de uma dezena deles, fruto de presentes e compras recentes, e essa ele mantinha sempre no mesmo nível, como o reservatório de uma represa. Claro que o mesmo não acontecia com sua bizarra estante feita apenas de livros dispostos em fileiras verticais apoiadas sobre fileiras horizontais, dispensando as colunas e prateleiras de madeira de uma estante de verdade. Sua estante-só-livros, como ele dizia, era acrescida de novos volumes até

atingir o ponto de saturação imposto pelas duas paredes laterais mais o piso e o teto. Faltava pouco para isso acontecer.

— Maria, a faxineira, imagina que quando os livros atingirem o teto algo de muito grave vai acontecer... Alice pensa a mesma coisa.

— Qual Alice? A que mora aqui do lado? — perguntou Julio.

— Ah, você se lembra dela?

— Claro, crescemos juntos, embora eu achasse que só ela crescia e que eu continuava sempre igual... Nós nos víamos apenas durante as férias... a cada ano ela surgia maior, enquanto eu continuava me vendo do mesmo tamanho. E nestes últimos dois ou três anos ela estava viajando, não nos encontramos. Ela ainda mora ao lado?

— Mora. E você nem imagina como ela cresceu. Você pode topar com ela a qualquer momento no corredor. Se quiser vê-la é só tocar a campainha na porta ao lado. Afinal, vocês são amigos de infância. Se precisar de ajuda, pode falar comigo, Alice e eu somos amigos. Também posso dizer que crescemos juntos; durante anos fomos juntos para a escola.

— Foram juntos para a escola?

— É que saíamos de casa à mesma hora toda manhã, e a escola dela ficava na mesma direção que a delegacia, íamos conversando e ficamos muito amigos. Se precisar de pistolão, é só falar.

— Pistolão para falar com minha amiga de infância?

— Certamente você não vai precisar...

A morte de Reginaldo Bravo mobilizou policiais de duas delegacias, além do interesse extraoficial de Espinosa. O depoimento de parentes, amigos e colegas de trabalho não forneceu nenhuma pista quanto ao motivo que teria levado o advogado ao suicídio, assim como nenhum dentre eles percebera alterações de humor ou soubera por terceiros de fatos novos em sua vida pessoal capazes de desesperá-lo a ponto de decidir se matar. Se Reginaldo Bravo realmente fora levado a cometer suicídio, mantivera o motivo em absoluto segredo. Outro aspecto que para Espinosa parecia cada vez mais razoável era a existência de uma ligação entre o desaparecimento de Marcos Rosalbo e a morte de Reginaldo. No entanto, a possibilidade de que os dois fatos estivessem ligados apenas tornava cada um dos acontecimentos ainda mais enigmático. Espinosa pediu ao delegado Miguel para lacrar o carro de Reginaldo Bravo e solicitou que fosse feita nova perícia, se possível por Freire, perito de sua confiança e garantia de que nada escaparia ao exame.

Esses pensamentos acompanharam o café da manhã de Espinosa e seguiram pontuando sua leitura do jornal. Às dez e quinze ligou para Cecília. Aqueles deviam ser seus últimos dias de permanência no consultório atendendo telefonemas de clientes. O telefone tocou cinco vezes e Espinosa já ia desligar quando ouviu a voz de Cecília alterada a ponto de ele ficar em dúvida se era realmente ela.

- Cecília?
- Espinosa! Que bom que é você.
- Por que você está assustada?
- Aqueles telefonemas mudos continuam. Cada vez que o telefone toca, fico com medo de atender.

- Até hoje ninguém falou nada, não fez nenhum som?
- Nada. Ouço apenas a respiração da pessoa.
- Vou passar aí para uma rápida conversa — disse Espinosa.
- Venha. E a conversa não precisa ser rápida.

Eram dez e meia e Espinosa percebeu que Cecília espiava pelo olho mágico quando ele tocou a campainha.

— Espinosa, pensei que você tivesse se esquecido de mim.

— Impossível. E, de qualquer forma, estivemos juntos anteontem. Minha memória não está fraca a ponto de eu me esquecer de você em tão curto espaço de tempo. Como estão as coisas?

— Vão caminhando. Este é o último dia que venho aqui.

— E como está se sentindo?

— Não muito bem. Ainda não estava na hora de eu sair. Além do mais, fico pensando que não há esperança de encontrarem doutor Marcos. Hoje faz dezessete dias que ele desapareceu, e o que todo mundo diz é que quanto mais tempo passa, mais difícil fica encontrar a pessoa.

— Depende da causa do desaparecimento. É muito diferente uma pessoa que desaparece porque foi sequestrada e outra que desaparece porque escolheu desaparecer.

— E você acha que ele escolheu desaparecer? — perguntou Cecília.

— Você também achava, lembra-se?

— Lembro, mas agora já não sei mais... É muito tempo...

— Acho que ele não foi sequestrado, o que não quer dizer que tenha desaparecido deliberadamente — disse Espinosa.

— Tudo bem, mas não foi por isso que você veio aqui.

— Vim para ver você e para lhe fazer uma pergunta. Você conhece o advogado Reginaldo Bravo?

— Ele já telefonou para cá algumas vezes, quase sempre para o número do celular do doutor Marcos.

— Quer dizer que ele não é cliente do doutor Marcos.

— Não. Pelo menos no tempo em que estou trabalhando aqui.

— E antes disso?

— Só vendo no arquivo do doutor.

— Pode ver para mim?

— Claro. Por sorte é no arquivo anterior ao arquivo eletrônico que pelo visto está perdido.

Na sala de atendimento havia um arquivo de metal com quatro gavetas. Cecília procurou primeiro em Bravo depois em Reginaldo.

— Aqui está. Reginaldo Cristóvão Bravo. Foi há quase três anos. Uma obturação, duas próteses e uma extração. Entre a primeira e a última consultas foram seis meses, com intervalos entre elas.

— Neste último ano ele não voltou?

— Não como cliente.

— O que você quer dizer com isso?

— Que às vezes doutor Marcos era procurado por pessoas que não eram clientes.

— Por exemplo.

— Colega dentista, amigo, contador...

— Você nunca viu o advogado Reginaldo Bravo?

— Não que me lembre.

— Mas se lembra de ter ouvido falar nele.

— Lembro vagamente.

— E quem falou?

— Só pode ter sido doutor Marcos, e não creio que tenha sido comigo. Talvez com alguém com quem ele estivesse falando ao telefone. Ou algum recado que esse doutor Reginaldo tenha deixado para ele... Por que todas essas perguntas?

— Porque ele morreu em circunstâncias estranhas.

Cecília empalideceu, levou a mão à cabeça, fechou a gaveta do arquivo, voltou à saleta onde estavam conversando e sentou-se.

— O que foi? — perguntou Espinosa

— Será que aconteceu o mesmo com doutor Marcos?

— Acredito que não.

— Por quê?

— Porque no caso do doutor Reginaldo Bravo parece que foi suicídio.

— Esses telefonemas...

— Não têm nada a ver com isso. Fique tranquila que não vai acontecer nada. Se quisessem fazer alguma coisa com você, já teriam feito, você está sozinha aqui há mais de duas semanas. Hoje é seu último dia, não precisa mais voltar. Pegue suas coisas, acerte suas contas com Adriana Rosalbo e entregue as chaves do consultório.

Espinosa deixou Cecília com a promessa de que continuaria atento a ela, e com a recomendação de que ela ligasse para ele diariamente dando notícias.

O compromisso seguinte de Espinosa naquela manhã era um encontro com Adriana Rosalbo, marcado de véspera. Chegou às onze e quinze como combinado.

O tempo transcorrido sem notícias sobre o paradeiro do marido não parecia ter afetado a beleza de Adriana, assim como não perturbara seu humor.

— Delegado Espinosa, alguma novidade?

— Infelizmente não trago notícias do seu marido. Nem boas nem más. Ninguém envolvido nas investigações tem nenhum informe positivo a respeito dele. Só conseguimos saber onde ele não está e o que ele não fez.

— Acho importante saber as coisas de não — disse ela —, mas passado tanto tempo gostaria de ouvir alguma coisa de sim. Nem

que fosse “sim, ele fugiu do país” ou “sim, ele fugiu com outra mulher”. Só não quero ouvir a frase “sim, ele está morto”, apesar desse não dito estar presente o tempo todo. O que é insuportável é viver dia após dia essa condição de semissolteira ou de semiviúva.

— Lamento ter ajudado tão pouco.

— Você ajudou muito. Pelo menos não me sinto sozinha em meio a tudo isso. Só de saber que posso ligar para o seu celular a qualquer hora do dia e da noite, como você disse, fico mais tranquila.

— Eu disse que não tinha novidades sobre o seu marido, e é verdade, mas tenho uma notícia que não é boa... Sobre o advogado Reginaldo Bravo. Ele morreu.

— Reginaldo? Quando? Como?

— O comunicado foi feito anteontem à noite. A delegacia encarregada do inquérito acredita que foi suicídio. Eu não concordo inteiramente com eles.

Espinosa fez um resumo dos acontecimentos, desde o comunicado dos pais de Reginaldo Bravo à polícia até os depoimentos tomados no dia anterior, sem ocultar o detalhe dos frascos de remédio.

— Reginaldo...

— Ele voltou a te procurar, pessoalmente ou por telefone?

— Não, nem pessoalmente nem por telefone. Sinto pena dele. Não parecia má pessoa, era apenas imaturo e desajeitado. Dava a impressão de ser uma pessoa muito solitária... sem estofamento para suportar a solidão.

— É um retrato adequado — disse Espinosa. — Nas vezes em que veio ao seu apartamento, ele procurou obter informações a respeito do seu marido?

— Não. Na verdade ele não estava interessado em fornecer suporte jurídico nos meus contatos com a polícia, como tampouco estava interessado em que encontrassem meu marido. Estava interessado em mim, na minha pessoa. Isso ficou bem claro. Daí eu

ter dispensado a tal assessoria jurídica que nunca chegou a ser prestada.

— Você se lembra quando perguntei sobre a sala do consultório, se era alugada ou própria, e você respondeu que era própria, que tinha assinado o contrato de compra e venda junto com seu marido, na presença do advogado Reginaldo Bravo?

— Sim, claro. Por que está perguntando isso?

— Porque a sala não é própria, é alugada.

— Alugada? Então... o que foi que eu assinei?

— Você pode ter assinado um contrato de aluguel, pensando que fosse um contrato de compra e venda. Este apartamento — prosseguiu Espinosa, apontando para o espaço em volta. — É próprio? Está no nome de vocês?

— É nosso, claro! — disse Adriana, visivelmente em dúvida.

— Isso pode ser verificado no cartório de registro de imóveis — disse Espinosa.

— É possível que Reginaldo tenha enganado Marcos? — perguntou Adriana.

— Possível, é. Só que acho pouco provável, dado o perfil de cada um deles.

— Desculpe estar fazendo tanta pergunta. É que estou ficando cada vez mais confusa.

— Faça quantas perguntas quiser.

— Você acha que o desaparecimento de Marcos tem alguma coisa a ver com o suicídio de Reginaldo?

— Não acho que ele tenha se suicidado.

— Por quê?

— Porque não foi encontrada nenhuma impressão digital dele nem de ninguém na colher, no copo nem no prato usados para esmigalhar os comprimidos que ele ingeriu. E nenhum suicida se preocupa em apagar impressões digitais.

Ambos ficaram em silêncio, sem olhar um para o outro.

— E você acha que os dois casos... — começou Adriana.

— Acho.

Adriana se surpreendeu com a prontidão da resposta de Espinosa. Ele próprio continuou a responder.

— Sim. Acho que o desaparecimento de seu marido e a morte de Reginaldo estão ligados. O que não sei dizer é como se ligam nem por que se ligam. Mas que estão ligados, estão.

— Essa pode ser uma via de investigação do desaparecimento de Marcos?

— Pode, só não sabemos onde essa investigação verdadeiramente começa nem em que direção vai.

— O que você pretende fazer?

— Segunda-feira passo por novo exame médico. Se tudo estiver bem, assumo a delegacia logo em seguida. E aí não poderei mais agir como um investigador privado... Que tampouco foi o que eu fiz...

— Você vai me deixar sozinha?

— De jeito nenhum. A partir do momento em que eu assumir a delegacia você poderá me procurar oficialmente na 12ª DP. Por enquanto, faça o favor de tomar certos cuidados. Não abra a porta para desconhecidos. Quando sair, use táxi em lugar de transporte coletivo. Tenha sempre à mão o celular com meu número pronto para ser chamado.

— Você acha que estou correndo perigo?

— Apenas não quero que aconteçam mais desaparecimentos nem suicídios.

— E você acha que eu...

— Acho que não, mas é melhor não facilitar. Estive há pouco com Cecília, no consultório. Hoje é o último dia dela como secretária. Combinamos que ela virá segunda-feira entregar as chaves do consultório. Pelo que vi, está tudo em ordem. Não sei que medida

— Você vai tomar; sugiro manter o conjunto fechado durante mais algum tempo.

— Você acha que ele não vai mais aparecer.

— Dezesete dias. Se ele tivesse sido morto, alguma notícia teria chegado até nós. O mesmo se tivesse sido sequestrado. Este tempo longo sem nenhuma notícia, sem nem mesmo um boato, pode significar que ele está vivo e longe daqui. Pelo que ouvi de Cecília, de Reginaldo e de você, a imagem que formei de seu marido foi a de um homem com uma vida interior muito rica. Não me pareceu um homem impetuoso, mas é possível que tenha elaborado um plano de mudança radical em sua vida, e simplesmente posto esse plano em prática... Sem avisar a ninguém.

— E o que eu faço, enquanto isso?

— Você só tem uma coisa a fazer — disse Espinosa.

— Levar minha própria vida — completou Adriana.

Como nas vezes anteriores, Espinosa iniciou a caminhada de volta para casa pelo calçadão da avenida Atlântica, só que desta vez andando junto aos prédios, aproveitando a faixa de sombra àquela hora do dia. Quando passasse pelo Hotel Copacabana Palace decidiria se dobrava à direita para almoçar na Trattoria ou se continuava em direção à galeria Menescal e almoçava quibe e esfirra no árabe. Enquanto caminhava, pensava em Adriana Rosalbo. Não acreditava num desfecho imediato para o desaparecimento do dentista, o que deixava tudo em suspenso para ela, desde a decisão sobre o que fazer com o consultório do marido até a definição de seu estado civil. As menores coisas dependiam de uma resposta definitiva sobre o que acontecera com ele. E agora a situação se complicava com a morte de Reginaldo Bravo, precisamente aquele que ele estava convencido de que poderia esclarecer pontos importantes da vida do marido de Adriana Rosalbo. Se por um lado o caso se tornava mais complexo, por outro a polícia passava a dispor de uma nova porta de entrada e um novo caminho de investigação. O primeiro passo era descobrir quem era verdadeiramente Reginaldo Cristóvão Bravo. Uma fonte privilegiada de informação eram os pais

dele, cujo telefone estava anotado no resumo fornecido pelo delegado Miguel e que Espinosa deixara em casa. Assim, a decisão quanto ao almoço pendeu para o árabe da galeria Menescal. Mais rápido e a apenas uma quadra de casa.

O casal Cristóvão Bravo morava na Tijuca a poucas quadras do prédio do filho e concordou em receber o delegado Espinosa naquela mesma tarde. Era um casal com idade em torno dos sessenta anos, tanto ele como ela dispostos, apesar de uma discreta obesidade, e ambos com a mesma brancura de Reginaldo Bravo. A expressão dos dois era de tristeza e perplexidade, e receberam Espinosa como uma espécie de mensageiro portador de notícias esclarecedoras, embora esclarecimento nenhum fosse capaz de reverter o que acontecera ao filho.

— Lamento profundamente e imagino o que os senhores estão sofrendo.

— Ele sempre foi um menino exemplar, delegado. Bom filho, bom aluno e agora bom advogado. Estava trabalhando numa firma importante.

Quem falava era a mãe. O pai concordava com a cabeça.

— Com que idade ele estava?

— Trinta e cinco anos.

— Casado?

— Não. Solteiro — houve uma hesitação na fala. — Quer dizer, ele viveu um tempo com uma moça, nunca chegaram a casar. A relação durou quase três anos, incluindo os primeiros tempos de namoro. Devo dizer que nunca concordamos com o que considerávamos um falso casamento.

— Falso casamento?

— O senhor entende... Um casamento que não recebeu a bênção do Senhor.

— Sei... Certamente ele teve namoradas... Quer dizer, antes e depois do casamento.

— Isso nós não sabemos, delegado. Desde que passou a ter seu próprio apartamento, não tivemos mais controle sobre a vida dele.

— E isso foi quando?

— Pouco antes de ele se juntar àquela moça.

— A senhora se lembra do nome dela?

— Clarisse, eu acho... Não... Cristina. É que ela era muito clara.

— E a senhora nunca mais viu a Cristina?

— Estivemos poucas vezes com ela. Eles só vieram aqui em casa três vezes... nas datas... Natal e aniversários. Depois que eles terminaram, nunca mais a vimos. Era uma menina. Muito mais nova que ele. Não podia dar certo.

— A senhora sabe se algum problema o perturbava ultimamente?

— Reginaldo conversava pouco conosco. Quando falava, era sobre coisas da casa, da nossa casa, sobre a nossa saúde, sobre dinheiro.

— Ele pediu algum dinheiro emprestado?

— Não. Desde que se formou na universidade, nunca mais nos pediu dinheiro.

— A senhora e seu marido viram as embalagens de remédio na bancada da pia do apartamento do seu filho. Os senhores conseguem encontrar alguma explicação para ele ter chegado a um gesto tão extremo?

— Estamos duplamente chocados, delegado: pela morte do nosso único filho e pela constatação de que essa morte foi causada por ele próprio.

— Aqueles remédios... Ele sofria de insônia? Costumava fazer uso de soníferos ou tranquilizantes?

— Não sei ao certo, acho que não. Ele sempre foi um menino tranquilo. Não era de fazer bagunça na escola nem na rua. Não se metia em brigas. Nunca precisou tomar calmantes. E sempre dormiu bem. Dormia até demais. Ele só ficou um pouco mais agitado... agitado, não, inquieto quando começou a namorar. Claro que nós

não ficávamos controlando os namoros dele. Antes de ele entrar para a faculdade era um menino caseiro. Nunca foi de brincar na rua nem de frequentar turmas de meninos. Tinha um ou dois amigos e só saía para ir ao cinema. Adorava cinema. Depois, descobriu esses filmes em discos, que alugam em lojas, e não ia mais ao cinema. Passava os fins de semana no quarto, assistindo filmes. A inquietação com mulheres... estou falando mulheres no plural porque nunca conhecemos nenhuma delas... ficou mais forte depois que ele conheceu essa com quem morou. E parece que depois que eles se separaram Reginaldo não teve mais nenhuma namorada fixa. É o que eu, nós, achamos.

— Seu filho mencionou alguma viagem que pretendia fazer?

— Não.

— Alguma namorada nova?

— Também não. Quer dizer, não sabemos.

Ficaram os três em silêncio. Espinosa passou o olhar pela sala meticulosamente limpa e arrumada. A impressão era de que cada móvel e cada objeto ocupavam o mesmo lugar desde o começo dos tempos. Certamente os móveis e os objetos da sala faziam parte do enxoval de casamento do casal Cristóvão Bravo.

— Delegado, o que aconteceu com nosso filho? — perguntou o marido, que até então ficara em silêncio. — Por que ele se matou?

— Não sei ainda.

— Por que esse interesse do senhor na morte do nosso filho? Sei que a polícia precisa investigar, em se tratando de suicídio, mas já estiveram aqui e nos fizeram muitas perguntas.

— Sinto muito, imagino quanto deve ser doloroso para os senhores responderem a essas perguntas, mas é necessário.

— Por quê?

— Porque não temos certeza de ter sido suicídio.

— E os remédios na pia da cozinha?

— Aquilo pode não ter sido para ele ou pode não ter sido preparado por ele com a intenção de se matar.

— Então... Ele foi morto por outra pessoa... Foi um crime? — exclamaram os dois quase em uníssono.

— É possível, não é certo, ainda estamos investigando.

— Sei que isso não o traz de volta — disse a mãe —, mas seria um conforto saber que pelo menos não foi ele quem deu fim à própria vida. É contra a lei do Senhor.

A caminho da estação do metrô, Espinosa ligou o celular desligado durante a entrevista e encontrou uma mensagem de Irene perguntando se jantariam juntos. Parou para responder a mensagem, pois não tinha muita habilidade para digitar textos no teclado do aparelho. Continuou andando em direção à estação Saens Peña, enquanto tentava formar um retrato mais adequado de Reginaldo Bravo do que o obtido a partir da entrevista que tivera com ele. Adriana o descrevera como imaturo e desajeitado. Talvez tivesse sido desajeitado com ela, um pouco apressado, sôfrego pela beleza da mulher a seu lado; daí a impressão de ele ser imaturo... o que não seria de todo incorreto; ou ainda, segundo os pais, Reginaldo Bravo teria descoberto as mulheres um pouco tarde, daí a pressa desajeitada, a sofreguidão na tentativa de compensar o tempo perdido. Difícil supor que essa imagem fosse fruto de uma simulação bem estudada por parte dele... supor que o porquinho Prático fosse na verdade o Lobo Mau disfarçado.

Noite de sexta-feira. O encontro com Irene se deu sob as primeiras gotas de chuva após mais de duas semanas de estiagem.

O retorno de Espinosa à ativa aconteceu sem alarde, como era de seu feitio. Às cinco horas da tarde de terça-feira, depois de informar privadamente Espinosa sobre os casos em andamento e as questões administrativas e disciplinares, o delegado Josélio reuniu a equipe e passou oficialmente a chefia da delegacia para o delegado titular.

Era o vigésimo primeiro dia do desaparecimento do dentista Marcos Rosalbo e o sétimo da notícia da morte do advogado Reginaldo Bravo. Nenhum dos dois casos estava sob investigação da 12ª DP, mas ambos eram do interesse de Espinosa: o primeiro, diretamente por solicitação de Adriana Rosalbo; o segundo, pela ligação que poderia ter com o primeiro. Na própria terça-feira, terminada a reunião com a equipe, Espinosa telefonou para Adriana Rosalbo pedindo que no dia seguinte ela fosse à delegacia para formalizar a queixa e dar início, agora oficialmente, à investigação iniciada extraoficialmente por ele. Em seguida, chamou ao seu gabinete Welber e Ramiro, seus dois homens de confiança, e expôs a eles o caso Rosalbo, desde o telefonema de Adriana Rosalbo e o encontro no restaurante do Leme até a destruição dos arquivos do computador de Marcos Rosalbo e a morte do advogado Reginaldo Bravo.

Era noite quando Espinosa saiu da delegacia em direção ao bairro Peixoto. Julio fora passar a semana em São Paulo para contatos com escritórios de arquitetura e para visitar alguns projetos de interiores indicados por Irene. Após duas semanas de convívio diário, Espinosa se habituara a encontrar o filho em casa e às conversas durante o jantar e depois. Apesar desse convívio e das longas conversas, Julio continuava sendo um mistério para ele. Em nenhum momento ele se

recusara a falar sobre sua vida pessoal ou sua vida social em Washington. Em geral, a conversa fluía e ele se mostrava simpático e comunicativo. Contudo, quanto mais falava, mais extensa se tornava a região de sombra e de silêncio de sua vida. E não apenas essa região oculta se tornava mais opaca e silenciosa como adquiria mais intensidade do que a parte revelada, e talvez por isso mesmo resistisse a toda tentativa de acesso. Terra proibida e perigosa, pensou Espinosa. Talvez fosse assim mesmo. Julio crescera, era homem feito e não mais o menino que vinha passar as férias com ele. Era um profissional pesquisando seu campo de trabalho e, mais do que isso, um homem decidindo e procurando afirmar sua cidadania. A época da suposta transparência infantil terminara para dar lugar à privacidade cuidadosamente erigida pelo adulto. Esse foi um dos temas da conversa com Irene naquela noite.

— Por que está me dizendo essas coisas, Espinosa? Por que está levantando essas questões em relação ao Julio?

— Porque ele é meu filho; porque ele vive longe de mim e eu não sei nada da vida dele nos Estados Unidos; porque quanto mais ele fala, menos eu fico sabendo; e porque eu não sei se ele está aqui procurando alguma coisa ou fugindo de alguma coisa.

— Espinosa, querido, você não pode pensar como um policial em relação a seu próprio filho.

— Irene, eu não estou pensando *como* um policial, eu *sou* um policial. Além do mais, policial não é uma espécie diferenciada da raça humana, não é o exemplar de uma nova espécie ou subespécie surgida por um processo involutivo.

— Está bem. O que você quer saber que seu filho não te contou?

— Aquilo que o que ele diz está obviamente ocultando.

— Então sou obrigada a mudar o que falei há pouco. Você não está pensando como um policial, está pensando ou querendo pensar como um psicanalista.

— Você também? Outro dia, durante uma conversa amena antes do jantar, ele se virou para mim e disse que eu estava usando a mesma técnica que o analista dele usava. Isso porque eu tinha

deixado o livro que estava lendo sobre o assento da cadeira de balanço para marcar que aquela era a *minha* cadeira.

— E não foi isso que você fez?

— Foi.

— Então. Você não apenas pensou como um analista, você agiu como um analista.

— Isso é um absurdo! Eu não agi como um analista. O analista é que se vale de um dispositivo comum a todas as pessoas, qualquer que seja a profissão delas, para marcar o lugar que ocupa. No dia na palestra a que fomos assistir, você não colocou sua bolsa na cadeira ao lado para marcar o meu lugar antes de eu chegar? Você estava agindo como uma analista?

— Certo. Concordo. Isso porém não justifica sua pretensão de desvendar os segredos do seu filho. Se é que são verdadeiramente segredos. Julio é adulto. Nem tudo o que ele faz é para ser tornado público.

— Eu não sou público, sou o pai dele.

— O que não lhe dá o direito de invadir a privacidade dele.

— Irene, não estou querendo invadir a privacidade dele, estou apenas comentando com você que a impressão que ele me passa é de que quanto mais fala, menos diz.

— Talvez a fala seja o livro com que ele está tentando marcar o lugar dele.

Estavam no apartamento do bairro Peixoto, ainda à mesa, e Espinosa acabara de abrir a segunda garrafa de vinho tinto para acompanhar os pães, queijos e frios trazidos por Irene em comemoração ao resultado do exame médico dele e o retorno à delegacia. Julio tinha telefonado de São Paulo para saber o resultado do exame do pai. Foi quando Espinosa expôs para Irene sua preocupação com o filho.

— Não se esqueça de que para ele você deve ser igualmente obscuro — disse ela.

— O que leva um adulto jovem que desde os três anos de idade vive em Washington, capital do país mais rico e poderoso do mundo, jovem esse formado em arquitetura por uma das melhores universidades do país e perfeitamente adequado ao modo de vida americano, o que leva esse jovem, pergunto, a vir construir sua vida adulta no Brasil, um país de Terceiro Mundo, para não dizer de segunda classe, eticamente falando?

— Este é o país dele, Espinosa.

— É?

— E não é?

— Não tenho tanta certeza. Ele tem a cidadania americana. Tem também a brasileira. Só que a americana faz do sujeito um cidadão; a brasileira faz do sujeito uma vítima. Por que escolher a brasileira? Não me diga que é por patriotismo.

— E se ele disser que é?

— Eu terei certeza de que ele está escondendo alguma coisa. Uma pessoa que viveu dos três aos vinte e três anos de idade num país onde aprendeu a ler e escrever na língua desse país; que teve toda a sua escolaridade primária, secundária e universitária nesse país; cujos colegas, amigos e vizinhos pertenciam e continuam pertencendo a esse país; que viveu imersa na cultura desse país até a idade adulta... Essa pessoa, pergunto eu a você, qual é a pátria dela?

— Espinosa, sua questão principal não é a da nacionalidade de Julio. Ele sabe muito bem que é brasileiro, e você também sabe. O que te inquieta é o motivo pelo qual ele está querendo vir morar no Brasil.

— Claro! Julio está na contramão da história. Americano só vem para cá se for explorador em busca de matéria-prima ou antropólogo para ver índio. Pelo que ele me contou, não vive enfurnado em Washington, que cá entre nós é infinitamente superior a Brasília, ele passa a maior parte do tempo em Nova York, Manhattan, que você conhece tão bem. Agora me diga, Irene, o que fez esse rapaz sair de

Manhattan para vir morar neste canto de hemisfério, quarto de despejo do mundo?

— Meu bem, você está muito raivoso. Raivoso e com medo. Claro que essa raiva não é pelo fato do seu filho estar aqui com você. Acho que você está com raiva e com medo pelo que você supõe ser o motivo de ele ter vindo. É melhor você desembuchar logo qual a fantasia que você está fazendo e que está provocando essa reação. Mas veja, essa fantasia, seja ela qual for, é sua. Antes que você declare guerra ao seu filho, pergunte a ele o real motivo dessa mudança.

— Ele pode mentir.

— E quem não pode?

Espinosa não respondeu de imediato. Mesmo porque não havia resposta para a pergunta. Ficou em silêncio, tomou um gole de vinho...

— Quando eu faço perguntas objetivas, ele sempre responde com indefinições. Perguntei como estava sua vida amorosa, ele respondeu que terminara recentemente uma relação importante; perguntei como estava de dinheiro, ele respondeu que nos últimos dois anos economizara o suficiente para passar um bom tempo no Brasil verificando as possibilidades de trabalho...

— E o que tem isso?

— O que tem isso? São respostas tão genéricas quanto se ele tivesse respondido simplesmente “tudo bem” às duas perguntas. “Terminei uma relação”, não diz coisa nenhuma, falta um complemento. Terminou uma relação com o quê? Com uma mulher?... um homem?... uma cabra?... uma boneca inflável? E economizou dinheiro trabalhando em quê? Vendendo droga no Village? Se prostituindo? Como garçom numa cafeteria?

— Você acha que seu filho é gay? Traficante? Você acha que ele veio para o Brasil fugido da polícia? Fugido dos traficantes? Fugido do amante ciumento? Ou fugido do gerente da cafeteria cuja féria roubou?... Ou *todas as opções acima*? O que está te ameaçando?

— Não precisa exagerar...

— Onde está, para você, o exagero? No traficante, no ladrão ou no gay?

Irene tinha se levantado e andava em torno da mesa enquanto falava.

— Pare de dar voltas. Acabo ficando tonto.

— Você está tonto há muito tempo.

— Frase igualmente indefinida.

— Espinosa, querido, não se atormente, não seja tão cético. Com o seu ceticismo dá para fabricar uma dúzia de bons críticos. Se você ficar com a carga toda, corre o risco de sucumbir. Você sabe tão bem quanto eu que seu filho não é nem traficante nem ladrão nem prostituto nem gay. No momento Julio está preocupado apenas com a profissão, com o mercado de trabalho, com a escolha do país onde vai viver, questões como essas.

Espinosa ficou pensando, concentrado na tarefa de fazer uma bolinha com miolo de pão. Quando considerou que a bolinha estava perfeita, pegou a mão de Irene, beijou-a e disse:

— Ainda temos vinho e um bom sortimento de pão, queijo e frios. E nem precisamos pegar táxi, a cama está no quarto ao lado.

O dia seguinte seria o primeiro dia de trabalho após três meses de afastamento. Acordou excitado como um estudante no primeiro dia de aula. Apesar do vinho, a cabeça estava ótima. A mesa da sala, limpa dos farelos, da louça e das garrafas vazias da noite anterior, ainda apresentava um considerável legado de pães e queijos para o café da manhã daquela quarta-feira. Estava preparando o café quando Irene surgiu silenciosamente ao seu lado na cozinha, enrolada numa toalha de banho e de cabelo molhado. Eram oito horas quando os dois saíram do prédio e caminharam em direção ao ponto de táxi. Irene passaria em casa antes de ir para o trabalho e ele continuaria a pé até a 12ª DP, distante apenas quatro quadras.

A retomada das atividades se deu suavemente. Logo que chegou, Espinosa percorreu as dependências da delegacia, conversou com as novas estagiárias responsáveis pelo atendimento, deu atenção a cada policial que estava na delegacia e reafirmou a manutenção das reuniões diárias com a equipe de detetives, inspetores e delegados. Às dez horas foi avisado da chegada de Adriana Rosalbo. Foi recebê-la na porta do gabinete.

— Obrigado por ter vindo. Creio que a senhora entende a importância de sua queixa ser formalizada na delegacia para que possamos investigar o caso oficialmente e não mais extraoficialmente como eu vinha fazendo.

— Claro, delegado. Entendo perfeitamente.

— Há ainda o fato de o desaparecimento do seu marido ter se dado no trajeto entre o consultório e a residência, ambos situados dentro da jurisdição da 12ª DP, o que define o caso como sendo legitimamente de nossa alçada.

Espinosa chamou Welber ao gabinete e apresentou-o a Adriana Rosalbo.

— Este é o detetive Welber. A partir de hoje, todo problema ou dúvida que a senhora tiver, assim como toda informação que surgir, entre em contato com ele, caso eu não esteja disponível. — E, dirigindo-se ao detetive: — Faça o registro da ocorrência e colha os dados necessários assim que terminarmos aqui, por favor. — Minutos depois, Adriana e Welber foram para outra sala, onde foi registrada a queixa e foram colhidas as informações de praxe.

A consulta feita a pedido de Espinosa junto ao cartório de registro de imóveis não apontara nenhuma alteração no registro do apartamento do casal Rosalbo, que na verdade estava em nome de Adriana Rosalbo. Espinosa porém não tocou no assunto com ela. Quarenta minutos mais tarde ela deixava a delegacia sentindo-se um pouco mais amparada. Pelo menos fora a impressão deixada ao se despedir de Espinosa e de Welber.

Passados apenas dois dias, ao chegar à delegacia pela manhã, Espinosa encontrou um recado para telefonar com urgência para

Adriana Rosalbo.

A voz entrecortada e a respiração ofegante em nada combinavam com a imagem deixada por ela ao sair da delegacia na quarta-feira. Cada frase era atropelada pela seguinte antes que algum sentido fosse apreendido pelo delegado.

— Por favor, dona Adriana, pare de falar, respire fundo três vezes e me conte sem se apressar o que aconteceu.

— Não aconteceu nada... e aconteceu...

— O que foi que aconteceu? Conte desde o começo.

— Eu estava dormindo... acordei... estava escuro. Nenhum barulho me acordou. Acordei por mim mesma. Liguei o abajur e o relógio marcava quinze para as seis. Isso está acontecendo quase todo dia desde que fiquei sozinha. Eu disse para mim mesma que ainda estava escuro... o jornal certamente ainda não tinha sido entregue... a rua devia estar vazia. De nada adiantava eu sair da cama, preparar o café, para depois ficar sentada na copa olhando a área interna do prédio. Então eu apaguei a luz do abajur, virei de lado e tapei a cabeça com o travesseiro para dormir. Fiquei assim durante um tempo, pouco tempo, uns cinco minutos, talvez, depois ouvi um ruído igual ao que Marcos fazia ao acordar. Senti perfeitamente ele sentando na beira da cama com os cotovelos apoiados nos joelhos e a cabeça apoiada nas mãos. Claro que ele não estava ali. Não podia estar. O fato é que eu não tive coragem de levantar o travesseiro e olhar. Continuei deitada, fingindo que estava dormindo, e não ouvi mais nenhum ruído, nem mesmo o do pé arrastando no chão à procura do chinelo que achei ter ouvido segundos antes. Apertei mais ainda o travesseiro contra o ouvido e continuei imóvel. Quando pensei que tinha acabado, ouvi barulho de água no banheiro. Fiquei apavorada e tive vontade de me levantar e sair correndo porta afora, mas no mesmo instante achei que o barulho de água podia ser do apartamento de cima. Continuei deitada mais alguns minutos... E ouvi como se a porta da frente tivesse sido fechada. Esperei até ter certeza de estar inteiramente desperta. Me levantei sem acender a luz, fui pé ante pé até a sala e

vi a pequena tranca com a corrente dependurada fora do trinco. Fiquei paralisada. Não me lembrava se na véspera tinha ou não prendido a corrente. Fazia pouco tempo que eu tinha mandado instalar e ainda não me habituara a usá-la. Não queria verificar se no escritório havia sinais da presença de alguém. Atravessei correndo a sala e a cozinha até a área, para ver se a porta de serviço estava trancada. Voltei para a sala e abri as cortinas para iluminar o ambiente. Em seguida verifiquei o escritório. Tudo parecia no lugar, eu estava uma pilha de nervos, minhas pernas tremiam. Queria chorar, e não conseguia. Foi quando telefonei para a delegacia perguntando por você. Nem sei que horas eram.

— O detetive Welber vai passar aí daqui a pouco. Conte para ele o que aconteceu.

— Você não pode vir?

— Não agora. Confie em Welber. Depois voltamos a nos falar.

Espinosa passou algumas instruções a Welber e em menos de meia hora ele tocava a campainha do apartamento no Leme.

Conforme relatou mais tarde para o delegado, Welber não teve dificuldade de se entender com Adriana Rosalbo, que contou de novo toda a experiência pela qual passara de manhã cedo e mostrou o trajeto feito no apartamento. O detalhe que chamou a atenção do detetive foi o fato de que o boxe do banheiro estava molhado, embora ela tivesse dito que ainda não tomara banho naquela manhã. Welber conversou com o porteiro e com o garagista. Falou também com a moradora do apartamento correspondente ao de Adriana no andar de cima. Segundo a moradora, ninguém fizera uso do banheiro antes das oito da manhã.

Geralmente aos sábados Espinosa acordava com Irene deitada ao seu lado, no entanto Irene estava em São Paulo desde quinta-feira. Julio, que também fora para São Paulo, ainda não voltara. Espinosa iniciou os preparativos para um café da manhã solitário, o que não o desagradava. Aquele era o momento do dia em que apreciava estar só. No entanto, especialmente nas manhãs de sábado, sentia falta de Irene. Não sentia falta de Irene assim que acordava; sentia sua falta num período mais amplo que incluía o jantar de sexta-feira, dormir com ela e acordar no sábado para o café da manhã juntos. Os três momentos formavam uma unidade, e naquele fim de semana nenhuma das partes dessa unidade havia acontecido.

O tempo estava bom e a temperatura agradável. Enquanto tomava o café da manhã especial — que incluía uma quantidade extra de pão, queijo, presunto e geleia, bem como o reforço de tempo necessário à leitura de dois jornais do Rio e dois de São Paulo —, programava o percurso da caminhada que decidira fazer. Antes de sair, porém, telefonaria para Cecília. Fazia uma semana que não se viam nem se telefonavam. Quando terminou a leitura dos jornais, já passava de dez e meia. Tarde para ele, cedo talvez em se tratando de uma moça de vinte e três anos num sábado de manhã. Esperou mais meia hora. Às onze horas em ponto ligou. Atendeu uma voz que ele não estava certo que fosse a dela.

— Cecília?

— Espinosa, você se esqueceu de mim!

— Tanto não esqueci que estou ligando. Como passou esta semana? Algum telefonema estranho para sua casa?

— Além deste seu?

— Liguei muito cedo?

— Estou brincando com você. Não, nenhum telefonema estranho. Também não percebi nada de estranho na rua nem no metrô.

— Ótimo. Eu disse que a coisa não era com você. Não havia por que ficar preocupada.

— Mas eu fiquei. E você também ficou, do contrário não estaria me telefonando agora. Alguma notícia do doutor Marcos?

— Nenhuma, até agora.

— E sobre o advogado, descobriram alguma coisa?

— Também não.

— O primeiro foi vaporizado, o segundo foi silenciado — disse Cecília.

— Curioso, da primeira vez você usou o termo evaporar, agora vaporizar. Não significam exatamente a mesma coisa. E também em relação à morte do advogado, você usou o termo silenciado, como se não fosse ele o causador da própria morte.

— Usei o termo evaporado e vaporizado para o doutor Marcos pelo fato de ele ser uma pessoa muito leve, quase irreal. O advogado... Não sei como ele é, acho que usei o silenciado para ficar tudo no particípio passado.

— Está bem. Agora combina com a estudante de letras.

— Por que você está dizendo isso pra mim? Você hoje está diferente.

— É porque hoje é sábado...

— Este papo está cada vez mais esquisito.

— Vamos almoçar um dia desses para desfazer a impressão de esquisito. Pode ser segunda ou terça, o que for melhor para você. Tem uma trattoria muito simpática aqui perto.

— Segunda-feira está ótimo. Só não pode ser num sábado. Você fica muito estranho nesse dia.

— Então está combinado. Espero você segunda-feira ao meio-dia. Anote o endereço do restaurante.

Vestiu bermuda, camiseta, chapéu de pano e tênis e saiu para uma caminhada pelo calçadão da avenida Atlântica, começando na altura da rua Figueiredo Magalhães. A ideia era tomar à esquerda até a pedra do Leme, fazer meia-volta e caminhar toda a extensão da praia de Copacabana até o posto seis, para então voltar ao ponto de partida na esquina da rua Figueiredo Magalhães. Aproximadamente seis quilômetros, no total. Era a primeira caminhada desse porte que empreenderia desde que retomara os exercícios. Fazia anos que não ia à praia para tomar banho de mar; ia para caminhar pelo calçadão da orla. Quando estava com Irene, caminhava pela praia de Ipanema, bairro onde ela morava; quando sozinho, preferia Copacabana. E naquela manhã de sábado estava sozinho.

Partindo do bairro Peixoto, desceu a rua Figueiredo Magalhães até a avenida Atlântica, atravessou as duas pistas para pegar a calçada junto à praia e dobrou à esquerda em direção ao Leme. Manteve um ritmo regular de passadas, nem lento nem acelerado, combinando com o ritmo cardíaco, e deixando o pensamento fluir solto até que se deteve em Cecília, sem dúvida atraído pelo telefonema daquela manhã. Havia nela alguma coisa, além da juventude e da inteligência, que o convocava a uma espécie de confronto. Ela era atraente, espontaneamente provocante, sensual, e encantadoramente simpática, no entanto tinha idade para ser sua filha. Aliás, era da mesma idade que seu filho. Nada disso porém eliminava o fato de que ela o provocava. Só não sabia o que nele ela provocava, se o corpo, a inteligência ou apenas a memória. Vinte e três anos. Continuou andando sem diminuir o ritmo para refletir sobre o significado daquela idade. Tal como ela, naquela idade ele estava terminando a faculdade, não pensava em se casar, e o futuro próximo era preenchido por imagens europeias, França principalmente. Contudo, menos de três anos depois estava prestando concurso para a polícia e casando-se. O que o atraía em Cecília eram os vinte e três anos. Idade em que para ele o futuro ainda era possível. Prosseguiu com a caminhada, não mais pensando em Cecília. Limitou-se a deixar que as imagens presentes ou

passadas tomassem inteiramente o campo da consciência. Daquele ponto até o momento em que entrou de volta no prédio do bairro Peixoto, não houve nenhum estado de consciência substantivo o suficiente para ser recordado. Alegrava-o, porém, o fato de o corpo ter suportado garbosamente os seis quilômetros de marcha.

A semana foi encerrada sem novidades. A única notícia de São Paulo foi um recado de Julio na secretária avisando que voltaria no domingo à noite ou na segunda de manhã. Nenhum telefonema de Irene. Escolheu um dentre os livros que estavam para ser lidos, e a todo momento largava o livro e retomava a leitura dos jornais. E assim, do livro aos jornais, dos jornais ao livro, do livro a outros livros, tudo entremeado de idas à janela e ocasionais telefonemas para encomendar refeições e lanches, o fim de semana chegou ao fim.

A manhã de segunda foi dedicada a contatos com as duas delegacias especializadas e com a 19ª DP da Tijuca. A resposta mais expressiva sobre o caso do dentista Marcos Rosalbo foi: “Delegado Espinosa, sobre esse não temos nem boato”. Com relação à morte de Reginaldo Bravo, estavam esperando o resultado dos exames de laboratório. Nas três delegacias, era quase unânime a opinião de que o dentista Marcos Rosalbo não fora sequestrado e de que o advogado Reginaldo Bravo se suicidara. Sobre um possível nexo entre os dois casos, estavam em dúvida. Espinosa mantinha a suposição de que o total desaparecimento do dentista e a morte do advogado apontavam para direções diferentes: o primeiro seria um caso de desaparecimento voluntário, talvez com mudança de identidade; o segundo um caso de assassinato, e não de suicídio. A hipótese aventada pela delegacia de homicídios, de que o dentista Marcos Rosalbo podia ter sido morto no “micro-ondas” — modalidade que não deixa restos empregada pelo tráfico, em que os poucos despojos misturados com a terra se fundem à borracha dos pneus, não restando nem cadáver nem restos mortais para exame de DNA —, era uma hipótese cômoda porque dava o caso por encerrado. Só que ela não solucionava o desaparecimento do dentista nem explicava por que traficantes o condenariam ao micro-

ondas. O que incomodava Espinosa era que essa hipótese, por mais fantasiosa que fosse, lembrava o termo “puf, evaporou” empregado por Cecília para descrever o sumiço do patrão. No entanto nenhuma das conjecturas aventadas podia ser considerada hipótese propriamente: faltava-lhes uma base concreta, indícios materiais ou denúncia. Tudo o que havia, tanto da parte das delegacias como da parte do próprio Espinosa — ou principalmente da parte dele —, era fruto da imaginação. E ele sabia disso. Assim que desligou, o telefone interno tocou.

— Delegado, é o perito Freire querendo falar com o senhor.

Freire querendo falar já era um acontecimento. Raras eram as vezes em que ele enunciava uma frase composta de sujeito, predicado e verbo: quase sempre dizia palavras isoladas, substantivos na maioria das vezes, deixando ao interlocutor a tarefa de acrescentar os verbos, advérbios, preposições etc. Adjetivos, nem pensar.

— Freire, obrigado por ligar. Encontrou alguma coisa no carro do advogado?

— Aliança, digitais, lixo.

— Você encontrou uma aliança no carro?

— Ouro.

— Aliança de ouro? Onde estava essa aliança, Freire?

— Debaixo do forro.

— Tem alguma gravação?

— Adriana.

— O quê?!

— Adriana.

— E as digitais?

— Muitas no carro.

— Freire, meu amigo, sei que você está no máximo volume de sua loquacidade, mas, por favor, seja mais generoso com as palavras. Você encontrou uma aliança de ouro com o nome Adriana

gravado na parte interna. Essa aliança foi encontrada debaixo do forro do piso do carro. E encontrou um monte de impressões digitais.

— Lixo — disse Freire.

— Você é o mudo mais genial que eu conheço. Logo mais à tarde passo aí para ver o que mais você garimpou e para falarmos sobre esses achados. Isto é, eu falo e você balança a cabeça para concordar ou discordar.

Chamou Welber e Ramiro para comunicar o achado de Freire.

— Isso aponta para uma carona que Reginaldo Bravo teria dado ao amigo Marcos Rosalbo. Uma carona provavelmente forçada. Segundo Freire, a aliança não cairia naturalmente onde caiu; ela cairia sobre a forração do piso e não entre a forração e o piso. Para estar onde estava, teria que ser enfiada deliberadamente por alguém.

— Se foi Reginaldo Bravo que sequestrou ou matou Marcos Rosalbo, precisou da ajuda de alguém. O dentista não se deixaria levar docilmente, sem desconfiar que estava sendo sequestrado. Esse alguém, passados alguns dias, matou Reginaldo para não deixar testemunha do crime — disse Ramiro. — Se descobirmos quem matou Reginaldo, podemos refazer a trilha.

— A menos que Reginaldo Bravo tenha realmente cometido suicídio — disse Welber.

— Muito bem. Procurem refazer os passos de Reginaldo Bravo desde o dia do desaparecimento do doutor Marcos Rosalbo até o dia de sua morte. Se ele não se suicidou, se foi assassinado, não teria tomado precauções quanto a agendas, computadores, diários etc. Comecem pelo apartamento dele, depois conversem com cada colega de escritório, porteiros, garagistas, procurem os restaurantes, os clubes esportivos, academias de ginástica, as locadoras de filmes... e sobretudo descubram quantas vezes ele se encontrou com o amigo dentista nesse período. Deixem os pais dele comigo.

Em seguida Espinosa comunicou aos encarregados da investigação nas delegacias especializadas e ao delegado Miguel da

19ª DP os achados de Freire. Cada um deles, separadamente, foi de opinião que se as provas encontradas fossem dadas como autênticas pela polícia técnica, a conclusão lógica seria que Reginaldo Bravo tinha sequestrado e assassinado Marcos Rosalbo. Todos achavam também que com a morte de Reginaldo nunca saberiam o fim que ele dera ao corpo. Achavam que o caso podia ser arquivado.

Welber e Ramiro ainda estavam na sala à espera da reação das três delegacias à notícia. Terminados os três telefonemas, Espinosa resumiu o resultado numa frase.

— Os três acham que o caso pode ser arquivado.

— E o senhor, o que acha?

— Acho a decisão precipitada. Realmente o achado de Freire é surpreendente. É como um resumo do que aconteceu ao doutor Marcos. Dá para ver Reginaldo Bravo, acompanhado de alguém também conhecido, convidando o dentista a entrar no carro; depois o dentista percebendo que estava sendo levado para um lugar não previsto; em seguida ficando claro que estava sendo sequestrado; finalmente, a ideia de deixar o braço pender ao lado do banco do carro e enfiar a aliança debaixo do forro. O que ele talvez não soubesse é que não se tratava apenas de um sequestro, e sim de sequestro seguido de morte. Eis para onde as provas apontam.

— O senhor acredita que foi assim que as coisas se passaram?

— Foi o que pensei assim que Freire me contou o que tinha encontrado. Mas depois de narrar a cena quatro vezes, uma para vocês e três para os outros delegados, comecei a achá-la excessivamente nítida, tal como a do suicídio de Reginaldo Bravo. Não que os achados sejam falsos. O que me intriga é o excesso. Uma aliança com o nome da mulher gravado... Acho demais. Não vou arquivar o caso. Mesmo porque não há assassinato sem cadáver.

Um pouco antes do meio-dia encaminhou-se para a Trattoria. Queria chegar antes de Cecília e garantir um lugar onde pudessem conversar. Cecília chegou pontualmente, vestindo seu jeans desbotado, camiseta preta com um grafismo japonês em branco, tênis e mochila. Cabelo ruivo natural, curto e cheio, pele clara e olhos cinza-azulados, corpo esguio, quadris estreitos e seios volumosos, movimentava-se com graça e tinha um sorriso cativante. Surpreendente que tivesse aceitado um emprego que a condenava a ficar o dia inteiro escondida numa sala com pouco mais de quatro metros quadrados sem janela. Espinosa levantou-se para recebê-la e foi retribuído com dois beijos. Ajudou-a com a mochila e sentaram-se ainda sem ter falado nada.

... Cabelo ruivo, pele clara, corpo esguio... Surpreendente que tivesse aceitado um emprego que a condenava a ficar escondida numa sala sem janela... Clarisse, eu acho... Não... Cristina. É que ela era muito clara... Era uma menina, muito mais nova que ele, não podia dar certo...

Espinosa foi tomado por uma incrível clarividência seguida de confusão mental. Não sabia como proceder. Queria sair dali imediatamente, ao mesmo tempo não queria abandonar Cecília sozinha no meio do restaurante.

Chamou seu Carlo, dono da trattoria e seu conhecido de muitos anos. Cecília percebeu que alguma coisa grave estava acontecendo com Espinosa. Sua expressão mudara bruscamente, em questão de segundos o sorriso simpático com que fora recebida dera lugar a um rosto crispado que mais parecia uma máscara.

— Seu Carlo, não estou passando bem, tenho que voltar à delegacia imediatamente. Cuide para que nada falte a minha amiga

Cecília e, por favor, guarde a nota que passo aqui mais tarde.

— Delegado, sua amiga é minha amiga, não se preocupe com ela.

— Cecília, desculpe, preciso deixar você. Depois nos falamos.

Levantou-se e saiu. Cecília ainda esboçou o gesto de se levantar, mas seu Carlo convidou-a gentilmente a se sentar e enumerou as especialidades do dia.

Espinosa não podia ou não queria acreditar no que estava acontecendo. Saiu andando em direção à delegacia não porque tivesse se lembrado de algo importante e inadiável a fazer, e sim porque precisava pensar. O sentimento dominante era o de estranheza, como se as pessoas e os objetos do mundo tivessem sofrido uma mutação deformadora.

Trancou-se no seu gabinete e pediu para não ser interrompido.

Tinha sido enganado por uma menina de vinte e três anos. Mais do que enganado, tinha sido traído por essa menina. Não era o fato de ser enganado que o atormentava, não era a mentira que lhe doía, era o afeto que investira nela e que agora via desabitar a imagem de Cecília como um balão de aniversário que se esvazia. Como não tinha percebido logo na primeira conversa com os pais de Reginaldo Bravo que a menina branca, magra, ruiva, muito mais nova que ele, chamada por engano de Clarisse, com quem ele vivera durante dois anos, era Cecília? Cegueira. Deixara o afeto se sobrepor à razão... Um delegado de polícia na condução de um caso de assassinato... Durante quase uma hora ficou trancado no gabinete, ruminando a experiência e avaliando o alcance das conclusões a que chegara. Quando abriu novamente a porta, Cecília estava sentada na sala de espera. Espinosa fez sinal para que ela entrasse.

Não houve beijinhos nem preâmbulos. Assim que se sentaram e a porta do gabinete foi mais uma vez fechada, Espinosa perguntou:

— Por que você mentiu para mim quando perguntei se você conhecia Reginaldo Bravo?

Cecília ficou em silêncio durante algum tempo, como que avaliando a extensão da pergunta e as consequências possíveis.

— Porque fiquei com medo.

— Medo de quê?

— Medo, porra. Você é delegado de polícia... Reginaldo tinha acabado de morrer... Doutor Marcos tinha desaparecido... O que você esperava que eu dissesse? "Sim. Conheço Reginaldo Bravo. Aliás, vivemos juntos durante mais de dois anos, e nesses dois anos ele falou em suicídio vinte vezes." Mesmo depois de você ter dito que não acreditava tratar-se de suicídio?

— O que mais você inventou além da farsa de procurar a ficha de Reginaldo no arquivo do doutor Marcos? Mentiu também a idade?

— Não. Isso não. Tenho vinte e três anos. Tinha quinze quando conheci Reginaldo, achei o máximo namorar um advogado.

— O que mais?

— O que mais o quê?

— O que mais você mentiu?

— Mais nada, porra!

— Você fala porra demais.

— Qual é? Lição de moral e bons modos? Foi para isso que me convidou a entrar?

— Não. Foi para saber até que ponto você está metida num assassinato... ou talvez em dois...

— Assassinato? Que história é essa de assassinato? — perguntou Cecília visivelmente assustada.

— Minha vez de fazer perguntas. E então?

— Então o quê?

— Tem mais mentira? — perguntou Espinosa.

— Não tenho tanta capacidade de mentir quanto você imagina.

— Para mentir, basta saber falar. Além do mais, não estou interessado em todas as mentiras que você já contou, estou

interessado apenas naquelas que dizem respeito a Reginaldo Bravo, Marcos Rosalbo e Adriana Rosalbo.

— Por que você acha que estou mentindo em relação a eles?

— Porque descobri a primeira mentira. Desconfio que não seja a última. E agora não quero pisar em uma mina a cada passo que der junto com você. Se a delegacia de homicídios ou a antissequestro acharem que há alguma ligação entre você e a morte do advogado ou o desaparecimento do dentista, sua vida vai se transformar num verdadeiro inferno. Responda a minha pergunta: Tem alguma coisa que diga respeito a Reginaldo Bravo, Marcos Rosalbo ou Adriana Rosalbo que você ainda não me contou?

— ...Tem — disse Cecília, visivelmente assustada.

— O quê?

— Foi uma coisa que Reginaldo me contou.

— Então vocês continuaram a se encontrar.

— Não. Eu nunca mais tinha estado com ele, mas ele sabia que eu estava trabalhando com doutor Marcos... Foi ele quem indicou meu nome quando soube que doutor Marcos estava precisando de uma secretária.

— E aí?

— Há pouco tempo ele me telefonou dizendo que precisava falar comigo. Eu respondi que não queria... Que fazia muito tempo que tínhamos terminado e que eu não queria mais falar sobre o assunto. Ele então disse que não era nada disso, que queria falar sobre o doutor Marcos. Tinha tomado conhecimento de uma coisa séria e queria saber se eu estava a par. Marcamos um encontro e ele me contou uma história que eu achei muito estranha. Posso te contar como ele me contou, é claro que não vou me lembrar das mesmas palavras que ele usou.

— Conte.

— Ele disse que dona Adriana tinha telefonado para ele pedindo ajuda porque estava se sentindo ameaçada.

— Quando isso? — perguntou Espinosa. — Depois que o doutor Marcos desapareceu?

— Antes. Até porque era dele que ela estava se queixando. Reginaldo contou que, segundo ela, doutor Marcos era um louco, um maníaco que a mantinha presa o tempo todo numa trama de exigências malucas. Ele obrigava a mulher a deixar por escrito o roteiro de suas atividades do dia: os lugares aonde iria, a roupa que iria usar, o tipo e até mesmo a cor das peças íntimas... Ela precisava manter o celular permanentemente ligado, anotar o número do táxi que pegasse, o nome das pessoas com quem se encontrasse... Se fosse fazer compras, tinha de especificar as lojas e guardar os recibos. O mesmo valia para dentro de casa: tinha de fazer um relatório especificando a hora do banho, das refeições, os telefonemas etc. Não podia errar nenhuma dessas coisas, e eram muitas, sendo que cada vez que ela errava, era punida. A punição podia ser, por exemplo, ficar trancada em casa com o telefone desligado e sem celular. Ela contou para Reginaldo que se aquilo continuasse ia acabar ficando louca, que já não aguentava mais. Disse que recentemente o marido tinha passado a ameaçá-la de morte caso tentasse fugir ou se separar. Foi quando ela telefonou para Reginaldo pedindo ajuda. Ela achou menos perigoso falar com ele do que falar com a polícia. Só queria saber como fazer para se proteger das ameaças do marido. Reginaldo disse que sem provas e sem testemunhas seria a palavra dela contra a do marido, a polícia não podia fazer nada, sobretudo em se tratando de um dentista conhecido e respeitado. Ela insistiu, disse que a loucura do marido e as exigências que fazia estavam num crescendo insuportável, e que dentro de pouco tempo ele acabaria por matá-la. Reginaldo resolveu, então, falar com o próprio Marcos Rosalbo. Marcou um encontro com ele no consultório depois de terminados os atendimentos do dia e expôs o quadro narrado por Adriana. Reginaldo disse que doutor Marcos ouviu tudo sem interrompê-lo nem uma vez. Quando Reginaldo acabou, doutor Marcos disse que lamentava que aquilo tivesse acontecido, mas que a situação era exatamente oposta à contada por ela. Disse que a esposa, Adriana,

é que era louca. Psicótica. Segundo o diagnóstico feito por um médico amigo dele, tratava-se de um caso de paranoia. Contou que era ameaçado diariamente de agressão e até de morte, embora não acreditasse que ela pudesse chegar a atacá-lo. Foi então que Reginaldo me procurou para saber se eu tinha conhecimento de algum desses fatos, de um lado ou de outro. Perguntou se algum dia doutor Marcos havia comentado alguma coisa comigo. Eu disse que não, que ele nunca tinha feito nenhum comentário sobre sua vida particular. Ele então ficou sem saber o que fazer. Procurar a polícia? Para dar queixa de quem contra quem? Passado algum tempo doutor Marcos desapareceu. Fiquei atordoada. Tudo me assustava. Também eu não sabia o que fazer.

— Por que você não me contou isso antes?

— Por medo. Já disse. Logo depois do desaparecimento do doutor Marcos, Reginaldo morreu. Você mesmo disse que não acreditava que fosse suicídio.

— Você tinha que ter me contado.

— Espinosa, eu cresci no bairro da Glória ouvindo dizer que polícia não presta, que policial é corrupto, que é mais seguro pedir proteção aos bandidos do que à polícia, que eu jamais devia confiar em policial nenhum...

— Tem mais alguma coisa que diga respeito ao doutor Marcos e ao doutor Reginaldo e que você não tenha me contado?

— Não sei se é importante e também não me lembro muito bem.

— O que foi?

— Foi quando eu morava com ele. Uma vez perguntei como um advogado recém-formado tinha comprado um carro que na época devia ter custado caro e alugado um apartamento como aquele. Ele me respondeu que tinha uma sociedade com um dentista que lhe rendia um bom dinheiro.

— E alguma vez lhe falou sobre o que era a sociedade?

— Não, nem eu me interessei em perguntar. Eu era muito nova, não estava interessada em negócios. Mesmo mais tarde, quando ele

disse que tinha um amigo dentista que estava precisando de uma secretária, não liguei os dois fatos.

— E durante o tempo em que você trabalhou com doutor Marcos, ele fez alguma referência ao advogado Reginaldo?

— Nunca. Quando eu me apresentei como candidata ao emprego e disse ter sido indicada pelo doutor Reginaldo Bravo, doutor Marcos respondeu “hum hum” e nunca mais tocou no assunto.

— Mais alguma coisa?

— Não. Nada que eu me lembre.

— Adriana Rosalbo foi correta com você?

— Corretíssima, pagou tudo a que eu tinha direito, parece uma pessoa legal. Só estou sentindo falta é do computador, eu usava o do consultório. Agora, como estou com tempo livre, tenho chegado mais cedo na universidade e uso os computadores do departamento.

— Você está pensando em procurar outro emprego?

— Já estou procurando. Não posso ficar sem trabalhar. Mesmo morando com meus pais, não posso contar com a ajuda financeira deles. O salário dos dois, somados, é a conta certa para pagar as despesas da casa e a despesa pessoal deles. Claro que me ajudam quando a coisa aperta pro meu lado, e eu procuro evitar que isso aconteça. Não somos carentes, mas estamos longe de ser abastados. De modo que preciso trabalhar.

— Tenho ainda uma pergunta: doutor Marcos era viciado em droga ou tinha relação com traficantes?

— Que eu saiba, não. Nem nunca me ocorreu.

— Os telefonemas continuaram depois que você saiu do emprego? Para sua casa ou para o celular?

— Não. Nunca mais ligaram.

* * *

Somente depois da saída de Cecília, Espinosa viu dois recados sobre sua mesa, um de Irene dizendo que tinha chegado de São

Paulo e que telefonaria à noite, outro de Julio, também dizendo que tinha chegado de São Paulo e que se veriam à noite.

A retomada das funções na delegacia se realizara sem restrições tanto do ponto de vista médico como do ponto de vista administrativo. Era como se não tivesse havido interrupção. Ramiro, na condição de chefe da equipe de detetives, mantinha-o informado do andamento dos casos, e Welber continuava atuando como seu auxiliar direto. O desaparecimento de Marcos Rosalbo estava completando um mês; a morte de Reginaldo Bravo, duas semanas. Continuavam sem saber o que verdadeiramente acontecera com eles. A probabilidade de sequestro voltava à baila com as descobertas de Freire; quanto ao caso do advogado, a hipótese de suicídio continuava se contrapondo à de assassinato. O resultado dos últimos exames laboratoriais assinalara a presença do flunitrazepam, mais conhecido como Rohypnol, entre as substâncias ingeridas por Reginaldo Bravo. O Rohypnol tanto podia ter sido tomado por ele deliberadamente como podia ter sido misturado com uma bebida antes de o coquetel de barbitúricos ser ingerido. Espinosa considerava que, em se tratando de assassinato, ele teria tomado o Rohypnol misturado com uma bebida e, depois que tivesse dormido, o coquetel teria sido introduzido em seu estômago por meio de uma sonda nasogástrica. A sonda é facilmente adquirida em qualquer farmácia, e o procedimento é relativamente simples, ainda mais para um assassino frio. A dificuldade estava em encontrar um assassino frio entre os candidatos.

Quando chegou em casa à noite, Espinosa encontrou Julio sentado à mesa da sala trabalhando no *notebook*. O rapaz se levantou e abraçou o pai.

— Então, como foi em São Paulo? — perguntou Espinosa.

— Foi um susto. É maior do que Nova York.

— E quanto às possibilidades de trabalho?

— São mais numerosas do que aqui no Rio. Visitei vários escritórios de arquitetura e deixei meu currículo, sendo que tanto lá como aqui dizem que para eu exercer a profissão no Brasil tenho que estar registrado no Conselho de Engenharia e Arquitetura. Para isso, tenho que revalidar meu diploma. Não sei se isso vai me obrigar a cursar disciplinas específicas do currículo das universidades brasileiras.

— E como você vai fazer?

— Não sei. Tenho meu diploma de arquitetura por uma universidade americana, uma das melhores do país, não sei se teria disponibilidade interna para voltar à universidade. Seria como refazer uma tarefa já cumprida.

— Talvez seja menos complicado do que você imagina.

— Pode ser, mas acho que o processo de reconhecimento de diploma sempre implica alguma exigência desse tipo... É isso que me desanima.

— Todo profissional liberal que pretenda trabalhar no estrangeiro precisa revalidar seu diploma. Talvez a análise de currículo seja suficiente. Custa a acreditar que você tenha saído dos Estados Unidos para trabalhar no Brasil sem antes ter se informado sobre isso.

— Você acha que foi imprudência minha ter vindo?

— Não o fato de você ter vindo, e sim o fato de não ter considerado um ponto tão importante. Procure se informar sobre o assunto. Você conversou com Irene sobre isso? — perguntou Espinosa.

— E por que conversaria com ela?

— Porque vocês sempre conversam sobre arquitetura e profissionais da área.

— Realmente conversamos sobre arquitetura, mas esse problema específico surgiu a partir de quando deixei meu currículo em alguns escritórios, não chegamos a falar sobre ele. Amanhã vou procurar o crea para me informar.

Sem falar nada, Espinosa levantou-se da cadeira, encaminhou-se para a cozinha e examinou o que havia de congelados. Pegou dois deles ao acaso e depositou sobre a bancada da pia para descongelar um pouco antes de metê-los no micro-ondas, voltou à sala, pegou um dos livros que estavam na mesinha da fila de espera e sentou-se na cadeira de balanço. Não começou a ler. Não foi para ler que pegou o livro nem foi para ler que se sentou na cadeira de balanço. Não foi para nada. A cadeira estava voltada para sua estante de livros. Também não estava interessado em nenhum outro livro diferente daquele que mantinha no colo como um animalzinho adormecido e de cujo título não se lembrava. Tampouco estava com vontade de jantar. Puxou a cadeira de balanço para junto da janela francesa e ficou olhando a paisagem de luzes dos prédios e dos morros.

Somente na manhã seguinte decidiu telefonar para Irene, depois de ter cumprido a rotina burocrática matinal da delegacia. De algum recanto da consciência uma ideia não muito precisa sinalizava que aquela demora em responder ao recado que ela deixara na véspera tinha um sentido punitivo. Quando ligou, Irene já havia saído para o trabalho. Também não tinha falado com Julio antes de sair de casa. A porta do quarto estava fechada, não sabia se ele já saíra ou se

ainda dormia. Não havia sinal de ele ter tomado café da manhã, embora tivesse o hábito de tomar café na rua. Coisa de americano.

Quase na hora de sair para almoçar, recebeu um telefonema de Adriana Rosalbo. Foi um telefonema sem o nervosismo e sem o choro dos últimos que recebera. Em lugar da voz suplicante, o que ouviu foi uma fala delicada, porém decidida e reivindicadora.

— Delegado, desculpe incomodá-lo. Preciso falar pessoalmente com você. Pode ser aí na delegacia ou em qualquer outro lugar... Se possível, ainda hoje.

— Estou saindo para almoçar. Podemos conversar durante o almoço ou depois do almoço. Durante o almoço, seria no mesmo restaurante onde nos encontramos da primeira vez, no Leme. Depois do almoço, seria aqui na delegacia, onde também podemos conversar sem ser interrompidos.

— Às duas na delegacia está bom para mim — respondeu Adriana Rosalbo.

Antes, fazia questão de que não fosse na delegacia, agora preferia que fosse. Era uma mudança, sem dúvida, pensou Espinosa. Optou por comer um bom sanduíche no bar em frente em vez de ir a um restaurante.

Adriana Rosalbo chegou às duas em ponto e foi encaminhada ao gabinete do delegado. Espinosa recebeu-a na porta e deu ordens para que ninguém interrompesse.

— Antes de mais nada, gostaria de dizer que o detetive Weber...

— Welber — corrigiu Espinosa.

— ...Welber, desculpe, foi extremamente gentil e eficiente. Obrigado por tê-lo enviado.

— Não precisa agradecer, fico feliz por a senhora ter ficado satisfeita.

— Então, delegado, está completando um mês que meu marido desapareceu e ainda não temos nenhuma notícia, nem boa nem má. Os franceses dizem que *pas de nouvelle, bonne nouvelle*, mas não creio que essa máxima possa ser aplicada ao caso. A ausência de

notícias pode ser um péssimo sinal. Algo me diz que nunca mais vou ver meu marido... vivo ou morto... infelizmente.

— Desculpe, antes que a senhora continue, preciso comunicar um fato. Pedi à polícia técnica que fizesse uma nova perícia no carro de Reginaldo Bravo, e foi encontrada uma aliança de ouro com o nome Adriana gravado na parte interna. A aliança ainda está com a polícia técnica; assim que me for entregue, passarei para a senhora. Seu marido usa uma aliança de casamento com seu nome gravado?

— É a nossa aliança de casamento. Sim, ele usa. O que quer dizer isso?

— Quer dizer que seu marido teria andado no carro de Reginaldo Bravo como passageiro, e que teria deixado a aliança debaixo do forro do piso para ser encontrada posteriormente e servir de prova que ele tinha sido conduzido naquele carro.

— E isso é uma prova de que foi sequestrado... e talvez morto?

— São apenas suposições. Não há nenhuma prova de que ele foi morto ou sequestrado.

— Isso não é uma prova?

— Não. É um *indício* de que ele foi levado contra a vontade naquele carro.

— Por que contra a vontade?

— Porque senão ele não teria enfiado a aliança debaixo do forro do piso do carro. Ela não cairia lá acidentalmente.

— Reginaldo sequestrou Marcos?

— A aliança sugere que seu marido foi conduzido no carro de Reginaldo. Mas eu não acho suficiente para concluir daí que seu marido foi sequestrado e sobretudo morto.

— Por que o senhor pensa assim?

— Pelo mesmo motivo que não acredito que Reginaldo Bravo tenha cometido suicídio.

Adriana ficou olhando para Espinosa à espera da conclusão.

— Indícios exageradamente óbvios. Tal como no suicídio do doutor Reginaldo.

— Delegado Espinosa, o senhor não está menosprezando ou minimizando o que poderia ser considerado uma prova do sequestro do meu marido?

— Não. Para mim, nenhum dos dois indícios prova que seu marido foi sequestrado ou morto.

— Por quê?

— Porque o suposto sequestrador está morto e não pode confessar o sequestro e, no caso de ter assassinado seu marido, não pode dizer onde escondeu o corpo. Para que haja assassinato, é preciso haver um cadáver. Enquanto não houver pedido de resgate ou enquanto o corpo não for encontrado, doutor Marcos será considerado desaparecido. E não é para atenuar o impacto dos indícios encontrados, mas continuo pensando em desaparecimento voluntário, e é a partir desse ponto de vista que vou continuar investigando.

— A confiança que o senhor tem nesse ponto de vista me tranquiliza um pouco, embora eu continue a achar que a hipótese não é plausível. Quem desaparece voluntariamente está fugindo de alguma coisa ou indo para alguma coisa. As possibilidades não são plausíveis. Marcos não é uma pessoa impulsiva. Se alguma coisa o estava desagradando, ele não precisava fugir, bastava se afastar; e caso alguma coisa o estivesse atraindo muito, bastava se aproximar dessa coisa, não precisava fugir. Ele não é um delinquente perseguido pela polícia nem um despossuído prestes a desencavar um tesouro. Não é um homem que precise agir na ilegalidade.

— Nem todo aquele que desaparece voluntariamente faz isso por ter problemas com a lei: o contrário é mais frequente. Há inúmeros casos de pacatos pais de família que desaparecem sem deixar vestígios e que são encontrados décadas depois em outra cidade e outro estado tendo constituído uma família idêntica à anterior, sem se dar conta de que estruturalmente nada havia mudado em suas vidas.

— Mas...

— Não estou querendo dizer que seja esse o caso, mesmo porque, no caso dele, não há uma família propriamente dita: há apenas a mulher... de quem, se me permite dizer, é difícil imaginar que algum homem queira fugir.

— Obrigado pelo elogio, delegado, mas aquilo que atrai intensamente pode, pelo mesmo motivo, afastar. Por mais conhecida que seja uma pessoa, ela é imprevisível. Até para ela mesma. No caso de Marcos há um complicador: ele é ou foi uma pessoa muito fechada. Não que seja ranzinza, mal-humorado ou desagradável com os outros; ao contrário, sempre foi afável e de contato suave, mas tem uma característica que o torna quase inacessível: não fala. Às vezes passa um dia inteiro sem falar. A impressão que dá é de que tem um interlocutor interiorizado com quem mantém uma conversa extensa e intensa. Essa fala interior lhe basta, ele prescinde do outro exterior, e essa interioridade é impenetrável. Pode parecer estranho dizer isso, porém a impressão que Marcos passa para os outros é a de um introvertido alegre. Daí eu não ver razão na hipótese de um desaparecimento voluntário. Ele não precisa fugir.

Enquanto ouvia Adriana Rosalbo, Espinosa pensava se aquele era o modo de pensar e falar de uma mulher que levava uma vida pobre social e culturalmente, casada com um dentista competente, mas sem nenhum interesse fora da profissão, e cuja atividade fora de casa consistia em frequentar diariamente a academia de ginástica distante poucas quadras de onde morava. Claro que boas leituras poderiam ter lapidado uma inteligência que já existia em estado bruto, embora ele considerasse que o tempo era pouco para um resultado tão notável. Aquela mulher era ela própria um enigma.

— Na primeira conversa que tivemos, a senhora disse que seu marido tinha crises de ciúme, que controlava tudo o que a senhora fazia e que chegava ao ponto de ameaçá-la de morte... A senhora procurou ajuda quando a coisa chegou nesse ponto?

— Não achei necessário. Tinha certeza de que era uma coisa passageira. Marcos nunca foi um homem violento.

- E como a senhora reagia a essas crises de ciúme?
- Procurava evitar situações que pudessem dar margem a interpretações ambíguas.
- A senhora nunca sentiu ciúmes dele?
- Ciúmes bobos, passageiros, nada de sério.
- E como ele reagia aos seus ciúmes?
- Parecia não se importar.
- E quanto ao controle exagerado que ele tentava impor ao seu cotidiano?
- Na maioria das vezes eu atendia às exigências dele.
- Nunca reagiu violentamente a nenhuma dessas exigências?
- Nunca.
- Nem tentou impor a ele exigências do mesmo tipo?
- Nunca. Seria transformar nossa relação num inferno.
- E essas exigências que ele fazia nunca foram vividas pela senhora como um inferno?
- Nunca chegou a esse ponto.
- Na sua opinião, o desaparecimento dele nada teria a ver com essa situação?
- Tenho certeza de que não. Seria dar muita importância a uma crise de ciúme passageira.
- De qualquer forma, continuo apostando no desaparecimento voluntário. As circunstâncias do desaparecimento falam a favor dessa hipótese — observou Espinosa.
- Vamos torcer para o senhor estar certo.
- E quanto à morte do advogado Reginaldo Bravo, a senhora acha que poderia ter alguma ligação com o desaparecimento do seu marido?
- É claro que o senhor deve ter levantado todas as hipóteses possíveis no sentido de estabelecer um nexos entre os dois acontecimentos. No entanto, apesar da proximidade entre eles e do

fato de Marcos e Reginaldo serem clientes um do outro, não consigo ver nenhuma conexão entre o desaparecimento de Marcos e a morte de Reginaldo. É uma dupla ou tripla coincidência, nada mais do que isso.

— Por que *tripla* coincidência?

— Porque elas são três: a proximidade temporal, a ligação profissional e o fato de os dois estarem interessados na mesma mulher, sendo que essa terceira coincidência pode ser posta de lado: nos tempos atuais os homens não duelam pelo amor de uma mulher. Pelo menos não como antigamente.

— Me impressiona o distanciamento com que a senhora consegue abordar uma questão tão difícil.

— Delegado Espinosa, se eu não conseguir esse distanciamento, como o senhor acha que vou sobreviver? Não tenho filhos, não tenho parentes, e os poucos amigos que tinha desapareceram. Nada ameaça mais os outros casais do que uma mulher jovem, bonita, sozinha e desamparada. Não tenho a quem recorrer.

— Além de continuar investigando o desaparecimento do seu marido, há pouca coisa que eu possa fazer para ajudá-la.

— Uma forma de o senhor me ajudar é dando sua opinião sincera sobre a possibilidade de Marcos ser encontrado.

— Acredito que ele será encontrado.

— Vivo ou morto?

— Vivo. Se alguém o matou e o corpo não apareceu até hoje, é pouco provável que apareça algum dia.

— E enquanto ele não for encontrado, o caso permanecerá em aberto?

— É o procedimento.

— E esse procedimento inclui a possibilidade de eu mesma ser investigada?

— Inclui.

— Pode me dizer se ainda há alguma escuta eletrônica no meu apartamento?

— Acredito que tenha sido retirada, já que o objetivo da escuta era interceptar pedidos de resgate.

— Por que durante esta conversa o senhor me tratou o tempo todo de senhora, quando já nos tratávamos por você?

— Porque quando lhe ofereci duas possibilidades de lugares para conversarmos, um restaurante à beira-mar e a delegacia, a senhora escolheu a delegacia. Aqui eu sou o delegado titular e trato todos os que me procuram por senhor e senhora.

O encontro com Julio à noite foi sem a aspereza do anterior. Aspereza que Espinosa sabia ser devida a ele próprio, *gauche* no lugar de pai.

— Então, conseguiu alguma informação sobre a possibilidade de exercer a profissão no Brasil? — perguntou ao filho.

— Consegui todas as informações necessárias. Nenhum grande problema. Tenho que revalidar meu diploma, o que não é complicado, dependendo da universidade de origem, e a minha é *top of the rank* em arquitetura nos Estados Unidos. Uma vez revalidado o diploma, faço meu registro no crea.

— Quer dizer que este não será o maior problema?

— Não há *maior problema*, pai, há pequenos problemas, nenhum insuperável.

— Isso significa que você vai ficar definitivamente no Brasil?

— Definitivamente, não sei. Podem surgir boas oportunidades em outros países. Até mesmo nos Estados Unidos. Uma coisa é o meu exercício profissional, outra é a minha cidadania, e outra ainda é a direção do meu afeto. Pessoalmente, meu único vínculo afetivo com o Brasil é você. Não tenho amigos aqui, não tenho parentes, não conheço ninguém, a única coisa que tenho é uma espécie de mito de origem. Nos Estados Unidos, tenho minha mãe, meu padrasto, meus amigos de infância, meus amigos e colegas de universidade, além da vivência da cultura americana. Às vezes me surpreendo de

estar falando português o tempo todo. A máxima “minha língua, minha pátria” faz de mim um bipátrida, um ser que não existe no dicionário.

Espinosa pensou na sua própria condição e na sensação permanente de se sentir um estrangeiro no mundo. Tinha dez anos de idade quando os pais decidiram se mudar do bairro de Fátima, onde ele nascera e passara parte da infância, para aquele apartamento no bairro Peixoto. Passou-se quase uma década até ele vir a saber que os dois bairros, que na verdade consistiam em uma ou duas ruas dando numa praça, eram mais propriamente enclaves dentro de bairros — o bairro de Fátima no Centro e o bairro Peixoto em Copacabana — do que bairros propriamente ditos, e também que esses dois minibairros haviam sido fundados por portugueses foragidos da ditadura salazarista. Não tinha completado onze anos quando os pais morreram num desastre de carro, e sua avó paterna, única parente viva, fechou o apartamento onde ainda morava, no bairro de Fátima, e foi morar com o neto no bairro Peixoto. O convívio com a avó tradutora transformou-se também num convívio com os livros e a leitura. Aos dezenove anos, já cursando o segundo ano da faculdade de direito, a avó considerou que ele podia morar sozinho e cuidar da própria vida. Foi o que ele fez nos seis anos seguintes, sendo que aos vinte e cinco casou-se. Dois anos depois, nasceu Julio. Passados mais três anos, separaram-se e a mulher foi morar em Washington levando o filho de três anos. Espinosa tinha trinta anos de idade. Não se considerava um eremita, muito menos um misógino, mas o fato é que desde então nunca mais dividira o apartamento com ninguém. Mesmo Irene, com quem mantinha uma relação amorosa de dez anos, não morava com ele. Agora, a presença cotidiana de Julio o fazia passar pela experiência de ter o olhar confrontado pelo olhar do outro. A verdade porém é que não sabia ser pai. Faltara a experiência continuada que é a única que habilita os pretendentes a pais. Ele nem sequer era pai de fim de semana ou pai quinzenal, era pai de férias anuais. Dos doze meses do ano, ficava apenas um com o filho. Quando ficava. Com exceção dos três primeiros anos, nos vinte restantes só via o filho nas férias

de verão do hemisfério norte, ou seja, no inverno do hemisfério sul. Surgira entre eles uma sintonia cujo ajuste era anual, e não diário; perdeu-se ou nunca chegou a se constituir a sintonia fina de que é feita a intimidade. Eram dois estranhos que se queriam bem, e que não sabiam como praticar esse querer bem.

Ao marcar um novo encontro com os pais de Reginaldo Bravo, Espinosa salientou que queria apenas esclarecer umas pequenas dúvidas. E mais uma vez tocou a campainha do apartamento dos dois, na Tijuca, zona norte do Rio.

— Obrigado por me receberem mais uma vez tão prontamente.

— O senhor será sempre bem-vindo, delegado. Sabemos que está trabalhando para retirar a mancha que ficou na mortalha do nosso filho — falou a senhora Bravo.

Ocuparam os mesmos lugares da outra vez: a senhora Bravo apumada na cadeira de espaldar reto, o marido meio curvado e de cabeça baixa, sentado na cadeira ao lado, ambos de frente para Espinosa.

— Na primeira e única conversa que tivemos, eu fiz uma pergunta sobre a mulher que foi casada com o filho de vocês. A senhora se lembra da pergunta que fiz, e da resposta que a senhora deu?

— Certamente. O senhor perguntou qual era o nome dela. Eu me confundi e disse que era Clarisse, em vez de Cristina.

— A senhora disse ainda o motivo da confusão de nomes.

— É verdade. Eu troquei Cristina por Clarisse porque a moça era muito clara. Daí eu ter dito o nome Clarisse em vez de Cristina.

— A senhora, portanto, lembra-se bem dela.

— Não sei se me lembro bem. Lembro-me de alguns traços mais marcantes.

— Que ela era muito clara, por exemplo — disse Espinosa.

— Esse era um traço marcante — respondeu a senhora Bravo.

— Mais alguma característica referente à pele dela?

— Como assim? Se ela tinha alguma cicatriz visível?

— Tinha?

— Não. Mas tinha um pouco de sarda... No rosto... Não me lembro se também nos braços e pernas... Acho que era apenas no rosto.

— A senhora se lembra da cor do cabelo?

— As moças vivem pintando o cabelo até de azul e verde. Acho que o dela era vermelho ou laranja.

— A senhora fez também uma referência à idade dela.

— Ah, sim. Ela era muito mais nova que ele. Pelo menos dez anos mais nova. Nós achávamos até que era menor de idade.

— A senhora não tem mais dúvida sobre o nome dela?

A senhora Bravo consultou silenciosamente o marido, que confirmou com um aceno de cabeça.

— Era esse mesmo. Cristina.

— Como ela era de corpo?

— Muito magra, parecia uma menina... embora tivesse seios e fosse mais para alta... acho que da mesma altura que ele.

— O nome correto dela é Cecília — disse Espinosa. — É compreensível que os senhores tenham se esquecido; já se passou muito tempo.

— Não, delegado, não esquecemos. O nome é Cristina.

— E os senhores se lembram de um amigo de Reginaldo chamado Marcos?

— Claro. Foi amigo dele desde o tempo de colégio. Um bom menino — disse a senhora Bravo.

— Sabem se eles continuaram amigos depois de adultos?

— Acreditamos que sim, só que depois que Reginaldo saiu de casa perdemos o contato com os amigos dele.

Espinosa saiu convencido de que as respostas tinham sido verdadeiras quanto ao que eles sabiam. Nenhum dos dois parecia estar escondendo nada.

Embora houvesse alguma confusão quanto à idade, a senhora Bravo fizera a descrição quase perfeita de Cecília. No entanto, o nome não batia. Dificilmente eles se lembrariam de tantos detalhes e se esqueceriam do nome, mesmo depois de ele ter dito. Esse foi mais um ponto que continuou incomodando Espinosa. Se o casal estava certo, ou Cecília usava o nome Cristina quando vivia com Reginaldo, ou Cristina usava agora o nome Cecília. Ela própria confirmara que vivera com Reginaldo, mas ela quem? Quem era realmente aquela moça? Reginaldo e Cecília não tinham se casado, não adiantava procurar no cartório de registro civil. Talvez não tivessem oficializado o casamento exatamente porque ela era menor de idade. Ou talvez ela atualmente estivesse mentindo a idade.

A semana se encerrava quando um acontecimento na manhã de domingo introduziu mais uma variável no conjunto de fatos da semana. Quando saía para correr no calçadão da avenida Atlântica, Julio encontrou Alice saindo do apartamento ao lado, também vestida para ir à praia. A expressão de surpresa e admiração foi recíproca. Estacaram ambos, cada um em frente a sua porta ainda entreaberta, e falaram simultaneamente:

— Alice!

— Julio!

Ficaram indecisos durante meio segundo para em seguida se abraçarem.

— Alice, você está linda.

— Julio, há quanto tempo...

Esse foi o curto diálogo entreouvido por Espinosa antes de as portas se fecharem e Julio e Alice descerem as escadas. Espinosa não soube no que resultou o encontro, mas pôde imaginar o impacto causado por Alice. Para ele, pelo menos, Alice tinha sido um dos belos acontecimentos de sua vida, desde as conversas saltitantes da menina a caminho da escola até as dúvidas da adolescente quanto à

escolha da carreira. Julio, Alice e Cecília povoaram sua imaginação pelo resto do dia. Apesar de os personagens serem queridos, o final de tarde foi tomado pelo tédio. Como em todos os finais de tarde de domingo em todas as cidades do mundo.

O encontro acidental de Alice e Julio teve um desdobramento inesperado. Independentemente do que cada um pretendia fazer naquela manhã, o fato é que depois de descer as escadas e sair do prédio, os dois atravessaram a praça e foram caminhando até a praia de Copacabana, contando um para o outro o que haviam feito de suas vidas naqueles últimos anos. Andaram metade da praia de Copacabana até o posto seis, seguiram pela rua Francisco Otaviano, que liga a praia de Copacabana à praia do Arpoador, e prosseguiram pela praia de Ipanema até serem barrados pelo canal do Jardim de Alá, que separa os bairros de Ipanema e Leblon. Pararam num quiosque para tomar água de coco e descansar da caminhada. Estavam ambos com roupa de banho por baixo do short e da camiseta, que deixaram no quiosque para dar um mergulho no mar de Ipanema. Quando deixaram a praia, depois do pôr do sol, mal dava para perceber o recorte dos morros contra o céu, com a imponente silhueta da pedra da Gávea ao fundo.

Foi somente no final do dia, depois de uma tarde sem graça, que Espinosa ouviu Julio e Alice se despedindo, portas vizinhas, chegando da praia já noite escura. Esperou o filho tomar banho e sentar para comer alguma coisa.

— Então, meu filho, eu não disse que Alice tinha crescido?

— E como!

— Puseram em dia estes anos em que estiveram afastados um do outro?

— Afastados sempre estivemos, pai, só nos víamos durante as férias, quando não coincidia de ela viajar. Deu para ficarmos sabendo, em linhas gerais, o que aconteceu com o outro nestes últimos anos... E o que cada um pretende fazer daqui pra frente.

Manhã de segunda-feira. Espinosa pôs Welber e Ramiro a par da conversa que tivera com Cecília na sexta-feira, e do encontro tido na tarde do mesmo dia com os pais de Reginaldo Bravo.

Da conversa com Cecília, Espinosa revelou aos seus dois auxiliares a descoberta que fizera da relação de dois anos e meio que ela tivera com Reginaldo Bravo quando ela ainda era uma colegial de quinze anos e ele já era um advogado formado. Contou que ela própria se recusava a chamar aquela relação de "casamento", e que os moradores do prédio em que moravam pensavam que o advogado Reginaldo fosse pai dela, engano que ela nunca corrigira com medo de denunciarem à polícia que o morador do apartamento 401 mantinha relação marital com uma menor. Segundo ela, apesar da diferença de idade, era Reginaldo quem se comportava como um adolescente que acabara de descobrir o sexo. E havia ainda a presença constante da mãe dele ao telefone, perguntando quando eles iam colocar a relação sob a proteção do Senhor. Era a voracidade sexual do filho contra o delírio religioso da mãe. Cecília tinha certeza de que Reginaldo perdera a virgindade com ela e sem dúvida ganhara experiência e autoconfiança, enquanto ela não perdera a virgindade com ele, embora reconhecesse que afetivamente aqueles dois anos tinham sido muito importantes para ela. Até que tudo acabara. Sem ressentimentos e sem desamor. O fato era que, passados cinco anos, ela preferira empacotar aquele período vivido com Reginaldo numa história com começo, meio e fim. Embrulhar, amarrar fortemente o pacote e esperar o momento mais adequado para se desfazer do embrulho. Este é o seu objetivo mais imediato. "O outro", disse ela, "é recuperar sua confiança em mim e reconquistar sua amizade. Preciso de alguém a quem possa recorrer nos momentos mais

ameaçadores, e esse alguém é você. Claro que eu poderia recorrer ao meu pai, mas ele é tímido e com pouca força para enfrentar ameaças.”

O telefone interno tocou, avisando que havia um recado de Adriana Rosalbo: ela pedia que o delegado Espinosa ligasse para a casa dela. Espinosa apontou para Welber.

— Ligue para ela e diga que ainda não voltei do almoço e que você viu o recado em cima da minha mesa. Pode ligar daqui mesmo.

Welber utilizou um dos aparelhos do gabinete do delegado e fez a ligação de acordo com as instruções de Espinosa. Teve que dizer três vezes que depois do almoço o delegado Espinosa fora direto para uma reunião na Secretaria de Segurança... Que nessas ocasiões ele desligava o telefone celular... Que não era possível interromper uma reunião no gabinete do secretário de Segurança... Que se ela dissesse do que se tratava, ele poderia tentar fazer chegar um recado ao delegado.

— Diga ao seu delegado que eu acabo de receber uma ameaça de morte — gritou Adriana do outro lado da linha.

— Dentro de quinze minutos estarei na sua casa — disse Welber, brusco.

— Ela diz que recebeu um bilhete contendo uma ameaça de morte. Está com o bilhete e quer saber o que fazer. Vou até lá.

— Traga o bilhete.

O bilhete tinha sido escrito com caneta esferográfica preta, em letra de forma, em papel de carta, e estava num envelope padrão dos Correios: fora enfiado por baixo da porta do apartamento de Adriana Rosalbo. Welber tomou cuidado para preservar as impressões digitais no envelope e no bilhete.

O texto dizia apenas: “DOIS JÁ SE FORAM. VOCÊ TEM ATÉ O FINAL DA SEMANA PARA RECUPERAR O MATERIAL”.

— A que horas a senhora encontrou o envelope? — perguntou Welber.

— Quando cheguei em casa, no final da tarde, por volta das seis e meia.

— E a que horas a senhora tinha saído?

— Pouco depois do meio-dia. Não almocei em casa.

— A senhora estava sozinha quando encontrou o envelope?

— Estava. A que horas o delegado Espinosa volta?

— É difícil saber, depende da reunião.

— E essa reunião em que ele está, de que tipo é?

— É uma reunião com o secretário de Segurança.

— Hoje é terça-feira. Já estamos no final da tarde. Esse bilhete que está na sua mão contém uma clara ameaça de morte cuja data limite é sexta-feira, na pior das hipóteses, ou domingo, na melhor das hipóteses. Se for sexta-feira, temos apenas três dias. E quem está sendo ameaçada sou eu. Espero que a reunião com o secretário de Segurança termine antes disso.

O exame do bilhete e do envelope não revelara nenhuma impressão digital além das muitas de Adriana Rosalbo. Espinosa e Ramiro ouviam o relato feito por Welber depois de o bilhete ter passado pelo exame datiloscópico.

— Ela deve ter lido e relido, revirado e examinado o bilhete e o envelope inúmeras vezes. Mesmo que encontrássemos alguma outra impressão, ela estaria prejudicada pela superposição das impressões deixadas por ela — disse Espinosa. — O autor do bilhete usou luvas. Foi cuidadoso não só com o manuseio do bilhete como também com o português. Não é um bronco.

Admitindo a hipótese de o bilhete ser autêntico, concordavam que não se tratava de dinheiro de resgate. Mesmo porque a primeira frase do bilhete dava a entender que Marcos Rosalbo estava morto, tal como Reginaldo Bravo, embora o bilhete não contivesse nenhum nome.

— Para estar sendo exigida de Adriana a recuperação do material, é sinal que esse material, seja ele qual for, devia estar em poder do marido dela — disse Ramiro.

— Ou em poder dele e de Reginaldo Bravo — completou Espinosa. — O bilhete fala em “dois que já se foram”, e obviamente seu autor não está querendo dizer que eles “se foram” a passeio. Há ainda outra coisa: o bilhete dá a entender que Adriana sabe do que se trata. Se ela ignorasse a qual material o autor do bilhete estava se referindo, não haveria sentido em ele exigir dela que o recuperasse.

— Ou ele pode estar jogando verde. Não sabia se ela sabia, fez a ameaça e agora vai ficar na espera — disse Espinosa, contrapondo-se ao argumento que ele próprio havia construído.

— Ela afirma não fazer a menor ideia do que possa ser o tal “material”. E muito menos de quem possa ser o autor do bilhete — informou Welber.

— Há ainda a possibilidade de o material a ser recuperado não ser um objeto físico, e sim uma informação — continuou Espinosa. — E o que foi perdido, sabe-se lá por ação de quem, foram os discos rígidos dos computadores. É provável que eles tenham sido destruídos deliberadamente por alguém que temia o conteúdo de algum arquivo.

— É bem provável que seja isso — disse Ramiro.

— A questão é: como a pessoa sabia que a memória dos dois computadores tinha sido apagada? — completou Espinosa. — Acho que precisamos ter mais uma conversa com dona Adriana.

— Era tudo o que ela queria ontem à tarde — disse Welber. — Exigia a presença do delegado Espinosa.

Em lugar de atender de imediato ao apelo de Adriana Rosalbo, Espinosa preferiu enviar Ramiro e Welber para uma nova conversa com ela. Desta vez combinaram que Ramiro dirigiria a entrevista.

Foram recebidos por uma Adriana assustada e visivelmente decepcionada com a ausência do delegado.

— Hoje ele também tem reunião com o secretário de Segurança? — A pergunta era uma mistura de nervosismo e ironia.

— Não, hoje ele está ocupado com o canal — respondeu Ramiro.

— Canal?

— Está no dentista, fazendo tratamento de canal.

Como Ramiro respondera com seriedade à pergunta, Adriana se acalmou.

— Sei que a senhora se sente mais à vontade com o delegado, com quem já conversou outras vezes, mas posso lhe garantir que o delegado Espinosa não está em condições de dedicar-lhe a atenção a que senhora merece — continuou ele.

— Desculpe. O delegado Espinosa tem absoluta confiança em vocês dois, mas quando eu reclamo a presença dele é porque ele está a par de coisas ditas em outros encontros. Mas não tem importância, estou à disposição de vocês.

— Obrigado. Pela conversa que a senhora teve com o detetive Welber, ficou claro que a senhora não sabe a que se refere a frase “recuperar o material”.

— Não sei mesmo.

— No mês que precedeu o desaparecimento do seu marido não foi entregue em sua residência nenhuma encomenda endereçada a ele? Algo que fosse entregue como sendo material odontológico, por exemplo?

— Não. Certamente não. Esse tipo de encomenda é entregue no consultório.

— O autor do bilhete escreve como se tivesse certeza de que a senhora sabe a que material ele se refere.

— Acontece que eu não sei.

— Ele pode estar exigindo que a senhora recupere a memória do computador.

— Puta que pariu! — exclamou Adriana Rosalbo.

Ramiro e Welber olharam com espanto para a senhora Marcos Rosalbo.

— Desculpem — disse ela.

— Nenhum problema. Em certos momentos, não há nada melhor a dizer.

— É que eu não tinha pensado nisso.

— E o que a senhora acha?

— Acho que faz todo o sentido.

— Sabemos que o computador do consultório teve o disco rígido substituído — continuou o inspetor Ramiro —, e que o do *notebook* não foi trocado. É comum acontecer a perda completa da memória de um computador e ela vir a ser totalmente recuperada. Há

programas feitos especialmente para recuperar discos rígidos danificados. Há até firmas especializadas nisso. Pode ser que o bilhete se refira a isso. É possível que o arquivo em que a pessoa está interessada estivesse lá, à vista de todos, sem que ninguém percebesse.

— Podemos fazer o que quer o autor do bilhete. Tentar recuperar o material. Isto é, tentar recuperar o disco rígido do computador. O técnico não deve ter jogado fora o que foi substituído, e o *notebook* está aqui com a senhora. Podemos mandar para os técnicos da polícia.

Adriana Rosalbo concordou que levassem o *notebook*. Ramiro, porém, não tinha certeza se o pessoal técnico da polícia tinha os programas recuperadores de arquivos perdidos. Caso não tivessem, seriam obrigados a recorrer a particulares, o que não devia ser barato, e não sabia se a delegacia dispunha de verba para esse tipo de coisa. O passo seguinte era telefonar para Cecília e perguntar o endereço do técnico que trocara o disco rígido do computador do consultório. Os dois policiais saíram com o *notebook* debaixo do braço.

— O que será que os hospitais fazem com os corações lesados dos pacientes transplantados? — perguntou Ramiro a Welber, já na rua. — Será que jogam fora? Mandam para o conserto e depois revendem para países mais pobres? O paciente transplantado tem direito de guardar seu velho coração numa redoma como um estepe para usar em caso de necessidade?

Welber olhou para Ramiro, duvidando da sanidade mental do colega.

De volta à delegacia fizeram um relato do encontro para Espinosa, que ouviu sem fazer comentário. Terminado o relato, fez apenas uma observação.

— Autêntico ou não, esse bilhete contém uma ameaça de morte. O mínimo que podemos fazer até os computadores serem recuperados é evitar que essa ameaça se cumpra. Vamos armar um

esquema de proteção para dona Adriana até domingo. Até lá, tratem de recuperar o disco rígido de pelo menos um dos computadores.

Era noite quando terminou a reunião com toda a equipe de inspetores e detetives da 12ª DP. Antes de sair, Espinosa telefonou para saber se Julio ia jantar em casa. Ele atendeu e disse que não pretendia sair, que esperaria o pai para jantar, e se ofereceu para comprar algum reforço no árabe.

— Não precisa sair, filho. Vou passar por lá. Eu mesmo compro.

Apesar do dia movimentado, Espinosa não se sentia cansado. Era final de junho, fazia um pouco de frio, o que tornava a caminhada pela avenida Copacabana até a galeria Menescal e de lá até seu apartamento no bairro Peixoto mais agradável. Espinosa não costumava andar rápido, a não ser quando as circunstâncias exigiam. Andava sempre como se estivesse passeando, embora tivesse plena consciência de que não era a atitude mais recomendada para um delegado de polícia na cidade do Rio de Janeiro, onde volta e meia os traficantes declaram aberta a temporada de caça ao policial — e um delegado de polícia é caça fina. Claro que não saía à rua sem estar armado. Fazia isso mais para atender a uma recomendação geral do que por gosto, e mesmo assim tinha consciência de que se quisessem matá-lo isso seria feito: não seria o fato de estar armado que impediria uma ação coordenada para assassiná-lo. Assim, quando flanava pelas ruas da cidade, fazia de conta que o volume da arma contra o corpo era um estado natural, e não um preço a pagar pela civilização. Se é que o que se entendia aqui por civilização tinha o mesmo alcance que seu correspondente na Escandinávia. Mesmo assim, foi andando prazerosamente até o minúsculo restaurante árabe da galeria Menescal, de onde saiu com seu embrulho contendo quibes e esfirras, suas iguarias prediletas. Julio o esperava com a mesa arrumada.

— Olá, pai. Como foi o seu dia?

— Standard. Roubos, tiros e facadas. E o seu?

— Nada standard. Hoje foi dia de Maria, a faxineira. Outro dia nos encontramos, ela chegando e eu saindo apressado. Na semana seguinte eu estava em São Paulo. Desta vez nos encontramos com tempo para matar a saudade. Conversamos bastante, o suficiente para pôr em dia, pelo menos, os acontecimentos mais importantes desta última década. Maria lembra nossa *cleaning lady* de Washington, Estrella, uma mexicana que trabalha lá em casa duas vezes por semana e com isso acabou fazendo uma incrível mistura de espanhol, português e inglês. O resultado é uma quarta língua que nem a própria Estrella entende muito bem. Estive pensando que, apesar da vasta diferença entre as Estrellas e Marias de diferentes países e nacionalidades, elas formam um grupo especial de profissionais. São pessoas que participam da intimidade da vida dos patrões e ao mesmo tempo os tratam de senhor e senhora. São íntimos-distantes.

A conversa transcorreu animada e a garrafa de vinho aberta por Espinosa se encarregou de abrandar as arestas dos temas mais polêmicos sem diluir os confrontos de opinião. Espinosa achava que toda conversa com Julio, por mais animada que fosse, era atravessada por uma tensão que beirava o conflito. Era melhor assim, pensou, melhor do que serem invadidos pelo tédio. Talvez a coisa mais importante tivesse ficado para ser dita no fim do jantar e da conversa.

— Ah, pai, eu já ia esquecendo. Telefonou uma moça chamada Cecília querendo falar com você. Muito simpática. Quando soube que eu era seu filho, esticou um pouco a conversa. Disse que voltava a ligar.

Era aquele o ponto de tensão que sentira atravessando silenciosamente a conversa durante o jantar. Espinosa ligou para Cecília naquela mesma noite. Ninguém atendeu. Voltou a ligar no dia seguinte pela manhã. Repetiu na hora do almoço. Não houve resposta. Era uma quinta-feira.

No mesmo dia à tarde Espinosa recebeu a boa notícia de que o disco rígido do *notebook* não sofrera dano físico. O técnico explicou ao delegado que o disco fora intencionalmente reformatado. “Isso não quer dizer, delegado, que os arquivos tenham sido destruídos fisicamente, mas que a lógica de sua organização foi alterada. É possível, porém, recuperar a configuração anterior.” Espinosa agradeceu ao rapaz e disse que contava com ele.

A quinta-feira terminou como um dia que começara promissor e acabara pouco compensador, exceto pela notícia da recuperação dos arquivos. Cecília continuava sem dar notícias, apesar dos recados deixados na casa dos pais dela. Quando Welber conseguiu falar com eles, à noite, foi informado de que ela viajara com amigos. Talvez o telefonema da noite anterior fosse para avisar que estava saindo para uma viagem de fim de semana, pensou Espinosa.

Adriana Rosalbo estava sob proteção vinte e quatro horas sobre vinte e quatro até terminar a semana. A notícia de que os discos rígidos dos computadores de Marcos Rosalbo tinham sido integralmente recuperados foi deliberadamente vazada de modo a chegar aos ouvidos do interessado.

Quando amanheceu a segunda-feira, Espinosa e os policiais encarregados da campanha sentiram-se vítimas de um engodo. Estavam decepcionados, e esse sentimento paradoxal foi sendo revelado aos poucos pelos envolvidos, até concluírem que nada tinha acontecido. O paradoxo residia precisamente nisso. Era o que todos desejavam: que não houvesse nenhum ataque contra Adriana Rosalbo ou contra eles; e foi precisamente o que aconteceu. No entanto, estavam se sentindo enganados. O que os levou à hipótese de a carta ser apenas uma cortina de fumaça.

— Uma cortina de fumaça para ocultar o quê? — perguntou um deles, sem obter resposta.

— Seja qual for a resposta, temos que prosseguir com a proteção por mais alguns dias — disse Espinosa. — O bilhete pode ser uma cortina de fumaça, e, se for, vamos saber rapidamente; pode ser verdadeiro, e seu autor se satisfaz com a notícia da recuperação dos computadores; ou então pode ser verdadeiro e o material a ser recuperado não ter nada a ver com computadores. Nesse caso, Adriana Rosalbo permanece sob ameaça.

Passava um pouco das dez da manhã quando Cecília ligou.

— Espinosa, encontrei um monte de recados seus. Aconteceu alguma coisa?

— Não. Exatamente por isso você encontrou um monte de recados meus. Por onde você andou?

— Estava em Búzios com uns amigos. Liguei pra você na quarta-feira à noite. Falei com Julio. Não sabia que você tinha um filho tão legal. Você não quer me convidar para almoçar hoje? Para desfazermos o mal-estar do último almoço?

— Convido. Meio-dia no mesmo lugar está bom para você?

— Está ótimo.

Como de costume, Espinosa chegou alguns minutos antes da hora marcada, para esperar Cecília. Ela chegou na hora marcada.

— Você não está queimada de sol — disse Espinosa.

— O tempo estava nublado. Eu não gosto mesmo de sol. Tenho a pele muito branca, não há filtro solar capaz de me proteger.

— Foi bom, mesmo assim?

— Foi ótimo. Fazia um ano que eu não saía do Rio. Quatro dias num lugar lindo, sem precisar me preocupar nem com trabalho nem com estudo, e ainda por cima sem gastar quase nada. Maravilhoso.

— Você foi convidada?

— Não. Éramos nove pessoas. Alugamos uma casa de quatro quartos. Foi tranquilo, nem precisamos usar a sala para dormir, e

saiu superbarato.

— E a comida?

— Macarrão, salsicha, pizza, pão com queijo. Alta gastronomia.

— Você devia ter avisado. Não dá para me pedir ajuda e desaparecer quatro dias sem ninguém saber onde você está.

— Desculpe. Achei que não havia motivo para te incomodar durante o fim de semana. Não pensei que você pudesse ter me procurado e que, não me encontrando, ficasse preocupado. Isso não vai se repetir. Mas me diga — continuou Cecília. — Como é o Julio? Parecido com você?

— Muito pouco. Ele é bonito. Mais alto do que eu.

— Você é alto.

— Ele é ainda mais alto.

— Ele tem charme?

— Acho que sim.

— Então pronto, já podemos ser apresentados um ao outro!

— Antes, preciso que você examine um material que só você conhece. O disco rígido do *notebook* do doutor Marcos foi recuperado, quero que você examine a lista de arquivos e verifique se tem algum que não estava lá, ou que não deveria estar. Independentemente da data em que foi salvo. São muitos arquivos, algumas centenas. Fizemos cópias de todos eles. É possível que a pessoa que arquivou as informações nem soubesse da importância do que estamos procurando. Talvez fosse alguma coisa sem importância na época em que o arquivo foi guardado. Pouco posso ajudar. Nunca vi esses arquivos.

— E como eu vou descobrir?

— Não sei. Ramiro, Welber e eu estamos, cada um, com um *pen-drive* com cópia de todos os arquivos. Também não sabemos o que estamos procurando. Você conheceu doutor Marcos e teve acesso aos arquivos pessoais dele. Conto com seu faro.

— Quando começo a busca?

— Posso entregar o *notebook* para você agora mesmo. Está comigo na delegacia. Fizemos quatro cópias de todos os arquivos. Cada um de nós ficará com uma cópia. Para você entregarei o próprio *notebook* pronto para ser utilizado.

— E se nenhum de nós encontrar nada?

— Acho que vamos encontrar. Agora podemos cuidar do nosso almoço — disse Espinosa.

— Só peço que não seja macarrão com salsicha, nosso principal cardápio em Búzios.

Cecília saiu da delegacia levando uma sacola com o computador de Marcos Rosalbo e com a recomendação estrita de não dizer a ninguém que estava de posse dos arquivos recuperados. Espinosa, Ramiro e Welber ficaram cada um com uma cópia dos arquivos. Preferiram deixar Adriana Rosalbo como possível fonte de consulta suplementar, uma vez que ela não sabia usar o computador, conforme declarara a todos.

Os dias sob permanente proteção policial provocaram ligeira porém perceptível alteração em Adriana Rosalbo. A tensão da espera, a apreensão quanto à ameaça de morte e a prisão domiciliar deixaram marcas de fadiga percebidas por Espinosa assim que Adriana abriu a porta. Uma mulher bonita fatigada continua sendo uma mulher bonita, pensou.

— Boa tarde, Espinosa. Entre, por favor. Alguma novidade?

— A novidade é que a ameaça não foi cumprida... Nem tentada... Felizmente.

— Você acha que o perigo passou?

— É difícil garantir que tenha passado, mas acredito que não haverá tentativas de ataque. É fundamental que a pessoa que escreveu o bilhete saiba que o que julgava perdido foi recuperado. Em seguida tentará obter pela força ou por suborno o que nós recuperamos. Fizemos quatro cópias. Uma está comigo, duas estão com Ramiro e Welber, e a quarta está com um técnico em

computação da polícia. Quando o autor da ameaça tentar obter uma das cópias que fizemos, teremos uma das pontas do fio.

— Você acha então que agora vamos poder saber o que aconteceu com meu marido?

— Pelo menos vamos saber se estão todos participando do mesmo jogo ou se são jogos diferentes.

— O que você quer dizer com isso?

— Que ainda não sei se os acontecimentos com os quais estamos lidando formam um todo unitário ou se pertencem a conjuntos distintos.

— Você quer dizer, o desaparecimento de Marcos, a morte de Reginaldo, o ataque aos computadores?

— Mais ou menos isso.

A tarde avançava e a luz não atingia mais a sala do apartamento, situado num andar baixo de uma rua de prédios altos. Os dias de confinamento de Adriana haviam produzido uma pequena desordem na sala. Os jornais da semana estavam empilhados num dos cantos, revistas e livros espalhados em cima da mesa de centro, a televisão ligada no quarto sem som. Não era um ambiente convidativo: era o resultado de cinco dias de relativo isolamento da moradora.

— Você acha que eu já posso sair de casa? Não aguento mais ficar trancada aqui dentro, preciso ver gente, preciso conversar com as pessoas.

— Todo mundo precisa. A partir de amanhã você poderá voltar ao mundo exterior. Continuará sob proteção. Mesmo assim, tome alguns cuidados e siga as instruções de sempre: mantenha o celular ligado, use de preferência táxi de cooperativa em lugar de transportes coletivos, mantenha-nos informados sobre seus deslocamentos, evite aglomerações... Enfim, fique atenta pelo menos até o fim de semana.

Espinosa, Welber e Ramiro, os três que ficaram com a incumbência de vasculhar os arquivos do computador de Marcos Rosalbo, perceberam logo que estavam na situação análoga à de indivíduos que percorrem uma cidade à procura de um prédio em que há algo escondido sem saber qual é o prédio e o que está escondido nele. Os arquivos eram, com raras exceções, arquivos clínicos. Continham dados pessoais dos clientes e descrições dos tratamentos realizados. Os poucos que não eram, continham anotações feitas por doutor Marcos sobre técnicas e materiais. Depois de horas de leitura, tinham a impressão de ler centenas de cópias do mesmo arquivo: o conteúdo variava apenas de um molar para um siso, uma coroa para uma ponte, uma provisória para uma definitiva. Havia ainda dados quanto a preço e forma de pagamento.

Era preciso ler todos os arquivos, sem exceção, qualquer que fosse o conteúdo. O técnico da polícia já havia sido dispensado por Espinosa; a análise incidiria agora sobre o conteúdo dos arquivos e não mais sobre aspectos técnico-eletrônicos. Passados três dias, Ramiro entregou os pontos. À exceção do registro de alguns pacientes que não haviam pago integralmente o tratamento, nada havia de extraordinário nos arquivos. No dia seguinte, foi Welber quem declarou sua incapacidade de descobrir algo suspeito. Espinosa também havia desistido. Cecília foi a última a comunicar a Espinosa, por telefone, o resultado de sua análise, igualmente negativo. Na sexta-feira, os três policiais se reuniram na sala de Espinosa e chegaram à conclusão unânime de que os arquivos não continham nada de anormal.

* * *

Espinosa já estava a caminho de casa quando tocou o celular. A chamada era de Cecília.

— Espinosa, você está podendo falar?

— Estou na rua, indo para casa. Aconteceu alguma coisa?

— Não sei ao certo. Acho que deixamos escapar um detalhe que pode ser importante.

Espinosa estava atravessando a praça do bairro Peixoto. Escolheu um banco vazio e sentou-se.

— Pode falar.

— Não encontramos nada suspeito nos arquivos do computador, mas depois que comuniquei a você minha conclusão, fiquei com a sensação de ter deixado escapar alguma coisa. Comecei a rever os arquivos sem me preocupar com seu conteúdo. Você certamente percebeu que eles estão dispostos em ordem alfabética e que não estão datados. No entanto, quando eu os ordenei pela data em que foram criados e pela data da última modificação, coisa banal de se fazer e que não nos ocorreu porque estávamos preocupados com o conteúdo, percebi que estavam faltando os arquivos referentes aos anos de 2002 e 2003. A conclusão a que cheguei foi que se não encontramos nada de suspeito nos arquivos foi porque os arquivos que podiam conter alguma coisa não estavam mais lá mesmo antes de o disco rígido ser manipulado. Quando fui trabalhar com doutor Marcos ele tinha comprado esses dois computadores para substituir um computador velho que ele tinha. Os arquivos que estão faltando devem ter sido apagados no computador antigo, antes que seu conteúdo fosse transferido para o novo.

— Você ainda tem a chave do consultório? — perguntou Espinosa.

— Não, devolvi para dona Adriana.

— Então me espere amanhã de manhã no *hall* dos elevadores. Dez horas, está bom?

— Sim.

* * *

Espinosa chegou ao prédio do consultório às dez horas. Cecília já esperava por ele.

— Bom dia, Cecília. Bela descoberta, essa que você fez.

O elevador chegou no andar; entraram, fecharam a porta e imediatamente sentiram o cheiro característico dos consultórios dentários. Cecília abriu a janela da frente e em seguida mostrou a Espinosa os arquivos.

— O que você quer ver?

— Se há algum registro, no papel, dos anos de 2002 e 2003.

— Posso garantir que não. Estas fichas correspondem aos primeiros anos de clínica do doutor Marcos. Começam em 1996 e vão até 2000, data em que ele comprou o primeiro computador para o consultório e parou de fazer fichas de cartolina. Esse computador, comprado em 2000, foi substituído em 2005 pelo atual *desktop* e pelo *notebook*. Portanto, são doze anos de clínica, sendo que os primeiros quatro estão registrados em fichas manuais; os cinco seguintes foram registrados no computador antigo, que foi vendido, e cujos arquivos foram transferidos para o computador novo que está em funcionamento até hoje. Se alguém apagou os arquivos referentes a 2002 e 2003, apagou no computador que foi vendido.

— E as agendas usadas pela secretária para marcar os horários das consultas?

— Estão guardadas no armário de material antigo. É fácil de pegar. São doze agendas ao todo. Aliás, onze. A deste ano ainda está em uso.

Cecília subiu numa banqueta e abriu um armário em cima da porta da divisória entre as duas salas, depois passou para Espinosa um conjunto de agendas e continuou procurando.

— Só tem essas. Acho que faltam duas.

Espinosa conferiu e confirmou:

— Aqui tem nove agendas.

Cecília voltou a procurar dentro do armário e não encontrou mais nenhuma agenda.

— Nem precisamos verificar quais estão faltando — disse Espinosa. — Você sabe quem era a secretária do doutor Marcos em 2002 e 2003?

— Não. Quem quer que tenha sido só permaneceu como secretária durante esses dois anos.

— E alguém no ano de 2004 apagou os arquivos e sumiu com as agendas dos dois anos anteriores. Se isso tem a ver com os acontecimentos atuais, é algo que se conservou oculto durante cinco anos para ressurgir agora.

— Você acha que doutor Marcos sabia do que se tratava? — perguntou Cecília.

— Não sei. Pode ser que só tenha tomado conhecimento agora, daí seu desaparecimento. Com certeza a pessoa que apagou a memória dos dois computadores sabe de tudo isso.

— Tudo isso o quê? — perguntou Cecília.

— Que não havia nada para ser apagado porque o importante já fora apagado há quatro anos.

— Espinosa, isso está ficando muito confuso. Se a pessoa sabia que o importante foi apagado há quatro anos e que o computador em que estavam os arquivos não existe mais, por que essa encenação de apagar os dois computadores atuais? Esse apagamento dos arquivos aconteceu na época em que eu estava morando com Reginaldo — disse Cecília. — Não me lembro de ele ter comentado nada... também não havia por que comentar... eu não sabia da existência do doutor Marcos, como tampouco sabia que Reginaldo o conhecia ou que se tratava com ele.

— Reginaldo era cliente dele?

— Era, mas só fui saber disso uns dois anos depois de nos separarmos. Ele me telefonou e eu comentei que estava precisando arranjar um emprego que pudesse conciliar com o horário da faculdade. Foi quando ele me disse que o dentista dele estava sem secretária, que era um trabalho tranquilo, que eu teria tempo para estudar, e que ele poderia me indicar.

— Você sabe havia quanto tempo eles se conheciam?

— Não tenho certeza, parece que eram vizinhos de rua na Tijuca quando meninos. Quem me disse isso foi Reginaldo, mas ele gostava de inventar histórias de quando era menino.

Manhã de domingo. Espinosa acabava de ler os jornais quando o telefone tocou. Era Adriana Rosalbo com voz lacrimosa.

— Não consigo sair. Ontem de manhã experimentei caminhar um pouco e o máximo que consegui foi dar uma volta na quadra, mesmo assim olhando para todos os lados e achando que Marcos estava atrás de mim, me seguindo. Foi uma impressão horrível. Não quero mais sair. Não consigo sair sozinha.

— Por que ele estaria te seguindo?

— Não sei. Ele já fez isso outras vezes.

— Se você imaginou que ele estava te seguindo, imaginou-o vivo.

— É assim que eu tenho vivido desde que ele desapareceu. Fico sem saber no que acreditar... Pior ainda, fico sem saber o que realmente quero. Me sinto desamparada.

— Então vamos dar uma volta pela avenida Atlântica para ver se esse sentimento desaparece. Em quarenta minutos passo aí para te pegar.

Eram dez e meia da manhã quando o porteiro do prédio de Adriana anunciou sua chegada.

Adriana desceu em seguida. Foram até a esquina e dobraram em direção à praia, depois seguiram pelo calçadão. A praia propriamente dita estava bastante esvaziada devido à ameaça de chuva, mas o calçadão estava movimentado como num domingo de sol. Adriana não parecia estar com medo, nem ameaçada, nem desamparada. Ao contrário, estava sorridente e cuidadosa como uma paciente que recebe alta hospitalar e empreende seu primeiro passeio. O dia nublado e a temperatura agradável contribuía para seu bem-estar, além do braço protetor que Espinosa oferecia. Depois de andarem lentamente três quadras, ele se deu conta de que não havia nenhuma razão para estarem caminhando como se Adriana fosse

uma paciente em recuperação. Ao mesmo tempo, percebeu que aquilo parecia fazer bem a ela, pois seu braço, que de início estava tenso, agora envolvia maciamente o dele. E foi esse detalhe que chamou sua atenção. Desde o primeiro encontro que tiveram, Adriana o envolvera maciamente. Naquele encontro no restaurante, ela já sabia que ele estava de licença médica e que por isso não poderia investigar o desaparecimento do marido. Que só poderia funcionar extraoficialmente como uma espécie de consultor — forma inteligente e segura de contar com uma *inside information* permanente por intermédio de ninguém menos que o famoso e incorruptível delegado Espinosa. Além de bonita, inteligente, pensou ele.

— O que aconteceu? — perguntou Adriana. — De repente você ficou tenso.

— Tensão da semana. Logo melhora.

— Você quer descansar um pouco? Às vezes me esqueço de que você ainda está se recuperando de um ferimento grave.

— Não se preocupe, está tudo bem.

— Quando alguém diz essa frase é porque nada está muito bem. Vamos voltar.

Nem Welber nem Ramiro tinham obtido nenhuma informação significativa sobre as movimentações de Reginaldo Bravo e Marcos Rosalbo a partir da semana anterior ao desaparecimento do dentista. Foi Ramiro a fazer o relatório.

— O dentista é um prodígio de repetição. Faz todos os dias os mesmos percursos, às mesmas horas, vestido com roupa escura ou clara, dependendo do tempo, cumprimenta os porteiros e ascensoristas da mesma maneira, e por aí vai... Não houve nenhuma alteração em seu padrão de comportamento na semana anterior ao seu desaparecimento. O advogado não tem a regularidade do dentista. Circula mais pela cidade, principalmente pelo centro. Não foi constatado nada fora do padrão esperado. Ele e doutor Marcos não se encontraram nenhuma vez nesse período e, pelo que foi possível apurar, tampouco se encontraram nos últimos meses. Claro que em se tratando de uma pesquisa retrospectiva, esses informes são falhos, não podem ter a precisão de quando os suspeitos são seguidos. O relatório completo e detalhado está aqui nesta pasta — disse Ramiro, entregando a pasta ao delegado.

— Obrigado, Ramiro.

O quadro ficava mais complicado quando se levavam em conta as duas versões da história contadas a Cecília pelo advogado Reginaldo Bravo: nelas, não era Marcos Rosalbo quem encarnava o médico e o monstro, e sim Adriana Rosalbo que incorporava numa só pessoa a bela e a fera. Nesse caso, faria sentido o desaparecimento do dentista. Um homem tímido, introvertido, pacífico, atormentado diariamente pela mulher paranoica, prefere fugir a enfrentar os dissabores e ameaças de uma separação.

Eram questões que atormentavam o delegado Espinosa naquela manhã de segunda-feira em seu gabinete na 12ª DP, antes mesmo de ser informado do movimento da delegacia na noite de domingo e madrugada de segunda. Quando Welber entrou na sala para receber as instruções referentes àquela manhã, encontrou o delegado olhando fixo para o teto, como quem espera o lustre cair.

— Bom dia, delegado, algum problema?

— Bom dia, Welber. Quero que você verifique se nos arquivos do doutor Marcos Rosalbo que estão no *pen-drive* há registros de viagens feitas por ele. Se houver, veja para onde ele viajou e qual a natureza dessas viagens.

— Delegado, posso adiantar que me lembro de ter visto registros de viagens quando fizemos a varredura dos arquivos.

— Você ainda está com o seu *pen-drive* ?

— Estou.

— Então veja o que consegue encontrar.

Adriana Rosalbo saiu de casa às dez horas da manhã e pegou um táxi até a agência do banco onde o marido tinha conta e fazia suas aplicações. Marcos nunca esclareceu por que, morando e trabalhando em Copacabana, tinha conta numa agência do centro, a poucas quadras do escritório de Reginaldo Bravo. Quando ela perguntara a razão, a resposta fora exatamente esta: “porque fica perto do escritório de Reginaldo”, como se essa fosse uma resposta natural à pergunta feita. Lembrou-se de que na ocasião ficara tentada a perguntar se o doutor Reginaldo, por sua vez, tinha conta num banco perto do consultório do marido. Não perguntou porque humor não era o forte de Marcos. Além do mais, não via muito humor no fato. Como telefonara antes, foi direto para o mezanino, onde ficavam os gerentes de conta.

Quando perguntou pelo gerente da conta do marido, foi conduzida a uma mesa protegida por um biombo de vidro fosco. Para sua surpresa, o gerente tinha o mesmo modo de falar de Reginaldo: o mesmo olhar e a mesma voz do Lobo Mau antes de comer a vovozinha.

— Então, dona Adriana, em que posso ajudá-la?

— Gostaria de saber qual é a situação da conta conjunta que tenho com meu marido.

— Ele ainda está desaparecido, dona Adriana?

— Há exatos quarenta e seis dias, senhor...

— ...Pascoal.

— Pois é, senhor Pascoal, essa é a razão pela qual preciso saber com o que posso contar. Meu marido fez algum tipo de aplicação? O senhor sabe se ele tem algum seguro de vida? Enfim, sei qual é o saldo da minha conta-corrente, e mais nada.

— Lamento dizer, dona Adriana, mas não há mais nada. Não há nenhuma poupança nem nenhum tipo de aplicação financeira. A senhora pode contar com o saldo da sua conta e, evidentemente, com o que o banco tem a oferecer a clientes especiais como a senhora.

— Estranho! Meu marido não tinha nenhum tipo de aplicação?

— Já teve, mas de há cerca de um ano para cá foi fazendo retiradas regulares até fechar as aplicações e deixar apenas o depósito em conta-corrente.

— Essas retiradas eram feitas em dinheiro ou por transferências para outras contas bancárias?

— Não eram transferências, mas retiradas em moeda corrente. A senhora está precisando de um empréstimo para fazer face a essa situação especial?

— Não, senhor Pascoal, obrigada. Mas diga-me: se o meu marido não mantinha nenhuma conta especial, se não usufruía de nenhum privilégio, por que escolheu esta agência, tão longe de casa e do consultório?

— Não sei dizer. Se não me falha a memória, ele nos foi apresentado por um amigo dele, cliente nosso.

— Talvez o advogado dele, doutor Reginaldo Bravo?

— Isso mesmo. O doutor Reginaldo continua sendo nosso cliente.

— Continuava.

— Como?

— Ele morreu.

— Morreu?

— Sim. E essa é uma das coisas que eu gostaria de saber. Se há alguma conta ou aplicação conjunta, do meu marido com o doutor Reginaldo Bravo.

— Não, senhora. A única conta do doutor Marcos Rosalbo aqui em nossa agência é essa conjunta com a senhora.

— E em outra agência?

— Também não. A menos que seja em outro banco, mas isso não temos como saber.

Adriana saiu do banco abatida depois de constatar que teria, quando muito, dois meses de sobrevida financeira.

— Espinosa, estou saindo da agência do banco onde Marcos tem conta. Conversei com o gerente. Tenho dinheiro para mais um mês ou dois, no máximo...

— Você já estava ciente do saldo de sua conta.

— Estava, mas alimentava a esperança de que Marcos tivesse alguma aplicação financeira. Agora não tenho mais esperança nenhuma, e preciso tomar alguma providência urgente caso pretenda continuar morando no meu apartamento. Tenho que pagar condomínio, faxineira, supermercado, luz, gás, telefone, e tudo o mais que você, como solteiro, sabe quanto custa. Isso, se não ficar doente e não precisar ir ao dentista. Por falar nisso, vou tentar sublocar o consultório. Não tenho como continuar pagando o aluguel. Em suma, acordei hoje e me dei conta de que estou falida.

— O que você pretende fazer?

— Arranjar um emprego.

— O que você sabe fazer?

— Nada. Tenho um curso superior que não serve para absolutamente nada, meu inglês tem óbvias deficiências, não tenho

habilidade manual para trabalhos que exijam manejo de instrumentos... Em resumo, sou uma incapaz.

— E aqueles livros na estante do escritório, na sua casa, são de seu marido?

— São meus. Marcos só lê revistas técnicas.

— Você tem bom gosto literário.

— Nem tudo o que está ali é de boa qualidade. Muitos eu comprei sem indicação nenhuma, na maioria das vezes segui a indicação dos críticos e dos suplementos literários dos jornais. Não frequentei bons colégios e cursei uma faculdade particular de segunda categoria só para dizer que tinha curso superior, então me obriguei desde muito cedo a ler o que havia de bom na literatura brasileira e estrangeira. O que não quer dizer que eu seja conhecedora de literatura, apenas que li bastante, principalmente nos últimos dez anos. Isso não me habilita a nenhum trabalho.

— Você é bonita e elegante, tem voz agradável e boa dicção, é jovem, inteligente... Tente as agências de propaganda. Certamente terão alguma coisa para você. Pelo menos até as coisas se definirem. Não precisa ser uma escolha definitiva. Além do mais, uma coisa puxa outra, e quando você menos esperar pode surgir uma oferta que te agrada. Vou ver se consigo com uma amiga o nome de algumas agências para você procurar.

Quando, na manhã de terça-feira, Julio abriu a porta do prédio para sair, encontrou uma ruiva de rosto agradável, esguia de corpo, com uma sacola na mão e um olhar interrogativo.

— Eu ia tocar a campainha quando você abriu a porta — disse ela visivelmente satisfeita com o que via.

— Qual apartamento você quer chamar?

— O 301.

— É o meu — disse ele. — Quer dizer, quem mora no 301 é o meu pai. Ele não está em casa.

— Então você é o Julio — disse ela. — Eu sou a Cecília. Nós nos falamos por telefone na semana passada.

— Oi, Cecília, você é a moça que estuda letras e trabalhava com o dentista que desapareceu.

— Isso mesmo.

— Você combina com a voz que ouvi ao telefone — disse Julio. — Uma bela combinação — completou.

— O mesmo eu posso dizer de você e de sua voz... Mas se você não descer desse degrau, vou ficar com dor no pescoço.

Julio se desculpou e desceu o degrau que levava ao pequeno jardim na frente do prédio. Cecília era alta e mesmo assim precisava levantar ligeiramente a cabeça para falar com ele.

— O que você tem a dizer ao meu pai é urgente? Ele está na delegacia, posso te acompanhar até lá... Se você quiser.

— Quero sim. Preciso devolver este computador a ele — levantou a sacola, mostrando —, e também falar de uma coisa. Liguei para o celular dele e ninguém atendeu.

— Então vamos. Não é longe.

— Eu trabalhava aqui perto, conheço bem o bairro, mas hoje estou me sentindo muito melhor por você me acompanhar.

— Por que você está assustada?

— Há tempos que venho recebendo telefonemas de uma pessoa que não diz nada. No começo pensei que fosse trote. Agora tenho certeza de que se trata de controle.

— Alguém controlando você?

— Isso mesmo. Só que acontecia sempre durante o dia e agora aconteceu de madrugada. Duas vezes, com uma hora e meia de intervalo.

— Você tem ideia de quem possa ser?

— Pensei que pudesse ser doutor Marcos, o dentista desaparecido. Não sei quem mais possa ser. Mas já faz um mês e meio que ele está desaparecido. Não há rastros dele. Como disse um dos policiais, não há nem boato. Se ele pudesse telefonar para mim, não ia esperar todo esse tempo. As pessoas dizem que ele deve estar morto, mas eu não acredito em alma do outro mundo, muito menos em alma do outro mundo falando pelo telefone.

Espinosa ficou apreensivo quando a secretária anunciou pelo interfone a chegada de Julio e Cecília, mas tranquilizou-se quando os dois entraram sorridentes. Olhou interrogativamente para um e outro. Julio disse:

— Estou acompanhando Cecília.

O delegado olhou para Cecília.

— Vim devolver o computador do doutor Marcos e comunicar que nesta madrugada recebi mais dois telefonemas mudos. É a primeira vez que acontece à noite. Além do incômodo, confesso que fiquei mais assustada. Por que ele não fala?

— Pode ser que ele queira apenas controlar você; pode ser que queira assustar você, e o silêncio é mais assustador e misterioso do que as palavras; pode ser que falando ele revele quem é, o que

sugere que se trata de uma pessoa conhecida; e pode ser pelos três motivos juntos.

— O que eu faço?

— Nada. Até porque não há nada a fazer. A não ser que a pessoa rompa o silêncio e diga alguma coisa. Nesse caso, ligue imediatamente para mim; se não conseguir falar comigo, ligue para o detetive Welber ou para o inspetor Ramiro. Melhor o detetive Welber, que mora mais perto de você.

Cecília e Julio se entreolharam e se ergueram ao mesmo tempo. Cecília depositou o computador sobre a mesa.

— Vocês combinaram alguma coisa para o almoço? — perguntou Espinosa.

— Sim — disse Cecília. — Vou levar Julio para conhecer um boteco na Glória que faz uma pizza na pedra sensacional. Em Nova York não tem nada parecido.

Fora, a caminho da estação do metrô, Julio disse:

— Não sabia que íamos a esse boteco na Glória.

— Nem eu. Inventei na hora. Mais um minuto e íamos acabar na Trattoria com seu pai.

— E isso seria ruim?

— Não! Seria muito bom. Só que no momento quero te mostrar o bairro onde moro. Depois você me mostra o bairro onde mora... em Nova York.

O metrô não estava cheio, mas como não havia dois lugares juntos, ficaram em pé um ao lado do outro. Saltaram na estação Glória, junto ao relógio da Glória, e subiram a rua Benjamin Constant, contornando o conjunto de prédios do hospital da Beneficência Portuguesa até chegar à rua Santa Cristina, como se fossem para o bairro de Santa Teresa. Só que estavam a pé e não pretendiam ir além de uma das delicadas casas coloniais que compõem o conjunto arquitetônico da ladeira.

— Chegamos — disse Cecília.

Julio olhou em volta, procurando o restaurante que prometia ser o melhor do mundo em alguma coisa — e logo em pizza, coisa que toda cidade do planeta se vangloria de ter a melhor. E não viu restaurante nenhum.

— Onde?

— Ali, do outro lado da rua, bem na nossa frente.

— Não tem restaurante nenhum — disse Julio, desapontado.

— E quem falou em restaurante? Eu disse que ia te levar para comer a melhor pizza do mundo. Pois é ali naquela casa de portão verde. Não tem nome. Peppo, o proprietário, mora na parte de cima, onde, nos fundos, tem um forno de pedra. Na parte de baixo, na frente, ele arruma quatro ou cinco mesas pequenas com duas ou quatro cadeiras cada uma. Ocupação máxima de umas quinze pessoas. Fica gente na calçada esperando a vez. Dependendo do dia, ele coloca duas mesas extras na calçada.

Era cedo e Peppo ainda não tinha arrumado as mesas. Quando viu Cecília se aproximando, pegou uma mesa e duas cadeiras. Perguntou o que queriam beber, mas não perguntou o que queriam comer. Minutos depois, voltou trazendo cerveja gelada no ponto certo e minipedaços de pizza, “enquanto esperam a pizza de verdade ficar pronta”, disse.

— Se você perguntar quais as pizzas que ele tem — disse Cecília —, é capaz de dar uns dez nomes diferentes, só para o cliente ter a impressão de escolher. Se alguém pede para ele descrever as pizzas, ele descreve todas exatamente da mesma maneira.

Peppo ainda estava por perto e ouviu o que a cliente dizia a seu acompanhante. Pediu licença para completar:

— Os ingredientes são realmente os mesmos, sendo que eu preparo cada uma de acordo com o nome. Não são iguais. Posso dizer a mesma frase, com as mesmas palavras, de diferentes maneiras, e o sentido de cada uma delas será diferente. Assim são as minhas pizzas. — Dito isso, afastou-se.

Julio voltou sua atenção para Cecília.

— Fale um pouco sobre você.

— Sou carioca, tenho vinte e três anos, minha família é composta de meu pai, minha mãe, eu e mais ninguém. Somos classe média e moramos num apartamento alugado, sala e dois quartos, num prédio que fica a uns cem metros daqui. Dos quinze aos dezessete anos namorei um advogado quase vinte anos mais velho que eu e que foi quem indicou meu nome para trabalhar como secretária de Marcos Rosalbo, o dentista que desapareceu sem deixar vestígios um mês e meio atrás. O advogado, meu ex-namorado e amigo do dentista, morreu há um mês. Aparentemente se suicidou. Seu pai diz que ele foi assassinado. Daqui a três meses me formo em letras. Acho que isso é tudo.

A rua bem arborizada, quase toda de casas pequenas de apenas um piso, tinha pouco movimento de pessoas e veículos, além de ser suavemente silenciosa. O botequim do Peppo não tinha aparelho de tevê nem rádio ligados, o que Julio e Cecília saudaram como o segundo item de excelência do estabelecimento. Fazia mais de duas horas que estavam conversando sem que chegassem outros clientes. Segundo Cecília, o horário regular de funcionamento era das quatro da tarde às onze da noite, hora em que o forno era desativado. Esticaram a conversa por mais uma hora, quando Cecília segurou a mão de Julio.

— Preciso ir agora, senão perco minhas aulas na faculdade. Vamos descer a rua juntos até a estação do metrô? De lá seguimos direções opostas, caso você pretenda voltar para Copacabana. Eu vou para o Maracanã. Agora que já sabe onde moro, só falta anotar meu número no seu celular.

Àquela hora, tanto os trens que iam em direção ao centro quanto os que iam em direção a Copacabana estavam cheios. No último minuto Julio ainda pensou em acompanhar Cecília até a estação Maracanã, mas achou que estaria ultrapassando o limite estabelecido por ela própria. “Seguimos direções opostas, caso você pretenda voltar para Copacabana.”

Era o que ele estava fazendo naquele momento, com a cabeça tomada por impressões cujos traços e intensidades ainda estavam frescos e misturados, depois daquela tarde no botequim do Peppo, uma tarde que parecia irreal. Duas semanas antes havia passado um dia inteiro com Alice na praia de Ipanema, e agora passara uma tarde com Cecília num botequim da Glória. Alice era uma loira nórdica, de olhos azuis, dona de um corpo perfeito; Cecília era ruiva, com sardas no nariz, olhos cinza, não tão bonita quanto Alice embora da mesma altura e também esguia de corpo; nesses encontros Alice estava de biquíni e Cecília vestia jeans e camiseta, no entanto, ele fora mais tocado por Cecília.

Desceu do metrô na estação Siqueira Campos e dirigiu-se para o bairro Peixoto pensando sobre a tarde no botequim do Peppo, cujo entorno nem de longe se comparava ao cenário cinematográfico da praia de Ipanema. Apesar disso, o lugar guardava uma intimidade acolhedora capaz de comover tanto o corpo como a alma. Foi espontânea a analogia entre os dois cenários e as duas mulheres: a beleza cinematográfica da loira Alice e a intimidade misteriosa da ruiva Cecília; a transparência da primeira e a opacidade da segunda.

Chegou em casa antes do pai. O apartamento estava às escuras, com todas as janelas fechadas. O escuro e o silêncio interior se destacavam quando comparados às luzes e ao ruído da cidade deixada do lado de fora. Julio abriu uma das janelas francesas da sala, manteve as luzes apagadas, sentou-se na cadeira de balanço e ficou olhando as luzes dos morros ao longe, ainda pensando nas duas mulheres: Cecília, longe naquele momento, e Alice, na porta ao lado, ao alcance da campainha. Quando Espinosa chegou eram quase oito horas e Julio continuava na cadeira de balanço, pensando na tarde.

Optaram por um lanche com sanduíches e cerveja em vez da habitual massa congelada, para felicidade de Julio, que se fartara da pizza do Peppo. Espinosa esperou que estivessem à mesa para fazer a pergunta que era uma afirmação:

— Quer dizer que você e Cecília finalmente se encontraram.

— Aqui embaixo. Ela vinha devolver o computador. Quando abri a porta do prédio dei de cara com ela quase tocando a campainha de um dos apartamentos. Perguntei qual apartamento ela queria... quando ela disse que era o nosso, percebi imediatamente quem ela era...

— ...e ela percebeu imediatamente quem você era.

— Por quê? Você acha que ela já sabia?

— Ela é muito inteligente e boa observadora. Já conhecia sua voz por telefone. Tinha uma ideia geral do seu tipo físico. Num prédio com apenas meia dúzia de apartamentos, era improvável haver duas pessoas com a mesma idade e as mesmas características físicas.

— Como ela podia saber que eu ia sair naquele momento?

— Não sabia. Tanto que ia tocar a campainha. Provavelmente um de nós atenderia. O que ela não esperava era ver você surgir na frente dela. Daí o susto... Que parece ter passado depressa, tanto que vocês chegaram à delegacia sorridentes e satisfeitos.

— Depois ela foi me mostrar o bairro onde mora e me apresentar um minibotequim que é ao mesmo tempo a casa do dono e que, segundo ela, serve a melhor pizza do mundo, feita na pedra, isso numa rua em ladeira toda de pequenas casas coloniais. Conversamos bastante. Saímos de lá quase às cinco horas, na hora da aula dela.

— E a pizza?

— A melhor do mundo.

— Cecília é uma moça cheia de recantos fortemente protegidos — disse Espinosa. — A parte iluminada, sorridente e sedutora se contrapõe a uma grande região irrevelada.

— Também tive uma impressão semelhante, e não me assusta.

No dia seguinte, antes de sair para se encontrar com mais um dos arquitetos indicados por Irene, Julio ligou para Cecília. Em duas tentativas, obteve a gravação automática que comunica que o telefone está desligado ou fora de área. Ligou mais uma vez da rua, com a mesma resposta. Era quase meio-dia e dificilmente ela estaria dormindo. O escritório do arquiteto era em Botafogo, num casarão antigo que apesar do tamanho lembrou-lhe a rua de casas coloniais onde estivera com Cecília na véspera. O encontro, que incluiu um almoço num restaurante do bairro, terminou só às três e meia da tarde e continuaria no dia seguinte. Julio fez mais uma ligação para o celular de Cecília e ouviu mais uma vez a mensagem gravada.

O metrô Botafogo ficava a pouco mais de três quadras de onde estava. Foi andando em direção à estação, pensando no encontro que acabara de ter, enquanto decidia se tomava a direção Copacabana e voltava para casa ou a direção Glória para tentar descobrir o que acontecera com Cecília. Em menos de meia hora descia na estação Glória e subia a rua da véspera, passando por trás do hospital da Beneficência Portuguesa até chegar ao botequim do Peppo. A casa estava fechada e nada indicava que ali funcionasse um botequim. Lembrou-se do que ela dissera, que Peppo só abria às quatro da tarde. Eram quatro e dez e não havia sinal de movimento no interior da casa. Mesmo assim, tocou a campainha. Ninguém atendeu. Como não havia letreiro nem indicação de que ali funcionava um estabelecimento comercial, Julio desistiu e desceu a rua paralela à que havia subido e parou em frente ao número que Cecília tinha dito ser o do prédio onde morava. O prédio correspondia à descrição feita por ela, embora os prédios vizinhos fossem todos parecidos. Tocou a campainha e perguntou ao porteiro pelo apartamento da senhorita Cecília.

— Aqui não mora ninguém com esse nome — respondeu o homem.

— É uma moça de vinte e poucos anos, alta, de cabelo ruivo. Mora aqui com os pais desde pequena — insistiu Julio.

— Trabalho aqui desde a construção do prédio. Não tem ninguém do jeito que o senhor está dizendo.

Perguntou nos prédios vizinhos e a resposta foi a mesma. Voltou à casa onde funcionava o bar do Peppo e ela continuava fechada. Tocou mais uma vez a campainha e não obteve resposta. Tornou a descer a rua até a estação do metrô e voltou para casa sem entender o que estava acontecendo. Até a hora de dormir, ligou várias vezes para o número que a própria Cecília deixara registrado no celular, e a mesma mensagem gravada anunciava que o aparelho estava desligado ou fora de área. Pensou em recorrer ao pai, talvez ele tivesse algum outro número onde ela pudesse ser encontrada, mas depois achou que seria misturar o registro das relações profissionais do pai com o registro familiar. Além disso, se Cecília quisesse deixar outro número de telefone, teria feito isso.

Na tarde do dia seguinte, uma quinta-feira, Julio voltou ao escritório de arquitetura para a continuação do encontro da véspera, como ficara combinado. Nesse novo encontro estaria presente o arquiteto responsável pelo escritório do Rio. A firma tinha obras em Belo Horizonte, Curitiba e Porto Alegre e estava precisando de um arquiteto com disponibilidade para se ausentar do Rio e vistoriar o andamento das obras nessas cidades. Julio achava que o almoço da véspera servira para uma avaliação preliminar. O novo encontro fora marcado para depois do almoço, o que no seu entender significava que uma primeira etapa fora vencida e que agora tudo dependia de sua qualificação e do seu potencial em arquitetura de interiores. O encontro durou quase a tarde toda, e ao se despedirem Julio sentiu que havia boa chance de ser aceito. Ficaram de dar uma resposta em no máximo três dias. Portanto, até a segunda-feira seguinte.

Ele e o pai concordaram em deixar a comemoração para quando fosse anunciado o veredicto.

Na manhã de sexta-feira, Espinosa recebeu um telefonema de Irene dizendo que conseguira marcar um teste fotográfico para Adriana Rosalbo numa das melhores agências do Rio para a segunda-feira seguinte às três horas da tarde. Recomendou que ela não faltasse nem procurasse adiar. O fotógrafo era muito conhecido e tinha a agenda lotada, e ela deveria ir sem pintura, com o cabelo natural e vestida com a maior simplicidade.

Espinosa ligou em seguida para Adriana. A notícia foi recebida com alegria e, Espinosa achou, um pouco de nervosismo. Adriana pediu o telefone de Irene para agradecer pessoalmente e saber se havia outras recomendações além das transmitidas por Espinosa.

A tarde de sexta-feira transcorreu sem mais novidade. À noite, em casa, Espinosa se vestia para sair com Irene e Julio respondia a seus e-mails. Cecília estava havia dois dias sem dar notícias.

— Você quer jantar conosco? — perguntou Espinosa.

— Obrigado, pai, vou pôr em dia essa correspondência e depois comer alguma coisa aqui mesmo. Bom jantar.

— Pode ser que eu só volte amanhã depois do almoço.

— Bom fim de semana. Beijo para Irene.

Se o celular de Cecília não estava funcionando, pensou Julio, poderia se comunicar com ela via e-mail. Isso se conseguisse o endereço dela, que não tinha. Talvez ele estivesse na memória do computador do pai. Ligou o aparelho e procurou, primeiro no catálogo de endereços. Nenhuma Cecília. Procurou entre as mensagens armazenadas. Nada. Ou ela nunca se comunicara com o pai por e-mail ou os contatos feitos tinham sido apagados por Espinosa, o que não fazia sentido. Desistiu do e-mail.

Manhã de segunda-feira. Espinosa acabara de sair para a delegacia e Julio terminava a leitura do jornal quando o telefone tocou.

— Julio?

— Cecília! O que aconteceu? Tenho tentado falar com você...

— Desculpe, Julio. Viajei com meus pais. Estava em Vargem Alta, uma cidadezinha na região da montanha, no Espírito Santo. Morreu a irmã do meu pai, que morava lá. Fomos e voltamos de ônibus. É uma região montanhosa, meu celular não funcionava.

— Tudo bem, é que eu estava preocupado. O importante é que você está bem.

— Estou. Só um pouco cansada. Meus pais ficaram lá resolvendo problemas familiares. Voltei sozinha.

— Procurei você no dia seguinte de nossa ida ao Peppo, mas estava fechado e seu celular não atendia. Depois fui até o prédio onde você disse que morava. O porteiro garantiu que ali não morava nenhuma Cecília — disse Julio, descrevendo o prédio e a rua.

— Você deve ter procurado na rua errada.

— Quando podemos nos ver? — perguntou Julio.

— Hoje não vai dar, tenho uma prova na faculdade e quero aproveitar a tarde para repassar a matéria.

— Amanhã, então.

— Amanhã está bem. Podemos nos encontrar no Peppo, um pouco antes de ele abrir.

A manhã nublada adquiriu uma luminosidade emprestada e Julio voltou a fazer planos para o semestre seguinte no Rio de Janeiro. Pensou em telefonar para o pai na delegacia para contar que Cecília reaparecera e se deu conta de que não contara a ele que ela estava sumida desde meados da semana anterior. Achou melhor esperar a noite para contar a Espinosa que ela viajara para uma pequena cidade do Espírito Santo.

Às quatro e meia Espinosa recebeu um telefonema de Irene.

— Espinosa, ela não apareceu!

— Quem não apareceu?

— Sua amiga Adriana. O fotógrafo ficou esperando por ela e ela não apareceu.

— Vou ver o que aconteceu.

Welber ligou para os telefones de Adriana Rosalbo, e tanto o fixo como o celular chamavam e ninguém atendia. Procurou o número da portaria do prédio e ligou para o porteiro. Foi informado de que Adriana Rosalbo não tinha saído.

Espinosa mandou Welber até lá.

— E se estiver trancado e ninguém atender?

— Ficamos com uma cópia das chaves quando vigiamos o apartamento. Leve com você. Me dê notícia assim que chegar lá.

As primeiras notícias foram dadas por telefone.

— Delegado, tive de usar a chave para entrar no apartamento. Toquei a campainha várias vezes e ninguém respondeu. Encontrei dona Adriana deitada na cama, vestida para sair, calçada e com a bolsa ao lado. Inconsciente. Olhei em volta procurando o que ela podia ter tomado. Só havia um copo e uma garrafa de água mineral. Virei todo o conteúdo da bolsa sobre a cama e encontrei uma caixa de calmante faltando vários comprimidos. Procurei e encontrei entre os documentos a carteira do seguro de saúde dela. Liguei, descrevi o quadro e pedi uma ambulância. Eles foram rápidos. Estou ligando do apartamento dela enquanto eles fazem o atendimento de emergência.

— Ela recuperou os sentidos?

— Não inteiramente. O médico disse que vai recuperar. Vão levá-la para o hospital.

— Assim que eles saírem, volte a me ligar dando o endereço do hospital.

— Certo. Tem ainda um detalhe, delegado. Quando fui repor os objetos dentro da bolsa, encontrei entre eles um *pen-drive*. Para quem diz que não sabe usar um computador...

— O que você fez com ele? — perguntou Espinosa.

— Peguei para fazer uma cópia. Devolvo à bolsa dentro de no máximo uma hora.

Às cinco e meia, Espinosa ligou para o celular de Julio.

— Oi, filho, não me espere para jantar.

— Algum problema?

— A mulher do dentista desaparecido... Excesso de calmantes... Vai passar a noite no hospital.

Adriana Rosalbo ingerira uma dose excessiva de ansiolítico, não o bastante para justificar uma hipótese de tentativa de suicídio, mas o suficiente para uma emergência médica. Espinosa conversou com o médico de plantão e combinaram de só liberarem a paciente se acompanhada por ele ou por algum auxiliar seu. Permaneceu ao lado dela no quarto após as lavagens a que fora submetida. Os médicos consideraram que seu quadro clínico se estabilizara e não apresentava risco. A única coisa que ela conseguiu dizer antes de voltar a dormir foi “Desculpe”. Quando se assegurou de que ela estava bem e de que a equipe que a atendera era a que ficaria até a manhã seguinte, Espinosa foi para casa dormir.

Acordou sobressaltado cedo pela manhã. Ligou para o hospital e soube que ela passara bem a noite e que o médico autorizara sua alta para depois do café da manhã, na presença e sob a responsabilidade do delegado Espinosa. Tomou um banho rápido e foi para o hospital.

Encontrou Adriana no quarto, sentada numa poltrona, com o olhar voltado para a porta como se estivesse à espera dele desde o amanhecer. Estava pálida, sem pintura, o cabelo mal-ajeitado, vestindo a mesma roupa com que fora levada para o hospital, e visivelmente acabrunhada. Levantou-se assim que ele entrou, e o abraçou.

— Desculpe, Espinosa.

— Você já se desculpou ontem à noite.

— Não me lembro de nada... Nem de terem me trazido para cá... Tenho uma vaga lembrança de você ao meu lado.

— Está tudo bem. Agora vamos sair daqui.

— Para onde você vai me levar? — perguntou, assustada. — Disseram que eu só poderia sair quando você viesse me buscar.

— Isso mesmo. Vamos para a sua casa. Para onde você pensou que fosse?

— Pensei que... Achei que...

— Achou que eu te levaria para onde?

— Para um hospital.

— Estamos saindo do hospital.

— Para outro hospital.

— Que outro hospital?

— Não sei. Ainda estou confusa. Quando me disseram que eu só podia sair daqui com você, achei que você fosse me levar para um hospital psiquiátrico... Fiquei com medo... Quando as pessoas tentam o suicídio, são levadas para hospitais psiquiátricos. Eu não tentei me matar. Não tentei suicídio. Tomei aqueles calmantes porque estava muito nervosa para fazer o teste. Me disseram que o fotógrafo é muito famoso e que só fotografa gente famosa. Eu não sabia como me comportar, nunca fui fotografada, comecei a ficar nervosa e tomei um comprimido; não adiantou, tomei outro, só que em vez de ficar calma fiquei ainda mais excitada. Então tomei um mais forte... não sei quantos tomei... juro que não queria me matar.

Espinosa começou a suspeitar que Adriana Rosalbo guardava segredos mais ameaçadores do que deixava transparecer sua beleza de modelo frustrada. Era uma mulher que oscilava da extrema ingenuidade ao mais fino raciocínio, da fragilidade quase infantil à sedução mais ferina, e isso com variações de comportamento que ele considerava minimalistas, embora os efeitos não fossem nada mínimos, mesmo quando se voltavam para ela própria. Na verdade, ele não dispunha de nenhuma fonte de informação sobre Adriana. Ela não tinha parentes, não tinha amigos (os que dissera ser amigos eram relações recentes, que nada sabiam dela). Aparentemente nunca tivera emprego. Conhecera Marcos Rosalbo fazendo tratamento dentário com ele. Tratamento, segundo ela, longo. Marcos Rosalbo era um dentista caro, cuja clientela era toda de classe média alta. Espinosa chamou Welber.

— Quero que você descubra qual o nome de solteira de Adriana Rosalbo. Talvez a forma mais fácil seja perguntando a ela, embora não haja nenhuma garantia de que a resposta seja verdadeira. De posse do nome e do CPF, passe-os para o detetive Chaves, que entende tudo de internet, e veja o que ele consegue colher na rede.

— E outra coisa — acrescentou Espinosa quando Welber já ia sair —, o que havia no *pen-drive* ?

— Não fiz um exame detalhado. Parece uma série de tabelas com nomes, sendo um só nome ou codinome para cada registro, seguido de uma série de letras seguida por sua vez de diferentes séries de números em diferentes espaços sem nenhuma especificação. Esses registros são precedidos de um arquivo que contém o que suponho ser um texto de mais ou menos uma dezena de páginas, todo ele criptografado. Não dá para entender absolutamente nada de todo o conjunto.

— Tire uma cópia e veja quem, na polícia, pode decodificá-lo.

O chamado de Irene, pouco antes do almoço, era uma mistura de cobrança e preocupação:

— Afinal, o que houve com sua amiga, Espinosa?

— Parece que ela ficou ansiosa com o teste fotográfico, tomou um calmante para relaxar, o remédio não fez efeito imediato, tomou mais um, ficou ainda mais excitada, tomou outro, e quando Welber foi ao apartamento verificar o que acontecera ela estava na cama, vestida para sair. Foi levada para o hospital e teve alta hoje de manhã.

— Tudo isso por causa de umas fotos?

— Provavelmente não foram as fotos. Quando nos vemos?

— Estou ligando de São Paulo. Volto amanhã. Se conseguir sair daqui cedo, podemos nos ver à noite.

Não tinha almoçado. Desceu e atravessou a rua em direção ao bar que fica em frente à delegacia e que servia prato do dia e sanduíches de boa qualidade. O número de clientes estava aumentando, o que era muito bom para o proprietário mas não tão bom para o pessoal da delegacia, que precisa disputar o lugar que antes era só dele. Espinosa não gostava de comer em pé. Alguns detetives mais jovens sentados nas cadeiras que avançavam pela calçada levantaram-se para oferecer o lugar; Espinosa agradeceu e disse que esperaria por um lugar no balcão. Enquanto esperava, ligou para Cecília.

— Espinosa! Hoje é meu dia de sorte. Com menos de dez minutos de intervalo, recebo telefonemas do filho e do pai. Só falta receber do Espírito Santo... É que meus pais estão lá... morreu uma tia minha, irmã do meu pai.

— Sinto muito... Cecília, preciso de uma informação que talvez só você possa me dar.

— Qual?

— Adriana me disse que conheceu Marcos Rosalbo quando ele tratou dos dentes dela. Isso muito antes de se casarem. Disse também que nunca teve nenhum emprego e que seus pais se separaram e desapareceram no mundo. Marcos Rosalbo é um dentista caro. Como ela pode ter sido cliente dele? Podia pagar o tratamento?

— Eu também não tenho dinheiro e ele já tratou dos meus dentes.

— Tudo bem, mas você... — Espinosa fez um longo silêncio.

— Alô... Espinosa... Alô...

— ...

— Espinosa...

— Alô, Cecília.

— Espinosa, pensei que você tivesse desligado. O que aconteceu?

— Acho que já sei quem foi a secretária do doutor Marcos naqueles dois anos cujas agendas e arquivos do computador sumiram.

— Adriana Rosalbo — disse Cecília.

— Não. Adriana, apenas. Ela ainda não era Rosalbo...

A questão agora era descobrir por que ela fizera tantos esforços para ocultar o fato e apagar os traços de sua passagem como secretária do doutor Marcos.

Vagou uma cadeira na calçada; Espinosa sentou-se e pediu um sanduíche e um refrigerante. Pensou que a parte oculta de Adriana se tornava ameaçadora. Não conseguiu evitar a metáfora do iceberg. Restava saber se Marcos Rosalbo tinha sido o Titanic.

Não tinha intenção de confrontar Adriana com seu passado. Não por enquanto. Melhor tê-la como colaboradora (mesmo que não

confiável) do que como inimiga. Até porque a razão de ser de toda aquela história era o desaparecimento do doutor Marcos Rosalbo, que a cada dia se tornava ainda mais desaparecido. Saboreou seu sanduíche com toda a calma e retornou ao seu gabinete no outro lado da rua. Encontrou Welber descendo a escada que leva ao segundo andar do prédio.

— Delegado, achei mais fácil perguntar à própria Adriana Rosalbo qual o seu nome de solteira. Com um pouco de má vontade ela disse que era Adriana Mellino, “com dois eles”. Isso depois de perguntar qual o motivo do meu repentino interesse por seu nome de solteira. Dei uma resposta que nem eu entendi direito e ficou por isso mesmo. Já passei o nome para Chaves. Quanto ao número no Cadastro de Pessoas Físicas, ela disse que o único que tinha era o de casada, que jogara fora sua carteira de identidade de solteira e que só teve cpf depois de se casar com Marcos Rosalbo.

— Muito conveniente — disse o delegado.

Adriana devia ter pouco mais de trinta anos de idade, avaliou Espinosa, o que remetia seu nascimento para o final da década de 1970, últimos anos da ditadura militar, quando pessoas ainda sumiam, outras mudavam de rosto e de nome, o mundo ainda não era informatizado e a internet ainda nem existia. Em suma, uma época em que coisas estranhas aconteciam.

No final da tarde o detetive Chaves, conhecedor dos meandros da internet, procurou o delegado no gabinete.

— Então, Chaves, encontrou alguma coisa sobre Adriana Mellino?

— Sinto muito, delegado, não há nenhuma referência a Adriana Mellino em lugar nenhum. Procurei Mellino com dois eles e com um ele só, procurei Adriana com dois enes, procurei Mellino com ípsilon no lugar do i, e não adiantou. Encontrei vários Mellino em diferentes países da Europa. Encontrei até a árvore genealógica de uma família Mellino nos Estados Unidos, mas não constava o nome Adriana Mellino. Adriana Mellino não existe.

— Tente Adriana Rosalbo e Adriana Mellino.

— Já tentei. O resultado foi o mesmo.

— Isso quer dizer que ela não existe? Que o nome é falso?

— Não necessariamente, delegado. Ela não existe na rede. Os nomes Adriana Mellino e Adriana Rosalbo não constam de nenhuma matéria de jornal, de nenhum livro, de nenhum artigo, de nenhum texto publicado e referido pela internet... Esses nomes não constam do mundo da internet, o que não quer dizer que não sejam nomes de pessoas reais. Se o senhor me permite o exemplo, o mendigo que aparece sempre aqui na delegacia pedindo dinheiro é uma pessoa bem real, embora o nome dele provavelmente não conste da internet.

— Obrigado, Chaves. Apesar de não termos encontrado nenhum registro do nome, o resultado foi positivo. Bom trabalho... E obrigado pela bela exposição sobre a questão do real e do virtual.

O jovem detetive saiu sem saber se o delegado falava sério ou brincava.

A reunião daquele fim de dia com inspetores e detetives foi demorada devido ao número de casos em andamento, vários em fase inicial de investigação. Passava das oito quando Espinosa chegou em casa para jantar. O apartamento estava inteiramente às escuras, sinal de que Julio ainda não chegara. Apenas a luz piscante da secretária indicava a existência de recados — que na verdade eram apenas um, de Irene, avisando que chegaria no dia seguinte à tarde.

Ainda não acendera nenhuma luz. Desligou a secretária depois de ouvir o recado e ficou pensando em Irene.

Tomou banho, vestiu uma roupa confortável, pegou a garrafa de vinho tinto que deixara quase cheia na geladeira, uma taça e sentou-se na cadeira de balanço junto à janela francesa, agora aberta para a noite. O sanduíche que comera no almoço não fora suficiente para deixá-lo alimentado para o resto do dia, e não sabia se Julio chegaria para o jantar, de modo que decidiu fazer um sanduíche de queijo e presunto para acompanhar o vinho e para garantir que não ficaria com fome caso o filho não aparecesse.

Às nove e meia ligou para Adriana Rosalbo. Não tinha muita confiança na capacidade dela de ficar sozinha em casa, sobretudo depois do que acontecera no dia anterior. Adriana atendeu prontamente.

— Espinosa, eu sabia que era você.

— Estou querendo saber como você está se sentindo.

— Sozinha.

— E quanto ao estado de espírito?

— Se está preocupado com a possibilidade de se repetir o que aconteceu ontem, fique tranquilo. Apesar de sozinha, estou me sentindo bem.

— Lamento, hoje não posso fazer companhia a você.

— Claro... Eu compreendo... Você não está sozinho.

— Amanhã volto a ligar. Durma bem.

— Você também.

Espinosa desligou com a sensação de que aquele fora um telefonema de namorados que estavam querendo fazer as pazes depois de um desentendimento. Não eram namorados nem ele queria fingir que eram. Não podia se mudar para o sofá da sala de Adriana toda vez que ela se sentisse ameaçada. Mesmo porque do sofá da sala para a cama de casal eram apenas alguns passos, e Adriana sabia que tinha suficiente poder de sedução para eliminar essa distância.

Julio encontrou o pai dormindo na cadeira de balanço com a taça no colo e a garrafa de vinho pela metade ao lado da cadeira, só com o abajur aceso. Ficou algum tempo olhando para Espinosa inteiramente entregue e sem defesa, quem sabe lutando contra as ameaças da memória. Pousou a mão de leve no ombro do pai, sem dizer nada e sem fazer barulho. Espinosa abriu os olhos sem susto, olhou para o filho e deu dois tapinhas de leve na mão sobre seu ombro.

No dia seguinte, na delegacia, depois de se inteirar do movimento da noite anterior e da madrugada e de cumprir a rotina

burocrática da manhã, Espinosa telefonou para saber como Adriana passara a noite.

— Passei bem, embora sozinha — disse ela.

— Adriana, nós podemos protegê-la das ameaças externas. O que não podemos é protegê-la das internas. Sei que quando estamos acompanhados essas ameaças parecem menos assustadoras, no entanto a presença do outro apenas distrai nossa atenção; não tem o poder de afastar a ameaça.

— O fato é que a cada dia me sinto mais frágil e é mais difícil ficar sozinha em casa, sobretudo à noite — respondeu Adriana.

— Posso tentar conseguir uma policial para ficar aí durante a noite.

— Não quero uma sapatão me fazendo companhia.

— O risco que você correria de uma policial ser sapatão é o mesmo que correria de o policial homem a lhe fazer companhia ser gay.

— Espinosa, não quero a companhia de um policial qualquer, quero a sua companhia.

— Isso até poderia acontecer se nos conhecêssemos não na condição de delegado de polícia investigando o desaparecimento do seu marido.

— Então vamos acabar logo com essa investigação.

— Vamos tentar, e um bom passo nesse sentido é marcarmos uma conversa para hoje à tarde, por volta das quatro horas, pessoalmente, e não por telefone.

— Alguma novidade?

— Ainda não sei ao certo, passo aí às quatro horas para conversarmos.

Mais um dia almoçando sanduíche e suco de laranja. Tinha mandado Welber localizar a prefeitura ou a delegacia policial ou a paróquia da cidade de Vargem Alta, no Espírito Santo, e verificar se tinha ocorrido algum óbito nos últimos cinco dias, uma mulher, o enterro devia ter sido na sexta ou no sábado.

— Agora mesmo, delegado. A propósito, já fiz o levantamento que o senhor pediu sobre as viagens do doutor Marcos Rosalbo. No ano passado foram quatro viagens, duas no primeiro semestre e duas no segundo. Este ano foram duas. Todas para São Paulo. E em todas elas o nome do arquivo era “congresso”. Passei um e-mail para o conselho regional de odontologia em São Paulo pedindo a data e o local dos congressos de odontologia ocorridos em São Paulo no ano passado e neste ano. Recebi uma lista que eles afirmam ser completa. Nenhuma das datas coincide com as datas das viagens do doutor Marcos.

— Bom trabalho. Outra coisa, Welber, você conseguiu alguma coisa com o *pen-drive* de dona Adriana?

— O conteúdo dos arquivos está todo codificado. Não dá nem para saber se são tabelas ou texto. É um código numérico. Parece impenetrável.

Enquanto esperava o sanduíche e o suco, fez ele próprio uma ligação para a delegacia de sequestros do Rio pedindo para falar com o inspetor Serrano, que estava investigando o desaparecimento do dentista Marcos Rosalbo. Por sorte ainda se lembrava do nome do inspetor.

— Bom dia, delegado Espinosa, sou o inspetor Serrano.

— Bom dia, inspetor, estou atrapalhando o seu almoço?

— De jeito nenhum, delegado. Em que posso ajudar?

— Estou querendo saber se houve alguma mudança no quadro desde a última vez que nos falamos.

— Nada, delegado. É o primeiro caso que pego sobre o qual os informantes nem sabem que ele aconteceu.

— Vocês certamente vasculharam a vida dele.

— Vasculhar não é bem o caso, delegado. É tão pouca coisa que dá para ver com uma só olhada. Mesmo assim, seguimos todas as articulações que pudemos levantar.

— Conseguiram alguma coisa?

— De concreto, nada. Se esse homem de fato existiu, deve ter tido a vida mais insípida possível. Não sei como conseguiu uma mulher tão bonita. Ou então aconteceu precisamente isso: casou-se com uma mulher tão bonita que não precisou de mais nada, foi inteiramente absorvido por ela.

— E sobre as pessoas que se davam com ele? — continuou Espinosa.

— Também há pouca coisa. As únicas pessoas ligadas a ele são a secretária, uma mocinha inteligente, fascinada por ele, e o amigo advogado que se matou. Sobre este, correu o boato de que esteve metido com drogas, não ficou claro se como viciado ou como intermediário. Mas nada disso passou de boato, nada concreto, coisa de informante querendo mostrar serviço. Afinal, o cara se matou com barbitúricos.

— E sobre o dentista?

— Sobre o dentista correu um boato de envolvimento em comércio ilegal de tranquilizantes e analgésicos à base de morfina, codeína etc., para ex-pacientes viciados pelo uso prolongado. Nada disso foi comprovado. Dicas de informantes que não foram confirmadas. O fato é que, se essas atividades ilegais realmente existiram, elas devem ter cessado por completo. De dois ou três anos para cá, não houve boato nem nenhuma denúncia.

— E a mulher dele?

— Nada, delegado, ela é inteiramente desconhecida do pessoal do tráfico.

— Inspetor Serrano, obrigado por sua atenção e pelas ideias interessantes.

— É um prazer ajudá-lo, delegado Espinosa.

Faltavam dez minutos para as quatro quando Espinosa pegou o táxi para o Leme. Às quatro em ponto subia para o terceiro andar e tocava a campainha do apartamento. Foi recebido por uma Adriana ainda um pouco abatida pelo atendimento hospitalar de emergência e pela noite no hospital.

— Espinosa, que bom você ter vindo.

— Como está se sentindo? — perguntou ele, percebendo que ela não tinha se preparado para sair.

— Estou me sentindo o melhor possível depois do que passei.

Os gestos de Adriana estavam mais lentos, assim como a fala. O sorriso continuava generoso e cativante. Ela pegou Espinosa pela mão e conduziu-o até o sofá, sentando-se ao lado dele.

— Você acha que eu tentei me matar?

— Não por tão pouco.

— Não há nada na minha vida tão terrivelmente grande e ruim que me levasse a isso.

— Fico contente de saber. No entanto deve haver algo que te perturba e ameaça o suficiente para que você tome atitudes pouco confortáveis.

— É uma forma delicada de colocar a situação.

— Você quer falar sobre isso?

— Não há o que falar. Qualquer pessoa pode contar a história da sua vida, por mais pobre e sem graça que seja. Eu não consigo. Minha vida não tem unidade, não tem propriamente uma história, ela é feita de um amontoado desconexo de pedaços sem nenhum sentido. A imagem que faço dela é a das bolhas que se formam e desaparecem na superfície de um líquido fervente. Minha mãe foi

uma dessas bolhas, Marcos é uma dessas bolhas, você é uma dessas bolhas. Nada tem persistência, tudo é instantâneo. Meu pai foi tão instantâneo que eu nem cheguei a conhecê-lo. Não consigo conservar nada, é impossível conservar uma bolha. Marcos foi o instante mais duradouro que eu tive.

— E quem estoura essas suas bolhas? — perguntou Espinosa.

— Ninguém, elas estouram sozinhas. Ninguém precisa espetar uma agulha numa bolha para ela estourar: isso vai acontecer mesmo que ninguém faça nada.

— O tempo que você trabalhou como secretária de Marcos Rosalbo foi uma dessas bolhas?

— Secretária de Marcos Rosalbo... Como você soube disso?

— O apagamento dos arquivos correspondentes aos anos de 2002 e 2003 do computador do consultório e a coincidência de data com seu tratamento dentário com doutor Marcos, sem que você tivesse recursos para pagar... Mas que poderia acontecer caso você fosse secretária dele... Como aconteceu depois com Cecília. O fato é que nesse caso a bolha cresceu e não estourou. Virou casamento. Um projeto que se pretende permanente. Essa ideia de permanência é, para você, insuportável?

— Você está insinuando que fui responsável pelo desaparecimento do meu marido?

— Não. Estou apenas mostrando que o casamento contrariava o princípio de que tudo em sua vida tinha a duração de uma bolha de sabão e que talvez a ideia de permanência lhe seja insuportável.

— Por que então eu me casaria?

— Realmente não sei — disse Espinosa. — Talvez para superar uma crise momentânea ou para escapar da monotonia do trabalho de secretária de consultório dentário. O que não entendo é por que você se empenhou tão arduamente em destruir todos os traços desse momento de sua vida.

— Eu não me empenhei em destruir nada, apenas não contei a ninguém. Não fiz nada para apagar os traços de minha passagem

pelo consultório dele como secretária.

— E os arquivos apagados dos computadores? E as agendas desaparecidas?

— Não apaguei arquivo nenhum. Não tenho competência para isso. Não entendo nada de computador, nunca usei um computador, e não sei de que agendas você está falando.

O rosto abatido de Adriana adquirira um pouco de cor durante a conversa, e os olhos estavam atentos e brilhantes. Ela havia se afastado de Espinosa e se levantara para sentar-se na poltrona em frente. Espinosa percebeu que ela era toda prontidão.

— Você considera sua vida anterior ao casamento com doutor Marcos incompatível com sua vida de casada?

— Cada momento de minha vida é incompatível com todos os outros. Eu sou incompatível comigo mesma. Minha sorte e meu azar é que sempre fui bonita, desde menina, e uma menina bonita todos querem proteger, ajudar, amparar. Nasci numa cidade do interior de Minas que nem consta do mapa. Uma cidade com uma única rua, uma igreja menor do que esta sala e que nem padre tinha. Ouvi alguém dizer que meus avós eram estrangeiros, talvez italianos ou portugueses. Não me lembro de minha mãe, nem sequer tenho uma foto dela. Meu próprio nome não sei se foi ela quem deu, ou se foram os primeiros que cuidaram de mim. Falo os primeiros, porque teve os segundos, os terceiros e vários outros até eu ficar menstruada pela primeira vez. Foi quando eu achei que já era mulher e que tinha que cuidar eu mesma da minha vida. Foi o que eu fiz. Acho que você não vai querer saber como foi minha vida.

— Por enquanto, não. Podemos deixar para outra vez.

— Não precisa me poupar.

— Não há pressa.

Espinosa sabia que havia muito mais a ser contado, mas não era na história da vida de Adriana que ele estava interessado, e sim na história recente envolvendo Adriana, Marcos Rosalbo e Reginaldo Bravo. Marcos estava desaparecido, Reginaldo estava morto.

Sobrava ela, Adriana, cujo relato não podia ser confrontado com o de ninguém mais; somente suas contradições internas poderiam desmenti-lo. Adriana sabia disso e podia silenciar a qualquer momento. Daí a cautela do delegado Espinosa.

Era final de tarde quando ele deixou o prédio de Adriana, no Leme, conseguindo chegar à rua Hilário de Gouveia ainda a tempo para a reunião com a equipe da delegacia. Antes de ela ter início, Welber se aproximou do delegado e disse que tinha conseguido estabelecer contato telefônico com a cidade de Vargem Alta, ficando confirmado o óbito de uma senhora da família Moore na quinta-feira anterior. O enterro tinha se dado na manhã de sábado.

— Ponto para Cecília — disse ele em voz baixa.

Quinta-feira, meio-dia. Optara por almoçar no bar em frente à delegacia como vinha fazendo ultimamente, porém até aquele momento não havia feito seu pedido. Na verdade ainda estava em pé procurando lugar. Surgiu uma cadeira trazida pelo garçom e o delegado acomodou-se junto a outros três colegas que estavam terminando o almoço. Depois de conversa rápida sobre sua recuperação física, os policiais se levantaram para voltar ao trabalho e Espinosa fez seu pedido.

Enquanto aguardava, esboçou de memória uma rápida retrospectiva histórica do trio Marcos Rosalbo, Adriana Rosalbo e Reginaldo Bravo. Segundo relato de Cecília, Reginaldo Bravo fizera sociedade com um dentista em algo lucrativo cujo conteúdo não fora revelado, embora o inspetor Serrano tivesse se referido a boatos sobre comercialização ilegal de tranquilizantes e analgésicos. Isso teria acontecido seis anos antes. O dentista que Reginaldo conhecia desde que eram rapazes era Marcos Rosalbo, com quem, por sinal, tinha uma conta em um banco no Centro. Nessa mesma época, a bela Adriana Mellino se emprega como secretária no consultório de Marcos Rosalbo. Passados dois anos, Adriana Mellino se torna Adriana Rosalbo. Portanto, o trio Marcos Rosalbo, Reginaldo Bravo e Adriana Mellino-Rosalbo já existia quando, após o casamento de Marcos e Adriana, Cecília se torna secretária do dentista. Se a sociedade formada pelos amigos Marcos e Reginaldo sobrevivera e permanecera lucrativa, dificilmente seria ignorada por Adriana Rosalbo.

As primeiras gotas de chuva caíram quando ele ainda estava na metade do sanduíche e da retrospectiva, sendo que a mesa onde estava sentado era na calçada. Pagou a conta, pegou o sanduíche e

o suco de laranja, atravessou a rua e encaminhou-se para seu gabinete, onde terminou o almoço sem tranquilidade suficiente para terminar a retrospectiva.

No final do dia, quando deixou o gabinete para tomar o caminho do bairro Peixoto, a chuva continuava sem muita força. A capa mais o chapéu desabado eram suficientes para protegê-lo em sua caminhada de algumas quadras, durante a qual retomou a retrospectiva iniciada na hora do almoço. Quando chegou em casa, Julio o esperava.

— Oi, pai.

— Olá, meu filho. Alguma novidade?

— Recebi a resposta do escritório de arquitetura. Me aceitaram.

— Maravilha! Parabéns! Quando você soube?

— Há pouco mais de uma hora. Quando cheguei em casa tinha um recado na secretária eletrônica. Liguei imediatamente para o escritório, o chefe já tinha ido para casa. Um arquiteto que ainda estava lá me deu a notícia. Claro que falta acertar detalhes importantes, mas creio que não haverá problema.

— Quer dizer que você vai ficar aqui. Fico feliz com isso.

— É o que pretendo. Antes, tenho de ir a Washington para acertar detalhes e me despedir de minha mãe, de meu padrasto, de amigos, e também para despachar meus livros, roupas e objetos pessoais. É uma mudança.

— Você já tinha conversado com sua mãe sobre isso?

— Conversamos sobre a ideia geral. Não havia nenhuma decisão tomada quando eu vim, o que havia era minha intenção de verificar as possibilidades de trabalho aqui no Rio ou em São Paulo. Agora que me aceitaram, não posso simplesmente pegar o telefone e dizer “Oi, mãe, não vou mais voltar”.

— Claro que não.

* * *

Jantaram lasanha à bolonhesa acompanhada de meia garrafa de vinho tinto, ambos guardados havia dias na geladeira. Pai e filho concordaram que era uma sorte não terem grandes pretensões gastronômicas.

— E você e Cecília, estão se dando bem?

— Muito bem, ela é encantadora, embora não seja uma pessoa simples.

— Nenhum ser dotado de fala pode ser simples — disse Espinosa.

— Concordo. Só que os estilos variam tanto quanto o número de falantes.

Enquanto Julio se levantava para buscar alguma coisa na geladeira, Espinosa ficou pensando, curioso, no que teria se desenvolvido entre o filho e Cecília. Tentou descobrir mais um pouco:

— Ela já sabe da resposta do escritório de arquitetura?

— Não. Mal conseguimos nos falar desde que ela voltou de viagem. Ela está em provas na faculdade, e passei estes dois últimos dias percorrendo as ruas do centro histórico do Rio. Ainda não nos vimos.

A retomada da conversa com Adriana Rosalbo tinha sido marcada para sexta-feira à tarde, dois dias depois do último encontro. Espinosa queria evitar que o encontro se desse novamente no apartamento dela, mas Adriana alegou que ainda não estava plenamente recuperada. Disse que ainda se sentia um pouco tonta e que preferia não sair de casa. Assim, na tarde chuvosa de sexta-feira, à mesma hora da vez anterior, Espinosa tocou a campainha do apartamento do Leme e foi recebido por uma Adriana bela e saudável, nada compatível com a imagem da mulher “ainda não plenamente recuperada e um pouco tonta” do telefonema da véspera.

— Fico contente por você ter se recuperado plenamente de ontem para hoje.

— Dormi bem esta noite... e sem precisar de nenhum remédio.

— Ótimo. É uma boa notícia.

Sentaram-se um defronte do outro. Espinosa passeou os olhos pela sala, detendo-se em cada móvel e em cada objeto para não ter o olhar capturado de forma excessivamente óbvia pela presença de Adriana, distante não mais que um metro e meio. Concentrou-se no tema do encontro.

— Na conversa de anteontem não voltamos a falar sobre o advogado Reginaldo Bravo, sendo que durante a primeira conversa que tivemos no restaurante você me deu a impressão de não ter o advogado em muito boa conta. O que você tem a me dizer sobre ele? — perguntou Espinosa.

— Você já sabe que quando pedi para ele me ajudar na lida com a polícia, meu pedido foi rapidamente atendido. No entanto, ficou

claro que Reginaldo não estava interessado em me ajudar com a polícia, como tampouco estava interessado no que pudesse ter acontecido com meu marido. Estava interessado em mim. E isso de um modo ridiculamente desajeitado e afobado, como um adolescente que nunca tivesse estado sozinho com uma mulher. Aquilo me incomodou e me irritou. Acabei por dispensar a ajuda legal que ele nem sequer chegou a prestar.

— E antes desses encontros aqui no apartamento?

— Antes disso, tínhamos nos encontrado, Reginaldo, Marcos e eu, para assinar um contrato que pensei ser da compra do consultório e que depois soube por você que não era, porque o consultório era alugado. Não sei o que foi que eu assinei.

— Antes desse encontro não tinha havido nenhum outro?

— Não que eu me lembre.

— Faça um esforço. Antes do seu casamento com o doutor Marcos.

— O que você está sugerindo?

— Estou sugerindo que você se lembre das vezes em que esteve com Reginaldo Bravo quando era secretária do doutor Marcos.

Adriana levantou-se abruptamente da poltrona.

— Não precisa se exaltar. Não estou sugerindo nenhum caso amoroso. Quero apenas que você fale sobre as vezes em que doutor Reginaldo Bravo foi ao consultório do doutor Marcos... Não necessariamente para tratar dos dentes.

— Para o quê então ele teria ido?

— Para tratar de negócios.

— Quais negócios?

— A sociedade que doutor Reginaldo tinha com doutor Marcos.

— Sociedade?

— É. Sociedade. Não necessariamente com contrato assinado em cartório. Uma sociedade apenas verbal, mas nem por isso menos eficiente. Vamos chamar de pacto.

— Não sei de pacto nenhum. Além do mais, se era entre eles, como eu ia saber?

— Com a maior facilidade, acredito. Talvez até você tenha obtido algum proveito com o pacto.

— Você está louco.

Adriana não voltara a sentar e andava pela sala como se fosse sair porta afora. Em lugar disso, foi até a cozinha e voltou com um copo d'água na mão.

— Você está jogando verde para ver se consegue alguma coisa que faça sentido nesse emaranhado de ideias fantasiosas.

— Minhas fantasias são realmente fartas.

— Sei disso. Na última conversa que tivemos você sugeriu que eu teria sido responsável pelo desaparecimento do meu marido... Agora está dizendo que me beneficiei de um pacto estabelecido entre ele e Reginaldo... O que você está pretendendo com essas ideias?

— Saber o que realmente aconteceu. Cedo ou tarde eu e minha equipe vamos completar os dados referentes ao negócio que Marcos Rosalbo e Reginaldo Bravo mantinham. Quando isso acontecer, sua participação será também esclarecida. Foi você que me procurou para descobrir o que aconteceu com seu marido, e é isso que estou tentando fazer. Já te disse que esta nossa conversa não é um interrogatório policial e que isto aqui não é uma delegacia. Se você quiser me ajudar, sua palavra será ouvida com a máxima boa vontade. Caso pretenda me confundir, é melhor não nos encontrarmos mais fora da delegacia.

— Está bem.

— Está bem o quê?

— Eu concordo em falar...

— Sim?

— Havia realmente um negócio entre eles. Na época em que fui secretária, o negócio já existia havia algum tempo. Não posso garantir que fosse um negócio ilícito do ponto de vista policial, embora fosse ilícito por não constar da contabilidade do consultório.

O que estou chamando de negócio é o fato de Reginaldo Bravo aparecer regularmente no consultório sem consulta marcada e sair sem marcar hora para a consulta seguinte. Também era estranho o fato de eu não ouvir barulho de broca e do uso dos outros aparelhos, e também pelo fato de Marcos não me chamar para ajudar em algum procedimento como acontecia frequentemente. Outra coisa que me chamou a atenção foi o fato de que, sempre que Reginaldo ia ao consultório, logo em seguida apareciam visitas de alguns pacientes que ficavam pouco tempo sendo atendidos e que voltavam depois da visita seguinte de Reginaldo Bravo. Não havia fichas desses pacientes. Também não havia pagamento de consulta. Diziam que tinham acertado diretamente com o doutor. Não demorou muito para eu ter certeza de que aqueles encontros nada tinham de odontológicos. Ficou claro também que Reginaldo trazia sempre alguma coisa que Marcos guardava no armário em que trancava os anestésicos. Um dia, quando Reginaldo estava de saída, eu disse a ele em tom de brincadeira que era a primeira vez que via o cliente pagar as consultas diretamente ao dentista. Ele ficou sem saber o que dizer no momento, mas antes de ir embora disse que a partir daquela data haveria também um depósito para ser feito na minha conta. Desde então passei a receber, todas as vezes que ele tinha consulta, o equivalente ao preço de uma consulta. Eu nunca soube qual era a real natureza do negócio. E passei a ter além do meu salário, um acréscimo não oficial sem nenhuma anotação e sem o conhecimento de Marcos, de uma quantia que correspondia, dependendo do número de vezes que Reginaldo aparecia no consultório, a três ou quatro vezes o meu salário.

— Tem mais alguma coisa que você não me contou? — perguntou Espinosa.

— É claro que tem muita coisa. Depois disso eu deixei meu trabalho de secretária e me casei com Marcos. Cecília foi contratada para o meu lugar... Até Marcos desaparecer e Reginaldo se matar...

— Você acha que foi isso mesmo que aconteceu? — perguntou Espinosa.

— Isso o quê? Marcos desaparecer e Reginaldo se matar?

— É.

— O que você está querendo que eu diga? — perguntou Adriana.

— O que você realmente acha ou sabe que aconteceu.

— Agora só falta você esperar que eu diga que matei meu marido e que em seguida matei Reginaldo... apenas para comprovar seu delírio policial.

— Não sei a qual delírio você se refere. Eu não disse nenhuma das duas coisas, você é que acabou de dizê-las.

— O quê?!

— Você não disse? Ou eu ouvi mal? — insistiu Espinosa.

— Espinosa, você não é confiável. Considero nossa conversa terminada. De agora em diante, se quiser falar comigo, terá que ser na presença do meu advogado.

— Muito bem, mas nesse caso a conversa será na delegacia. E a senhora deverá providenciar outro advogado.

— Outro advogado?

— O seu está morto.

Meio-dia de sábado, Espinosa voltava para casa depois de passar a noite no apartamento de Irene. Encontrou Julio arrumando mala e enviando e-mails para Washington. Conseguira uma passagem que o obrigaria a duas conexões dentro dos Estados Unidos até chegar a Washington, mas que custara bem mais barato do que um voo direto. Embarcaria segunda-feira à noite e contava voltar no máximo em duas semanas, caso desse tempo para as providências necessárias a uma mudança definitiva para o Brasil.

— Quer dizer que só tenho a tarde de hoje e o dia de amanhã para estar com você — disse Espinosa.

— Um pouco menos que isso, pai. Amanhã vou sair com Cecília. Segunda-feira quero ir para o aeroporto com bastante antecedência porque tenho medo que o voo esteja *overbooked*.

À diferença das viagens anteriores, nesta de agora Julio tinha a esperá-lo na volta ao Rio um contrato de trabalho num grande escritório de arquitetura, embora tivesse também laços bastante fortes atando-o a Washington e Nova York. Era esperar para ver.

O telefone da sala cortou pelo meio o devaneio de Espinosa.

— Espinosa?

— Cecília! Por onde você tem andado? — perguntou, assim que ouviu a voz dela.

— Você quer saber por onde tenho andado ou com quem tenho andado?

— A segunda opção também serve.

— Estou pensando em trocar você por outro da mesma marca, mas num modelo mais novo.

— Acho que faz muito bem.

— O modelo mais novo deixou vários recados para mim. Ele está em casa?

— Já está vindo atender.

Esperava que Cecília fosse mais um elemento capaz de fazer com que se afrouxassem os laços que prendiam Julio a Washington e Nova York e fortalecesse os novos laços feitos por ele nessa estada no Brasil.

Na segunda-feira, Espinosa encarregou Ramiro e Welber de entregar a Adriana Rosalbo o computador que Cecília devolvera.

— Ela não está nem um pouco minha amiga — salientou Espinosa. — Não digam que eu mandei vocês devolverem o computador. Façam uma demonstração de que o aparelho está sendo devolvido em perfeito estado e peçam para ela assinar o recibo. Aproveitem a ocasião para verificar se ela realmente não sabe como funciona um computador. Não se esqueçam de que ela carregava um *pen-drive* dentro da bolsa.

— Delegado, já perguntei a ela — disse Welber. — Contei das circunstâncias em que vi o *pen-drive* quando fui forçado a mexer na bolsa. Ela então pediu para eu descrever um *pen-drive* e respondeu que o que eu tinha visto era um batom... Se ela estava dizendo a verdade, eu fiz a cópia dos arquivos de um batom.

Ramiro e Welber voltaram no final da tarde, depois de fazer exaustiva demonstração do perfeito estado em que se encontrava o computador devolvido e da plena recuperação de todos os arquivos que tinham sido apagados.

— Delegado — disse Ramiro —, ela não tocou no seu nome e continua agindo como se não entendesse nada de computador.

— E vocês acreditaram?

— Ela não deu sinal de estar mentindo. Verdade que ela parece ser uma pessoa controlada, pode ter fingido todo o tempo em que estivemos com ela, mas como saber?

— Sem o testemunho de alguém que a tenha visto operando um computador, não há como verificar. É muito difícil, neste caso específico, distinguir ignorância fingida de ignorância real. E ela é mestra soberana na arte do fingimento. Mas acredito que vocês tenham se esforçado o máximo, pelo tempo que demoraram.

— Delegado, sou capaz de apostar meu salário do mês como ela de fato não sabe usar um computador — disse Ramiro.

— Fique com seu salário e vamos trabalhar com a hipótese de ela não estar mentindo quanto a isso. O fato de ela carregar um *pen-drive* na bolsa não implica necessariamente que saiba fazer uso dele. O *pen-drive* pode pertencer a outra pessoa, ela pode ser apenas a portadora dele, mas não a usuária. Se ela realmente não sabe usar um computador, e se Cecília não foi autora das invasões e do apagamento dos arquivos, sobram apenas duas possibilidades: o advogado Reginaldo Bravo, que está morto; e o dentista Marcos Rosalbo, que teria que estar vivo. Não acredito que tenha sido obra de um estranho.

Naquele mesmo final de tarde, Adriana telefonou para a delegacia querendo falar com o delegado Espinosa. A ligação foi transferida para o gabinete.

— Delegado Espinosa falando.

— Espinosa, é Adriana... Estou ligando para me desculpar pelo modo como me comportei na sexta-feira. Estava emocionalmente tomada pelos últimos acontecimentos e respondi rispidamente às suas perguntas. Esqueça minha declaração de que só nos falaríamos na presença de um advogado. Afinal, fui eu que pedi para conversarmos sem os constrangimentos legais de praxe. Desculpe. Estou à sua disposição para continuarmos a conversa.

— Ótimo. Pode ser no mesmo local do nosso primeiro encontro — disse Espinosa.

— Tem um toque romântico. Quando?

— Amanhã, às quatro da tarde, está bem?

— Combinado.

Adriana apareceu vestida de modo bastante semelhante ao do primeiro encontro. A hora era a mesma e a varanda do restaurante estava igualmente vazia. Parecia uma repetição da primeira cena, com uma diferença essencial entre as duas: na primeira ela se apresentara como vítima do desaparecimento do marido, enquanto agora era suspeita de formação de quadrilha e assassinato. Isso sem que Espinosa dispusesse de nenhuma prova material ou testemunhal contra ela. Antes de ela surgir na esquina, ele refletia sobre esses vários encontros que, de um pedido de ajuda, se transformaram numa confrontação.

— Um real pelo que você estava pensando — disse ela, assim que Espinosa se levantou para recebê-la.

— Talvez não valha um real — disse ele, que não esperava tanta simpatia.

— Já que estamos rememorando o primeiro encontro, que tal brindarmos com chope, que é a bebida da casa? — perguntou Adriana.

Espinosa fez os pedidos e ficou esperando para ver qual seria o tom que ela imprimiria à conversa. E foi ela quem deu início.

— Da última vez que nos encontramos você fez insinuações que provocaram uma reação impetuosa de minha parte. Quero que você saiba que suas insinuações não me ameaçam. Não foi a elas que reagi, mas ao fato de que com elas atingimos o chamado ponto de não retorno, e isso pode significar o fim de nossas conversas. Você concorda comigo?

— Concordo — disse Espinosa.

— E isso não te assusta?

— Eu sou o delegado. Não sou eu quem tem de ficar assustado.

— Você insiste em ver o caso em termos de polícia e bandido?

— Inicialmente eram apenas delegado e desaparecido, não havia bandido — observou Espinosa.

— E agora? — perguntou Adriana.

— Agora, além do desaparecido temos também um morto.

— É aí que entra o bandido?

— Sim. A menos que o morto tenha sido autor de sua própria morte.

— E se Reginaldo tiver realmente se matado, não poderíamos conversar sem ser em termos de polícia e bandido ou polícia e suspeito? Eu não desperto nada em você além de suspeitas policiais?

— Sem dúvida, e é a razão de estarmos conversando aqui neste restaurante e não no seu apartamento.

— E o que você acharia de continuarmos a conversar no meu apartamento ou em qualquer outro lugar menos público?

— Acho que isso seria possível antes ou depois de este caso estar sob minha investigação.

— Não durante?

— Não durante.

— E quais as pessoas que ainda estão implicadas no caso?

— Digamos que continuam o delegado e alguns suspeitos.

— Suspeitos de quê?

— Formação de quadrilha e homicídio.

— Esta não é uma conversa técnica. Não precisa me assustar com esses termos técnicos.

— E também não é um depoimento... que teria que ser feito na delegacia legal, em presença de um advogado, e que faria parte de um inquérito policial.

— Terá que ser assim?

— Se nós dispusermos de indícios materiais ou testemunhais... sim.

— Quem é *nós*?

— A polícia.

— E o fato de estarmos aqui neste restaurante, tomando chope e conversando, é sinal de que vocês não dispõem de nenhuma prova

material ou testemunhal?

— Mais ou menos.

— Como “mais ou menos”? Vocês têm ou não têm provas?

— Se tivéssemos provas, os suspeitos já teriam prestado depoimento e o inquérito policial estaria começando.

— Então o que vocês têm?

— Indícios. Poucos. Uma aliança de casamento e a cópia de um *pen-drive*.

— *Pen-drive*?

— Com conteúdo codificado. Ainda não foi possível decodificá-lo. Quando isso acontecer, ele pode se tornar bastante comprometedor.

— Comprometedor de quem? — insistiu Adriana.

— Dos suspeitos.

— Você voltou ao ponto de partida! — disse Adriana, alterando um pouco a voz.

— Não foi precisamente esse retorno ao início que você achou romântico?

— Espinosa, estou começando a ficar com medo de você.

Adriana tomou um gole de chope. Ponderou o peso de cada frase dita por Espinosa e pareceu disposta a continuar o diálogo. Embora no começo da conversa estivesse calma e alegre, agora estava apreensiva.

— Essas pessoas que você está chamando de suspeitas são perigosas?

— Qualquer pessoa pode se tornar perigosa.

Adriana ficou em silêncio, terminou de beber o seu chope, e, procurando aparentar calma, disse:

— Desculpe, Espinosa, nossa conversa tomou um rumo estranho, prefiro adiá-la por uns dias para ter tempo de refletir sobre o que você disse e decidir se é isso mesmo que eu quero.

Levantou-se, despediu-se de Espinosa e tomou o caminho de volta para o seu apartamento.

Era o que Espinosa temia. Podia acontecer a qualquer momento no decorrer das conversas. Talvez não fosse uma decisão definitiva. Ela pedira alguns dias. Espinosa queria acreditar que ela não tomaria a decisão de cortar o laço tão arduamente tecido entre os dois. Ela era a maior interessada, precisava saber como estava caminhando a investigação empreendida pela polícia. Enquanto as outras delegacias estavam ansiosas para arquivar o caso, ela sabia que ele estava decidido a descobrir a verdade. O trunfo com o qual ela podia contar era sua convicção de que o delegado não dispunha de nenhuma prova material contra ela nem contra Marcos e Reginaldo.

Espinosa estava de volta à delegacia bem mais cedo que supunha. Antes da reunião do fim de tarde chamou Ramiro e Welber e reproduziu para eles as duas últimas conversas com Adriana Rosalbo e as diferentes reações que ela apresentara no fim de cada uma.

— Apesar de ter recuperado a calma, ela pediu um tempo. Eu disse a ela que estamos de posse de um *pen-drive* cujo conteúdo está codificado e que os técnicos da polícia estão trabalhando para encontrar a chave para decifrá-lo. Obviamente, não disse que se trata de uma cópia do *pen-drive* que estava na bolsa dela. Ela não falou nada. Mesmo porque ela havia jurado que o *pen-drive* era um batom. Na minha opinião ela não suportará ficar à margem da investigação: precisa estar a par do que está acontecendo para saber como evitar uma acusação formal. No caso de o doutor Marcos Rosalbo estar vivo, e isso é possível, deve estar em permanente contato com ela, para ser informado do que estamos fazendo. Quero que a partir de hoje e nos próximos dois dias Adriana Rosalbo seja seguida em todas as suas movimentações externas. Quero saber também se a escuta dos telefones da casa dela foi realmente suspensa.

— Não sei com quantos homens podemos contar no momento para seguir dona Adriana, acho que não mais de dois — disse Ramiro.

— O que me interessa saber é se ela se encontra com alguém. Claro que se esse alguém for o doutor Marcos, ele vai aparecer disfarçado. Se isso acontecer, detenham-no.

Passada menos de uma hora, Welber chegou com a informação de que a escuta no apartamento de Adriana fora mesmo suspensa, mas não desmontada materialmente. Para retomá-la, havia o problema de que ela fora autorizada apenas para atender à expectativa de um pedido de resgate do dentista. E ninguém mais estava pensando em sequestro. No entanto, a descoberta da aliança no carro de Reginaldo serviu de justificativa para ela ser retomada, o que foi feito imediatamente.

Adriana saiu de casa duas vezes. A primeira para ir à academia de ginástica, onde poderia ter feito quantas ligações quisesse. Dentro da academia estava fora do alcance da escuta policial e fora do alcance do detetive Chaves e do detetive novato que estavam fazendo a campana.

O único telefonema dado por Adriana da sua própria casa fora na manhã do terceiro dia de campana, para falar com o delegado Espinosa.

— Delegado, caso o senhor pretenda manter seus perdigueiros me seguindo o tempo todo, acho melhor continuarmos nossas conversas pessoalmente, sem necessidade de intermediários.

— Como quiser. Também considero a fala direta o melhor modo de chegar a uma conclusão. Afinal de contas, nós dois estamos perseguindo o mesmo objetivo. Encontrar seu marido.

Três dias de campana não levaram a nada além da reclamação da própria Adriana, que pediu para pararem com aquilo. Não haviam conseguido nada — nem flagrar algum telefonema suspeito nem descobrir encontros secretos.

Mesmo assim, Espinosa não considerava perdida a campana de Adriana. Se ela conseguira burlar a escuta telefônica falando de lugares públicos, não conseguira escapar da campana propriamente dita. Seus seguidores não conseguiram se manter invisíveis, porém não a perderam de vista. No relatório oral feito por eles ao delegado, concordaram que, embora algumas vezes não conseguissem evitar ser vistos, garantiam que Adriana Rosalbo só se encontrara com os colegas da academia de ginástica. E não acreditavam que o doutor Marcos Rosalbo fosse um dos atletas que se exercitavam nos aparelhos. Se ela falara com ele ou com alguma outra pessoa, fora por telefone.

Espinosa estava em seu gabinete, reunido com o inspetor Ramiro e o detetive Welber, fazendo um apanhado geral do que fora apurado.

— Acho que ficou claro, depois dessa campana, que não estamos lidando com uma mulher assustada e acuada pela polícia. A Sequestros continua com a escuta telefônica do apartamento de Adriana Rosalbo. O caso implicava diretamente três pessoas: o dentista Marcos Rosalbo, o advogado Reginaldo Bravo e Adriana Rosalbo; posteriormente foi incluída Cecília, cujo papel na história ainda não está claro. Marcos Rosalbo desapareceu há dois meses sem deixar vestígios; Reginaldo Bravo aparentemente cometeu suicídio; Adriana Rosalbo é suspeita de participar de um negócio ilícito junto com os outros dois. A verdade, porém, é que não

dispomos de prova nem indício contra nenhum deles. Temos apenas um boato de que um dia Marcos Rosalbo e Reginaldo Bravo estiveram envolvidos com drogas médicas, provavelmente como intermediários. Outra coisa que temos é a aliança de casamento do dentista Marcos Rosalbo, encontrada no carro do advogado Reginaldo Bravo. Para o que isso aponta? Para o fato de que Marcos Rosalbo andou no carro de Reginaldo, seu amigo de infância? Resta-nos continuar pressionando Adriana Rosalbo.

— Não foi ela quem o procurou, quando o senhor estava de licença, para orientá-la no caso do desaparecimento do marido?

— Foi. Só que no decorrer de nossas conversas passei a suspeitar que estivesse me usando para obter informações sobre as investigações.

— De vítima passou a suspeita — disse Welber.

— Contudo, isso se deu apenas na minha cabeça. Foi uma impressão pessoal, essa de que ela estava tentando me envolver. Nada mais.

— Por que então o senhor prosseguiu? — continuou Welber.

— Porque ao mesmo tempo eu me convencia de que estava no caminho certo e de que nossas conversas podiam ser úteis. Elaborei uma pequena história a partir de fragmentos dos relatos de Adriana Rosalbo e estava tentando verificá-la. No entanto, repito, essa história não passa de uma série de conjecturas. Imaginei o seguinte: havia um negócio entre doutor Marcos Rosalbo e o advogado Reginaldo Bravo desde o tempo de recém-formados. A própria Adriana Rosalbo reconheceu a existência dessa sociedade, ressaltando que não tinha como afirmar que fosse um negócio ilícito a não ser por não constar da contabilidade do consultório. Disse que nunca soube qual a real natureza do negócio. As perguntas que fazia ao doutor Marcos e ao doutor Reginaldo recebiam respostas vagas. No entanto, depois de formular essas perguntas ela passou a receber uma bonificação mensal correspondente a quatro ou cinco vezes o seu salário. Essa bonificação foi uma iniciativa de Reginaldo sem o conhecimento do doutor Marcos Rosalbo. Quando perguntei

como ela havia chegado ao doutor Marcos para ocupar o cargo de secretária, ela disse que fora graças a uma conhecida — conhecida essa que perdera de vista. Minha suposição é que foi indicada pelo doutor Reginaldo Bravo com o objetivo de controlar a movimentação do negócio. Não excluo a possibilidade de Reginaldo e Adriana terem passado os bens do dentista para o nome dela.

Quando Espinosa parou de falar, Ramiro e Welber ficaram alguns segundos parados, como à espera de um complemento ou de uma conclusão. O delegado, porém, parecia refletir sobre o que acabara de dizer.

— Não tomem um quadro esquemático e ficcional por uma conclusão sobre a culpabilidade de Adriana Rosalbo. Uma conjectura, por mais plausível que seja, continua sendo conjectura. Temos alguns poucos indícios materiais e esse esquema que acabei de apresentar a vocês, construído a partir de palavras da própria Adriana. A dificuldade está em saber como transformar as palavras em fatos. Conteí a Adriana que estávamos tentando decifrar o conteúdo de um *pen-drive*. Ela fingiu que não era com ela. Sentiu porém que eu não estava blefando e não vai esperar o código ser decifrado. Vai ter de agir. Quando isso acontecer, teremos transformado palavra em fato — continuou Espinosa.

— Isso se o conteúdo do *pen-drive* for realmente comprometedor — disse Ramiro. — E nesse caso ela vai tentar fugir.

— Sem Marcos e sem Reginaldo ela está sozinha. Não temos ainda elementos para detê-la. Essa é a situação. Não podemos detê-la e ela não pode fugir sem se denunciar. Se ela for realmente culpada de algum dos crimes supostos, quanto mais tempo se passar, maior é a probabilidade de o *pen-drive* ser decifrado e mais próxima ela fica de ser indiciada. O que podemos fazer nesse intervalo é seguir todos os seus passos e controlar todos os seus contatos. Sozinha, sem os sócios-comparsas, ela não vai suportar o cerco e a espera. É possível que tente negociar.

Manhã do dia seguinte, Adriana Rosalbo saiu para a academia, distante apenas três quadras de seu apartamento. Passada uma hora, deixou a academia caminhando pela avenida Copacabana na direção oposta à de sua casa. Contornou a praça do Lido e voltou na direção do Leme pela avenida Atlântica, onde entrou num supermercado antes de voltar para casa. Um passeio com o intuito óbvio de verificar se estava sendo vigiada.

Welber, Chaves e Marcos se revezavam desde as seis horas da manhã. Chaves estava na campana e acompanhara a pé o passeio de Adriana. No momento, de dentro de um carro estacionado próximo ao prédio onde ela morava, observava o movimento da portaria. Por sorte o prédio tinha apenas uma portaria e uma saída de garagem, ambas na mesma rua. Faltavam dez minutos para o meio-dia quando Welber bateu no vidro do carro. Chaves não o reconheceu. Ficou alguns segundos em dúvida, até Welber abrir a porta e sentar-se ao lado do motorista. Chaves cumprimentou-o pelo disfarce de carteiro, fez um rápido relato dos acontecimentos da manhã e deixou o carro com o colega.

O turno da tarde foi cansativo e monótono. Adriana não saiu. Passadas três horas, Welber começava a achar que ela saíra sem ele perceber. Ficara tanto tempo com o olhar voltado para a portaria do prédio que já não discriminava claramente quem saía e quem entrava. Saiu do carro e deslocou-se uns vinte metros para mudar o ponto de vista. Uma hora depois, o olhar estava igualmente viciado. Às seis da tarde, quando foi rendido por Marcos, já não era capaz de garantir que Adriana Rosalbo não saíra de casa.

O detetive responsável pelo terceiro turno da campana passou pelo mesmo sofrimento, a monotonia da espera de algo que se

recusa a acontecer. A situação não se alterou durante os dois dias seguintes, no final dos quais nenhum dos três policiais era capaz de jurar que Adriana Rosalbo estava dentro do seu apartamento e não a quilômetros dali. Na sexta à noite, o porteiro informou que dona Adriana não saíra de casa o dia todo.

No sábado a situação tornou-se mais tensa pelo afluxo maior de banhistas circulando pelas ruas do bairro. Não seria muito difícil Adriana aproveitar-se de um momento de maior movimento e misturar-se à multidão que descia dos ônibus vindos da zona norte da cidade e dos subúrbios. O céu estava azul, o mar manso e a água transparente. Combinação perfeita para lotar a praia e aumentar ainda mais o movimento nas calçadas do bairro.

No domingo, por volta do meio-dia, um policial disfarçado de entregador tocou várias vezes a campainha do apartamento de Adriana sem que aparecesse ninguém para abrir a porta. Welber pediu que lhe levassem a cópia da chave que ainda estava guardada na delegacia e abriu a porta. O apartamento estava vazio. Adriana devia ter escapado antes mesmo do final de semana.

— Como ela escapou? — perguntava Espinosa.

— Achamos que pode ter sido na manhã de quinta ou de sexta. É possível que tenha esperado o movimento maior de carros na garagem, quando os moradores saem para o trabalho, para pedir carona a algum vizinho. Não saiu a pé nem saiu com o carro dela.

— O aspecto positivo é que fugindo ela reconhece sua culpa — disse Welber, tentando salvar alguma coisa da operação fracassada.

— Só que oficialmente ela não está fugindo. Não foi acusada de nada. Está livre para ir aonde quiser. Pelo menos até decifrarmos o conteúdo daquele *pen-drive* — observou Espinosa.

No final da manhã de quarta-feira Adriana ligou para o delegado Espinosa.

— Espinosa, como está passando? Muito trabalho?

— O trabalho em uma delegacia de polícia é sempre intenso, sobretudo quando essa delegacia é em Copacabana. De toda forma,

obrigado pelo seu interesse. E você, como foi de viagem?

— Viagem? — perguntou Adriana.

— Não viajou? — insistiu Espinosa.

— Ah, sim. Muito rapidamente. Não considero uma saída de fim de semana viagem. Foi tudo bem. Obrigada pelo interesse.

Ficaram ambos alguns segundos em silêncio.

— E em que posso ajudá-la? — perguntou Espinosa.

— Da última vez que nos falamos, concordamos que nós dois estamos interessados na mesma coisa: encontrar meu marido. Por que não voltamos a colaborar um com o outro, como vínhamos fazendo desde o começo? Tenho certeza de que só temos a ganhar trabalhando juntos.

— Concordo — respondeu Espinosa.

— Podemos, então, retomar nossas conversas? — perguntou ela.

— Certamente.

— Que tal amanhã, na parte da tarde?

— Para mim está bem.

— Pode ser em outro lugar... para variar? — perguntou Adriana.

— Claro que pode. Na esquina anterior à da sua casa tem uma choperia com mesas na calçada. Está bem para você?

— Muito bem. Mesma hora de sempre?

— Mesma hora.

Se Adriana estava propondo novos encontros que poderiam se repetir era porque aceitava o risco de ver os arquivos do *pen-drive* decodificados e seu conteúdo revelado. Isso só faria sentido se nos dias em que estivera fora tivesse conseguido neutralizar ou eliminar a ameaça que isso representava.

Como de costume, Espinosa chegou com quinze minutos de antecedência. A praia de Copacabana se estendia em toda a sua extensão diante do restaurante. Sondou o ambiente, escolheu uma mesa bem discreta, olhou em volta, e ficou à espera de Adriana.

Às quatro horas em ponto um homem mais ou menos da idade dele, vestindo um terno de excelente qualidade, desceu de um carro igualmente elegante e se aproximou da mesa em que ele estava sentado.

— Delegado Espinosa?

— Sim.

O homem estendeu um cartão e se apresentou:

— Meu nome é André Carneiro de Azevedo, advogado de dona Adriana Rosalbo. Posso me sentar?

Espinosa indicou com a mão a cadeira em frente.

— Dona Adriana não vai poder comparecer ao encontro. Pediu que eu a representasse — disse o advogado.

— O que aconteceu com dona Adriana? — perguntou Espinosa.

— Ela está bem. Apenas não vai poder comparecer. Está fora da cidade.

— Ela me telefonou ontem à tarde marcando este encontro!

— Sim. Na verdade ela telefonou... de outro estado.

— Onde ela está? — insistiu Espinosa.

— Sinto muito, não estou autorizado a dizer onde ela se encontra.

— E por que tudo isso?

— Dona Adriana Rosalbo se queixa de assédio sexual. Alega que o senhor, usando as prerrogativas do cargo de delegado e com a desculpa de ajudá-la a encontrar o marido desaparecido, passou a marcar encontros em restaurantes e a frequentar o apartamento dela, chegando mesmo a dormir lá uma noite com o pretexto de protegê-la de uma ameaça de invasão, ameaça essa que ela diz ser fruto exclusivo de sua imaginação. Alega ainda que o senhor forjou telefonemas intimidadores, apreendeu computadores, inventou estar de posse de um *pen-drive* com arquivos suspeitos, e que nos últimos encontros passou a ameaçá-la com hipóteses delirantes segundo as quais ela teria assassinado o marido e o advogado do marido. Não satisfeito com isso, nas últimas semanas o senhor teria destacado policiais da sua delegacia para vigiá-la vinte e quatro horas sobre vinte e quatro. Foi quando ela tomou a decisão de se afastar da cidade. Segundo ela, o senhor está seriamente perturbado, provavelmente em decorrência de um atentado sofrido há dois meses. Ela não quer representar contra o senhor. Pelo menos não por enquanto. Pede apenas que o senhor a deixe em paz e que o senhor e seus subordinados se afastem dela. Enquanto isso não acontece, ela se manterá longe do senhor e da sua delegacia.

Espinosa levantou-se, guardou o cartão do advogado e foi-se embora sem dizer uma única palavra.

Continuou andando sem olhar para trás, sem olhar para o mar, sem olhar para nada além das pedras portuguesas que pavimentavam o calçada da avenida Atlântica. Chegou à delegacia em menos de meia hora, fechou-se no seu gabinete e maquinalmente apanhou a folha de computador que estava sobre a mesa. Ficou com o papel na mão, dobrando e desdobrando a folha sem se dar conta do que estava fazendo, procurando reproduzir de memória cada palavra dita pelo advogado. Ainda maquinalmente, desdobrou a folha que tinha na mão e leu a mensagem endereçada ao delegado Espinosa pela equipe técnica responsável pela decifração do *pen-drive*: “Não foi possível decifrar o código do arquivo constante do *pen-drive* anexo porque não há nenhum código a ser decifrado. As páginas repletas de números não passam de um amontoado aleatório de algarismos digitados ao acaso”.

Espinosa deixou passar meia hora esperando que aquele acúmulo de novos fatos ganhasse coesão e se sedimentasse. Em seguida, chamou Welber e Ramiro. Os dois auxiliares perceberam de imediato que alguma coisa grave tinha acontecido. O delegado apontou as duas cadeiras, uma de cada lado da sua mesa, e fez um relato quase literal do encontro com o advogado. Concluiu o relato comunicando-lhes o conteúdo do e-mail enviado pela polícia técnica sobre o *pen-drive* de Adriana.

— Ela conseguiu inverter a situação — continuou ele. — De suspeita, passou a vítima e acusadora, enquanto eu passei de investigador a acusado. E o pior é que, se examinarmos fria e cuidadosamente cada acusação feita por ela, o conjunto é perfeitamente coerente, embora falso. Não houve queixa formal. O advogado apenas expressou o sentimento de Adriana Rosalbo, no

entanto é óbvio que as duas frases “Ela não quer representar contra o senhor” e “Pelo menos não por enquanto” foram ditas com um sentido claro de ameaça. Por enquanto não tenho que responder ao advogado: nada me foi perguntado. Tenho que agir. E o primeiro passo será encontrar o corpo de Marcos Rosalbo, e, como as outras delegacias envolvidas decidiram arquivar o caso, ficamos à vontade para procurar o corpo, coisa que essas delegacias já fizeram, sem sucesso.

— Se as outras delegacias já procuraram e não encontraram, por que nós teríamos sucesso? — perguntou Welber.

— Porque insistimos em procurar — respondeu Espinosa. Vamos voltar ao iml e depois vamos fazer nova visita ao cemitério de indigentes.

— Mas isso já foi feito pelas especializadas — disse Ramiro.

— Não tenho nenhuma esperança de encontrar o cadáver de Marcos Rosalbo. Quero apenas que Adriana Rosalbo saiba que estamos fazendo isso.

Já era noite quando Espinosa saiu da delegacia e tomou o caminho de casa. A semana tinha sido tão tumultuada que nem sabia se Irene estava no Rio ou em São Paulo. Tampouco tivera notícias de Julio. Assim que chegou em casa, ligou para Irene. Uma mensagem na secretária anunciava que ela estaria de volta no dia seguinte. Ligou o computador para ver se havia alguma mensagem de Julio. Nada. Ligou para Cecília: “desligado ou fora de área”. Tirou a roupa, entrou no chuveiro e tomou um banho quente relaxante. Se é que havia relaxamento possível, dadas as circunstâncias.

Tinha acabado de tirar do congelador uma lasanha e posto para descongelar quando o telefone tocou.

— Espinosa, finalmente você ligou para mim — era Cecília. — Seu número ficou registrado. Como você está passando? Plenamente recuperado?

— Estou passando bem, não sei se plenamente recuperado. E você, como está passando?

— Bem, mas estou achando sua voz triste... O que aconteceu?

— Sabe aquela mensagem que Tom Hanks envia da nave Apolo retornando à Terra: "*Houston, we have a problem*"?

— Você está com um problema?

— Mais ou menos do mesmo tamanho do dele.

— Posso ajudar?

— Vou precisar de sua ajuda, mas antes tenho que contar para você em que pé as coisas estão.

— Quer que eu vá para aí agora?

— Não. Este é um dos pontos do problema. Eu ia mesmo descongelar uma lasanha que estava no congelador há mais de um mês. Você jantou?

— Ainda não. Nem tenho lasanha no congelador.

— Então pegue o metrô e se encontre comigo na roleta de saída da estação Arcoverde.

Devolveu a lasanha ao congelador, guardou o vinho e tornou a se vestir. Quinze minutos depois estava na estação do metrô esperando Cecília no lugar marcado.

Cecília chegou com a mesma camiseta preta com ideograma japonês, calça e jaqueta jeans.

Assim que se encontraram, ela disse:

— *Me Houston, you Tom Hanks* — e deu dois beijos em Espinosa.

Saíram da estação com Espinosa contando resumidamente a Cecília os encontros recentes com Adriana, até o último, em que Adriana fora representada pelo advogado, com a ameaça de queixa-crime por assédio sexual.

— Ela está louca!

— Pode ser, mas se ela me processar, e se o advogado dela for muito bom, ela pode conseguir, para começar, que eu receba uma punição administrativa, além de ser submetido a uma junta psiquiátrica para verificar minha sanidade mental.

— Espinosa, antes de mais nada você precisa jantar e tomar uma ou duas taças de vinho para relaxar.

— Vamos à Trattoria. Lá podemos conversar sem ser incomodados.

Conseguiram uma mesa discreta, fizeram os pedidos e Espinosa terminou o relato que estava fazendo no caminho até o restaurante.

— O que ela tem a favor dela? — perguntou Cecília.

— O testemunho do porteiro, que me viu saindo do apartamento dela às cinco e meia da manhã; o testemunho da empregada, que me viu chegando para o último encontro no final da tarde; o testemunho dos garçons do restaurante, onde conversamos longamente por duas vezes, à tarde; você, como testemunha da pane dos computadores; o técnico chamado por você para consertar um dos aparelhos; e, se estava com isso tudo planejado, suponho que tenha gravado as conversas que tivemos no apartamento dela, nas quais eu exponho algumas conjecturas que fariam dela pelo menos cúmplice da morte do marido.

— Cúmplice de quem?

— De Reginaldo Bravo.

— Reginaldo assassino de doutor Marcos?

— É uma possibilidade.

— Reginaldo não faria isso de jeito nenhum. Reginaldo tinha um monte de defeitos, alguns sérios, mas de maneira nenhuma era um assassino. Ele seria incapaz de matar outra pessoa, quanto mais um amigo de infância. Isso eu posso garantir para você.

— Mesmo por amor a Adriana? Mesmo que ela se oferecesse a ele?

— Mesmo assim.

— Por que você diz isso?

— Porque conheço Reginaldo melhor do que ele mesmo. Reginaldo preferiria se matar a matar o amigo. Do que você precisa para se livrar dessa confusão?

— Preciso fazer Adriana pensar que encontramos o corpo de Marcos Rosalbo. Mandeí Welber e Ramiro ao iml e a um cemitério que aceita indigentes. Se ela está atenta como parece, tomará conhecimento disso. Mandeí também Welber se informar no prédio do consultório do doutor Marcos se algum funcionário está incumbido de avisar Adriana quando alguém procurar pelo marido dela. E a resposta foi que os porteiros ficaram com essa missão.

— Você disse que eu poderia ajudar. De que maneira?

— Passado todo esse tempo, o corpo não poderá ser identificado visualmente. Haveria a possibilidade de ser identificado pela arcada dentária. Como Marcos Rosalbo era dentista, é possível que ele tenha um molde de sua própria arcada. Caso não tenha, podemos fazer um exame de DNA. Acontece que os pais dele já morreram, e ele não tem parentes conhecidos. Não temos com o que comparar o material retirado do corpo.

Cecília ficou pensativa.

— Um dente serve? Ele precisou extrair um siso e o colega que extraiu guardou num vidrinho e deu de presente a ele. Esse vidrinho está no consultório.

— Maravilha. Poderia servir como elemento de comparação.

O garçom chegou com os pratos. Cecília preferiu tomar chope em vez de vinho. Espinosa acompanhou o pedido.

— Agora podemos mudar de tema até o fim do jantar — disse Espinosa.

— Você tem se comunicado com Julio por e-mail ou por telefone?
— quis saber Cecília.

— Não. Preferi deixá-lo resolver os problemas que tem de resolver sem interferências de minha parte.

— Então pensamos o mesmo.

— Você encontrou algum trabalho novo?

— Encontrei alguns que não me agradaram. Ainda tenho algum dinheiro. Posso esperar.

Depois de fitar demoradamente Espinosa, Cecília perguntou:

— Essa coisa te atingiu bastante, não foi?

— O golpe não foi tão grave quanto a facada que levei, apesar de igualmente fundo.

— Sabe de uma coisa? — continuou ela. — Estou começando a achar que a história que Reginaldo disse que ouviu de Marcos a respeito da loucura de Adriana pode ser verdade. Não era doutor Marcos que a perseguia obsessivamente, e sim Adriana que o perseguia enlouquecidamente. E acho que ela está tentando fazer o mesmo com você.

— Espero que as duas histórias não tenham o mesmo fim — disse Espinosa.

— Claro que não terão — disse Cecília.

— O fim de Reginaldo não foi diferente. Você acredita que Reginaldo se suicidou?

— Acredito que ele possa ter causado a própria morte... Não acredito que tenha se suicidado. Reginaldo era um passional... um romântico... além de desajeitado com as mulheres. Deve ter se apaixonado perdidamente por Adriana, por quem seu amigo Marcos também se apaixonara, e não conseguiu abrir mão nem da amizade nem da paixão. Se Reginaldo e Adriana realmente marcaram um encontro no apartamento dele, e Adriana compareceu ao encontro, ela o encontrou morto ou em coma.

— Uma pessoa em coma não é necessariamente uma pessoa condenada à morte. O estado de coma é reversível — disse Espinosa. — A menos que seja deliberadamente aprofundado.

— Você acha que ela...?

— Por que não? Só duas pessoas podem ter posto aquela aliança no carro de Reginaldo. Marcos ou Adriana. Ninguém mais — disse Espinosa.

— E o fato de ele estar nu? Ele era desajeitado, mas não era grosseiro.

— Pode ser que tenha começado a tomar os tranquilizantes muito antes da hora de ela chegar, e tenha se despido para tomar banho, porém adormeceu antes de chegar ao banheiro — respondeu Espinosa.

Houve um período de silêncio até terminarem o prato principal, ao mesmo tempo em que digeriam o que fora dito.

— Desculpe ter abordado esse assunto agora.

— Tudo bem. Reginaldo já faz parte da minha história pessoal. O que me tocou foi ele ter morrido de maneira tão estúpida.

— Era a morte dele que eu estava tentando esclarecer por meio de Adriana Rosalbo.

— E eu achava que ela era uma boa pessoa! Agora estou com medo do que ela possa fazer contra você — disse Cecília.

— Ela também está com medo do que eu possa fazer contra ela — disse Espinosa.

Sexta-feira, Ramiro e Welber passaram o dia inteiro no Instituto Médico Legal examinando corpos ou partes de corpos de “homem-branco-não-identificado”. O estado de alguns deles tornava a identificação — positiva ou negativa — difícil. Apesar da dificuldade, no final da tarde deixaram o prédio do iml com a certeza de que nenhum dos corpos guardados no frigorífico era o de Marcos Rosalbo. Não valia a pena iniciar a busca no cemitério municipal na manhã seguinte, sábado. Precisariam ter acesso aos funcionários encarregados pelo registro e enterro dos corpos dos indigentes, e é mais fácil encontrar esses funcionários nos dias de semana. Espinosa ainda estava na delegacia quando os dois voltaram para relatar o resultado da busca.

Note de sexta-feira. Irene continuava em São Paulo. Julio continuava em Washington ou em Nova York. E Espinosa continuava sem saber o que aconteceria nos próximos dias. Ligou para o delegado Miguel da 19ª DP da Tijuca e perguntou se o apartamento de Reginaldo Bravo ainda estava interditado e se ele ainda estava com a chave. A resposta foi sim para as duas perguntas. Pediu para ele deixar as chaves do apartamento e do carro dentro de um envelope, que ele passaria na manhã seguinte para pegar.

Sábado, dez da manhã, Espinosa descia do metrô na estação Saens Pena, na Tijuca, e prosseguia a pé em direção à 19ª DP. O delegado Miguel não estava, mas deixara o envelope com as chaves. Da delegacia, Espinosa seguiu para o prédio onde Reginaldo Bravo morava.

Antes de subir ao apartamento, foi à garagem examinar mais uma vez o carro, estacionado no mesmo lugar depois que Freire o submetera a uma segunda perícia. Espinosa entrou no carro e

sentou-se no lugar do carona, supostamente o lugar ocupado por Marcos Rosalbo para poder enfiar a aliança onde ela fora encontrada. Deixou o braço direito pender, no entanto os dedos não coincidiram com a marca feita pelo perito para assinalar o ponto em que Marcos teria enfiado a aliança debaixo do tapete. A marca estava três ou quatro palmos à frente do lugar onde pendia a mão de Espinosa. Era uma operação quase impossível de realizar sem o motorista e quem mais estivesse no carro perceberem. Espinosa fez várias tentativas, e em todas foi obrigado a dobrar o corpo para a frente e esticar o braço. Impossível fazer o movimento sem ser notado, a menos que simulasse uma queda sobre o painel do carro. E somente sentado naquele banco da frente Marcos poderia ter enfiado a aliança no lugar em que fora encontrada. A menos que não fosse ele a colocar a aliança debaixo do tapete.

Fechou o carro e subiu para o apartamento 401. Também ali tudo estava inalterado. Não descerrou as cortinas; apenas acendeu a luz dos abajures da sala e do quarto de Reginaldo e a luz do banheiro. Pegou uma cadeira da mesa da sala, colocou junto à porta do quarto de modo a ver o interior do quarto, o banheiro e parte da sala. Sentou-se e deixou-se ficar durante longo tempo, sem se concentrar em nada, apenas deixando que os protagonistas da cena ocupassem seus lugares. Sem pressa de preencher as lacunas, imaginou Reginaldo uma hora antes do encontro, recostado na cabeceira da cama, vestido tal como chegara em casa, antecipando pela enésima vez a entrada de Adriana. Conforme o combinado ela não tocaria a campainha. Abriria a porta com sua própria chave e iria até ele silenciosamente para não denunciar sua presença aos vizinhos. Estaria vestida com uma roupa discreta, talvez um detalhe provocante. O perfume seria suave e sugestivo. Maquiagem discreta. Joia nenhuma. Chegaria com um sorriso enigmático, esperando a reação dele, para então expressar mais claramente o que sentia.

Quanto mais repetia imaginariamente a cena, mais nervoso Reginaldo ficava. Tomou um tranquilizante para estar em condições de responder adequadamente às possíveis manifestações de Adriana, principalmente no caso de ela chegar séria ou mesmo

beligerante — embora esta última suposição não tivesse muito cabimento. Por que chegaria beligerante a um encontro marcado de comum acordo, mesmo sendo uma pessoa dada a mudanças bruscas de humor? Melhor tomar dois comprimidos em vez de um. Receberia Adriana na porta? Seria mais gentil... Ou esperaria que entrasse, com a chave que deixara com ela? E as bebidas? Levantou-se da cama e retirou de um pequeno armário da estante duas garrafas de uísque. Pegou também dois pacotinhos de amendoim e castanha de caju. Deixou uma garrafa e um pacotinho na sala e outra garrafa e outro pacotinho na mesa de cabeceira. Aproveitou para tomar uma dose de uísque para relaxar. Na verdade, nem os comprimidos de tranquilizante nem o uísque estavam fazendo efeito. Continuava tenso e com medo. Medo, quase pavor, de fracassar quando chegasse a hora. Era o pesadelo supremo. Nada pior podia acontecer na vida. Era impensável. Não devia nem pensar nisso. Essa porcaria de tranquilizante não tranquilizava nada. Melhor tomar logo três comprimidos... ou quatro, já que caíram quatro na palma da mão... que aliás está tremendo... o que pode ser resolvido com outra dose de uísque. Melhor engolir logo essa porcaria e tomar um banho demorado. Nada de suor e mau cheiro. Aliás, o banho não pode ser demorado... Tenho que estar pronto quando ela chegar. Banho tomado, barba feita, perfume discreto, roupa adequada... E não posso sentir sono nem cansaço. Tenho que estar na plena posse da minha capacidade física... O banho vai me reanimar. É só eu me levantar e entrar no chuveiro frio... antes tenho que tirar a roupa... esconder a roupa usada debaixo da cama... bem debaixo da cama... Daqui a pouco ela vai chegar... Preciso chegar ao chuveiro...

Espinosa olhou para a silhueta desenhada no chão do banheiro pelos peritos.

Viu Adriana abrir a porta, entrar e tornar a fechá-la, chamar Reginaldo sem elevar a voz, quase um murmúrio, olhar a garrafa de uísque e o pacotinho de amendoim em cima da mesinha de centro, chamar uma segunda vez e caminhar em direção ao quarto e encontrar Reginaldo nu, caído no chão do banheiro. Ela se abaixa, verifica a respiração de Reginaldo, constata que está vivo mas que

não consegue abrir a boca para falar nem manter os olhos abertos. Diz a ele que espere, que vai preparar um remédio para ele sair daquele estado, vasculha o armário de remédios e as gavetas das mesinhas de cabeceira, pega tudo o que encontra, pega a caixa de tranquilizante que ele deixara em cima da cama, vai para a cozinha e prepara um coquetel de droga com leite. Volta ao banheiro, levanta a cabeça de Reginaldo e vai derramando em sua boca devagar, gole por gole, o coquetel que mexe continuamente com a colher. Toda vez que Reginaldo adormece ela o sacode, ordena que acorde. A cada breve recuperação ela o faz ingerir uma dose de uísque, para em seguida voltar com o coquetel. Toda vez que ele engasga, ela insiste com o gole de uísque, até conseguir que ele tome quase todo o coquetel de barbitúricos. Quando vê que não consegue mais fazê-lo tomar nada, deixa o copo de lado, repõe a cabeça de Reginaldo no chão, senta-se na beira da cama e espera. Espinosa não sabe quanto tempo ela espera. Pode ter sido uma hora. Pode ter sido menos. Reginaldo permanece na mesma posição. Não move nenhuma parte do corpo. Não move nenhum músculo. Ela se abaixa e verifica a respiração de Reginaldo, tenta sentir a pulsação, finalmente cola o ouvido ao peito para tentar auscultar o coração. Não satisfeita com o exame, pega um espelho no banheiro, coloca-o junto à boca de Reginaldo e espera. Depois de consultar várias vezes a superfície do espelho, levanta-se, vai à cozinha e volta com uma toalha de mão umedecida. Faz uma completa limpeza de possíveis impressões digitais. Tudo concluído, levanta-se e sai, trancando a porta por fora com sua chave e deixando a chave de Reginaldo pelo lado de dentro.

Quando Espinosa consulta o relógio, duas horas se passaram.

Não tinha a menor pretensão de ser vidente, muito menos de possuir o dom das artes da adivinhação. O que acabara de fazer era uma construção imaginária. Podia ser aquela como podia ser qualquer outra. Só que foi aquela. Era para uso exclusivamente interno.

Os dias seguintes não trouxeram nenhuma mudança substancial no quadro geral do caso Rosalbo, salvo pelo fato de Ramiro e Welber

não terem encontrado nenhum cadáver não identificado que pudesse ser considerado como sendo o de Marcos Rosalbo. Claro que o fato de não terem encontrado o corpo não significava necessariamente que o dentista não tivesse morrido. Seu corpo podia estar enterrado num buraco qualquer de um terreno qualquer, ou jazer no fundo da baía da Guanabara ou nas extensas restingas e manguezais do município.

Na quinta-feira Irene chegou, e na mesma quinta-feira Julio mandou um e-mail de Washington dizendo que precisava de mais tempo para resolver uma série de pequenos problemas burocráticos que não podiam ser deixados para trás.

Na sexta, Espinosa buscou Irene e saíram para jantar.

— Quer dizer que a quase-suicida está prestes a te processar por assédio sexual, abuso de poder, acusação infundada, perturbação mental e *otras cositas más*.

— Acredito que seja mais ameaça do que intenção verdadeira — respondeu Espinosa. — Ela marcou um encontro comigo, mas saiu da cidade e mandou um advogado no lugar dela. Decidiu me ameaçar antes que eu apresentasse algo materialmente mais consistente do que as conversas que vínhamos tendo.

— Querido, mulher é bicho muito mais perigoso do que você pensa. Pelo que você contou, ela é muito bonita e tentou seduzi-lo, você aceitou o jogo de sedução porque lhe era conveniente, no entanto não foi para a cama com ela. Essa mulher, por nada mais do que isso, deseja ver você cortado em pedaços e lançado aos cães.

— Ela não é uma mulher passional. O uso que faz da sedução é frio e calculado. Se ela seduzir alguém e a sedução não funcionar, simplesmente muda de tática. Marcos Rosalbo deve ter sucumbido na primeira semana. Duvido que ela o tenha amado mais do que amou o ascensorista do prédio do consultório ou o porteiro ou o caixa do banco.

— Por que ele? Pelo que você disse, ele não é rico, não pertence à alta sociedade, não é bonito.

— Não, embora pudesse chegar lá... Poderia até ficar bonito, se ficasse muito rico.

— Então por que ela se livrou dele?

— Porque ele se tornara uma ameaça. Assim como Reginaldo Bravo. Pelo mesmo motivo, está tentando se livrar de mim. Só que matar um delegado de polícia é complicado, então tenta me matar administrativa, profissional e moralmente.

— O que você pretende fazer?

— Pegá-la primeiro. Para isso, preciso encontrar o corpo do marido ou fazê-la pensar que encontrei.

— Você está tão certo assim de que ela o matou?

— Não ela pessoalmente. Talvez Reginaldo Bravo... Depois ela própria matou Reginaldo Bravo.

— Você não tem como provar isso — disse Irene.

— Não. Daí a necessidade de encontrar o corpo de Marcos Rosalbo, senão...

— Senão o quê? — perguntou Irene.

— Senão ela me pega.

— Você disse uma coisa que não combina.

— Não combina com o quê? — perguntou Espinosa.

— Não combina com a história dos fatos. Pelo que você acabou de dizer, ela não é passional, não é emotiva, é fria como uma cobra...

— ...no entanto, quase se matou de tanto tranquilizante porque ficou nervosa com o teste fotográfico que ia fazer — completou Espinosa. — Eu já tinha pensado nisso, mas hoje estou convencido de que grande parte daquilo foi forjado. A intoxicação talvez não tenha sido tão forte quanto pareceu à primeira vista. A caixa de remédio encontrada por Welber dentro da bolsa foi uma isca que teve uma dupla função: sugerir que ela tomara todos os comprimidos que faltavam na embalagem e chamar a atenção para o *pen-drive* que estava na bolsa. Caímos nas duas. Claro que ela

tomou um remédio forte para dormir e efetivamente dormiu. O resto foi fruto da sugestão. Welber foi sugestionado pela caixa de comprimidos, os paramédicos foram sugestionados pelo estado de semiconsciência dela, e os médicos no hospital fizeram uma lavagem estomacal por precaução.

Cecília saiu da delegacia, no sábado de manhã, com o pequeno envelope contendo a chave do consultório de doutor Marcos e a incumbência de pegar o vidro com o dente do siso dele, bem como o molde de sua arcada dentária. Não sabia o que estava acontecendo. O objetivo do pedido era obviamente dispor de material comparativo para a identificação de algum corpo ou parte de corpo que a polícia tivesse encontrado, só que o próprio Espinosa dissera que não tinham encontrado nenhum corpo que pudesse ser o de Marcos Rosalbo.

Não teve dificuldade para encontrar nenhuma das duas coisas. O dente do siso estava bem protegido dentro do vidrinho, o molde da arcada dentária teria que ser cuidadosamente embrulhado para não quebrar. Era o que estava fazendo no momento em que o telefone tocou. Sentiu um choque por todo o corpo. Já havia esquecido a série de telefonemas mudos que recebera antes de deixar o emprego de secretária do doutor Marcos. Deixou tocar a segunda vez e atendeu ao terceiro toque:

— Consultório do doutor Marcos Rosalbo.

— Quem está falando?

Cecília identificou imediatamente a voz de Adriana Rosalbo.

— Cecília... a secretária dele.

— Cecília, é Adriana que está falando, o que você está fazendo aí?

— Bom dia, dona Adriana. O delegado Espinosa me pediu que viesse pegar o molde da arcada dentária do doutor Rosalbo e um dente do siso dele que estava guardado dentro de um vidrinho.

Adriana ficou em silêncio alguns segundos.

— Por que você, e não um dos ajudantes dele?

— Porque só eu sabia onde estavam as duas coisas.

— Você sabe para o que ele quer isso?

— Não. Ele apenas perguntou se eu podia fazer o favor de pegar.

Adriana não falou mais nada e desligou depois de um “está bem” seco.

Cecília deixou o consultório carregando as duas peças na mochila, ligou do celular para Espinosa e foi se encontrar com ele no bairro Peixoto. Eram quinze para as onze. Espinosa convidou Cecília a subir e tomar um café com ele e Irene. Era a primeira vez que se viam, e foi simpatia à primeira vista. Cecília aceitou o café e a conversa fluiu entre as duas como se fossem amigas de longa data. Espinosa assistia com admiração a facilidade com que os assuntos brotavam espontaneamente e em abundância sem no entanto deixá-lo fora da conversa.

— Espinosa, ela mordeu a isca!

E contou todo o telefonema, reproduzindo cada palavra e o tom com que Adriana dissera cada uma delas.

— Não precisei fingir que tinha sido apanhada de surpresa, porque realmente fui. Tomei um susto quando o telefone tocou — continuou.

— Não podia ter sido melhor — disse Espinosa. — Ela está certa de ter surpreendido você fazendo uma coisa que ela não podia saber, e que você, assustada, revelou. Parabéns, você fez um excelente trabalho. E, sem que ele saiba, o porteiro também. Ela agora vai ter que se expor.

— Você acha que ela ficou nervosa? — perguntou Irene.

— Acho que ela ficou crispada... Como se estivesse se contendo com dificuldade.

— Agora temos que ficar atentos a cada movimento dela. Ela vai fazer de tudo para saber onde e como encontramos o corpo.

Espinosa ligou para Welber e mandou que entrassem imediatamente em ação.

— E agora? — perguntou Cecília.

— Agora eu quero que você saia de circulação por uns dias para Adriana não pressionar você. Ela pode pensar que você sabe mais do que realmente sabe.

— Eu realmente não sei nada.

— Mesmo assim.

— Não se preocupe, eu circulo por uma região que não é a dela, e ela não sabe onde eu moro.

Na segunda-feira pela manhã, o primeiro telefonema que Espinosa recebeu ao chegar à delegacia foi de Adriana Rosalbo.

— Delegado Espinosa, lamento ter sido obrigada a me fazer representar por meu advogado no encontro que havíamos marcado. Mas o motivo deste telefonema é outro. No sábado de manhã surpreendi a ex-secretária do meu marido no consultório dele, por ordem sua, pegando material que diz respeito à pessoa física do meu marido. Segundo ela, um molde da arcada dentária dele e um dente que ele guardava num vidrinho. Não é preciso ser policial para inferir que esse material visa à identificação de um cadáver. Creio que o dente pode servir ainda para um exame de DNA.

— A senhora está muito bem informada, dona Adriana. Realmente as duas peças podem ser usadas para a identificação forense... Quando isso se fizer necessário.

— Delegado Espinosa, não tente me enganar.

— Como assim? Foi a senhora mesma quem disse que o material recolhido a meu pedido pode servir para a identificação de um cadáver. E eu confirmei. De que maneira eu estaria enganando a senhora?

— Ocultando a descoberta do cadáver de meu marido.

— Quem disse que nós descobrimos algum cadáver?

— Delegado, seus homens vasculharam todos os cemitérios do Rio de Janeiro, além das geladeiras do Instituto Médico Legal, e o senhor vem me dizer que não descobriram nada?

— Estou impressionado com o seu nível de informação. A única coisa da qual a senhora não está informada é sobre o que meus homens estavam procurando.

— Bem, delegado, a menos que sejam retardados ou loucos, só podiam estar procurando um cadáver.

— Acertou. No entanto não é essa a pergunta que a senhora quer fazer. O que a senhora quer saber não é *o que* eles estavam procurando, e sim *quem* eles estavam procurando.

— Delegado, eu sou a mulher do doutor Marcos Rosalbo, desaparecido há mais de dois meses. Mais do que qualquer outra pessoa, tenho o direito de ser informada da descoberta do corpo dele.

— Por que a senhora está supondo que encontramos o corpo dele?

— Bem, já que o senhor se recusa a me dizer que encontrou o corpo do meu marido e insiste nessas respostas irônicas, serei obrigada a mais uma vez me fazer representar pelo meu advogado.

— Dona Adriana, a senhora telefonou para mim supondo que encontramos o corpo do seu marido, tendo por base o fato de ter surpreendido a ex-secretária dele recolhendo material solicitado por mim. Tal como a senhora solicitou oficialmente, ainda estamos trabalhando na busca do doutor Marcos. Não sabemos se ele está vivo ou morto. Sendo assim, todo e qualquer material que possa servir para identificá-lo é importante para nós e faz parte do processo investigativo. Caso a senhora queira mandar seu advogado conversar conosco, teremos muito prazer em recebê-lo.

Nos dois dias seguintes Adriana não saiu de casa, a não ser para ir à academia de ginástica. Na quinta-feira à tarde, depois da reunião regular da equipe da delegacia, Ramiro e Welber foram apresentar o relatório do dia para Espinosa.

— Delegado, nós achamos que dona Adriana realmente não sabe onde está o corpo do marido. Ela deve estar nervosa como um animal na jaula. Não vai verificar se realmente encontraram o corpo pelo simples fato de que não sabe onde ele foi enterrado ou jogado ou queimado... Essa é a nossa impressão.

— Deve ser isso mesmo. Se, como conjecturei, ela e Reginaldo foram cúmplices na morte de Marcos Rosalbo, caberia a Reginaldo matar Marcos e esconder o corpo, enquanto ela deveria representar a farsa da esposa sofredora. O que talvez ela não esperasse era Reginaldo não dizer onde escondeu o corpo, ou não dizer precisamente, o que para ela dá no mesmo. Como Reginaldo morreu, ela ficou sem saber onde o marido está enterrado.

— Vamos apertar um pouco mais o cerco? — perguntou Welber.

— Por enquanto não vamos fazer nada. Ela deve estar pensando que estamos ocupados tentando fazer o mais depressa possível a identificação do corpo. Deve saber que mais de dois meses depois da morte, dependendo das condições locais, já não é possível fazer a identificação visual de um corpo, e que um exame de DNA demora alguns dias. Assim, o tempo de que dispõe para tomar suas providências não é longo. Vai ter que agir nos próximos dois ou três dias.

Passava das sete da noite quando Espinosa recebeu um telefonema do Gabinete da Secretaria de Polícia Civil. Quem estava ao aparelho era o próprio secretário, que conhecia bem Espinosa, embora não fossem amigos. Ele tinha em mãos uma representação do advogado da senhora Adriana Rosalbo contra ele, Espinosa, alegando abuso de poder, coerção psicológica, assédio sexual, deturpação e falseamento de dados, elaboração de hipóteses delirantes incriminando a cliente e algumas acusações mais. O advogado dissera também que daria entrada num pedido de *habeas corpus* preventivo a favor de sua cliente.

O secretário cobrava esclarecimentos de parte do delegado.

Espinosa sabia que aquela era a situação e aquele o momento em que as diferenças e os ressentimentos dos colegas de trabalho

apareciam com tanto peso, ou mais, do que o dos anos de convivência e companheirismo. Sabia também que não adiantava bater de frente e negar tudo, acusando o advogado de Adriana de aproveitador e carreirista, o que corresponderia a desqualificar o telefonema que o secretário estava dando. Fez um rápido relato do caso para o secretário e reconheceu que algumas situações no decorrer do processo das verificações preliminares poderiam apresentar uma certa ambiguidade de sentido se fossem intencionalmente distorcidas, mas que em todas as suas entrevistas com Adriana Rosalbo o clima fora cordial e respeitoso de ambas as partes.

A conversa telefônica, que verdadeiramente tinha sido mais uma cobrança de um superior hierárquico do que uma conversa entre amigos, terminou com a recomendação do secretário de que Espinosa evitasse todo contato pessoal com Adriana Rosalbo sem a presença do advogado dela. Observou, além disso, que o advogado de Adriana entrara com uma representação à corregedoria da Polícia Civil contra Espinosa, e que inevitavelmente ele seria chamado à corregedoria para prestar depoimento.

Quando desligou, Espinosa viu Ramiro e Welber do lado de fora do gabinete, esperando o fim do telefonema. Chamou-os com um gesto e lhes contou o essencial da conversa com o secretário.

— Continuem de olho nela. Isso foi um artifício para nos manter afastados até ela conseguir alguma informação sobre a possível descoberta do corpo do marido.

Nenhum fato novo durante o fim de semana.

Na manhã de segunda-feira, Espinosa estava acabando de se vestir quando seu celular tocou.

— Delegado, é Welber. Adriana Rosalbo foi encontrada morta no seu apartamento pela faxineira. Já avisei Ramiro. Estou indo para lá, para impedir que entre mais alguém no apartamento.

— Como ela soube que a patroa estava morta?

— Tiro no peito.

— Encontro você lá.

Quinze minutos foi o tempo gasto por Espinosa para terminar de se vestir, pegar um táxi e chegar ao Leme. Não havia movimentação na portaria do prédio nem na porta do apartamento de Adriana Rosalbo. Espinosa tocou a campainha e Welber veio abrir a porta. Ramiro ainda não tinha chegado; morava na Zona Norte e não usava carro para trabalhar.

— Dei ordem à faxineira para não comentar nada com ninguém. Ainda não comuniquei à Homicídios. Ninguém mais, além de nós dois e Ramiro, sabe do crime... ou suicídio.

— Suicídio? — estranhou Espinosa.

— Tem uma arma no chão, perto do corpo, perto de uma almofada com um furo e chamuscada, certamente usada para abafar o tiro. Não sei se um suicida se preocuparia com o barulho — respondeu Welber.

— Talvez não.

— Onde ela está?

— No quarto. Pode estar morta há três dias. O ar-condicionado está ligado desde antes do crime. Ela não saiu de casa desde quinta-feira e a empregada não vem às sextas, portanto, ela pode estar morta desde quinta à noite. O ar-condicionado está regulado para frio máximo e a temperatura externa está em torno dos vinte, vinte e dois graus durante o dia. Segundo a empregada, a porta do quarto estava fechada. O corpo está em boas condições de conservação.

Espinosa abriu a porta do quarto. Adriana estava caída no chão, deitada de costas, vestida como das vezes em que ele estivera lá, a blusa branca manchada de sangue bem na altura do coração. Provavelmente tivera morte instantânea. A almofada, cuja cor combinava com a da pequena poltrona ao lado, estava junto ao corpo, segura pela mão esquerda de Adriana. Junto a sua mão direita estava a arma, um revólver calibre trinta e dois, arma mais apropriada para uma mulher. Espinosa lembrava-se claramente de Adriana ser destra, o que combinava com a cena. Teria segurado a

almofada com a mão esquerda e a arma com a direita. Claro como o suicídio de Reginaldo Bravo.

Não havia sinal de luta, a cama estava arrumada, não havia sinal visível de mais alguém ter estado no quarto com ela. A empregada estava sentada na copa, um copo de água na mão e o olhar perdido num horizonte inexistente.

— Bom dia. Sou o delegado Espinosa, da 12^a DP. Já nos vimos aqui há poucos dias. Como é o seu nome?

— Isaura.

— Você tocou em alguma coisa quando abriu o quarto?

— Só na porta. Bati várias vezes antes de abrir. Ela nunca dormia até tarde. Nesses dias em que ela viajou, deixou a chave da porta de serviço para eu poder entrar e fazer a faxina. A chave ainda está comigo. Foi com ela que eu entrei. Quando vi tudo fechado, as cortinas corridas, nenhuma luz acesa e a porta do quarto fechada, pensei que dona Adriana tivesse viajado novamente. Por via das dúvidas, bati na porta do quarto várias vezes antes de abrir. Quando vi que ela estava caída no chão com o peito todo ensanguentado e o revólver na mão, foi que entendi o que tinha acontecido.

— E o que você acha que aconteceu?

— Acho que ela se matou. Não foi isso?

— Pode ser.

Ramiro tinha chegado e Welber estava passando as informações necessárias. Em seguida foi ver o corpo. Examinou o entorno. Olhou o banheiro anexo. Voltou à sala. Espinosa tinha acabado de conversar com a faxineira.

— É melhor chamar a perícia e comunicar à Homicídios. Não tenho certeza quanto a ter sido suicídio — disse Espinosa. — A perícia pode tirar essa dúvida.

— Aviso primeiro quem? — perguntou Welber.

— Avise a perícia. Veja se o Freire está disponível. Diga que fui eu que pedi para ele vir.

Espinosa mandou fechar o quarto e manter o ar-condicionado ligado.

Enquanto a perícia não chegava, Espinosa mandou Ramiro perguntar aos vizinhos de andar se tinham escutado algum barulho semelhante ao de um tiro nos últimos três dias, da noite de sexta à noite da véspera. E mandou Welber saber com o porteiro, o garagista e o faxineiro do prédio se alguém, conhecido ou não, estivera com dona Adriana Rosalbo naqueles dias. Em seguida, procurou o celular dela para verificar as chamadas e as mensagens, e voltou a falar com a faxineira.

— A senhora viu alguém com dona Adriana nestas últimas duas semanas? Ela recebeu alguma visita?

— Só sei o que acontece durante o dia. Eu saio às cinco da tarde. Não sei quem vem à noite.

— E durante o dia, a senhora viu alguém?

— Não senhor.

— Algum amigo ou amiga?

— A última visita que eu vi dona Adriana receber durante o dia foi o senhor mesmo. Por isso que eu telefonei para o senhor na delegacia. O número estava anotado no caderno de telefones.

A declaração da faxineira provocou um mal-estar difuso em Espinosa.

O primeiro a chegar foi Freire com sua maleta. Resmungou qualquer coisa para Welber, que apontou o quarto fechado.

Uma hora depois, quando chegaram dois inspetores da Homicídios, Freire ainda estava dentro do quarto fechado. Passados mais quinze minutos ele saiu.

— Tiro com a arma encostada no peito. Direto no coração. Quase certeza de que não foi ela. Tentou agarrar a mão do assassino ou alguém tentou arrancar a arma da mão dela. Fragmentos minúsculos de pele e sangue sob a unha. Impressão digital recente dela, outras impressões parciais. Dois fios de cabelo. Preciso saber se não é de vocês — com isso Freire deu por encerrada sua visita.

O exame posterior do médico legista não revelou nada de extraordinário. Saúde excelente. Nunca fizera nenhuma cirurgia. Não havia presença de droga. Sua última refeição fora um sanduíche de salmão defumado e queijo de minas e uma ou duas taças de vinho tinto. A morte fora instantânea.

Os dois policiais da Homicídios concordaram com Freire quanto a não ter sido suicídio. Havia pouquíssimos resíduos de pólvora na mão da vítima. A munição com a qual a arma estava carregada era comum e relativamente antiga.

A faxineira foi interrogada pelos inspetores da Homicídios e praticamente repetiu o que dissera ao delegado Espinosa.

O apartamento foi fechado e interditado pela polícia.

Assim que retornou à delegacia, Espinosa telefonou para a Secretaria de Polícia Civil e comunicou ao secretário a morte de Adriana Rosalbo. O crime se dera na jurisdição da 12ª DP, mas a investigação seria conduzida pela Homicídios, tendo em vista a representação contra Espinosa. Não seria cabível que a responsabilidade da apuração do crime ficasse a cargo do delegado cuja conduta estava sendo analisada pela corregedoria exatamente por acusação de abuso de poder e assédio sexual à vítima. Resumindo: Espinosa poderia ser incluído entre os suspeitos de ser o mandante ou de ter ele próprio cometido o crime. Teria de esperar até sair o resultado do exame do material colhido da unha da vítima. O tipo sanguíneo e o DNA poderiam comprometer ou inocentar Espinosa. O tipo sanguíneo de Espinosa era O+, bastante comum, provavelmente teria de esperar o resultado do exame de DNA, que talvez levasse uma semana para ficar pronto. Mas Espinosa não estava suspenso e, paralelamente à investigação da morte de Adriana Rosalbo, continuava na chefia da 12ª DP. Nada o impedia de pensar e de tentar deslindar aquele quebra-cabeça. Agora, as três pessoas implicadas no caso estavam mortas. Os suspeitos transformaram-se todos em vítimas. Para que tivessem se matado uns aos outros seria necessário que o último a morrer tivesse se suicidado, e Freire achava pouco provável que Adriana tivesse atirado em si própria.

A não ser que o trio não fosse um trio, mas um quarteto.

Espinosa passou pela recepção, avisou que estava saindo para almoçar, passou pelo pátio do prédio da delegacia e dobrou à esquerda em direção à praia. Não ia almoçar. Pelo menos, não naquele momento. Atravessou as três quadras até chegar à avenida

Atlântica, procurou um banco vazio e sentou-se de frente para o mar. O céu estava cinzento, o mar estava cinzento, sua cabeça estava cinzenta, e fazia um pouco de frio. O pensamento “a não ser que o trio fosse um quarteto” era acompanhado da imagem das pessoas que formavam o quarteto: Marcos (uma imagem borrada), Adriana, Reginaldo... e Cecília, o quarto elemento. Se havia um quarto elemento compondo o grupo, só podia ser ela. O que, aliás, fazia sentido. Cecília fora casada ou vivera com Reginaldo durante dois anos e tinha sido indicada por ele para ficar no lugar de Adriana quando esta se casara com Marcos. O grupo seria composto de quatro pessoas, das quais três se conheciam de longa data, sendo que Adriana consolidara sua posição ao se casar com Marcos. Eram quatro pessoas que se controlavam mutuamente, além de controlar a movimentação e a aplicação do dinheiro... Até o dia em que uma delas decidira ficar com tudo. A única sobrevivente do grupo era Cecília. E Espinosa não queria admitir que fosse ela a assassina de Adriana.

Ligou para o celular de Cecília. Ninguém atendeu. Ligou para a casa dela. Ninguém atendeu. Fazia mais de uma semana que ela fora levar o dente e o molde da arcada dentária de Marcos Rosalbo ao apartamento do bairro Peixoto e tomara café da manhã com ele e Irene. Desde então, não tinham mais se visto nem se falado por telefone.

Na terça-feira Espinosa foi convocado a comparecer à Corregedoria da Polícia Civil para prestar esclarecimentos. A conversa não foi áspera, mas tampouco foi amistosa. O corregedor reconhecia a ética que sempre regera a vida profissional do delegado Espinosa, mas reconhecia igualmente que as situações descritas no documento apresentado pelo advogado de dona Adriana Rosalbo eram passíveis de ser interpretadas de acordo com as queixas de sua cliente, agora vítima de homicídio conforme os laudos preliminares da perícia e do legista. Com a morte da requerente, não havia mais lugar para uma ação preventiva no sentido de protegê-la. Mesmo assim, a corregedoria sugeria que a investigação e a busca pelo responsável pelo assassinato de Adriana

Rosalbo fossem levadas a cabo por outro delegado. Assim, a corregedoria sugeria que o delegado Espinosa se mantivesse afastado da presente investigação e passasse a condução do caso em andamento na 12ª DP ao delegado substituto, enquanto a investigação geral ficaria a cargo da Homicídios.

Na terça-feira à noite Espinosa continuava tentando entrar em contato com Cecília. Na manhã de quarta-feira, pegou o metrô antes das oito e desceu na Glória. Subiu a rua Cândido Mendes até o prédio onde Cecília morava e, sem se identificar, perguntou ao porteiro se ela já saía.

— Eu não vi nada não senhor — resposta padrão de quem está habituado a lidar com a polícia.

— Só estou interessado em saber se o senhor viu dona Cecília, a moça ruiva que mora neste prédio.

— Não vi, mas os pais dela saem sempre a esta hora para o trabalho.

— Obrigado. Vou esperar aqui mesmo na portaria. Assim que eles descerem, faça o favor de me avisar. Eu não os conheço.

Nem dez minutos se passaram e o casal desceu. Espinosa imaginava encontrar um casal de senhores grisalhos e se surpreendeu com o fato de ambos serem mais moços que ele.

Apresentou-se e perguntou se podia falar com eles.

— Não vou tomar mais de cinco minutos dos senhores.

— Delegado Espinosa, Cecília já nos falou do senhor. Algum problema com ela?

— É o que estou querendo saber. Estou ligando para ela há três dias sem obter resposta. Ela está fora?

— Está. Ela devia ter falado com o senhor — disse a mãe. — Viajou na sexta-feira passada. Disse que ia passar o fim de semana em Búzios e que de lá talvez fosse para Arraial do Cabo ou para Cabo Frio. Ela está desempregada, o senhor sabe.

— Não disse quando voltaria?

— Disse que voltaria antes do próximo fim de semana. Hoje é quarta, é possível que esteja de volta amanhã ou sexta. O senhor quer deixar algum recado?

— Por favor. Peçam para ela me telefonar.

De volta à delegacia, Espinosa encontrou o delegado Josélio, para quem passara a investigação do caso Rosalbo, por sugestão do corregedor.

— Espinosa, o perito Freire telefonou e passaram a ligação para mim. Os fios de cabelo encontrados no tapete do quarto de Adriana Rosalbo são de Welber. A comparação não deixa dúvida. Quanto ao resíduo de sangue na unha, é O+. O teste de DNA ainda não está concluído.

— Obrigado. Esse resultado ainda não nos leva a nada, a não ser ao fato de que os cabelos são de Welber, meu auxiliar direto, e o sangue O+ é do mesmo tipo que o meu. Enquanto não sair o resultado do teste de DNA vai ter gente brincando com a hipótese de que o delegado Espinosa e seu auxiliar mataram Adriana Rosalbo.

— Não deixe a conversa com o corregedor te perturbar, isso faz parte do trabalho dele.

— É verdade, mas não faz parte do meu. Por falar nisso, preciso de um favor seu. Uma campana. Dois homens bastam. No prédio de Cecília, a moça que era secretária no consultório do doutor Marcos Rosalbo. É por dois dias apenas: hoje e amanhã. Welber e Ramiro conhecem a moça. Se você aceitar a sugestão, pode utilizá-los.

— Claro. Falo com eles agora mesmo. E você pode explicar de que forma quer que eles procedam.

O primeiro turno da campana coube a Welber, e foi o único. Pouco depois das dez da noite, assim que a portaria do prédio foi fechada, Cecília chegou carregando uma sacola de lona. Não ficou nem quinze minutos em casa e saiu carregando a mesma sacola. Desceu a rua em direção à rua da Glória, parecendo ter pressa. Welber foi atrás dela, mantendo uma distância prudente. Quando desconfiou que ela podia estar a caminho do metrô, diminuiu a distância para não correr o risco de perdê-la de vista dentro da

estação. Terminou de descer a escada de acesso quando ela estava se afastando do guichê. Tinha de mantê-la sob vigilância o tempo todo. Precisava saber se ela ia tomar a direção Zona Norte ou a direção Zona Sul. Pegou o bilhete sem esperar o troco e viu Cecília descendo a escada para a plataforma direção Zona Sul. Sua ideia era ficar não no mesmo vagão que ela, mas no vagão anterior, de modo a poder controlar seus movimentos através do visor das portas de comunicação entre os vagões. Ficou em pé na plataforma, distante pelo menos um vagão do ponto onde ela estava. Cecília não parecia preocupada em saber se alguém a seguia ou mesmo se algum conhecido a veria naquele momento. Assim que o trem chegou e Cecília entrou no vagão, Welber entrou no vagão seguinte ao dela e postou-se junto à porta divisória, de onde podia vê-la. Apesar dos muitos lugares vazios, Cecília permaneceu de pé junto à porta com a sacola na mão — sinal de que o percurso que ia fazer era curto. Na estação seguinte, defronte ao Palácio do Catete, ela desceu e continuou andando pela rua do Catete, sempre com passo rápido, ultrapassando as pessoas que àquela hora passeavam pela calçada. Welber não teve problema para segui-la, sobretudo devido ao cabelo ruivo e à sacola. Os prédios daquela região eram quase todos tombados pelo patrimônio histórico; alguns haviam sido transformados em hotel. Cecília não tinha caminhado nem duas quadras quando entrou no Hotel Palácio, um dos melhores da rua, como se fosse hóspede. Welber percebeu que ela passara pela recepção apenas com um leve cumprimento de cabeça ao recepcionista e subira pela escada. Esperou alguns segundos e perguntou na recepção qual o apartamento em que estava hospedada a jovem de cabelo ruivo que acabara de subir. O recepcionista olhou a carteira que Welber apresentara e informou, um tanto contrariado:

— Apartamento 214. Algum problema?

— Por enquanto nenhum. Obrigado.

Em vez de subir atrás dela, Welber encaminhou-se para uma das poltronas no *lobby* e ligou para Espinosa.

— Delegado, ela está hospedada no Hotel Palácio, na rua do Catete, a uma quadra da estação do metrô. Acaba de entrar, depois de ter passado rapidamente pelo prédio onde mora.

— Me espere aí que vou rendê-lo. Ligue para Ramiro e diga que ele está dispensado da campana.

O hotel tentava sem grandes gastos conservar a memória do conforto e do luxo da época de sua construção. Nada daquilo empolgava Welber, para quem a história da rua do Catete não tinha nenhum significado especial. Além do mais, naquele momento estava com a atenção concentrada no elevador e na escada que levava ao segundo andar.

Espinosa chegou em menos de meia hora.

— Ela apareceu no apartamento dos pais às dez e cinco da noite, logo depois de fecharem a portaria. Entrou com a chave dela. Como o *hall* de entrada é pequeno, eu me aproximei da porta de vidro para ver pelo painel do elevador para qual andar ela ia. Voltei para o outro lado da rua e vi uma janela ficar iluminada. Não sabia exatamente qual era a dela, porém nenhuma outra se acendeu. Continuei olhando, na expectativa de ela chegar à janela, mas ela não apareceu. De repente a luz da janela se apagou. E eu pensei, já? Não deu tempo nem de trocar de roupa ou escovar os dentes. E ainda estava pensando se ela teria deitado de roupa e tudo, quando ela abriu a porta do prédio e saiu novamente, carregando a mesma sacola. Saí atrás dela e viemos parar aqui. Ela passou pela portaria como quem já era conhecida do recepcionista. Está no apartamento 214.

Espinosa foi até a recepção e mostrou sua identificação.

— Boa noite. Sou o delegado Espinosa, da 12ª DP. Ligue, por favor, para o apartamento 214 e chame a senhorita Cecília.

— Senhor, são quase onze da noite.

— Faça o que eu disse.

O recepcionista ligou para o apartamento. O telefone chamou várias vezes, até ela atender.

— Dona Cecília, tem um senhor aqui na recepção querendo falar com a senhora. Diz que é o delegado Espinosa.

O recepcionista desligou.

— Ela disse que já está descendo.

Espinosa voltou para onde Welber estava sentado.

— É melhor eu falar com ela a sós.

— Delegado, o senhor não sabe se ela está sozinha.

— Pode deixar comigo. Apenas fique por perto. Ligue para o inspetor Celso, da Homicídios, e diga para ele vir o mais rápido possível. Caso não o encontre, chame o inspetor Serrano, da Sequestros.

Welber se afastou no momento em que Cecília apareceu no saguão, visivelmente surpresa e assustada.

— Espinosa!

— O que você está fazendo aqui neste hotel? — perguntou Espinosa.

— Eu não queria que você soubesse onde eu estava — respondeu Cecília.

— E por que não? Pelo que aconteceu com Adriana Rosalbo?

— É.

— E o que aconteceu lá? — insistiu Espinosa.

— Ela morreu, não foi?

— Morreu. Foi assassinada.

— Eu sei.

— E como você sabe?

— Eu sei.

— Você estava lá?

— Como... Você está pensando que eu matei Adriana?

Cecília começou a gaguejar, as frases não saíam, as palavras não saíam, os olhos ficaram cheios d'água e ela olhava para Espinosa

como à espera de uma palavra redentora.

— Espero que não... Eu quero crer que não — disse Espinosa.

— Então por que... por que perguntou se eu estava lá?

— Se não estava, como podia saber que ela tinha sido assassinada?

Espinosa sentou-se na poltrona mais próxima e voltou a perguntar, em voz baixa e pausada:

— Foi você quem atirou em Adriana?

Cecília balançou a cabeça várias vezes, negativamente, sem falar nada.

— Você sabe quem atirou?

Ela balançou a cabeça leve e lentamente, assentindo.

— Quem foi?

— Doutor Marcos Rosalbo.

— Você viu Marcos Rosalbo atirar em Adriana Rosalbo?

— Não.

— Então como você sabe que foi ele?

— Ele me disse.

— Doutor Marcos Rosalbo disse para você que ele matou Adriana Rosalbo?

Cecília balançou a cabeça, concordando.

— Você tem certeza do que está me contando? — insistiu Espinosa.

— Tenho.

— E onde ele está escondido?

— Ele não está escondido.

— Então onde ele está?

Cecília olhou para cima...

— No apartamento 214.

Espinosa não pôde esconder o espanto. Pediu à recepção duas garrafas de água mineral e dois copos, deu um para Cecília, esperou que ela bebesse lentamente, e tomou ele também um pouco.

Cecília voltou a falar.

— Ele está aqui desde sexta-feira... depois de ter atirado em Adriana. Antes estava em São Paulo... durante todo o tempo em que estive desaparecido. Eu estou fazendo companhia a ele desde sábado, quando ele me telefonou pedindo para vir até aqui. Ele quase não come, fala só de vez em quando... Às vezes se cala no meio de uma frase e só vai completá-la uma hora depois. Está há cinco dias me contando uma história que poderia ser contada em uma ou duas horas. Ele quer se entregar, mas não sem antes me contar tudo.

— Por que a você, e não à polícia?

— Ele disse que vai contar à polícia. A diferença é que para mim o que ele quer contar não é o assassinato cometido, e sim o assassinato que não foi cometido.

— Qual assassinato que não foi cometido?

— O dele próprio. A história que ele está me contando... não sei se já chegou ao final. Diz que Adriana tinha sugerido a Reginaldo que se Marcos desaparecesse ela e ele, Reginaldo, ficariam com todo o dinheiro guardado e investido durante anos. E, mais ainda, que eles dois poderiam aproveitar juntos esse dinheiro. Era o elemento com o qual ela contava convencer Reginaldo a excluir Marcos da sociedade, mesmo que para isso tivesse que matá-lo. No entanto, Marcos e Reginaldo já haviam sido ameaçados anonimamente de serem denunciados ao Conselho de Odontologia e à Ordem dos Advogados pelo negócio ilícito que faziam... ele não me contou qual era. Evidentemente, essa ameaça anônima vinha da própria Adriana. Assustado, Marcos decidiu então retirar parte do dinheiro e se afastar por uns dois ou três meses, sem que ninguém além de Reginaldo soubesse onde ele estava, até a ideia de denúncia esfriar. Reginaldo aproveitou o afastamento de Marcos e, com a concordância dele, disse a Adriana que o "problema Marcos

tinha sido resolvido” e que ela não se preocupasse com o corpo, nunca ninguém encontraria. Como prova, trazia para ela a aliança de casamento que Marcos usava. Passada uma semana, Adriana marca um encontro com Reginaldo no apartamento dele e mata-o, forjando um suicídio. Reginaldo avisara Marcos de que esse encontro aconteceria dentro de alguns dias. Passaram-se dias sem Marcos saber do resultado. Livre do marido e do amante, Adriana passava a dispor dos bens acumulados, o que incluía o apartamento no qual eles moravam. Marcos soube da morte de Reginaldo há pouco mais de duas semanas. Não teve dúvidas de que o amigo tinha sido morto por Adriana, e desde então tomou a decisão de matá-la, o que fez na sexta-feira passada à noite. Em seguida ao crime, veio para este hotel e telefonou para mim pedindo para eu vir fazer companhia a ele. Está com a barba grande, cabeludo e uns dez quilos mais magro. Nesses cinco dias que está aqui, comeu apenas o indispensável para se manter em condições de me contar o que aconteceu. Está irreconhecível.

— Vamos subir? — perguntou Espinosa.

— Você não quer esperar até amanhã de manhã? À noite as coisas são mais assustadoras e ele está parecendo um bicho acuado. O quarto tem duas camas. Ele está sentado no chão desde que chegou aqui. Nem desfez a cama. Eu fiquei fazendo companhia a ele porque temia que ele se matasse — e ele insistindo em me contar a história antes de se entregar à polícia. Acho que nos últimos meses ele só tinha confiança em mim e em Reginaldo, embora não tivesse entrado em contato comigo. Eu só não gostaria de deixá-lo sozinho no quarto. Em uma das idas dele ao banheiro, aproveitei para revistar a roupa dele à procura de alguma arma. Pelo que ele me contou, entendi que havia matado Adriana Rosalbo com a própria arma dela. Nesse caso, deveria haver uma outra arma... a que ele levou para matá-la. Revistei toda a roupa dele e não encontrei nada. Também não havia nada dentro do armário nem dentro das gavetas da cômoda nem na gaveta da mesa de cabeceira. Acho que ele não tem nenhuma arma consigo. O quarto fica no segundo andar:

ninguém se mata pulando de cinco metros de altura. Mesmo assim, fico preocupada em deixá-lo sozinho.

— Tem ainda um detalhe que para mim é estranho — continuou Cecília. — Antes mesmo de começar a contar o que tinha acontecido, ele me deu uma nota de cinquenta reais e me pediu para descer e comprar tudo em pacotes de cigarro, de qualquer marca, contanto que os maços viessem forrados internamente com papel prateado. Achei o pedido muito estranho, porque doutor Marcos não fuma. Fui até o bar mais próximo e comprei o que ele pediu. Quando voltei ao quarto, ele abriu os pacotes, retirou os maços, abriu todos eles e retirou de cada maço o papel prateado que envolve os cigarros. Em seguida, jogou os cigarros dentro da gaveta da mesa de cabeceira, alisou cada pedaço de papel prateado, e, desde então, não parou de fazer origamis com figuras de bichos... sapo, elefante, girafa... O chão do quarto está cheio de origamis. Ele não deixa a arrumadeira entrar, com medo de ela pisar nos bichos. Eu trouxe mais papel para ele porque quando acabou a segunda remessa de pacotes de cigarro ele começou a fazer origamis com as notas que tinha na carteira. Tem origami feito com nota de vinte reais. Deve ter aprendido em São Paulo... Para passar o tempo.

— É claro que ele não está bem — disse Espinosa. — Acho que quanto mais cedo tirarmos ele daqui, melhor.

— O que vão fazer com ele? Vão prendê-lo? Ele vai ficar numa cela junto com outros presos?

— Eu e Welber vamos subir com você. Welber vai ficar no corredor esperando o inspetor Celso, da delegacia de homicídios, encarregado de investigar o assassinato de Adriana Rosalbo. Assim que ele chegar, vamos tentar fazer com que doutor Marcos nos conte o que aconteceu. Para onde ele vai ser levado dependerá do estado físico e mental dele, e do que for decidido com o advogado dele.

— Espinosa, o advogado dele era Reginaldo... Ele não tem advogado.

— Vamos primeiro ver como ele está.

Welber se aproximou dizendo que o inspetor da Homicídios poderia chegar em quinze minutos.

Assim que o inspetor Celso chegou, Espinosa fez um resumo da situação para ele e para Welber, que não ouvira o relato de Cecília.

— Marcos Rosalbo está vivo. Foi ele quem matou Adriana Rosalbo. Está aqui em cima, no apartamento 214. Vamos subir com Cecília. Ele está muito assustado e fora de si. Se entrarmos os quatro, é possível que ele se descontrole inteiramente. É melhor entrarmos eu e Cecília. Se ele não se assustar com a minha presença, chamo vocês. Vou deixar a porta entreaberta. Fiquem atentos. Vamos tentar fazê-lo falar. Não sei se é prudente sairmos com ele agora à noite. Podemos esperar até amanhã de manhã e pedir o apoio médico para tirá-lo daqui.

Subiram os quatro. Welber e Celso ficaram no corredor, junto à porta entreaberta, enquanto Cecília e Espinosa entravam.

Espinosa abriu parcialmente a porta e olhou para o quarto iluminado apenas pela luz de cabeceira. A primeira ideia que lhe veio à cabeça foi a de um chão de estrelas. O chão do quarto estava repleto de origamis feitos com papel metalizado que brilhavam à luz do abajur, contra o fundo sombrio do quarto. Sentado no chão contra a parede oposta, junto à cama, encolhido feito um animal acuado, estava o doutor Marcos Rosalbo, olhos brilhando, barba cheia e descuidada, cabelo comprido e despenteado, vestindo terno e gravata em completo desalinho.

Espinosa sentou-se no chão junto à porta enquanto Cecília ia falar com Marcos Rosalbo, voltando depois para o lado de Espinosa. Ficaram os dois sentados lado a lado, encostados na parede em frente à de Marcos Rosalbo, distante três metros. Durante uns dez minutos ninguém falou. Em seguida a porta se entreabriu e Welber e o inspetor Celso se esgueiraram para dentro do quarto, sentando-se junto à terceira parede. Marcos Rosalbo não deu sinal de ter percebido o movimento.

Espinosa atravessou o quarto com todo o cuidado para não pisar em nenhum origami e sentou-se no chão ao lado do dentista.

— Doutor Marcos, sou o delegado Espinosa, da 12ª DP em Copacabana.

Marcos Rosalbo não disse nada. Não se mexeu.

— Muito bonitos os seus origamis... Parecem um chão de estrelas.

Marcos Rosalbo entreabriu a boca, e não saiu som. Os lábios estavam secos. Os olhos estavam úmidos. Pigarreou levemente.

— Mil origamis... Eu preciso...

Marcos não completou a frase. Ficou alguns minutos olhando fixamente para os origamis. Espinosa pensou que a frase não teria continuação, quando percebeu que Marcos umedecia os lábios para tentar falar.

— Minha mulher...

Espinosa olhou para o inspetor Celso e ele estava atento ao que o dentista tentava falar.

— Minha mulher... Eu matei minha mulher.

Cecília estava sentada em uma das camas, pronta para intervir a favor de Marcos Rosalbo. O inspetor Celso e o detetive Welber eram pura escuta e olhar.

Marcos Rosalbo mexeu ligeiramente com a perna e esbarrou nos origamis mais próximos. Encolheu a perna e recolheu os origamis derrubados, examinando cada um deles, acertando detalhes de um e de outro. Isso foi feito com a lentidão de quem não tem mais compromisso com o tempo.

Espinosa continuava sentado ao lado dele e não ousou interferir no pequeno acidente. Restabelecida a ordem no chão do quarto, Espinosa arriscou uma pergunta:

— Por que o senhor atirou na sua mulher?

Marcos Rosalbo não respondeu. Sem sair do lugar, estendeu o braço e pegou um pedaço de papel prateado em cima da mesa de cabeceira e começou a dobrá-lo cuidadosamente. Espinosa esperou. Apesar da concentração com que Marcos dobrava o pedaço de

papel, Espinosa tinha certeza de que seu pensamento ainda estava preso à pergunta feita. Cecília não se movia, olhos fixos no rosto do ex-patrão. Welber e o inspetor Celso permaneciam imóveis. Até aquele momento Marcos Rosalbo não dera sinal de ter percebido a presença dos dois policiais. Espinosa, sentado ao lado de Marcos, observava atentamente o trabalho que o dentista realizava, com a delicadeza e o cuidado de um miniaturista.

— Ela ameaçou... Eu atirei nela — disse Marcos de forma quase inaudível quando terminou o origami que à meia-luz ambiente parecia um pássaro.

Ele não olhava para Espinosa nem para Cecília. Em nenhum momento olhou para Welber e Celso.

— Ela o ameaçou com uma arma e o senhor tentou tirar a arma dela? — perguntou Espinosa.

— ...o segundo fui eu.

Marcos pegou o origami que acabara de fazer e começou a desdobrá-lo vagarosamente. Esticou o papel sobre a perna e começou a alisá-lo suavemente para desfazer as marcas das dobras. Guardou-o na gaveta e apanhou outro pedaço de papel.

— Doutor Marcos, pode repetir o que disse sobre o tiro?

O pedido de Espinosa pareceu não ter sido registrado. Marcos reiniciou a feitura de uma nova figura. Estavam todos em completo silêncio havia vários minutos quando Marcos Rosalbo inclinou o tronco e depositou delicadamente mais um origami ao lado dos demais. Espinosa aproveitou para interromper a atividade do dentista.

— Doutor Marcos, vou precisar revistá-lo para ver se o senhor tem alguma arma.

Marcos não fez nenhum movimento nem para impedir a revista nem para facilitá-la. Mesmo com o dentista sentado contra a parede, Espinosa revistou-o minuciosamente. Em nenhum momento Marcos Rosalbo ofereceu resistência. Terminada a revista, Espinosa voltou à pergunta.

— Doutor Marcos, pode repetir o que disse sobre o tiro que matou sua mulher?

Marcos deixou a cabeça pender sobre o peito, fechou os olhos, e disse:

— ...Não tem mais nada... mais nada...

E não disse mais uma única palavra.

Não havia nenhuma dúvida quanto a Adriana Rosalbo ter sido atingida por um único tiro no coração. Assim, o segundo tiro a que Marcos Rosalbo se referira podia ser a tentativa de desarmar a mulher que, ao ser surpreendida por ele dentro de casa, buscara no quarto a arma para se defender. O quadro completo de como Marcos Rosalbo entrara no apartamento onde morava e surpreendera a mulher que o julgava morto, e de como ela terminara sendo morta com sua própria arma, esse quadro só seria esclarecido quando Marcos Rosalbo estivesse em condições de contar a história completa. Caso isso viesse acontecer algum dia.

Espinosa decidiu esperar o amanhecer para tomar as medidas necessárias para transferir Marcos Rosalbo daquele quarto para um hospital onde permanecesse sob custódia. Os procedimentos, além de serem vários, implicando diferentes instâncias legais, dependiam de instituições que dentro de poucas horas estariam mudando os turnos de trabalho e iniciando um novo dia.

No Hotel Palácio ainda era noite e Cecília contava para Espinosa, Welber e Celso — os quatro sentados no chão, próximos à porta, encostados na parede oposta à de Marcos Rosalbo — o que ele contara a ela durante os dias passados naquele quarto de hotel. Cecília repassou a história da relação entre Marcos, Adriana e Reginaldo, lamentando a forma picotada e descontínua da narrativa de Marcos. Assim mesmo ela achava que pouca coisa deixara de ser contada. A condição estabelecida por ele para sua narrativa era a de não incluir mais nenhum ouvinte. Daí ela ter escolhido dizer aos pais que ia viajar, para secretamente fazer companhia a Marcos Rosalbo.

— Tinha medo de ele se matar. Daí não sair de perto dele, a não ser quando absolutamente necessário. Não entrei em contato com

você porque havia prometido que não te contaria mais nenhuma mentira, e se você me perguntasse alguma coisa mais direta eu teria que dizer onde estava. Ao mesmo tempo, não queria trair a confiança do doutor Marcos. Daí eu me deixar ser vista pelo detetive Welber, que já conhecia. Eu não estava conseguindo suportar mais. Além disso, estava caindo de exaustão. Durante esses cinco dias não houve um único em que eu tivesse dormido mais de duas horas. Tive que dar comida para ele na boca, senão ele não comia nada. Estava ficando cada vez mais debilitado fisicamente. Quando ele ia ao banheiro, eu ficava junto à porta com medo de ele cair no chão, e mais de uma vez tive que ajudá-lo a fazer sua própria higiene, senão ele ficava sentado no vaso e não vestia a roupa. Fui uma tola, achando que podia controlar sozinha a situação. Acho que toda essa história foi demais para ele. O pouco que sobrava do mundo dele se esfacelou.

Sentado junto à parede oposta a eles, Marcos Rosalbo parecia alheio à narrativa que Cecília fazia em voz baixa para os três. Ou então dormira de exaustão e fraqueza. A voz de Cecília era uma melopeia sussurrada a ouvidos atentos. Passado um tempo ameaçadoramente lento, Espinosa viu o braço de Marcos Rosalbo mover-se em direção à cama, mexer no colchão, e de novo recolher-se junto ao corpo.

O barulho do tiro encheu o quarto antes de o salto simultâneo dos três policiais conseguir evitá-lo. Marcos Rosalbo tombou sobre os origamis no chão do quarto.

Copyright © 2009 by Luiz Alfredo Garcia-Roza

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa:

Elisa v. Randow

Foto de capa:

Renata Ursaia

Preparação:

Maria Cecília Caropreso

Revisão:

Valquíria Della Pozza

Márcia Moura

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

ISBN: 978-85-63397-40-9

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

RUA BANDEIRA PAULISTA 702 CJ. 32

04532-002 — SÃO PAULO — SP

TELEFONE: (11) 3707 3500

FAX: (11) 3707 3501

WWW.COMPANHIASLETRAS.COM.BR

Sumário

Capa	
Rosto	
Céu de origamis	
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	

29
30
31
32
33
34
35
36
37